

OLÍMPIA CIDADE MENINA-M

288

1857-1941



VOLUME 1

por José Maria de Jesus Marangoni

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
"Fernando de Barros Furquim"
Reg. I.N.L. - 4914
Rua São João n.º 942 - Centro
Fone (17) 3279-8508

OLÍMPIA
Cidade Menina-Moça
(1857-1941)

por José Maria de Jesus Marangoni

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Fernando de Barros Furquim
Olimpia - SP

Apoio cultural: Prefeitura Municipal de Olímpia
Gestão 2001-2004 - Superação de desafios

Texto e fotos desta obra poderão ser reproduzidos, desde que citada a fonte.

Olímpia, Cidade Menina-Moça
José Maria de Jesus Marangoni (org.) - Olímpia: Centrograf, 2001.
V.1, 134p.

Texto e fotos de vários autores, gentilmente cedidos.
Conteúdo v.1 - Fundação de Olímpia (SP) e outros registros
referentes ao período 1857-1941.

1. Olímpia - História.
2. Olímpia - Política, Sociedade, Instituições.
3. Olímpia - São Paulo, Brasil. I. Marangoni, José M.J. - II. Título.

Revisão: Valderez Helena Gil Junqueira

Ivo de Souza

Capa: Carlos Rudge Luppi

Projeto gráfico: Centrograf

Digitação e diagramação: José Maria de Jesus Marangoni

Revisão gráfica: Diego Alves

Impressão: Centrograf Artes Gráficas e Editoriais Ltda.

Fone/fax (17) 2817060 - Olímpia (SP)
centrograf@olimpianet.com.br

Dedicatória

028970

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
OLÍMPIA

Classificação: 981.612

Tombo: 28285

Data: 19 / 12 / 2011

Dedico esta obra aos ilustres historiadores de Olímpia, Professor Rostchild Mathias Netto, Dr. Bianor da Silva Medeiros e Professor José Sant'Anna, bem como aos amigos Adir Gigliotti (em memória) e ao mestre amigo, fundador do Museu de História e Folclore de Olímpia, Professor Victório Sgorlon.

Agradecimento

Além das importantes participações do Dr. Bianor da Silva Medeiros e do professor Rotschild Mathias Netto, não poderíamos deixar de destacar a colaboração de outros ilustres moradores de nossa cidade, sem a qual esse trabalho perderia em brilho e ilustração.

Paschoalino Gigliotti veio para Olímpia onde iniciou sua profissão de fotógrafo em sociedade com Fronner na firma "Foto Ideal", situada na praça Rui Barbosa. Posteriormente Gigliotti criou a sua própria firma a que deu o nome de "Foto Rádio Gigliotti". Trabalhava também em consertos de aparelhos de Rádio.

Por intermédio do casal Paschoal e Aurora, tivemos acesso ao acervo fotográfico de Gilgiotti, inclusive aos negativos em vidro, que, revelados, enriqueceram a ilustração e ajudaram a fixar a história.

Akira Abe foi por muitas décadas, através de sua firma "Foto Abe", o responsável pela cobertura fotográfica da vida de Olímpia. Ao encerrar suas atividades comerciais, gentilmente repassou considerável acervo fotográfico para que fosse usado nessa obra.

Agradeço, enfim, a todas as pessoas que, por meio de documentos, fotos ou entrevistas, tornaram possível este trabalho e, em especial, aos professores Ivo de Souza e Dra. Valderez Helena Gil Junqueira pela colaboração indispensável.



Paschoalino Gigliotti



José M. J. Marangoni



Akira Abe

Apresentação

Tudo começou no ano de 1967, quando fundamos o "Jornal da Cidade".

Rotschild Mathias Netto, ilustre professor olimpiense, ficou deslumbrado com os arquivos de jornais datados dos primeiros anos de Olímpia. Como matéria cultural para o jornal, solicitamos ao professor que elaborasse um trabalho sobre a história da cidade. Alguns artigos foram escritos, mas o fascínio do professor era tão grande que resolveu se aprofundar no estudo de nossa história, até aquela data desconhecida. Viajou, pesquisou, realizou centenas de entrevistas, coletou documentos importantes.

Dono de uma forte personalidade, muita determinação, competência e cultura proeminentes, chegou através de seus longos anos de pesquisas ao seu objetivo: nome e crédito do real fundador da cidade, com dados muito precisos sobre os primeiros anos de nossa terra.

Deixou de publicar seu trabalho por não aceitar a maneira inexplicável dos vereadores municipais da época, de criar por decreto um fundador de Olímpia que não era o real. Provas e documentos apresentados pelo professor, quando levados ao Plenário para a devida análise, nem sequer foram apreciados.

Se hoje conseguimos, não com o mesmo brilho e competência do mestre, fazer esse trabalho, a ele devemos quase que totalmente o crédito e mérito dos primeiros registros de nossa história. Foi Rotschild quem abriu o caminho e ampliou os horizontes do conhecimento histórico de Olímpia.



Prof. Rotschild

Rotschild veio para Olímpia, no final da década de 1930, onde lecionou matemática e física no antigo Colégio Olímpia até a sua merecida aposentadoria. Por seu intenso amor à Olímpia e pelos inúmeros serviços prestados à educação, recebeu da Câmara Municipal o merecido título de "Cidadão Olimpiense", fato que o comoveu profundamente. O velho mestre é sem dúvida muito mais olimpiense do que muitos que aqui nasceram. Homem íntegro e culto, cumpriu seu dever como cidadão, educador e chefe de família.

Dr. Bianor da Silva Medeiros foi o primeiro historiador de nossa terra. Os documentos e fotos que encontramos na sua antiga biblioteca, vieram, por sorte, completar o trabalho do professor. Ali estava a história de Olímpia desde os tempos dos nossos primeiros habitantes, os índios Guaranis (Dr. Bianor visitou em 1947 a reserva indígena que aqui havia e registrou histórias da vida selvagem nestas terras antes da chegada do homem branco). Pesquisou muito, por mais de trinta anos, os dados históricos e escreveu a biografia das primeiras 286 famílias que aqui chegaram, sua ascendência, origem, etc. Eis o prefácio de seu texto, na íntegra, conforme o encontramos, datado de 1947:

"Há tempos, estudo a formação histórica de Olímpia e colijo o material necessário para escrevê-la. Respiquei aqui e acolá, juntando dados às diversas fontes de informações que estavam ao nosso alcance.

Este trabalho nos revela a origem, o crescimento, a transformação e a grandeza atual da obra de edificação do rico, próspero e belo município de Olímpia. Por ele podemos avaliar a formação de outros núcleos municipais do Estado, na nação.

Desprendimento, renúncia, esforço incessantes, sacrifício, tempo, trabalho economia, cooperação são o lastro do progresso, da civilização. O espírito de iniciativa, a ambição, o ideal, pesquisa, a coragem, a perseverança, e a aventura são as forças mentais que se realizam. Com esse olhar retrospectivo chegamos à seguinte conclusão: Deus criou a natureza e os homens, em estado embrionário, e nós completamos a obra divina, desenvolvendo lentamente as nossas aptidões e faculdades espirituais, edificando, também, com as nossas próprias mãos e inteligência, o progresso material, a civilização atual que desfrutamos, saneando rios, abrindo estradas, edificando prédios e cidades, construindo escolas e hospitais, organizando a indústria e o comércio, criando meios de transporte e comunicação, transformando uma sociedade de fato em sociedade jurídica, legalmente constituída, com ordem e disciplina coletiva. Através da evolução histórica, saímos da névoa do passado embrionário, transitando pela animalidade brutal, transpondo a selvageria das florestas, penetramos e vivemos a civilização material, da época, e estamos atingindo a fronteira da cultura espiritual, fagueira esperança que nos acena de mais perto, como o ideal de perfeição do Cristianismo Triunfante".

Bianor da Silva Medeiros foi advogado e possuía grande cultura. O que despontou no seu caráter foi a honestidade, a capacidade e a incomensurável bondade de coração, sempre favorecendo a todos que acorriam a ele na busca de auxílio. Aqui nasceu, em 1909, descendente dos grandes desbravadores da região, e deixou inestimáveis serviços prestados à nossa história. Foi Prefeito de Olímpia no ano de 1931.



Dr. Bianor da Silva Medeiros

No mês de março de 1999, foram encontrados, na antiga biblioteca do Dr. Bianor da Silva Medeiros, 29 cadernos datilografados e algumas fotos históricas. Graças à gentileza de seus filhos Jonas e Pedro esse acervo agora nos pertence e foi indispensável para atar todas as pontas do grande emaranhado da nossa história.

Prefácio

Num ato de amor pela terra em que nasceu, José Maria de Jesus Marangoni concebeu esta obra, pela qual descortina o surgimento de Olímpia. Produção importante e pitoresca, o trabalho inaugura a historiografia da cidade por meio de um relato polifônico, em que reverberam as vozes de Bianor da Silva Medeiros e Rotschild Mathias Netto, historiadores identificados pelo autor como laboriosos na dedicação a investigar acontecimentos, assentar dados e a redigir biografias de personagens que erigiram as bases do povoado de *São João Batista dos Olhos d'Água*. A partir desses manuscritos, Marangoni empenhou-se exaustivamente em nova coleta de dados, reuniu fotos, entrevistou pessoas e buscou os meios disponíveis para trazer à luz uma história cujo narrador, em realidade, é coletivo.

Para além da história detalhadamente contada, a obra desvela a alma daqueles que sondaram fontes, perscrutaram fatos e delinearam a personalidade de seres notáveis. As palavras têm aqui o poder de desenhar imagens riquíssimas do aparecimento das primeiras residências e casas comerciais, da construção da capela e da Matriz, das celebrações, da chegada dos imigrantes, da pujança econômica de toda a mobilidade social e dos sinuosos jogos políticos... Uma narrativa cálida em emoção e marcada por indistigável paixão pela Menina-Moça.

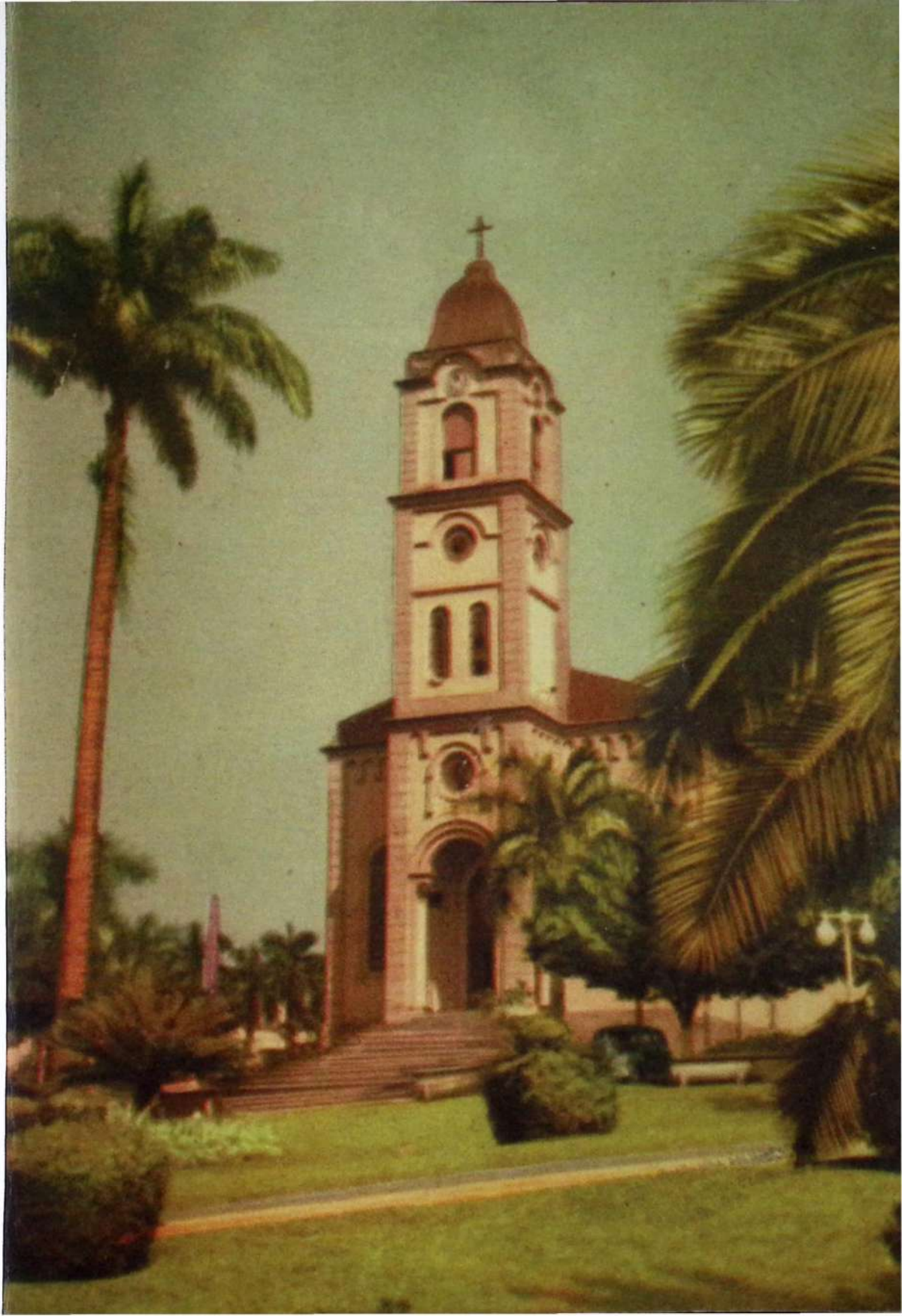
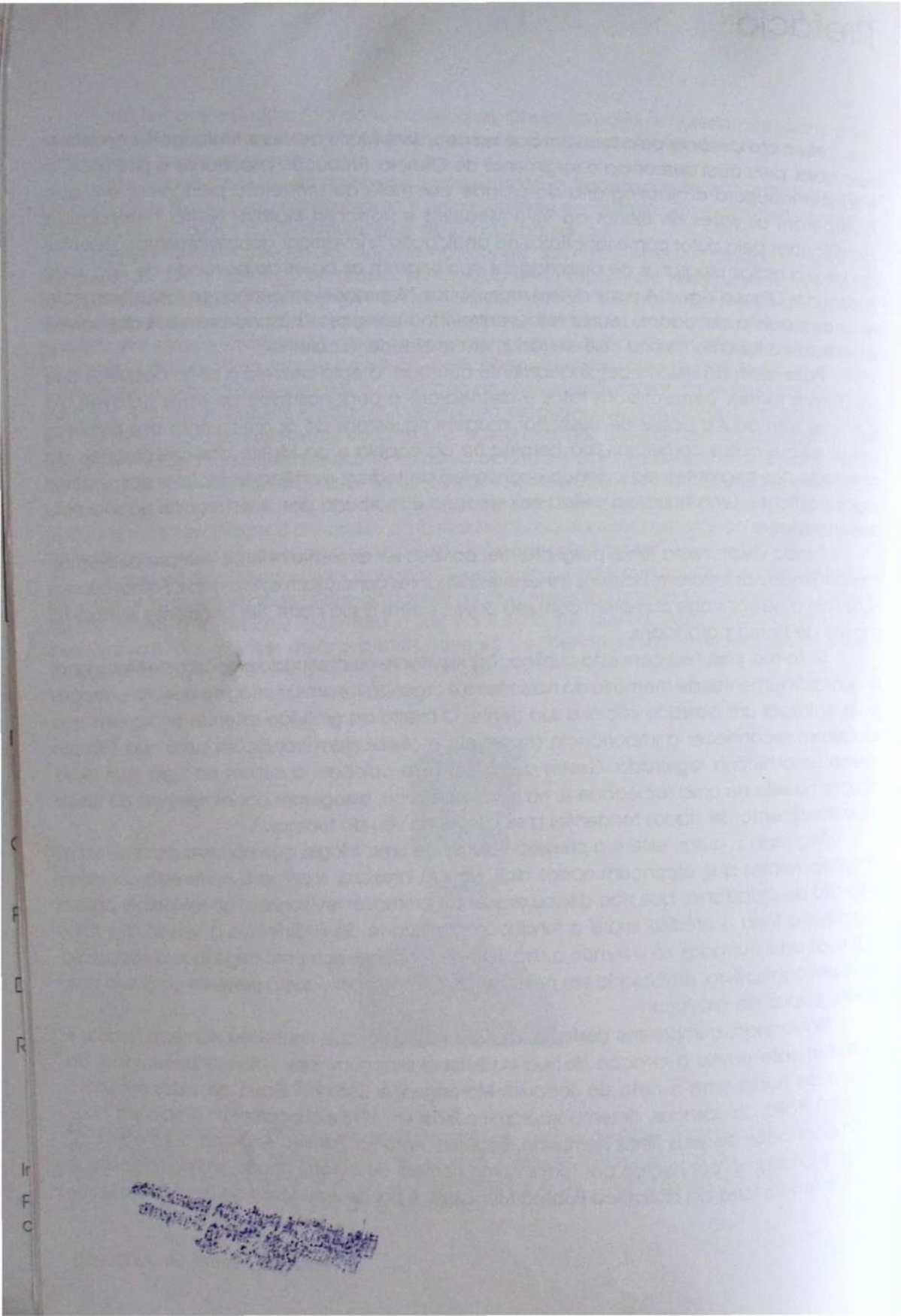
Tendo vivido nesta terra, pergunto-me: poderia ser diferente? Heróis, sempre os tivemos; idealistas não nos faltaram. Homens e mulheres brilhantes construíram esta cidade. Fomos criados em meio a pessoas que cumprem com seu dever, fazem a sua parte. Ser olimpiense sempre foi motivo de honra para todos.

Sinto-me, pois, feliz com esta publicação, resultante do obstinado propósito de Marangoni de juntar fragmentos de memória da nossa terra e organizá-los em um mágico quebra-cabeças para entregar um passado oficial a sua gente. O mérito da gratidão estende-se àqueles que souberam reconhecer a importância do projeto e ofereceram condições para que Olímpia tivesse uma história registrada. Gestos dessa natureza colocam a cultura no lugar que deve ocupar no seio de uma sociedade e, no caso específico, asseguram aos olimpienses do futuro o conhecimento de dados tendentes a se perder no véu do tempo.

Segundo o autor, este é o primeiro volume de uma trilogia que objetiva discorrer sobre acontecimentos que alcançam nossos dias. Na sua inteireza, a primeira parte está cumprida pelo ato de cidadania, que não deixou sequer de promover revisionismo ao reivindicar para o Engenheiro Reid o crédito sobre a fundação da cidade. Se é definitiva a versão dos fatos históricos aqui narrados, só o tempo o dirá. Sabemos apenas que para negá-la será necessário surgir um contra-livro, embasado em pesquisa do mesmo porte, que a presente obra terá sido, então, capaz de provocar.

Finalizando, cumpre-me destacar a origem do autor que enalteceu inúmeras famílias e humildemente omitiu a citação de sua tradicional linhagem. Esse valoroso preservador da cultura de nossa terra é neto de Joaquim Marangoni e Catarina Gava, nascidos em Loreo (Rovigo), Itália. Já casados, desembarcaram no Brasil em 1918 e chegaram a Olímpia em 1922, acompanhados de seus filhos Humberto, Eugênio, Antônio, Zulmira, Angelina, Júlia e Felício. Felício Marangoni, conhecido por todos como homem de caráter ilibado, exímio relojoeiro e um dos fundadores da Biblioteca Pública Municipal, é pai de José Maria de Jesus Marangoni.

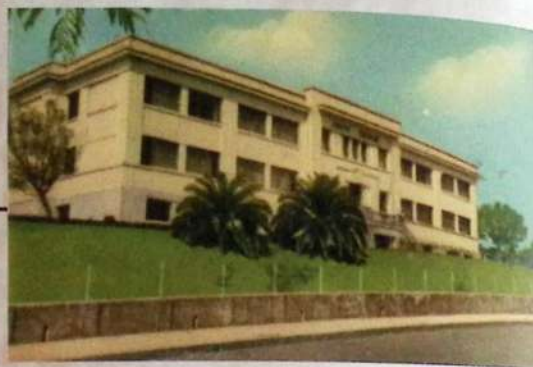
Valderez Helena Gil Junqueira





Vista interna da Igreja Matriz de São João Batista (antiga)

Grupo Escolar Dona Anita Costa



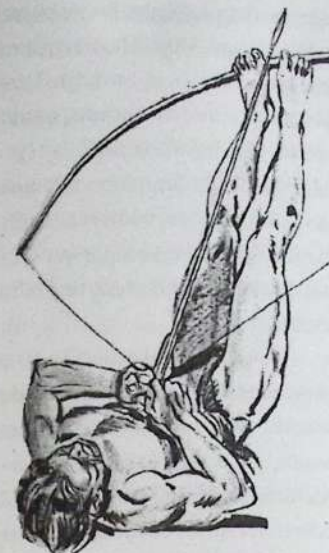
Palacete de João Aídar
Hoje Museu de História



Praça Rui Barbosa



Cine Teatro da Colônia Italiana



Foi o bugre, de raça amarela, o legendário guarani, o primitivo dominador dessas paragens. Seu domínio se estendia pela vasta planície compreendida entre o Rio Mogi, Rio Grande e o Rio Tietê, zona riquíssima de florestas seculares, de água, de peixe, de caça. Por aqui dominaram sozinhos até 1870. Duas grandes aldeias, uma onde funcionou a antiga serraria de Joaquim Rainho e outra, no "Inferninho", dos sucessores de Natal Breda, e inúmeras aldeias menores atestavam o seu império em Olímpia. O seu grande cemitério indígena, onde se ergue garboso, hoje, o Grupo Escolar Anita Costa e outros menores, tempos atrás ainda atestavam o seu poderio antigo.

Com a grande geada de 1870 e a conseqüente queimada posterior, o guarani abandonou esse local e seguiu para o sertão maior, para as margens do Rio Tietê, na então Estiva (hoje Novo Horizonte-SP), na fazenda Aparecida, do proprietário Salvador Pires de Moraes.

Ali fixou o seu domínio numa

área de mil e cem alqueires. Eram seus chefes nesse tempo, o "Capitão Honório e o Capitão Vitorino", guaranis puro sangue já semicivilizados. Em 1887 Salvador Pires de Moraes, pelas armas forçou-os a atravessar o Rio Tietê, onde seus domínios passaram a ser um vasto território compreendido entre Bauru, Piarajui e o Rio Tietê.

Em 1911 o então presidente da Republica Nilo Peçanha recolheu-os a uma área entre Pirajui e Bauru. No mês de novembro de 1947, o autor deste relato, Dr. Bianor da Silva Medeiros, visitou essas reservas e constatou que a grande nação guarani estava reduzida a apenas 167 pessoas.

Em Olímpia ficaram remanescentes do guarani por toda parte. Aldeias destruídas ou semi destruídas, vasos de barro, panelas, potes, urnas funerárias e cemitérios que eram encontrados por todos os sítios. O povo da época não dava a menor importância a essas coisas. Diziam: "era obra do bugre, coisa sem importância".

Houve então vários casamentos entre brancos e bugres, entre o sertanista civilizador e o amarelo selvagem. São mais conhecidos os casos de D^a Maria Secundina de Jesus, guarani puro sangue, capturada na fazenda das Posses e criada por Joaquim Cabeleira, antigo morador daquele sítio. Essa senhora casou-se com Davi Osório dos Santos tendo deixado numerosa e distinta prole que atestou as características físicas de sua bela raça.

Joaquim Cabeleira ainda criou mais três guaranis, irmãos de D^a Maria Secundina de Jesus: Antônio, José e Teodoro Rodrigues.

Bugre também puro sangue foi a Julinha, criada por D^a Ana de Carvalho, que mudou-se para São Paulo; guarani puro sangue também foi Ludgero Prestes, criado, educado e formado professor pela ilustre família Júlio Prestes de Albuquerque, antigo e digno diretor do Grupo Escolar de Olímpia. Francisco Bernardes da Silva casou-se com Vicença, índia guarani, que lhe deu três filhos: Maria Bernardes da Silva, João Bernardes da Silva, que residiram em São Paulo e Eutímio Bernardes da Silva, que se mudou para Muzambinho, Minas Gerais - figuras que foram muito conhecidas em Olímpia. Outras grandes nações indígenas como os Colorados, Tapuias e Caucangues também ocuparam espaço nas margens de nossos rios, com suas tabas e com sua civilização primitiva.

Havia aqui vegetação intensa, fauna riquíssima, com grande facilidade de encontrar alimentação, onde abundava toda espécie de caça. Os rios, riachos e ribeirões forneciam alimentação farta, com peixes de incontáveis espécies e quantidades.

Terra fertilíssima, de mata espessa, destacando-se madeiras de lei como o cedro, o pinho, a aroeira, o pau-brasil, coalhada de frutas nativas, dava a impressão de que a influência das forças divinas tivesse indicado ao gentio habitante das matas, através do instinto natural e inato, o pequeno paraíso onde viviam.

OS PRIMEIROS HABITANTES

Convém salientar que os índios não constituíram qualquer obstáculo às penetrações do homem branco.

Quando aqui chegaram os desbravadores vindos do sul, não encontraram mais nenhuma tribo, embora fossem inúmeros os vestígios de sua existência.

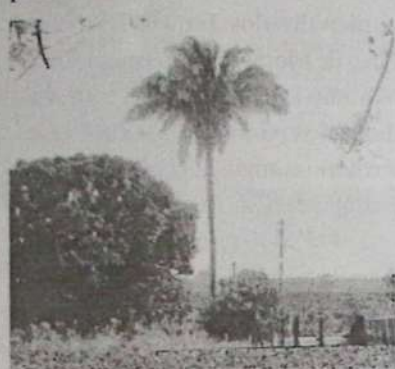


No local onde se encontra hoje a cidade de Olímpia, havia uma grande taba. Até hoje, quando são feitas escavações, são encontrados restos dessas tribos. Existem versões confiáveis de que os índios abandonaram essa região seguindo para oeste, fugindo aos grandes incêndios que castigaram a região após a forte geada que assolou a região em 1870.

Há ainda um traço característico que deve ser mencionado. Os primeiros desbravadores, logo de início, procuravam as margens dos rios ou córregos, devido à facilidade de abastecimento de água para suas necessidades primárias. A medida, porém, que iam se fixando no local definitivamente, procuravam a meia encosta dos espigões para a construção de suas habitações, recorrendo à abertura de poços para seu o fornecimento de água. É que as proximidades dos rios e ribeirões, traziam consigo o perigo de doenças como a malária.

Vejam, como exemplo, o Patrimônio de São Benedito do Turvo, localizado às margens do rio Turvo que, após um acelerado progresso, fracassou, justamente porque sua população foi dizimada em grande parte pela malária. Restou

apenas um povoado com algumas casas e a modesta capelinha ali erigida em cumprimento a uma promessa.



Mata primitiva destacando-se o coqueiro Bagaçu, característico da região.

Aprofundando-nos em nossas pesquisas a respeito da existência de grandes tribos indígenas em nossa terra, fomos à busca de detalhes mais pormenorizados a respeito. Encontramos um artigo publicado no jornal "Folha da Região", edição especial de 24 de agosto de 1996, pelo estudioso e historiador professor de nome Antônio Higa, que pesquisou essa região e recolheu vestígios da existência dos índios em nossa região. Esse artigo com o título acima em destaque, aqui está reproduzido na íntegra:

"Cafundó, um núcleo rural entre Olímpia e a cidade de Barretos, foi habitado por uma tribo indígena em épocas remotas. Vasos, panelas, potes, pontas de flechas, machadinhas de pedra polida, instrumento para o corte de carne e para raspar mandioca foram encontrados pelos colonizadores daquele bairro. Infelizmente, não deram importância a esses achados e nenhuma peça foi guardada."

"Minha avó, Ângela Bertazzi Sartorello, contava que havia cacos de cerâmica espalhados pelo chão

(afirmou Ângela Sartorello, residente no Sítio Ponte Alta). Mas existe um vestígio muito acentuado: os habitantes primitivos haviam cavado o leito (do basalto) do Córrego Cafundó, dando-lhe a forma de uma bacia. Lá eles se banhavam. Os sítiantes deram a esse lugar que tem uma queda d'água o nome de Pedra Buraco".

Outro pesquisador e historiador residente na cidade de Catanduva, o professor Paschoal Turatto, pelas análises dos vestígios encontrados, afirma que essa aldeia poderia ter sido construída pelos Tupis-Guaranis ainda antes do descobrimento do Brasil – entre 500 a 1000 anos atrás.

"Os guaranis produziam peças de cerâmica, fabricavam farinha de mandioca, colhiam coquinhos e frutos silvestres. Eram caçadores, pescadores e sabiam fazer peças de adornos", disse Turatto. "Cafundó merece ser pesquisado!" afirmou... Em suas buscas, ele encontrou igacabas, (urnas funerárias) e ferramentas indígenas perto do Rio Cachoeirinha.

AINDA OS ÍNDIOS

Para complementar com mais detalhes esse assunto, diga-se que há poucos anos, serviços de terraplanagem em uma área onde deveria ser construído um núcleo habitacional nos arredores de Olímpia, os trabalhadores encontraram muitos pedaços de objetos de cerâmica, fragmentos de ossos e dentes humanos.

Essas peças foram todas recolhidas e enviadas ao Departamento de Arqueologia da Universidade de São Paulo (USP). Esse acervo já retornou e está

exposto no Museu de História e Folclore de Olímpia. Algumas peças puderam ser restauradas integralmente.

Paschoal Turatto afirmou que o noroeste paulista foi habitado por diferentes tribos indígenas: Colorados, Tupis, Guaranis, Tapuias e Caucangues. Finalizando, Turatto disse que os desmatamentos destruíram muita coisa, mas que ainda há muito material indígena enterrado na região.

O DESBRAVAMENTO DA REGIÃO

A chegada dos primeiros desbravadores se fez em meados do século passado, com elementos mineiros, tropeiros, que descendo o Rio Grande, entravam pela região de Guaraci, distante a poucos quilômetros de Olímpia. As terras que margeiam o Rio Grande foram as primeiras a serem ocupadas por esses aventureiros, muitos deles foragidos da justiça.

Tais famílias, isoladas por uma grande distância dos centros urbanos mais próximos como Jaboticabal, Araraquara e Barretos por uma verdadeira muralha de florestas, constituíam-se em vastas sociedades patriarcais, verdadeiras autarquias que produziam tudo para o consumo próprio. É necessário acentuar que o nível de vida era muito baixo. Habitavam em casa de pau-a-pique, criando porcos, plantando milho e mandioca, enfim, o essencial para a subsistência. As matas eram derrubadas em pequenas extensões, o suficiente para a construção da casa de moradia e rudimentar agricultura. A dificuldade de comunicação e de locomoção não permitia o aproveitamento de

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Rio Turvo

madeiras de lei, abundantes na região, a criação de gado ou maior exploração da agricultura.

Já em fins do século XIX, depois que esses heróicos desbravadores haviam traçado algumas trilhas que os ligassem a cidades mais próximas para o fornecimento de mercadorias indispensáveis, como o sal ou tecidos, o povoamento se estabeleceu mais para o sul, agora com elementos vindos do nordeste do Estado de São Paulo, Ribeirão Preto, Sertãozinho e cidades fronteiriças com o Estado de Minas Gerais. Com essa chegada vinda do sul, foram aparecendo novos núcleos, como Monte Verde, que data de 1895, São Benedito do Turvo e Bagaçu, também nos últimos anos do século XIX e, finalmente, Olímpia em princípios do século XX.

A nova ocupação se fez toda sob o sistema de patrimônio. Proprietários de terras doavam terrenos em favor de um Santo em honra do qual logo se levantava uma Capela. Logo, em torno dela, não demoravam a surgir vendas e casas de moradia, que se adensavam à

medida que chegavam elementos de outros locais, atraídos pela facilidade de aquisição de terras e perspectiva de riquezas, próprias de toda a zona pioneira.

A segunda fase do povoamento fundava-se na criação de gado e numa agricultura melhor organizada, mas ainda sem o plantio do café, que teve a sua cultura proibida pelo governo até o ano de 1910, sendo, futuramente, a principal fonte de riqueza de toda a região.

Parte dos novos elementos, tornou-se logo proprietária de lotes de terras, compradas em ótimas condições e pouco tempo depois, extremamente valorizadas.

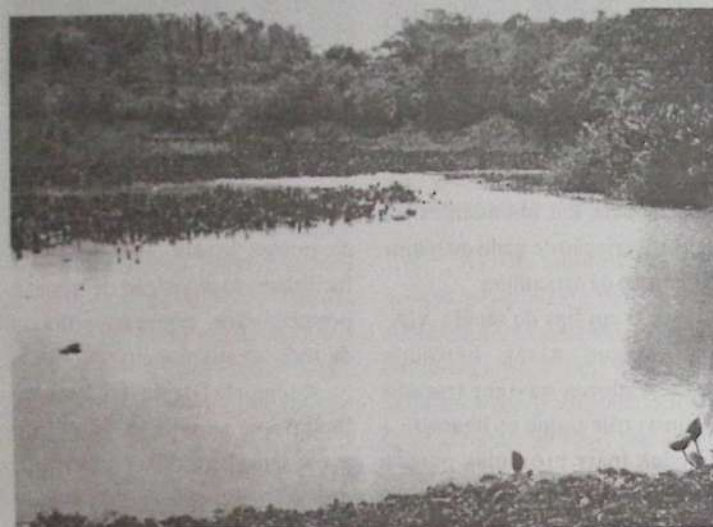
Uma terceira e última fase do povoamento deu-se com a chegada da estrada de Ferro São Paulo-Goiás, partindo de Bebedouro em 1909. Por onde passava ia semeando povoados e incentivando vilas já existentes até a cidade de Nova Granada, num percurso de 120 quilômetros.

A ferrovia foi a chave mestra para a valorização da região pelas facilidades que ofereciam às comunicações (correios) e também pelas condições de escoamento de

produtos agrícolas e pastoris.

Anteriormente à ferrovia, gastavam-se três dias de viagem em lombo de burro ou cavalo para se chegar a Jaboticabal, que na época era a verdadeira capital da região.

Para viajar de Olímpia a Barretos, seguindo a trilha das tropas, gastavam-se dois dias.



Rio Cachoeirinha

Juntamente com a via férrea, chegaram os imigrantes italianos e espanhóis, que logo deixaram sinais característicos de suas presenças na região.

Posteriormente, em 1926, a travessia do Rio Grande, fronteira dos Estados São Paulo-Minas e que era um empecilho para os laços comerciais mais estreitos com as cidades mineiras mais próximas foi vencida com a construção de uma grande ponte perto de Icém chamada Ponte Mendonça Lima, em homenagem ao general Mendonça Lima. Essa ponte, na época famosa pela extensão, resolvia definitivamente o problema da ligação entre os dois Estados. Com isso, aumentou consideravelmente o movimento comercial de Olímpia, que era o pólo central para onde

convergia o movimento de todas as cidades próximas, com um comércio rico e uma economia em frenético crescimento.

Os acontecimentos foram se precipitando de maneira favorável. A terra fértil, a natureza selvagem, as riquezas naturais começavam a sofrer transformações significativas,

coração, um dia fitou o horizonte largo da Pátria, mediu com os olhos a distância inmensurável das florestas e decidiu conhecer o sertão misterioso e cheio de lendas do promissor rincão paulista.

Sentiu exteriorizar o seu grande desejo com o espírito de aventuras que habitava a alma desse caboclo.

Tomou, enfim, a decisão: montou seu cavalo e com mais três escravos despediu-se da família e partiu. Atravessou rios, córregos e matas, cortando cipós, fazendo picadas, sinalizando rumos e dormindo ao relento.



Cachoeiras Marimbonda

Atravessou o Rio Grande, divisa do seu estado com São Paulo e adentrou o sertão paulista.

Deve ter gasto mais de quatro meses de jornada, percorrendo no trajeto ida e volta mais de 600 quilômetros. Deslumbrou-se com a magnífica visão das Cachoeiras do Maribondo no caudal do Rio Grande com suas maravilhosas quedas d'água, uma das mais belas do mundo e a segunda em todo o Brasil.

Voltando à sua casa, contou o que vira a sua gente. Decidiu então com firmeza voltar definitivamente para nova a terra.

Um misto de esperança e receio tomava conta de todos. Antônio casou sua filha deixando-a em Caldas. Com sua esposa, cinco filhos e os sessenta escravos, reuniu

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

seu gado e sua tropa, colocou-os na estrada após vender seus bens imóveis e rumou para o inexplorado rincão paulista. Nesse mesmo ano, tomou posse de vastas terras denominado-as de fazenda Olhos D'Água, que naquele tempo, medidas a olho nu, deveriam ter uma área de mais de 60.000 alqueires.



Ribeirão Olhos D'Água

A CHEGADA EM NOSSA REGIÃO

Antônio Joaquim dos Santos escolheu como lugar para se estabelecer com a família e sua comitiva às margens esquerdas de um ribeirão que denominou Olhos D'Água (pelo grande número de minas d'água ali nascentes). No local, construiu uma grande casa de pau-a-pique onde passou a residir com todos. Essa casa ganhou o nome de taperão, e foi a primeira edificação construída no meio do imenso e ainda inexplorado rincão paulista.

Junto ao Taperão, às margens do ribeirão, Antônio ergueu o primeiro símbolo cristão no meio do sertão. Um cruzeiro toscamente feito de madeira que naquela época significava o sinal de posse das terras.

Esse cruzeiro, fincado pelo desbravador, ainda se encontra até hoje conservado no mesmo local em que foi erigido em 1857. Anos mais tarde, ao construir sua casa de comércio o Sr. Bartholomeu Ittavo fez questão de deixar preservado essa relíquia histórica, construindo seu prédio comercial sobre a cruz que

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

ainda hoje, continua no mesmo local, podendo ser visitado pelos estudiosos ou curiosos.



A primeira cruz - 1857

Abriu também o desbravador um descampado do outro lado do córrego para servir de cemitério, construiu um monjolo e uma moenda. Neste mesmo cemitério foi sepultado em 1885 e também sua mulher Maria Ignez de Jesus. Posteriormente, em 1914, seus despojos foram trasladados para o cemitério novo de nome São José. No local do antigo Campo Santo, foi construída uma Capela e posteriormente uma Igreja, em louvor a Nossa Senhora Aparecida, que foi inaugurada oficialmente em 1948, após mais de uma dezena de anos com muitas dificuldades.

A fazenda Olhos D'Água foi dividida judicialmente pela comarca de Barretos, no Cartório do 2º Ofício. O processo divisório teve início em 1º de dezembro de 1897 pelo engenheiro Robert John Reid e só terminou em 1º de novembro de 1904. Verificou-se uma área de 40.000 alqueires pertencentes já, uma parte, a 236 condôminos

(posseiros), que vieram e tomaram posse de terras ainda não medidas.

Foi essa a imensa posse de Antônio Joaquim dos Santos.

PRIMEIRA FAMÍLIA

Antônio Joaquim dos Santos, após abrir a fazenda Olhos D'Água, colocou seus filhos, escravos e colaboradores diversos em pontos diferentes, espalhando-se a penetração como segue: a) Olhos D'Água, sede da fazenda ficou com o desbravador; b) Retiro das Posses: doada a uma escrava e seus filhos; c) Retiro da Barra do Córrego Alegre, doada a Felipa Bernardina de Jesus; d) Retiro da fazenda São Domingos, doada a Joaquim dos Santos; e) Retiro do Jacu (hoje fazenda Boa Vista), doada a João Antônio dos Santos; f) Retiro da Cachoeirinha, fazendas Candote, fazenda Turquia, São Pedro e Senas, foram doadas a José Antônio dos Santos; g) O Taperão, fazenda Santa Fé e Baixão ficaram pertencendo a Miguel Antônio dos Santos.

As propriedades não possuíam cercas nem limites certos. Em 1885 Antônio Joaquim dos Santos e sua mulher já haviam falecido. Os filhos moravam com os pais até que se emancipavam. Casavam e passavam a morar em outros ranchos nas mesmas posses dos pais. Nem sempre havia casamento e sim união de fato. Essas uniões eram muito comuns entre brancos e negros.

SUCESORES

I - João Antônio dos Santos casou-se com a viúva Maria Emília, que já tinha um filho, Felizardo, casado com Ignez Maria dos Santos, filho de João Filisberto, possuidor do Córrego Alegre. João Antônio dos

Santos vendeu a fazenda Jacu (ou boa Vista) e foi morar na Barra do Córrego do Sapé, na fazenda Cachoeirinha (hoje Ribeiro dos Santos). Todos eles já falecidos e sepultados no antigo cemitério.

II- José Antônio dos Santos casou-se com Maria Rita de Jesus e deixou os seguintes filhos: Davi Osório dos Santos, Antônio Joaquim dos Santos, Jerônimo Antônio dos Santos, Gabriel Antônio dos Santos, João de Campos (ou João Antônio dos Santos), Messias, Ignes, Francisca e Mariana. Marido e mulher faleceram em Olímpia.

III - Miguel Antônio dos Santos casou-se com Maria Generosa de Jesus e deixou os seguintes filhos: Joaquim Miguel dos Santos, José Miguel dos Santos, Francisco Miguel dos Santos, Manoel Miguel dos Santos e Carolina.

IV- Ana Joaquina deixou só um filho de nome Diogo, apossante de Tabapuã.

V- Ignes casou-se com Antônio Felisberto dos Santos em Milho Verde, Caldas, onde passaram a residir.

SUCESORES

1- Joaquim Miguel dos Santos, filho de Miguel Antônio dos Santos e Maria Generosa de Jesus. Casou-se com Querubina dos Santos e foi dono das fazendas Santa Fé e do Baixão. Vende suas terras e muda-se para Tupã. Deixou uma filha, Sebastiana, e seu nome ligado a uma das ruas de Olímpia. Foi um dos melhores rebentos da família.

2- Antônio Joaquim dos Santos, filho de José Antônio dos Santos e Maria Rita de Jesus, casou-se com Guilhermina Alves. Foi dono da Fazenda Córrego dos Bagres.

3- Gabriel Antônio dos Santos foi proprietário de terras em Baguaçu e co-fundador do lugar. Casou-se com Rita e deixou os seguintes filhos Angelina, Lídio, Sebastiana, Dulcília, Alcides, Osório e Maria Gabriela.

4- José Antônio dos Santos, filho de Jesus Antônio José dos Santos e Maria Rita de Jesus, foi co-proprietário de Baguaçu e também um dos fundadores do lugar. Casou-se com Maria Bernardes dos Santos e deixou os seguintes filhos: Maria Rita, casada com Franklin Clemêncio da Silva; Olívia, casada com Gabriel Antônio dos Santos; Alcina, que foi casada com Antônio Joaquim dos Santos; Ana, casada com Vergílio de Castro; Leozino Bernardes dos Santos e Olício Bernardes dos Santos.

5- Jerônimo Antônio dos Santos, filho de José Antônio dos Santos e Maria Rita de Jesus, a qual se casou com Antônio Joaquim dos Santos, co-proprietário de Baguaçu, também um dos fundadores do lugar, casou-se com Izabel Lopes e deixou os seguintes filhos: Gabriel Antônio dos Santos, Maria e Jerônima.

6- Ana Joaquina de Jesus, filha de Miguel Antônio dos Santos e Maria Generosa de Jesus, casou com Antônio Joaquim dos Santos, mais conhecido como Antônio Silvério. Deixou os filhos: Miguel, Ana e Carolina. Antônio Joaquim dos Santos é filho de José Teodoro dos Santos e Ana Marcolina de Jesus. Antônio Silvério foi o último sobrevivente da família dos desbravadores de Olímpia.

SEGUNDA FAMÍLIA

Manoel Alves de Lima e sua mulher Mariana de Lima, naturais de

São Joaquim, Minas Gerais, vieram para Olímpia em 1869 e tomaram uma área de 1200 alqueires abrangendo a fazenda Aroeira e partes da fazenda Posses, na estrada que vai de Olímpia a Barretos. A sua sede era a mesma que pertenceu a José Claudino Pedroso. Veio com sua mulher, 9 filhos e 20 escravos. Abriu a fazenda, plantou roças, formou pasto, criou gado e suínos e foi grande tropeiro. As suas atividades abrangiam um triângulo: Olímpia, Baguaçu e Barretos. Foi homem pacífico, trabalhador e hospitaleiro. Manoel e Mariana faleceram e foram sepultados em Olímpia, no antigo cemitério, 20 anos após sua chegada. Deixaram numerosa prole que enriqueceu o município de Olímpia. Também colaboraram na fundação de Baguaçu. Manoel Alves de Lima abriu o primeiro "picadão" (estrada ou trilha) entre Baguaçu, Olímpia e Barretos.

SUCESORES

I- João Alves de Lima casou-se, viveu e faleceu em Barretos, deixando os filhos Joaquim e Bárbara.

II- Francisco Alves de Lima casou-se com Delminda Machado. Viveram na fazenda Alegre, neste município e deixaram os seguintes filhos: Manoel, Guilherme, Alexandre, Silvestre, Marinho, Antônio, Joaquim, José Francisco, Sebastião, Maria e Mariana Alves de Lima;

III - Sebastião Alves de Lima casou-se com Sebastiana Carvalho de Lima; viveram no Córrego Laranjeiras e deixaram os filhos Jerônimo, Manoel e Mariana Alves de Lima.

IV - Alípio Alves de Lima casou-se com Eliza. Viveram em Baguaçu, onde faleceram. Não deixaram filhos.

V - Madalena Alves de Lima casou-se com José Simeão Gouveia e mudaram-se para Paulo de Faria. Deixaram os filhos Joaquim, José, Heráclito, Vitor, Vidal, Geni, Faustina, Maria, Mariana e Rita de Lima Gouveia.

VI - Maria Felícia de Lima casou-se com José Ferreira de Menezes, em Barretos, e deixaram os filhos Eleazar, Nicodemus, Elifeu e Maria de Menezes.

VII - Carolina Alves de Lima casou-se com Antônio Ribeiro e viveram em Barretos.

VIII - Antônio Alves de Lima casou-se com Felizarda Bernardes e também viveram em Barretos. Deixaram os filhos Iríia, Júlia, Maria Marcondes e Vergílio.

IX - Joaquim Alves de Lima também colaborou na fundação de Baguaçu, onde sempre viveu, e foi o primeiro político da terra. Foi hospitaleiro, e um homem de bem. Sua casa era um verdadeiro hotel. Foi quem mandou construir o cemitério de Baguaçu, tendo o seu construtor o preto José Peão. Foi todo cercado de aroeira. Casou-se duas vezes: a primeira com Maria Bento de Gouveia, com a qual teve os seguintes filhos:

1 - Jerônimo Alves de Lima, que se casou com Maria Alves de Toledo. Possuíram terra no Alto Alegre.

2 - Manoel Alves de Lima casou-se com Leopoldina Alves de Lima e viveram em Baguaçu.

3 - Miguel Alves de Lima, que foi casado com Maria Dias.

4 - Jorgina Alves de Lima, que se casou com João Domingos de Aguiar

e viveram nas fazendas Posses. Deixaram uma única filha, Mariana, que foi casada com Alfredo Cintra. 5 - Minervina Alves de Lima que se casou com João Domingues da Silva. 6 - Maria Alves de Lima, que se casou com Franklin e mudaram-se para Barretos. Não tiveram filhos. 7 - Ozória Alves de Lima que se casou com Marinho Alves de Lima. 8 - Mariana Alves de Lima, que se casou com José Carvalho Novaes, com fazenda em Baguaçu e domicílio em Olímpia. Deixaram os filhos: Cleonice, casada com Mário Francelino Trondi, Alice, casada com Napoleão Novaes, Djanira, casada com Antônio Carneiro e Mercedes, casada com Vicente Caporari. Joaquim Alves de Lima casou-se pela segunda vez com Hermínia Alves Franco com quem teve três filhas: Joana, Olívia e Patrocínia. Morreu com 73 anos de idade em Olímpia e foi sepultado no antigo cemitério. Esta foi a segunda família a chegar em Olímpia, tendo contribuído decisivamente para o progresso da cidade.

A família Lima foi a segunda a chegar a Olímpia e a tomar posse de terras, assim como seus descendentes, os quais ainda possuem raízes na cidade.

TERCEIRA FAMÍLIA



Família Miranda: a terceira a formar terras em Olímpia em 1889. Na primeira fila: Rita Marquinhos, Sebastiana, Luiz, Raquel, Maria Lucinda, Paulino José de Carvalho e o menino José; na segunda fila: Ana Joana, Eudóxia, Augusta, Maria e Francisca.

Em 1880, vivia, nas proximidades de Araraquara, José Bento de Miranda, brasileiro, lavrador, casado com Francisca de Assis Carvalho, com cinco filhos e sete escravos. Nesse mesmo ano mudou-se para Olímpia e comprou a posse de Joaquim Cruz, genro de Antônio Joaquim dos Santos, na saída para Bebedouro e Monte Azul, composta de 800 alqueires de terras, a três quilômetros de Olímpia.

Deu ao imóvel o nome de fazenda Velha. Formou roça, pasto, montou engenho e plantou cana. Foi quem montou o primeiro engenho em Olímpia, onde faleceu em 1906 e foi sepultado no cemitério velho (em sua fazenda foi confeccionado o cruzeiro, erguido na praça em maio de 1903).

Foram eles que formaram a tradicional família Miranda, de Olímpia. Deixaram os seguintes filhos: Paulino José de Carvalho, casado com Maria de Carvalho, moravam perto de Álvora. Faleceram em Olímpia e deixaram uma única filha, Maria, casada com José Martiniano de cujo consórcio tiveram 14 filhos.

Vigilato Serapião de Almeida casou-se 3 vezes. A primeira com Narcisa Leopoldina de Sá, deixando 4 filhos: Maria, casada com João Batista Neto, com os seguintes filhos: Luiz, Maria Narciso, Luzia, João. Antônio Sergipano de Miranda casou-se com Ermantina Miranda, com os seguintes filhos: Ermantina, Arlindo, José, Nenzito, Waldevino, Luiz Serapião de Miranda, casado com Alminda Rodrigues Miranda, com os seguintes filhos: Júlia, Hostálio, Luiz, Alice, Neide, Ari, Joana, Maria e Helena.; Carlos Miranda casou-se

com Zina Miranda e tiveram os seguintes filhos: Zélia, José e Vigilato Serapião de Miranda. Em segundas núpcias, casou-se com Narciza Balbino de Carvalho, deixando desse consórcio os seguintes filhos: Raquel, casada com Anselmo Rodrigues, com os seguintes filhos: Waldemar, Waldevino, Maria, Sebastiana, casada com João Gonçalves. Francisco, casado com Helena da Silva, e os seguintes filhos: José e João. Ária, casada com Primo Storto, com dois filhos: José, casado com Helena. Não tiveram filhos. Vigilato casou-se pela terceira vez com Lúcia Miranda, deixando seis filhos: Salviano André de Miranda casou-se com Benedita de Oliveira Braz, mais conhecida por Sinhá, e deixou os seguintes filhos: Sudário Braz de Miranda, ex-prefeito de Olímpia, casado com Raquel Florinda de Miranda, com os seguintes filhos: Dr. Arlindo Braz de Miranda, químico industrial; Nelson Braz de Miranda, contador; Ademar Braz de Miranda, advogado; Omar Braz de Miranda, professor e Joaquim Braz de Miranda, casado com Maria Penteado, com uma única filha: Rita.

Lúcia Miranda casou-se com Bento Carvalho de Sá e deixaram os seguintes filhos: Jorge, casado com Rita. Tiveram 6 filhos: Olímpia, casada com José Emílio de Carvalho, com os seguintes filhos: José, Emílio, Salvador, Maria, Euflávia, Francisco (solteiro) e José, casado com Elisa de Carvalho, com 4 filhos: Edvirges Miranda casou-se com Manoel Dias de Oliveira, deixando os seguintes filhos: Juvenal, Paulino, Luiz, Benedito, Orestes, Júlia, Maria e Francisca. Delminda Sabino de Miranda casou-se com



Família Miranda. Acima: Ana Clotilde de Miranda, Irene (atual esposa de Genésio Cândido de Castro), Juvenal Leônicio de Oliveira. Abaixo: Oscar, Alonso e José.

Amaro Antônio de Andrade, mais conhecido como "Marico Miranda", deixaram os seguintes filhos: Firmo, Arlindo, Raquel e Francisca. Firmo Braz de Andrade casou-se com Júlia Alfrede Cintra. Deixaram os seguintes filhos: Mário, Geny, Oswaldo, Maria de Lourdes, Osterno, Geraldo, Arlindo. Braz de Andrade casou-se com Francisca Miranda e tiveram os filhos: Celso, Célia, Celino, Celmo e Cila. Raquel Braz de Andrade casou-se com Batista Ferreira Filho, escrivão do júri e Anexos da Comarca de Olímpia, com os seguintes filhos: Helena Aparecida, formada em Filosofia, Ciências e Letras e casada com o Dr. Lavínio de Abreu Galvão, advogado em São Paulo. Maria Edi, formada em faculdade de letras, em Francês, em Ribeirão Preto, com curso de especialização em Sourbonne, França e Perúgia, Itália; Zilá, catedrática de Pedagogia, de Paraguassu Paulista; Maria José de Andrade Ferreira estudava em São Paulo.

Este é o tronco da numerosa e tradicional família Miranda a se radicar no município.

QUARTA FAMÍLIA

Em junho de 1893, chegou em Olímpia, na Capituvá vindo de São José dos Campos, com pequena estada em Araraquara, Joaquim Antônio Braz, viúvo de Maria Rocha Braz. Veio com 20 escravos, já livres, e seus filhos. Tomou posse da fazenda Capituvá com uma área de 680 alqueires, que cultivou em pastos, roças e cana, montando engenhos, fazendo rapaduras e destilando aguardente (pinga). Montou, a primeira ferraria do município e trouxe o primeiro arame farpado para Olímpia, construindo cercas em 1894. Juntamente com seus filhos e sobrinhos, abriu estradas com ligações para Tabapuã e para as florescentes povoações de São Miguel e São José (hoje extintas). Criaram o núcleo de São Benedito da Barra do Rio Turvo onde logo construíram o seu cemitério e sua igreja, doando parte do seu patrimônio. Faleceu em 1900. Os povoadores de São Benedito e Capituvá eram enterrados em São Miguel ou no próprio bairro em que moravam.

SUCESORES

Leocádia Braz casou-se com Cândido Pereira Pena e mudou-se para Catanduva. Maria Braz (Marica) casou-se duas vezes. A primeira com Alfredo de Castro Pena e a segunda com Emídio José de Maceno. Morreram e foram sepultados em São José do Rio Preto. Deixaram duas filhas: Conceição, viúva de João Pinheiro, com os seguintes filhos: Evaldi, Edith,

Edivaldi e João; Aparecida, casada com Emílio Eker (Orlândia). Tiveram os seguintes filhos: Rui, Maria, Helena, Celso e Murilo.

Bertoldo Braz casou-se com Brasilina Clemêncio da Silva, também conhecida por Brasilina Jacinta das Dores, ambos falecidos e enterrados em Olímpia, deixando uma única filha: Aparecida Braz da Silva, casada com Emídio Antônio Pimenta, fazendeiro no município, com os seguintes filhos: Anor, casado com Maria Jorgina dos Santos (Ribeiro dos Santos), com os filhos: América Aparecida, Elza Maria, Célia, Nilsa, Djalva e Aparecida Braz Pimenta, todos professores, solteiros.

Benedita Balbina Braz casou-se com Salviano Miranda. Deixaram dois filhos: Sudário Braz de Miranda e Joaquim Braz Miranda.



Sudário Braz de Miranda foi prefeito de Olímpia.

Belizária Rocha Braz, que se casou duas vezes, a primeira com José de Castro Pena e a segunda com Claudino José de Oliveira. Tiveram os filhos: Orlando de Castro Pena, casado com Mariana Alves; Orfilino de Castro Pena, casado com Letícia Coltrin, faleceram em Rio Preto. Deixaram os filhos:

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Raquel Braz de Miranda, esposa de Sudário Braz de Miranda.

Odilon, Maria, João Batista e Brasilina Braz, que foi antiga professora de Olímpia, viúva de Augusto de Lima com os filhos: Xisto, Homero, Pércles, Benedito, Ismênia Neves (professora), José de Castro Neto, Olívia, Leonor Braz Rocha, casada com Manoel Rocha, dentista, (Rincão), Aristides Braz de Oliveira, dentista e proprietário em Olímpia, casado com Albina Calixto de Oliveira, com os seguintes filhos: Deise Aparecida, Dauditis João e Dalcio Antônio de Oliveira. Salomão e Joaquim Braz faleceram solteiros em 1903, de varíola, que nesta época dizimou grande parte da população do município. Tivemos desta forma a tradicional família Braz de Olímpia e a quarta a se radicar no município. Com Joaquim Francisco Braz, formando um só grupo, vieram ainda sua cunhada Maria Osório de Toledo Leite, viúva de Bento Francisco Machado, com os seguintes filhos: Claudina Braz, casada com Simão Antônio do Rego de São José dos Campos.

Maria José Braz, casada duas vezes; a primeira com Clemêncio de Souza

e Silva e a segunda com João Gonçalves de Souza (Capituvá). Domingos Braz Machado, casado com Maria de Castro Pena, (Capituvá) com os seguintes filhos: João, Isaltina, José, Dário. Maria Eugênia do Carmo, casada com Antônio Claudino do Carmo (Tanabi), com os seguintes filhos: Jovêncio, Laura e Lindolfo, Eufrosina Braz Siqueira, casada com José Vicente Siqueira. Francisco Braz Machado e Vergílio Braz Machado. Ainda com Joaquim Francisco Braz vieram: Ignácio Francisco Rodrigues, casado com Ana Claudina Ramos de Melo, ele falecido em 1910 e ela em 1932. O casal deixou os seguintes filhos: Maria José Siqueira Salgado, casada com José Fortunato Salgado, deixando os seguintes filhos: Maria e Leônicio.

Ana Joaquina Marcondes de Melo, casada com Isaías Homem de Melo (Pindamonhangaba).

Ambrosina Siqueira de Melo, casada com João Quirino Siqueira Pedrosa (São Bento do Sapucaí), Andradina Siqueira Salgado, casada com Sebastião Siqueira Salgado (Tanabi).

José Vicente Siqueira casado com Eufrosina Braz Siqueira com os seguintes filhos: Ernestina, casada com Gualtiero Mori (São Paulo); Isaltina, casada com Nhozinho Cotrin residente (Fernandópolis); Vicentina, casada com Domingos Storto, com os seguintes filhos: Norma, casada com Américo Sampaio; Normand, Domingos, Neusa casada com Dr. Josias Andrade; Newton, Norton, Norberto, Nelson. Alzira casada com Evêneo Berti, com os seguintes filhos: Maria Teresa, Flauzina,

Evoneo, Celina, Aparecida e Moacir; José Vicente casou-se em segundas núpcias com Rosa Siqueira e viveu em Bebedouro.

Domingos Siqueira Ramos, casou-se com Malvina Braz Siqueira (São Miguel) e deixou os seguintes filhos: José, João, Maria, Manoel Francisco e Sebastião.

João Batista Siqueira, casado com Maria Siqueira.

Avelino Siqueira Ramos, falecido solteiro.

Joaquim Siqueira Ramos, casado com Ernestina Ramos (São Bento do Sapucaí).

Foram estas famílias entrelaçadas e unidas que cultivaram Capituva e formaram São Benedito, doaram seu patrimônio, fizeram seu cemitério e sua igreja, assim como abriram as estradas para Tabapuã, São Miguel, São José do Turvo e São Domingos. (Por este motivo foram agrupadas em um só artigo).

QUINTA FAMÍLIA

O arquipélago da Madeira, Atlântico, foi descoberto pelos portugueses. Compõe-se da ilha da Madeira, Porto Santo, desertos e selvagens, todas de origem vulcânicas, ligadas à Europa pela flora e fauna. Sítio montanhoso e pitoresco com um dos maiores climas do mundo é centro de turismo universal. O seu povo, dado o ambiente especial em que vive, tem índole mansa e voz musicada. Produz os melhores vinhos portugueses e os melhores bordados conhecidos. Sua capital é Funchal, sítio de funcho. É desta ilha, capital, que se origina a família Medeiros. Medeiros vem de Meda, (latim, meta), montão de palha de trigo. Por volta de 1860, a família Medeiros, inúmeros irmãos,

primos e sobrinhos fretou uma barcaça e veio para o Brasil em busca de aventuras e riquezas. Parte ficou no Rio Grande do Sul, parte no Estado do Rio e parte em Pernambuco. Era gente de posses, de recursos. Miguel Soares de Medeiros, casado com Gertrudes de Medeiros comprou um sítio em Barra do Pirai. Plantou roças, criou gado e formou cafezal. Em 1889, com a Proclamação da República, houve uma crise forte e Miguel Soares de Medeiros ficou arruinado. Falecendo, sua mulher e filhos vieram para Olímpia, localizando-se no Bagre, Santa Cruz, onde formaram a fazenda Gotardi e outros sítios, com destacada participação na formação do patrimônio já em ascensão de Olímpia, construindo prédios, a primeira igreja, ocupando cargos de sub-delegado, etc. Gertrudes de Medeiros, faleceu em 1907, deixando numerosa prole, cujos descendentes colaboraram muito para o progresso local.

João Soares de Medeiros, casou-se com Maria Louzada de Medeiros, deixando os seguintes filhos: João Soares de Medeiros, que se casou com Maria Louzada de Medeiros deixando os seguintes filhos: Ernestina, Marcília, casada com Cérvoles Soares de Medeiros (sem filhos); Emídio que faleceu solteiro; Sebastiana, casada com Benedito Soares de Medeiros (sem filhos); Benedito, casado com Maria Louzada de Medeiros. Enviuvando-se, casou-se outra vez, com Placidina e deixou uma filha, Maria Medeiros, que foi casada com José Blanco, com os seguintes filhos: Darci, Dirceu, Deice. Faleceu e foi enterrado em Olímpia. Alberto Soares de Medeiros casou-se com Aldestina

Silva e deixou um filho, Arlindo Medeiros. Maria Medeiros casou-se com José Soares Louzada, em segundas núpcias, e deixou os seguintes filhos: Benedito, Manoel, Pedro, Amélia, Antônio, Maria, Sebastião e José Soares Louzada Filho.

Cecília Medeiros casou-se com Carlos Louzada (sem filhos). Emília Medeiros, casada em Segunda núpcias com Carlos Louzada, deixou os seguintes filhos: Maria, casada com Benedito Soares de Medeiros, Cecília, casada com Manoel Soares Louzada.

Luiza Soares de Medeiros casou-se com Vicente Soares Louzada e deixou os filhos: Prodório, casado com Margarida; Sebastiana e Jorge Medeiros Louzada.

Manoel Soares de Medeiros, mestre escola e primeiro político em Olímpia, casou-se com Jordelina Clemêncio da Silva e deixou os seguintes filhos: Bianor da Silva Medeiros advogado e casado com Maria Antonieta Carvalhaes Bernardes de Medeiros, com os seguintes filhos: Maria Madalena casada com Clóvis Natalini de Oliveira, Paulo, Pedro, Maria Marlene, Jonas e Bianor Filho; Elvira Medeiros casada com Albertino Pereira com uma filha: Leda Maria. Faleceu em Olímpia em 1907.

José Soares de Medeiros casou-se com Sebastiana de Oliveira Medeiros (São Carlos). Foi grande político e benfeitor em Olímpia, primeiro proprietário e formador da fazenda Gotardi, Santa Cruz. Ocupou muitos cargos de importância em Olímpia, onde faleceu, deixando os seguintes filhos: Sinésio, Gláucia, Leni, Lenira, Leto Medeiros casado com Júlia, ele

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Dr. Bianor da Silva Medeiros, advogado e prefeito de Olímpia.

combateu na segunda guerra mundial na Itália; Benedito, falecido solteiro, Lázaro, Maria e Dorides.

Cérvoles Soares de Medeiros, casou-se com Marcília Medeiros; não teve filhos e na mocidade exerceu diversos cargos em Olímpia. Foi político, falecendo em 1950. Sebastião Soares de Medeiros, casado com Maria de Medeiros, era o caçula da família e deixou os seguintes filhos: Vergilina, casada com Bráulio Pereira, Antônio, Delfino e Tereza.

Além de deixar registrado um acervo histórico inestimável, que é a história das 268 famílias, que aqui aportaram por ordem de chegada e que povoaram nossa terra, o Dr. Bianor foi também Prefeito de Olímpia o período de 29 de agosto a 28 de dezembro de 1931. Faleceu em Olímpia assim como sua esposa e foram sepultados no jazigo dos Medeiros. Esta foi a tradicional família Medeiros de Olímpia que também colaborou para a fundação desta terra.

Deixou como herança de valor incalculável grande parte de nossa história, num trabalho de mais OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Maria Antonieta Carvalhaes Bernardes de Medeiros, esposa do Dr. Bianor da Silva Medeiros.



Família Medeiros, da direita para a esquerda: Bianor, Maria Antonieta, Paulo Pedro, Madalena, Maria Marlene, Jonas e Bianor Filho.

de 40 anos de pesquisas, viagens, onde conseguiu registrar fatos que remontam ao alvorecer histórico de Olímpia e que completou o elo perdido com seu acervo de fotos e documento.

SEXTA FAMÍLIA

Em 1895, vindo de Bananal, Pontal - Sertãozinho, Clemêncio de Souza e Silva chegou a Olímpia, radicando-se no Córrego São Domingos, na beira do Rio Turvo. Adquiriu 10.000 alqueires, mas perdeu-os, ficando suas posses reduzidas a 600 alqueires, aquisição feita ao Dr. José Teixeira Portugal Flexa Junior, engenheiro civil de renome internacional. Clemêncio da Silva foi um grande caçador e morreu em 1902, em Ibirá, ao abater uma anta. Já tinha vindo viúvo de D^a. Ana Jacinta das Dores, casando-se pela segunda vez com Maria José Braz. Deixou os seguintes

filhos do primeiro casamento: Maria Clemêncio da Silva, casada duas vezes: a primeira com José Joaquim Batista e a segunda com Felício Abate em Piracicaba. Deixou os seguintes filhos: América Batista, casada com Joaquim Garcez Novais - tiveram uma filha, Siluca; Alice Batista casada com Jacinto Hernandes (Ribeirão Preto), deixando os filhos: Alzira Batista (Loloca), casada com Mário Rocha, dentista (Santa Izabel), com uma filha, Alice; Maria Abate, professora, viúva de Raimundo Correia com um filho, Luiz Abel Abate (farmacêutico em São Paulo). Brasilina Jacinta das Dores filha de Clemêncio da Silva, casada duas vezes: a primeira com Bertoldo Braz Machado e a segunda com Cândido Fermino da Silva, deixando uma única filha, Aparecida Machado Pimenta, casada com Emídio Antônio Pimenta. José Clemêncio da Silva, grande fazendeiro, político de Olímpia, grande benfeitor dessa terra, falecido em 16/1/36, foi casado duas vezes: a primeira com Ana Alves de Toledo e não teve filhos. A segunda com Malvina Braz da Silva, deixando os seguintes filhos: Aparecida Clemêncio da Silva, prof^a, casada com o Dr. Antônio de Pádua Ourique (São Paulo) com uma filha, Lúcia Maria; Etelvina Clemêncio da Silva, prof^a, casada com o eng. Agrícola e prof. Dr. Jorge Duprat Cardoso, com os seguintes filhos: Maria Cecília, Jorge e José. Ernestina Clemêncio da Silva, prof^a, casada com o Dr. José Rafael Borba, eng. Agrícola (Londrina), com os seguintes filhos: José Henrique, Vera Lúcia, Carmem Lúcia e José Rafael; Ondina Clemêncio da Silva, prof^a, casada com o Dr. Antônio Gonzaga

Pacheco, eng. Agrícola (Capivari), com os seguintes filhos: Maria Cristina, Renata, e Maria Elizabeth; Nicanor Clemêncio da Silva (Barroso), Rui Clemêncio da Silva e Malvina Clemêncio da Silva, solteiros e José Clemêncio Filho, falecido quando se formava em engenharia agrícola (Piracicaba). Era proprietários da Fazenda Palestina.

Antônio Clemêncio da Silva, proprietário e formador da fazenda Santo Antônio, beira-turvo, falecido em 1932. Foi casado com Maria Alves Clemêncio, de Tabapuã. O casal deixou os seguintes filhos, todos fazendeiros: Sebastião, Floripes, Deodeontina, Gláucia, Bertoldo, Isolina, Alceu, Adileu, Lázaro, (todos solteiros na época), Adilor Clemêncio da Silva, casado com Estela Breda, com uma filha, Maristela; Divino Clemêncio da Silva, casado com Elaine Brighetti (Adamantina) com um filho, Divino; Jordelina, viúva de Manoel Soares de Medeiros, com dois filhos: Bianor e Elvira. Francisco, casado com Izalina Cândido de Jesus, com os seguintes filhos: Zuleida, Lázara, Sebastiana (professora) e Zoroastro;

Franklin, grande fazendeiro e capitalista em Baguaçu, casado com Maria Rita da Conceição, com os seguintes filhos: Herondina, casada com Isolino Moreira (Baguaçu), com um filho: Franklin; Lázara, prof^a, casada com Otávio Garibaldi (São Paulo), Aldina, prof^a, casada com José David Fonseca, gerente do Banco do Brasil de Olímpia, com uma filha, Maria Lúcia; Etelvino, Aparecida, Prof. Valdeliz, Mário (solteiros) Oswaldo, casado com Olívia Dioniso, prof^a, em Baguaçu, e Zulmira Clemêncio da Silva, (solteira).

Joaquina Clemêncio da Silva, viúva de Antônio Alves Modesto, fazendeiros em Guaraci, com os seguintes filhos: Aldo Alves Clemêncio, funcionário público, em Olímpia, casado com Araci Alves de Lima (Zoca), com os seguintes filhos: Antônio Carlos, Maria Helena, Izabel, Luiz Carlos, Nivaldo, Maria Luiza, Leila, Silvia e Eugênio Paulo; Aparecida Alves Clemêncio, prof^a, em Ibirá, Aleida Alves Clemêncio, prof^a, em Presidente Prudente, Wanda Alves Clemêncio, casada com o médico Dr. Milton Baroni,

(Barretos), Zoneida Alves Clemêncio, prof^a, casada com Geraldo Fonseca, bancário, (Goiania), Iracema Alves Clemêncio, contadora (São Paulo), Ana Alves Clemêncio, solteira (Barretos).

Clemêncio de Souza e Silva, do segundo matrimônio com Maria José Braz (São Benedito), deixou um único filho: Clemêncio Braz Filho, casado com Nelsina Augusta da Silva (Icem), com os seguintes filhos: Eranice, Maria, Divina, Maria, Jocelin, Nelsina e Madalena.

Esta é a tradicional e numerosa família Clemêncio, de Olímpia, também uma das primeiras no município com muitos serviços prestados a nossa terra e a sexta a se radicar no município.

A CHEGADA DOS ENGENHEIROS

Por esse tempo, a chamado de Jesuíno da Silva Melo, chegaram a Barretos os engenheiros Robert Jonh Reid (escocês) e Wilian Leaterbarrow (inglês). Coube-lhes, inicialmente, a tarefa de dividir a Fazenda Palmeiras, que, antes confiada a dois outros agrimensores, estava paralísada (o mapa da divisão da Fazenda Palmeira mede 2,20 metros por 1,20 metros, se encontra em cópia na Casa de Cultura de Olímpia).

Em 1896, já residiam em Barretos e, bem relacionados, compareciam a reuniões sociais.

William Leaterbarrow nasceu no Condado de Lancaster (Inglaterra). Em 1905, casou-se em Barretos, com Nicolina Vítolo. Mudou-se para Olímpia onde era proprietário da fazenda Lancaster que abriu e formou e lá viveu até 1918. Vendeu-a ao Coronel

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Jeremias Lunardelli, o qual mudou o nome para fazenda Recreio. Posteriormente mudou-se para Campos do Jordão onde viveu com sua mulher até 1947. Mudaram-se para Tupã, onde faleceram e foram sepultados. Não tiveram filhos.

Robert John Reid, engenheiro, nasceu na cidade de Inverness (Escócia) em 22 de dezembro de 1868 e faleceu em Campos do Jordão em 26 de novembro de 1937. Formou-se na Universidade de Oxford (Inglaterra).

O engenheiro Reid logo se tornou amigo do Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, cearense, Promotor de Justiça, que viera fixar residência na sede da Comarca. Exercera, antes, funções em Passos (MG), onde contraíra casamento com a senhorinha Maria Isoleta Carneiro de Arantes. Com o nascimento de uma criança, que seria a única filha do casal, e o compadrio veio concorrer para estreitar ainda mais os laços de amizade que ligavam o engenheiro ao Promotor e sua esposa.

De fato, fora o moço estrangeiro convidado para ser o padrinho de batismo da menina Maria Olímpia, nascida em São Paulo em 2 de fevereiro de 1897. Batizada pela tia D^a Mariana Arantes e pelo Dr. Robert John Reid, veio para Barretos com menos de 40 dias de idade. Desse modo, o engenheiro já se tornara compadre do casal, quando os posseiros do Sertão dos Olhos D'Água, Antônio Marcolino Osório de Souza, Joaquim Alves Franco e outros, confiaram a divisão da fazenda a Jesuíno da Silva Melo, que passou o encargo ao Dr. Robert John Reid.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

O processo dos trabalhos divisórios para medição da fazenda teve início em 1^a de novembro de 1889. Os inúmeros interesses em jogo e a extensa área a demarcar, contribuíram para que o término da divisão se verificasse somente alguns anos mais tarde, ou seja, em setembro de 1904.

Durante esse tempo, o engenheiro Reid, encontrou não poucos obstáculos e tomou contato com as enormes dificuldades em que vivia a gente sertaneja, estabelecida aqui e ali, nas margens dos rios, nas beiras dos córregos, nas clareiras, no fundo das matas. A maior de todas talvez fosse o abastecimento e o comércio dos produtos da lavoura e da pecuária. Nada, porém, maior do que os efeitos das moléstias tropicais e que abriam enormes clarões entre os moradores. Além dos males comuns com que haviam se acostumado, toda a região sempre esteve sujeita a surtos epidêmicos. A mortalidade infantil atingia índices inacreditáveis. A insalubridade, aliada ao desconhecimento dos princípios mais elementares de higiene e a maneira de enfrentar as doenças, fazia com que seus habitantes se resignassem a pagar anualmente, aos implacáveis inimigos do homem o mais triste dos tributos. Eram levados a recorrer à medicina caseira e a crer na eficácia das simpatias. O lúgubre espetáculo dos bangüês, cortando os caminhos, rumo à última morada era comum àqueles heróis anônimos do sertão que, no alvorecer do desbravamento dessas terras, tinham que enfrentar as mais extensas dificuldades para subsistir.

O velho casarão em ruínas "O Taperão", que o engenheiro Reid



Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira.

encontrou na margem esquerda do Córrego Olhos D'Água, e o cemitério a que muitos trilhos conduziam, na margem direita (onde hoje se encontram a Igreja e a Praça Nossa Senhora Aparecida), eram a prova mais aterradora das precárias condições que o isolamento e a distância impunham a todos. As vicissitudes e toda uma população entregue à sua própria sorte levaram aquele homem culto e civilizado a pensar na formação de um núcleo urbano como se dizia na época que pudesse desenvolver-se e, com o tempo, trazer os benefícios do progresso, do conforto e de mais segurança para as famílias ali reunidas.

Empregou o engenheiro Robert John Reid toda a força de persuasão de que era capaz para convencer os condôminos da fazenda Olhos D'Água da conveniência e vantagens da criação de um povoado. O primeiro a fornecer parte de suas terras para a formação do novo patrimônio foi Joaquim Miguel dos Santos, amigo do engenheiro Reid, (com sua interferência, facilitou para fazer com que os demais condôminos,



Antônio Clemêncio da Silva e D^a Maria Alves da Silva.

quase todos descendentes do desbravador Antônio Joaquim dos Santos, doassem, igualmente, algumas nesgas de suas glebas).

A notícia dos primeiros passos para o estabelecimento do pequeno centro urbano, às margens do córrego Olhos D'Água, encheu de entusiasmo os moradores ribeirinhos, os quais no dia 3 de maio de 1903, ergueram um cruzeiro no local onde seria a futura capela (Praça da Matriz).

No dia 2 de março de 1903, foi feita a doação de 100 alqueires de terras para a constituição do Patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água. Reza a escritura lavrada naquele dia, no 1º Cartório do Tabelião Francisco de Almeida Silveiras, em Barretos: "compareceram como outorgantes os doadores: João Francisco dos Reis e sua mulher Dª Ignácia Eva de Jesus; Miguel Antônio dos Reis e sua mulher Dª Carolina Luiza de Jesus; Dª Mariana Francisca do Carmo; Dª Mariana Ignácia de Jesus; Francisco Miguel dos Santos; Antônio Miguel dos Santos; João Antônio de Campos; João Ignácio de Souza e sua mulher Dª Francisca Frauzina de Jesus, João Bonifácio da Freiria,

Jerônimo Bonifácio dos Santos, David Osório dos Santos, Gabriel Garcia dos Santos, Jerônimo Antônio dos Santos e sua mulher Dª Izabel Maria de Jesus, Miguel Veríssimo dos Santos; Dª Marolina Frauzina da Freiria; Antônio

Felisberto dos Santos; Joaquim Miguel dos Santos, sua mulher Dª Querubina Maria de Jesus; Dª Ignez Rita de Jesus e Dª Maria Generosa de Jesus".

Em 9 de julho de 1.903, seria a escritura registrada às fls. 53 do livro n.º 3 – 1 de Transcrição de Imóveis.

Deveu-se a escolha do padroeiro ao fato de os doadores serem devotos de São João Batista tido como patrono da fecundidade agrícola - que foi escolhido por unanimidade por todos os moradores.

Quanto ao nome Olímpia, foi o Dr. Robert John Reid que solicitou ao Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira que, ao distrito a ser criado recebesse o nome de Vila Olímpia em homenagem a Maria Olímpia, afilhada do engenheiro e filha do deputado estadual de Barretos que tinha grande carinho pelo novo povoado. O pedido do Dr. Reid foi prontamente atendido, pois o Dr. Antônio Olímpio, desde dezembro de 1901, vinha chefiando a política municipal de Barretos e gozava de enorme prestígio político em São Paulo, além de possuir grande cultura e contatos importantes.

A participação do Dr. Antônio Olímpio perante o governo estadual, assim como a emancipação foi fundamental para as pretensões dos moradores da região. Muitos outros melhoramentos foram possíveis graças ao trabalho do deputado.

O gesto elegante do Engº Reid de escolher para a vila o nome da afilhadinha, por pouco não chegou a ser anulado quando, num vaivém da política, na eleição de 14 de dezembro de 1907, a vitória



Cel. Silvestre de Lima

sorriu ao partido Arara, de Silvestre de Lima. Os seus partidários reuniram-se para pedir a mudança do nome do lugar, já que lembrava a filha do líder do partido Pica-pau, então derrotado.

Mas o Cel. Silvestre de Lima, chefe do partido vencedor, recusou-se terminantemente a atender ao pedido dos companheiros, que foram a Barretos, em caravana, por parecer-lhe torpe vingança, atitude que bem revelou a grandeza moral daquele homem, conhecido também pelos dotes excepcionais de inteligência.

O Cel. Silvestre de Lima foi um dos políticos que muito colaborou para o progresso de Olímpia, trazendo inúmeros benefícios para nossa cidade.

A seguir a entrevista de um homem que viu Olímpia nascer, publicada no jornal "A Voz do Povo", n.º 81 de 12 de março de 1927: "Dia deste, completou 77 anos o Sr. José Trindade, um dos primeiros habitantes desta cidade e a quem Olímpia deve a celebração de seu primeiro terço religioso, realizado em uma pequena casinha de barro que servia de capela, situada no local onde hoje se acha

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

situada a Igreja Matriz de São João Batista. O Sr. José Trindade é um simpático velhinho, filho da heróica e nobre terra de Portugal, residente em Córrego Olhos D'Água, nesta comarca.

Ao ser entrevistado, declarou que sentia "imensa alegria em ser possuidor da grande ventura de ver Olímpia nascer e crescer".

VILA OLÍMPIA

"Não poderia ser melhor e mais bonitinha a festa de São João dos Olhos D'Água, no dia 20 de março. Nunca vi um lugar que tivesse terras mais férteis e gente tão trabalhadora e boa como aquela! O que era há poucos meses esse lugar? Nada! E agora está adiantando-se de maneira assombrosa, devido especialmente aos esforços do inteligente engenheiro Dr. Robert John Reid, que trabalha sem descanso para o progresso civil daquele simpático arraial, que já está suscitando justas invejas dos povoados circunvizinhos.

O zelo do Dr. Robert John Reid está valiosamente secundado pelo nosso ilustre deputado Dr. Antônio Olímpio, o qual não deixa de dar provas de particular dedicação e amizade (bem merecidas) à povoação de São João Batista dos Olhos D'Água."

A PRIMEIRA CAPELA

Após a colocação do cruzeiro de fundação, os devotos do padroeiro do Patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água São João Batista, trataram da construção da primeira igreja, como poderemos constatar em cópia de documento passado em 1904:

"Os membros da comissão

abaixo assinados, encarregados da construção da Igreja de São João Batista, neste lugar, vêm por meio desta lista de petição impetrar de todos os fiéis, devotos do mesmo padroeiro, as suas assinaturas a benefício da mesma igreja que já está em adiantada construção. Esperamos a sua inauguração no fim de outubro, em cujo tempo teremos de entrar com o derradeiro pagamento, por pedimos a proteção de todos os devotos desse padroeiro Olhos D'Água, 6 de outubro de 1904. Juiz presidente: Manoel Soares de Medeiros; presidente: Miguel Antônio dos Reis; tesoureiro: Joaquim Miguel dos Santos; procurador geral: J Assis."

A nossa Igreja Matriz, durante sua existência sofreu muitas transformações. Foi destruída completamente em 1910 por um incêndio. Reconstruída, permaneceu com suas características simples até 1918/19, quando a população, já crescente, decidiu construir um templo compatível com a pujança da cidade. Mas tudo será contado adiante em páginas específicas, que inclusive servirão para tirar dúvidas quanto os méritos da demolição da velha Matriz, verdadeira obra de arte

com suas pinturas a óleo, seus vitrais coloridos, enfim trazer o relato verdadeiro dos acontecimentos.

A primeira igreja foi iniciada em 1904, tendo como empreiteiro e construtor o Sr. João Vieira do Vale. Custou na época C\$42.000,00. Feita de pau-a-pique, com telhas vidas de Guaraci, Foi inaugurada solenemente em 29 de junho de 1905 com a imagem de São João Batista, sendo efetuada a primeira procissão em Olímpia e sua primeira missa celebrada pelo padre Ernesto Urbani, de Barretos. Nesse dia, foi tirada a primeira foto histórica do então patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água, futura Olímpia.

Nessa data, Gabriel Barbosa da Silveria ergueu o cruzeiro que foi fincado no local onde seria construída a futura Igreja Matriz. No mesmo ano, (1905), por iniciativa do Cel. Francisco de Melo Nogueira, Manoel, José Medeiros, Gabriel Barbosa da Silveira, Jorge Aidar e Miguel Felisberto dos Santos, o largo da Matriz teve sua mata derrubada, roçada, queimada e limpa pelo preço de Cr\$.45,00.

O Patrimônio começou a progredir, a desenvolver-se de



Primeira foto histórica feita em Olímpia, em 1905, na inauguração da capela. Fotografia: Rodolfo J. Costa. Na foto condôminos (fazendeiros) da região.



Córrego Olhos D'Água, em cujas margens Olímpia nasceu.

maneira espantosa. O imigrante Jorge Aidar chegou em 1903 da Síria com os familiares: João Aidar, Miguel, Felipe e Alexandre. Construiu na Praça da Matriz, recém aberta, na confluência das ruas Dr. Antônio Olímpio e Jorge Tibiriçá (onde funcionou a "Taba do Carajá") a Loja do Povo, o segundo prédio de Olímpia, que servia de residência e loja de armários.

Jorge Aidar retornou à Síria a passeio e não pôde retornar devido à eclosão da guerra. Em 1914, faleceu de tifo. Seu irmão Miguel, continuou com o estabelecimento, que progrediu muito. Construiu mais casas (aquela onde hoje é o armazém Takahashi, o prédio da Relojoaria Zenith, o antigo prédio do banco Mercantil e, também na esquina, o prédio onde funcionou por muitos anos as Casas Pernambucanas).

Também no ano de 1905 eram construídas as primeiras casas de tijolos. A primeira foi a de Miguel Felisberto dos Santos, à Praça da Matriz. A segunda, na esquina da Rua Cel. Nogueira com a rua Jorge Tibiriçá (hoje David de Oliveira) e pertencente a Bonifácio Luiz de Carvalho, onde por muitos anos ali



Praça da Matriz, em 1905. A seta da esquerda superior assinala a primeira capela. À direita a primeira casa feita por Miguel Aidar e, na seta abaixo, a segunda casa Olímpia, onde funcionou a farmácia Santa Therezinha.

funcionou a Farmácia Santa Therezinha. Também nesse ano chegavam a Olímpia os primeiros rolos de arame farpado para cercar as propriedades marcadas. O primeiro para José Bento de Miranda; depois para Joaquim Braz e então para o Coronel Francisco de Melo Nogueira. Joaquim Antônio Braz instalava a primeira ferraria na Capituva. Até então, as propriedades não possuíam cercas.

Posteriormente, Julião Plaza instalava sua ferraria em Olímpia, e Antônio Bispo instalava o primeiro açougue.

Em 26 de junho de 1904, chegava em nossa cidade Narciso Bertolino, que seria no correr dos tempos um dos propulsores de maiores méritos do progresso local.



Capitão Narciso Bertolino

OS CEMITÉRIOS EM OLÍMPIA

Os cemitérios primitivos de Olímpia, além do criado pelo desbravador, à margem direita do Córrego Olhos D'Água, eram localizados nas fazendas principais. Pequenos, cercados de madeira, apenas comportavam número reduzido de corpos, que eram enterrados quase sempre envolvidos em lençóis. Os de melhores posses eram às vezes, sepultados em caixões de madeira feitos em casa.

Havia um cemitério na fazenda Velha, na Capituva; outro no Lambari, na fazenda de Joaquim Luiz; outro em Bagaçu; outro em Guaraci. Os corpos eram sepultados sem qualquer formalidade religiosa ou legal, até a instalação do distrito de paz em 1908. A grande taba dos índios guaranis localizava-se onde posteriormente foi a serraria de Manoel Rainho, próxima ao Pátio da Prefeitura. O cemitério dos guaranis era um descampado onde depois foi o campo do Olímpia F.C. e finalmente o Grupo Escolar D^a Anita Costa. Havia outro num local denominado "Infeminho", na fazenda São Domingos.

MODO DE VIVER

Nesse tempo, não havia estradas, somente caminhos e trilhas. Os rios não possuíam pontes e as chuvas torrenciais alagavam tudo. Animais ferozes rondavam dia e noite os ranchos e clareiras abertas nas florestas. Os tratamentos de saúde eram feitos com remédios caseiros e benzeções. Os mais velhos desempenhavam o papel de médicos, parteiros, etc. Os primeiros habitantes eram na maioria analfabetos. Não havia vida espiritual propriamente dita, nem padres, nem igrejas. O povo era descrente ou com fé primitiva com tendências católicas. Comemoravam com festas profanas os dias de São João, São Pedro, Santo Antônio, Natal e Reis. Raramente se rezava o terço. A fé foi se desenvolvendo aos poucos com o advento de novos habitantes. A união de fato era regra para a maioria. Em virtude da desigualdade numérica entre os sexos, velhos uniam-se a moças, negros a brancos, senhores a escravos, brancos a índios. Somente os membros das principais famílias e mais afortunadas vinham de longe já



Um dos túmulos do cemitério abandonado há mais de um século - Bairro São Benedito.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

casados, ou para longe se dirigiam para estes misteres.



A rua Síria ladeada por pinheiros. Ao fundo o cemitério São José, inaugurado em 1914. Projeto do Eng. Leonardo Posella II.



Atual fachada do cemitério São José.

Somente por volta de 1906, com a vinda dos imigrantes, as raças se definiram em grupos, principalmente os imigrantes italianos, portugueses, espanhóis e sírios.

ABERTURA DAS ESTRADAS

Por volta de 1900 havia uma estrada de carros de bois que saía de Bagaçu, seguia o curso do bairro "Laranjeiras", passava pela Fazenda Capituva, na fazenda "Velha" de Joaquim Braz Machado e daí seguia para Sebastião do Turvo, perto de Cajobi. Ali, bifurcava-se em duas estradas: uma atravessava o rio Turvo indo até São José, Irupi e Jaboticabal. A outra margeava o Rio Turvo e ia para Bebedouro passando por Avandava. O picadão entre Olímpia e Monte Azul passava por Álvora, Severínia, Monte Verde e Marcondésia. O picadão entre Olímpia e Itambé foi feito em 1902 pelas famílias Cardoso, Pedroso e Juca Preto. O picadão entre Olímpia e Guaraci foi feito de lá para cá, em

1898, por Francisco Braz Machado, para fins de caça, com a colaboração da família Antônio Joaquim dos Santos. Em 1906, Salustiano Custódio da Silveira, com a colaboração dos Claudino Pedroso e Rogerinho de Toledo, completou a estrada de Barretos a Itambé e de Itambé a Olímpia, prolongando-a até a fazenda São Domingos. O picadão de Olímpia a Bagaçu foi feito pela família de Antônio Joaquim dos Santos com o auxílio dos Alves de Lima e Joaquim Luiz, por volta de 1897, passando pela fazenda Boa Vista. O picadão entre Olímpia e Capituva foi aberto em 1896 pela família de Joaquim Braz Machado, melhorado, depois, por Vicente Siqueira. Foi assim que surgiram as primeiras trilhas e estradas.

AS PONTES

A ponte sobre o rio Turvo-Bagaçu foi construída por José Valério em 1906; a de São Benedito em 1910, pelo Cel. Francisco de Melo Nogueira; a da Cachoeirinha, em 1912, por Leonardo Posella II, com a colaboração das famílias Cardoso, Barreto, Pedroso, Juca Preto e Brancalhão.



Ponte sobre o Rio Cachoeirinha construída por Leonardo Posella II.

As pontes posteriores, de São Benedito, Cachoeirinha e Altair, foram iniciadas na administração do governador Armando de Salles Oliveira e terminadas na gestão do governador Adhemar de Barros,



Coronel Francisco de Mello Nogueira

pelo Estado. A obra moral dessas pontes deve-se ao Dr. Francisco Bernardes Ferreira, prefeito municipal; elas foram concluídas na gestão do prefeito Dr. José Lopes Ferraz.



Ponte sobre o rio, construída por Chico Bernardes, 1949.

A criação, em 1892, do distrito de Bebedouro, restituído a Jaboticabal, despojou o município do Espírito Santo de Barretos de parte de seu enorme território. Restou-lhe, ainda, considerável superfície, explorada por homens que haviam tomado posse de terras, no avanço do pioneirismo durante o século XIX.

Entretanto, à proporção que os anos passavam, o fluxo de outros indivíduos, gulosos de terras férteis e campos vastos, vinha se tornando séria ameaça aos legítimos direitos dos antigos posseiros que, mantendo as glebas abertas, não cercadas nem divididas, sentiram a necessidade de mandar demarcá-las.

Foi na época das grandes divisões de terras em todo o município, cuja porção menos desenvolvida formava o **SERTÃO DOS OLHOS D'ÁGUA**, cortado pelo rio Turvo, pelo rio Cachoeirinha e por ampla rede de pequenos atributos. Por possuir tantas minas é que recebeu o nome de Olhos D'Água.

O movimento nesses sertões era intenso. A fama de terras férteis, com madeiras de lei e a possibilidade de enriquecimento espalharam-se

para outras localidades, despertando, principalmente nos imigrantes italianos, portugueses e espanhóis, a possibilidade de possuírem sua própria terra, seu próprio cultivo, enfim, explorar a terra nua que estava à espera para ser cultivada, desenvolvida e explorada. Foi a partir dessa época que a região começou a ter um desenvolvimento muito grande, principalmente no setor agrícola.

VIDA SOCIAL

Em 1905 a vida social em Olímpia era primitiva e simples. Consistia no trabalho rural, pesca e caça. Os lugares mais próximos eram São Sebastião do Turvo e São Miguel, antigos povoados entre Cajobi e Albuquerque. São Miguel e Albuquerque já não existem mais. Os casamentos e batizados eram feitos aqui no povoado. Os que faleciam em Olímpia eram sepultados sem certidão de óbito, nem atestado médico e o cemitério era particular. Não havia recursos médicos, ou escolas.

Farmacêuticos e atendimento hospitalar somente em Jaboticabal e a viagem demorava quatro dias. Havia falta de mulheres e os casamentos entre pessoas de diferentes raças era muito comum. Viviam juntos até terem uma oportunidade de oficializar o casamento.

Isto legalizou-se somente quando o Estado implantou um Cartório e nomeou uma autoridade. Nem cadeia havia. Existia uma peroba ao longo da Praça da Matriz e ali eram amarrados os marginais e foras da lei até serem soltos e mandados embora.

A SAÚDE PÚBLICA NOS PRIMEIROS TEMPOS

Para o estudioso e pesquisador espírito científico da época a vida de um município tem relevante interesse sobre todos os aspectos, especialmente em relação à vida humana.

A evolução histórica de uma região se processa naturalmente do pior para o melhor, com o tempo, com o trabalho coletivo, com o esforço médico e farmacêutico. Olímpia foi sertão bruto, coberto de florestas, ensombrado, banhado de água por todos os lados, com inúmeros rios córregos e lagos. De clima tropical muito instável, em planície baixa, sem elevações apreciáveis, com altitude média inferior a 500 metros acima do nível do mar, com temperatura inconstante e úmida, variando de 14 a 34 graus à sombra. Seus pontos são marcados pela longitude de 48°, 55', 18" E a latitude de 20°, 40' e 12" sul, em solo pobre de fósforo, cálcio e ferro. Olímpia era muito insalubre no começo de seu povoamento.

A princípio, a maleita, o amarelão e o tracoma eram endêmicos. Com o início do descortinamento, povoamento e iluminação do solo, drenagem dos córregos e esforço médico e posteriormente riquíssima organização hospitalar, que chegou a ser uma das melhores do interior do Estado de São Paulo. O amarelão



Capitão Leonardo Posella II Grande benfeitor de Olímpia.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

e a maleita foram substancialmente reduzidos e o tracoma extinto da região. A tuberculose também dizimou muita gente em Olímpia. Os ricos doentes iam se tratar em Campos do Jordão e São José dos Campos. Os doentes pobres permaneciam aqui até a morte.

Neste primeiro fascículo, preparamos os fatos mais importantes que aconteceram em Olímpia desde o ciclo da civilização indígena até o ano de 1906, com a chegada dos desbravadores por Antônio Joaquim dos Santos, as cinco primeiras famílias a aportar e desenvolver nossas terras. Não há dúvidas de que temos que ter um cuidado especial em não omitir nomes e personagens tão importantes nos primórdios de Olímpia.

Em outras edições, gradativamente iremos inserir as famílias por ordem de chegada em nossa cidade, que correspondem a 268.

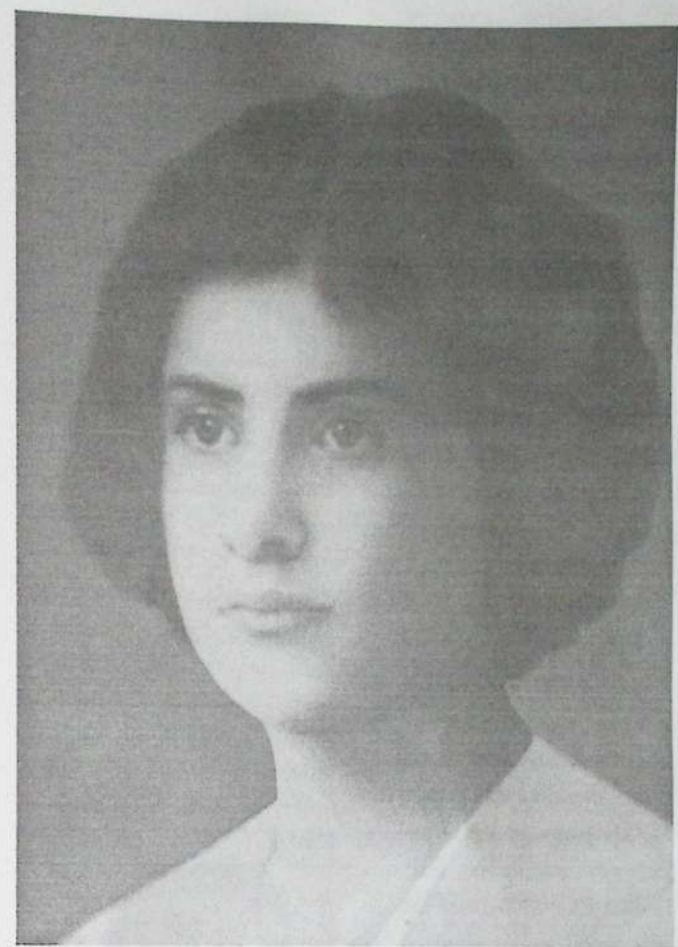
MARIA OLÍMPIA

São Paulo, 2 de fevereiro de 1897. Nascia Maria Olímpia, filha do Dr. Antônio Olímpio Rodrigues



Dr. Antônio Olímpio e sua filha Maria Olímpia.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Vieira, Promotor de Justiça da Comarca de Barretos (antes de entrar na política partidária,) e de D^a Isoleta Carneiro Arantes Vieira. Levada à pia batismal pelo engenheiro escocês Dr. Robert John Reid e a tia Mariana Arantes, veio para a terra barretense 40 dias após seu nascimento.

FILHINHA, como a chamavam na intimidade, contava apenas seis anos de idade, quando o padrinho Dr. Reid e vários doadores de terras fundaram o povoado de São João Batista dos Olhos D'Água. A importante participação do engenheiro Reid, na criação do novo núcleo urbano, justificava a mudança, sugerida por

ele, do nome do vilarejo para Vila Olímpia, como, aproximadamente um ano depois passou a ser chamada, numa homenagem muito significativa à afilhadinha que batizara a pedido do amigo deputado.

Tanto assim, que *O Barretense*, único jornal de Barretos, a 27 de março de 1904, noticiou o batismo do arraial, pelo padre Ernesto Urbani, com o nome de Vila Olímpia. A 26 de junho do mesmo ano, o Dr. Antônio Olímpio apresentou à Câmara o projeto para a criação do distrito da futura Vila Olímpia. Entretanto, somente a 18 de dezembro de 1906, em atenção ao pedido do chefe político do partido Pica-pau, criou o governo do

Dr. Jorge Tibiriçá, por força de lei estadual nº 1035, o distrito, cuja sede foi, no dia seguinte, elevada à categoria de Vila, com a denominação, já consagrada pelo uso, de Vila Olímpia.

Atingida a idade escolar, Maria Olímpia seguiu com a mãe para São Paulo, indo ambas residir na casa da tia e madrinha D^a Mariana Arantes. Matriculada no Colégio das Irmãs do Coração de Jesus, que mais tarde passaria a chamar-se Colégio Madre Cabrini, Maria Olímpia fez ali todos os seus estudos.

Por esse tempo, Maria Olímpia passava suas férias em Barretos, na residência do Coronel Antônio Ferreira de Melo Nogueira, e muita vez, vinha para a fazenda do filho dele, Coronel Francisco de Melo Nogueira, em Vila Olímpia.

Numa dessas visitas à família Chico Nogueira dela se aproximou guapo estudante de Direito em São Paulo, que, depois de séria enfermidade, viera convalescer no interior, em casa do pai Manoel Inocêncio Marcondes de Andrade, farmacêutico na Vila desde 1912. O moço, acadêmico, que se chamava Mário Vieira Marcondes, costumava ver Maria Olímpia na capital, quando passava de bonde pela rua em que ela morava. Jamais supôs que iria conhecê-la de perto e apaixonar-se pela linda moça. Antes mesmo de terminar o ano de 1914 quando teve o início do namoro, os dois jovens ficaram noivos. Foi nessa fase que Mário escreveu uma poesia para ela:

FILHINHA

Nunca viste um passarinho
Soluçando de saudade?
De saudade de seu ninho
Que levou a tempestade.

Nunca viste no caminho
Sem mãe, sem pae, na orphandade
Meiga creança, doce anjinho,
Implorando a caridade?

Assim eu passo na vida
Sem consolo e sem guarida...
Consola o pobre, por Deus!

Torna-se feliz, satisfeito!
Co' o amor do teu peito,
Co' o riso dos lábios teus.

Mário
23/05/1915

Em fins de 1915, no terceiro ano de Faculdade, Mário Vieira Marcondes abandonou o curso jurídico, vindo definitivamente para Olímpia. Levado pelas mãos do futuro sogro, Mário entrou para as hostes do Partido Republicano Paulista.



O jovem Mário Vieira Marcondes.

A 11 de junho de 1916, o casamento de Mário e Maria Olímpia foi evento social de rara repercussão. O recém-casado abriu escritório de advocacia com o Dr. Antônio Olímpio e o Capitão Leonardo Posella Segundo. Este último, a despeito de ser adversário político

do Dr. Antônio Olímpio e do genro Mário Vieira Marcondes, pois sempre fora partidário do Cel. Silvestre de Lima, exercia atividades de agrimensor para o escritório.

A 10 de julho de 1917 nasceu a primeira filha do casal. A garotinha que teve o nome de Ana Olímpia, porém, viveu apenas 1 ano e 6 meses. A segunda filha, que como a mãe se chamava Maria Olímpia, nasceu a 23 de dezembro de 1920.

Em 1923 aqui estive o engenheiro Robert John Reid Viera visitar Maria Olímpia, sua afilhadinha, bem como a família Dr. Antônio Olímpio e sua esposa. Em seguida levou-os a passeio na sua bela chácara em Campos do Jordão.

Em 10 de junho de 1924, Maria Olímpia contraiu uma enfermidade, que a deixaria parálitica. Foi para São Paulo à procura de alívio para seus males. Depois de muitos anos de enfermidade e paralisação, sempre acompanhada de uma enfermeira, foi residir na fazenda Moreira, próximo a um frigorífico arrendado por Mário Vieira Marcondes. A vida, na propriedade agrícola, deu novo alento a Maria Olímpia. Dotada de uma enorme força de vontade conseguiu o que parecia impossível: voltar a andar, embora com enorme dificuldade.

Em 1930 seguiu Maria Olímpia para São Paulo em tratamentos especiais, até o nascimento de um filho que veio ao mundo em 3 de dezembro de 1930. Recebeu o nome de Mário Vieira Marcondes Filho.

Depois do nascimento do menino, foram buscar Mário Vieira Marcondes o qual voltou a fazer política na cidade da qual fora o

primeiro prefeito, cargo que ocupou mais três vezes, além de ter sido vereador, presidente da Câmara Municipal e Oficial de Registro de Imóveis.

Maria Olímpia voltou assim à sua cidade. Posteriormente voltou novamente para Barretos, onde Mário se dedicou alguns anos à agricultura, só voltando para a política por ocasião da campanha a favor do Dr. Adhemar Pereira de Barros. Com a vitória de Adhemar, Mário Vieira Marcondes foi nomeado Prefeito de Barretos, posto que ocupou durante um ano, sendo em seguida eleito vereador e presidente da Câmara Municipal. Candidatou-se por último, a prefeito, vencendo por uma longa margem de votos. Não pôde, entretanto, exercer plenamente esse cargo, pois grave enfermidade acabou por levá-lo à morte. Faleceu na fazenda Boa Esperança, de seu genro Arnold Bulle Junior, em Monte Verde Paulista, às 16 horas e 30 minutos do dia 27 de maio de 1952 e foi sepultado em Olímpia.

Viúva, Maria Olímpia Rodrigues Vieira Marcondes ainda viveu alguns anos depois da morte



Maria Olímpia já com idade avançada, nos últimos anos de vida.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

do companheiro. A menina, que emprestou o seu nome à nossa cidade, veio a falecer em 14 de novembro de 1969 em São Paulo sendo seu corpo sepultado no Cemitério da Consolação.

Dados biográficos: O Dr. Robert John Reid nasceu na cidade de Iverness na Escócia, em 22 de dezembro de 1868, e faleceu em Campos do Jordão (SP), em 26 de novembro de 1937.

Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira nasceu em Barbalhos (CE) em 1872 e faleceu em Barretos em 30 de novembro de 1942.

Mário Vieira Marcondes nasceu em Lorena (SP), em 16 de dezembro de 1893, e faleceu em Monte Verde Paulista no dia 27 de maio de 1952.

Maria Olímpia Rodrigues Vieira Marcondes nasceu em São Paulo em 2 de fevereiro de 1897 e faleceu em São Paulo em 14 de novembro de 1969.

O FUNDADOR

A criação do povoado de São João Batista dos Olhos D'Água, a 2 de março de 1903, foge à regra convencional. Normalmente se cria um núcleo em determinado local e, a partir desse ponto, é iniciada a sua expansão e desenvolvimento.

Em nosso caso, quando o engenheiro Robert John Reid finalmente conseguiu convencer os 26 condôminos a doar partes de sua terra para constituir o patrimônio, já existiam muitas fazendas nas cercanias, todas povoadas. Antônio Joaquim dos Santos, o primeiro desbravador que aqui chegara, em 1857, já houvera falecido há mais

de 30 anos, deixando 236 condôminos rurais. Parte dos doadores nem sequer faziam parte da família Antônio dos Santos.

Nos primeiros documentos e jornais de Barretos, de Olímpia, revistas que se referem ao fundador de Olímpia, como vamos aqui ilustrar, apontam como responsável direto e principal coordenador da fundação do patrimônio o engenheiro Reid.

Assim também concluiu o Professor e historiador. Rotschild Mathias Netto, após muitos anos de pesquisa e estudos.

O primeiro historiador da criação de Olímpia, Dr. Bianor da Silva Medeiros, preferiu atribuir o mérito a Antônio Joaquim dos Santos, falecido muitos anos antes da criação do povoado, e cujos méritos na história são inquestionáveis, mas que nada tem a ver com a criação do povoado.

A atuação direta do engenheiro Reid junto ao Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, deputado estadual por Barretos, era também o caminho direto para que as aspirações e os objetivos de Reid fossem atendidos em São Paulo junto aos poderes executivos e legislativos. O fato do Dr. Reid ser amigo e compradre de Antônio Olímpio e de ter pedido ao deputado que se colocasse no novo núcleo o nome de sua filha (afilhada de batismo de Reid) não pode ser desprezado como fator de importância para a comprovação dos fatos.

Vamos agora extrair de jornais, revistas e documentos, textos e artigos que vão sanar quaisquer dúvidas em relação ao verdadeiro responsável pela criação do povoado que viria a ser a cidade de Olímpia.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Fernando de Barros Furquim
Olímpia - SP

Em 1940, a revista "Anuário do Município de Olímpia", em uma de suas primeiras páginas, homenageava a figura do Dr. Robert John Reid com as referências abaixo reproduzidas:

Ao Dr. Roberto John Reid
(FUNDADOR DE OLÍMPIA)
As suas homenagens de respeito e a mais
alta da inteligência local.

Temático, por estas paragens o Engenheiro Roberto John Reid, em serviço de divisão da "Fazenda Olhos d'Água", quando ao seu cômodo de trabalho de noite e logo visto surgiu a ideia que logo depois foi posta em prática, questionando aos condôminos da "Fazenda" em apreço da necessidade da formação de um povoado aqui, onde se estabeleceu um comércio que servia à população das redondezas, até então já densa e que só contava para o seu abastecimento com Barretos, o posto mais próximo.

Com o denodo próprio dos valentes que se empenharam por uma vida superior das fátas e um amor acendado aos grandes empreendimentos, o Engenheiro Roberto John Reid lutou e venceu, conseguindo que os condôminos da "Fazenda" fizessem a doação dessa Patrimônio.

Eis acima um trecho extraído da "Revista Agrícola", datada de 1925, publicada por Gualtiero Mori, atribuindo ao Dr. Reid a fundação de Olímpia.

Achamos que tais documentos, selecionados dentre outros, sejam suficientes para definir de uma vez por todas quem foi quem na história.

Durante as nossas pesquisas acerca do assunto, buscamos incansavelmente em jornais e revistas, documentos, uma foto do engenheiro Reid. Nas homenagens prestadas ao fundador, os medalhões em que deveria aparecer sua figura sempre estava em branco. Ninguém sabia como era o engenheiro Reid. Apenas descrições vagas extraídas das memórias dos mais antigos, apontavam-no como um homem de boa estatura, claro, de bigodes, fina educação cultural e inteligência extensas.

Robert John Reid veio para demarcar terras em nossa região.

Apesar de grandes posses, os condôminos não possuíam dinheiro e pagavam os honorários com pedaços de terras.

Desta forma, o engenheiro Reid recebia seus honorários em pequenos pedaços de terras, conforme documentos arquivados. Reid não era um homem apegado as coisas materiais e distribuía aos menos favorecidos a maior parte de seus ganhos, visto que faleceu sem possuir grandes posses e quase sem recursos.

Não poderia Olímpia ter a sua história sem o retrato do seu fundador. Em jornais e revistas antigas encontramos, certa feita, a notícia do seu falecimento ocorrido em São José dos Campos (SP). Apesar da intensa busca e pesquisas, não encontramos nenhuma referência a Robert John Reid naquela cidade. Finalmente, em antigo jornal, encontramos uma nota inserida na coluna social, noticiando a visita do engenheiro Reid à sua afilhada Maria Olímpia que aqui se encontrava enferma, e como tinha especial carinho pela sua afilhadinha desde tempos remotos, convidou-a a

Recibo de sua Maria Joaquina
Fernandes a quantos de terra
milhares por cento de preço
de dez alqueires de terra na
fazenda dos Olhos d'Água
que a mesma para sempre
antes desta.

Barretos (Olhos d'Água)
19 de dezembro de 1902
Robert John Reid

Reconheço a forma supra
Barretos, 1.º de Agosto de 1904.
Em Olhos d'Água de São
Francisco de A. Silveira
R. Silva

Fazenda Palmeiras, recibo que Reid deu a Manoel Joaquim Fernandes no valor de 100 mil cruzeiros, representados por 10 alqueires de terras referentes a serviços prestados na divisão das terras, selado e datado no dia 19 de fevereiro de 1902, com assinatura de Reid e firma reconhecida no 1º cartório de Barretos no dia 14 de agosto de 1904.

passar uns dias em suas belíssima chácara em Campos do Jordão.

Era o início do fio da meada. Direcionamos nossa busca para aquela cidade e, finalmente, depois de muitos contatos com membros da cultura de Campos do Jordão, conseguimos um exemplar da revista da CEESP, a qual, além da foto, trazia também a biografia do

engenheiro escocês.

Ficamos surpresos ao saber que Reid fora figura proeminente, tonando-se nome de rua e um dos principais fundadores de Campos do Jordão. Eis o que extraímos, em resumo de sua vida:



Engenheiro Robert John Reid

"Robert Jonh Reid, formado pela Universidade de Oxford (Inglaterra), chegou ao Brasil em 1896. Trabalhou na Cia Paulista de Estradas de Ferro e fez o trabalho de divisão da fazenda Natal".

"Em suas terras fundou em 1915 a localidade do centro de Campos do Jordão, então conhecida como Vila Nova, e, a partir de 1919, por sua sugestão, Vila Albernéssia".

"Reid criou em 1912 a Empresa Elétrica de Campos do Jordão, que em 1928 passaria a denominar-se Cia de Eletricidade de Campos de Jordão".

"Doo um terreno para a construção de uma estação de estrada de ferro e sugeriu que lhe fosse dado o nome de Abernéssia (que lhe lembrava a sua terra natal na Escócia)".

Apesar de a Câmara Municipal de Olímpia ter decretado como fundador da cidade Joaquim Miguel dos Santos, num projeto do ilustre vereador Dr. Américo Bathaus, o nome de Robert John Reid ainda é citado como o real fundador de nossa terra.

Sem o intuito de criar polêmicas, temos que assinalar que Joaquim Miguel dos Santos teve imenso valor quando, juntamente com Reid, foi importante para que os condôminos (quase todos seus parentes) se prestassem a doar nesgas de suas terras para a formação do povoado. Consta seu nome como tesoureiro da comissão para a construção da primeira capela em 1904 e como o primeiro a doar parte de suas terras. Joaquim Miguel dos Santos em 1906 mudou-se para Tupã, onde viveu até seus últimos dias.

Em 1905, com a abertura das Praças Matriz e Rui Barbosa e com a construção da primeira igreja, Olímpia começou a receber gente de muitos locais que aqui veio se estabelecer, entusiasmada pela fama da riqueza e da fertilidade das terras.

A partir da primeira loja, denominada "Loja do Povo" pelo imigrante sírio Jorge Aidar, os domicílios residenciais e comerciais começaram a se multiplicar principalmente ao redor das praças.

Apesar da possibilidade de uma agricultura forte, os fazendeiros produziam apenas para o próprio consumo e para troca, porque a falta de estradas e escoamento não permitia um desenvolvimento mais amplo.

Os olimpienses, tendo a frente o engenheiro Robert John

Reid, com o auxílio do Coronel Francisco de Mello Nogueira, Narciso Bertolino, Cel. Manoel Soares de Medeiros, os Mirandas, todos os moradores, usando do prestígio do deputado Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, (que junto ao governo de São Paulo trabalhava intensamente para criar o distrito de Olímpia), conseguiram que a cidade se livrasse da tutela de Barretos, seguindo por si mesma seu destino.

Finalmente, atendendo ao pedido do líder político Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, o governador de São Paulo Dr. Jorge Tibiriçá pela lei estadual nº1035 de 18 de dezembro de 1906, criou o distrito, cuja sede foi, no dia seguinte, elevada a categoria de Vila, já com a denominação de Vila Olímpia.



Dr. Jorge Tibiriçá, que pela lei 1.035 de 18 de dezembro de 1906, criou o distrito, cuja sede foi elevada à categoria de vila, já com o nome consagrado de Vila Olímpia.

Em agradecimento ao ato do governador que atendeu aos apelos dos olimpienses, através do Dr. Antônio Olímpio, Reid deu o nome do governador a uma das ruas de Olímpia, o qual foi mudado depois para rua David de Oliveira.

A cidade de Olímpia foi fundada no ano de 1902. Foi seu principal fundador o engenheiro Roberto John Reid, há pouco falecido na cidade de São José dos Campos. Nessa época procedia o Dr. John Reid a divisão da "Fazenda Olhos d'Água" quando teve a feliz ideia de lembrar aos condôminos a necessidade de se formar aqui um povoado onde se estabelecesse um comércio que servisse à população já densa das redondezas, que só contava com Barretos como ponto mais próximo de abastecimento. O Dr. Reid lutou corajosamente pela fundação do povoado e fez com que os condôminos da fazenda doassem para Patrimônio 100 alqueires de terra no lugar da cidade. De tal arte procedeu o Dr. John Reid, que sem grande peso para nenhum dos doadores, conseguiu o patrimônio todo, visto terem entrado para a formação geral, pequenas partes de cada um. A 3 de Maio de 1902, pelos habitantes que então se localizavam às margens do rio "Olhos d'Água", foi erguido o Cruzeiro da cidade e que continua ainda no seu lugar primitivo, carinhosamente conservado pelo industrial sr. Bartolomeu Itavo, como uma homenagem aos fundadores de Olímpia e ao mesmo tempo de respeito aos primeiros habitantes da cidade. A 9 de Julho de 1903 foi feita a doação, por escritura pública, ao patrimônio de "São João Batista dos Olhos d'Água" pelos senhores Francisco dos Reis, dona Inácia Eua de Jesus, Miguel

O trecho acima foi reproduzido da revista "Anuário do Município de Olímpia", publicado em 1940. Artigos do mesmo teor podem ser encontrados na "Enciclopédia dos Municípios", volume XXX, página 200, colocando Reid como responsável direto pela fundação de Olímpia.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



6 Congresso Legislativo do Estado de São Paulo decreta:

Art. 1º: Fica criado o distrito do par do Villa Olympia, no município e comarca do Ribeirão.

Art. 2º: As divisas do referido distrito são as seguintes:

Principiando na margem direita do rio Turvo, no ponto onde o perímetro da Fazenda Olhos d'Água parte do dito rio, segue pelo perímetro desta fazenda até fronteiras da cabeceira do córrego do Baixão e desce em linha recta até esta cabeceira e pelo rio da este ribeirão até à barra do córrego das Onças, e sobem por este córrego até à sua última cabeceira e daí em rumo até ao espigão que forma o de-vertuam aquatum entre o ribeirão da Cachoeirinha e o rio Turvo do lado esquerdo, e o rio Tardo e o rio Grande do lado direito, e seguem por este espigão, abrangendo todas as vertentes da margem direita do rio Turvo até ao espigão, que divide as fazendas bris-queira e Sant'Anna e seguindo pelas divisas entre estas fazendas até ao rio Grande, por este abaixo até a barra do rio Turvo, e por este acima até ao ponto onde tiveram co-mença as divisas.

Art. 3º: Ficam revogadas as disposi-ções em contrario.

Avenidas: 1 - Internacional. 2 - 15 de novembro 3 - Brasil.

Praças: 1 - Matriz. 2 - Rui Barbosa. 3 - São Benedito. 4 - Liberdade e 1906 - Retalhos da História.

Em 1906 Narciso Bertolino criava a primeira farmácia em Olímpia com o nome de "Farmácia Popular". Foi instalada na rua São João, onde hoje, é a Banca de Revistas Camafeu.

Em 1906, a pedido do engenheiro Reid, traçava o mapa dos quarteirões de Olímpia, com 29 ruas, 5 praças e 3 avenidas.

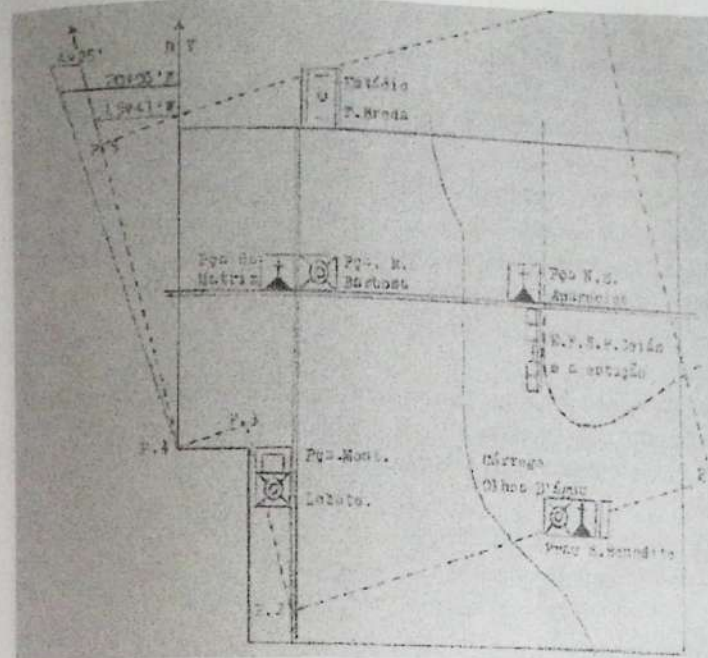
Ruas: no sentido leste-oeste: 1 - Benjamin Constant, 2 - Marechal Deodoro 3 - Floriano Peixoto 4 - Bernardino de Campos 5 - Jorge Tibiriça 6 - 9 de julho 7 - Américo Brasiliense 8 - Avenida 15 de novembro. 8 - Engenheiro Reid. 9 - Duque de Caxias 10 - Castro Alves 11 - Timbiras e 7 de setembro Ruas no sentido norte-sul: 1 - Rua Síria 2 - Conselheiro Antônio Prado 3 - Antônio Olímpio 4 - São João 5 - Cl. Francisco Nogueira 6 - Joaquim Miguel dos Santos 7 - General Osório 7 - Senador Rodrigues Alves 8 - Veiga Miranda 9 - Cel. José Medeiros 10 - Washington Luiz e rua Silva Jardim.

Nossa Senhora Aparecida.

Essas ruas não são exatamente as que foram inseridas no mapa da cidade, cujo original se encontra na Casa Paroquial de Olímpia.

Houve muitas e mudanças. É necessário, e de importância histórica, que coloquemos as ruas cujos nomes foram seleccionados por Wilhian Leaterbarrow e as mudanças que sofreram.

A rua Síria, que ostenta esse nome em homenagem ao primeiro sírio a chegar a Olímpia, em 1903, e



Mapa da cidade de Olímpia

o primeiro comerciante local, não teve mudança de nome.

Em 29 de setembro de 1899, foi nomeado o agrimensor Robert John Reid para os trabalhos da divisão da fazenda Olhos d'Água. Em 31 de janeiro de 1900, deu início aos trabalhos pertinentes, terminando em 1 de junho de 1903. O primeiro pagamento foi transcrito em 23/2/1904 e o último em 15/9/1904. Consta também o pagamento n.º 100 feito ao Patrimônio de São João Batista dos Olhos d'Água correspondente a 170 hectares de terra, dentro de um perfmetro descrito com rumos e distâncias que me serviram na elaboração deste trabalho. Segundo o agrimensor, a declinação magnética do ano de 1902, foi de 04° 25' - w-. Em 18/3/1977, fiz um modesto trabalho sobre essa matéria. Através de cálculos, encontrei para 03/5/1902 uma declinação de 04° - 17' 15" - w, bem aproximada, pois a diferença com o agrimensor Rei de 007,45" - w-CONFRONTANTES - "ponto 1-2, 83° - w 111246m com rua

Joaquim Miguel dos Santos e outros, atualmente Av. Dr. Andrade e Silva; p 2-3, 07° - w - 460 metros e oeste 188 metros com João Marcelino da Silva, atualmente rua Dr. Antônio Olímpio e Av. Dr. Waldemar L. Ferraz; p 4-5, 07° N.W. 755 metros com Dª Mariana Ignácia de Jesus e o sócio Joaquim Franco, atualmente rua Síria; p 5-6, 83° NE, 1432 metros com Joaquim Miguel dos Santos e outros, atualmente Rua Benjamin Constant; P 6-1, 07° SE 1214 metros com os mesmos confrontantes, atualmente Av. Mário Vieira Marcondes- As linhas de pequenos traços enumeradas de 1 a 6, mostram a posição do Patrimônio no ano de 1902 e a de 18/3/1997 com 20° 06' - w acusando uma diferença de 15° 41' com os 4° 25' do agrimensor John Robert Reid.

Obs. Este trabalho foi realizado pelo Sr. Genésio Cândido de Castro, agrimensor licenciado, e data de 24 de novembro de 1998.

O TRAÇADO DAS RUAS E PRAÇAS

Encontra-se na Paróquia de São João Batista de Olímpia o traçado original das ruas de Olímpia, com a assinatura de Reid e datada de 1906, com cópia na Casa de Cultura.

Houve, daquela data até hoje, algumas modificações nos nomes das ruas. O detalhe singular, é que da margem esquerda do córrego Olhos d'Água até a rua Síria as ruas tinham um nome. A partir da outra margem até a Av. Mário Vieira Marcondes o nome era outro, como veremos a seguir.

A atual Av. Mário Vieira Marcondes chamava-se Avenida Internacional; a Av. XV de Novembro passou a chamar-se Av. Dr. Waldemar Lopes Ferraz; a Av. Paulista mudou o nome para Av. Andrade e Silva; A Avenida Brasil permaneceu com esse nome até a construção do G.E. Santo Seno; no trecho subsequente teve o nome mudado para Avenida dos Olimpenses; a avenida Aurora Forti Neves, a Constitucionalista e as outras hoje existentes., na época, eram lugares vagos.

PRAÇAS: No mapa em questão, foram definidas as Praças: Matriz, Rui Barbosa, Liberdade e Altino Arantes; a praça de São Benedito era reservada para a construção da cadeia, e a Praça Nossa Senhora Aparecida, reservava espaço para um futuro teatro.

AS RUAS: as ruas no sentido norte-sul, pelo mapa original, tinham as denominações da seguinte forma: Rua Benjamin Constant. Marechal Deodoro no primeiro trecho; Rua das Flores no segundo.

Rua Floriano Peixoto no primeiro trecho; Rua Carlos Gomes no segundo.

Rua Bernardino de Campos no primeiro trecho; Rua Santos Dumont no segundo.

Rua Pedro Álvares Cabral no primeiro trecho; Rua Jorge Tibiriçá no segundo.

Rua Prudente de Moraes no primeiro trecho; Rua Cristovão Colombo no segundo (após a revolução passou a chamar-se Rua 9 de julho).

Rua Américo Brasiliense no primeiro trecho; Rua Camões no segundo, Rua 7 de Abril no primeiro trecho; rua Engenheiro Reid, no segundo e um terceiro trecho chamado Rua Guerra Junqueiro.

Rua Duque de Caxias no primeiro trecho; Rua Castro Alves no segundo.

Rua Timbiras no primeiro trecho; Rua 7 de Setembro no segundo.

Rua Conselheiro Antônio Prado no primeiro trecho; Rua Bispo de Barros no segundo.

Rua Dr. Antônio Olímpio no primeiro trecho; Rua Helvétia no segundo.

Rua São João no primeiro trecho; Rua Barão do Rio Branco no segundo.

Rua Cel. Francisco Nogueira no primeiro trecho; Rua Joaquim Nabuco no segundo trecho, com um terceiro trecho chamado Rua Gal. Osório.

Rua Joaquim Miguel dos Santos no primeiro trecho; Rua Eliseu Rhoote no segundo trecho e um terceiro trecho chamado Rua General Glicério.

Rua General Osório no primeiro trecho; Rua dos Mirandas no segundo e um terceiro com o nome Rua Joaquim Miguel dos Santos.

Rua Senador Rodrigues Alves no

primeiro trecho; rua Passeo Hespanha no segundo e um quarteirão confrontando com a Avenida Paulista, chamado Rua Ceci.

Rua Veiga Miranda no primeiro trecho; Rua Minerva no segundo.

Rua Cel. José Medeiros no primeiro trecho; Rua Aymoré no segundo e um terceiro trecho chamado Rua Galileu Galilei.

Rua Washington Luiz no primeiro trecho; Rua Guarani no segundo e um terceiro chamado Rua Alfredo Elis.

Rua Silva Jardim no primeiro trecho; Rua dos Andradas no segundo.

Convém observar que, na gestão curta do Dr. Alcides de Avelar, por questões políticas, foram extintas as ruas Dr. Antônio Olímpio e Cel. Francisco Nogueira.

Em 1936, ao ser eleito, o Comendador Francisco Bernardes Ferreira, homem de caráter e honestidade sem precedentes fez voltar os nomes de Chico Nogueira e Dr. Antônio Olímpio às ruas de nossa cidade, nomes que permanecem até hoje.

Foi nesse tempo que reformularam os nomes das ruas, sendo algumas extintas, e suprimindo-se os segundos e terceiros trechos ficando, então, da seguintes forma:

Avenidas:

1 - XV de Novembro, atual Dr. Waldemar Lopes Ferraz.

2 - Avenida Internacional, atual Av. Mário Vieira Marcondes.

3 - Avenida Paulista, atual Av. Dr. Andrade e Silva.

4 - Avenida Brasil, separada com um segundo trecho denominado Rua dos Olimpienses.

Praças- Rui Barbosa, Matriz, N. S^a

Aparecida, Altino Arantes e Liberdade. A Praça da Liberdade deu lugar ao Grupo Santo Seno. Ruas:

1- Silva Jardim

2- Washington Luiz

3- Cel. José Medeiros

4- Veiga Miranda

5- Senador Vergílio R. Alves

6- 13 de Maio

7- General Osório

8- Joaquim Miguel dos Santos.

9- Cel. Francisco Nogueira

10- São João

11- Dr. Antônio Olímpio

12- Cons. Antônio Prado

13- Sória

14- José Clemêncio

15- Caetano Gotardi

16- Benjamin Constant

17- Marechal Deodoro

18- Floriano Peixoto

19- Bernardino de Campos

20- Jorge Tibiriçá

21- 9 de Julho

22- Américo Brasiliense

23- Tiradentes

24- Engenheiro Reid

25- 7 de Abril

26- Castro Alves

27- Duque de Caxias

28- 7 de Setembro

29- Timbiras.

Dentro do perímetro dos 100 alqueires recebidos para a formação do patrimônio, ficaram situadas essas ruas. Atualmente, a cidade já cresceu muito mais e apesar de possuir centenas de outras ruas, as acima forma conservadas, apenas com a mudança da Rua Jorge Tibiriçá para Rua David de Oliveira.

QUEM FOI FRANCISCO NOGUEIRA



Cel. Francisco de Mello Nogueira

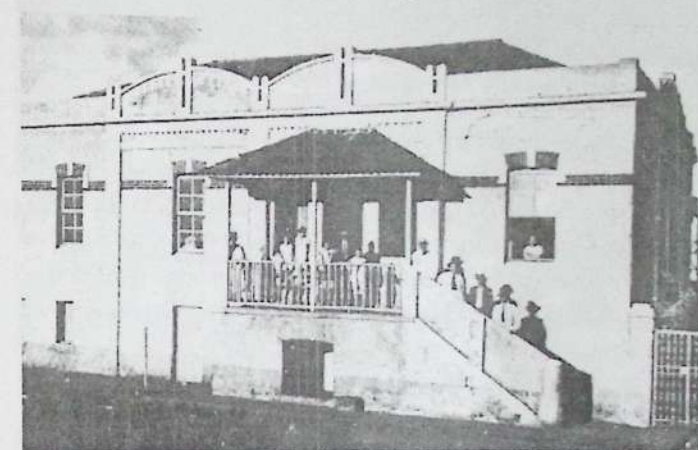
Nascido em 16 de dezembro de 1870, na cidade de Cássia (MG), filho do Cel. Antônio Ferreira de Mello Nogueira, fazendeiro em Barretos, e de D^a Mariana Carolina de Mello Nogueira. Casado, em segundas núpcias, com Joana Garcia Vicente Nogueira, teve com ela os filhos: Francisco de Mello Nogueira Junior e Juanita Nogueira de Carvalho.

Chegou a Olímpia, por volta de 1900 o Coronel Francisco de Mello Nogueira, onde adquiriu a fazenda Boa Vista. Aqui residiu até o ano de 1924, mudando-se para São Paulo, quando vendeu a sua fazenda para Natal Breda. Faleceu em São Paulo em novembro de 1945, quando estava internado no Hospital do Juqueri, com doenças mentais.

Chico Nogueira, como era chamado, teve papel dos mais importantes na vida e no desenvolvimento de Olímpia.

Construiu pontes, abriu estradas, mandou limpar a área da Praça da Matriz, em 1905, organizou e presidiu a primeira cavalcada (rodeio), realizada ali mesmo na Praça, em 1908.

Francisco de Mello Nogueira foi participante ativo da política local. Chefiou o PRP, popularmente chamado "Partido Pica-Pau", sob a liderança regional do deputado barretense Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira e de Mário Vieira Marcondes.



Sede da fazenda Boa Vista e residência de Francisco Nogueira. Em 1924 vendeu-a a Natal Breda.

Conforme declarações de seu filho, publicadas na Folha da Região de 24/6/82, Chico Nogueira, enquanto aqui residiu, empenhou-se em memoráveis lutas partidárias, que, sob sua chefia, praticamente teve a hegemonia da política local. Pelo seu prestígio político junto ao deputado Dr. Antônio Olímpio, conseguiu muitos benefícios para Olímpia através do governo estadual.

Segundo um articulista do jornal Cidade de Olímpia, de 22 de junho de 1952, "o Coronel tinha o espírito irrequeto, era político por índole e chefe do PRP."

Conta ainda o articulista, que imprimia apenas suas iniciais P.G.,

que "raramente aparece um homem que, como Chico Nogueira, tenha tido uma vida tão intensa e agitada. Gostava ele mesmo de resolver todos os problemas relacionados com a política e nunca aceitava imposições, mesmo quando essas partissem da mais alta direção partidária. Sua atividade mais se fazia sentir, quando se realizavam os pleitos. Conhecia pelo nome todos os seus eleitores e suas famílias. Foi, talvez, o homem que possuiu mais compadres em nossa terra. Vencia

sempre o PRP, pois, se acaso alguma oposição se fizesse sentir, era logo anulada na lavratura de atas".

Para se ter uma idéia de como era o PRP por volta de 1916, vamos expor o caso de um jornal criado naquela época, cujo editor passou a criticar o Cel. Chico Nogueira que ficou muito irritado e irado. Depois de várias surras e ameaças, o jornalista arrumou suas coisas e foi embora.

Chico Nogueira foi Juiz de Paz de Olímpia por várias vezes. Em 23 de junho de 1918 foi eleito para o cargo de Juiz de Paz por 265 votos para o triênio 1917/1920, contra 263 votos de seu amigo

Manoel Inocêncio Marcondes, pai de Mário Vieira Marcondes. Foi eleito para um cargo que já ocupava há tempo.

Por outro lado, continua Plínio Garcez, o Cel. Chico era um homem que ajudava os necessitados e, a sua casa vivia sempre cheia de



Ao fundo o Colégio Liceu São José construído por Chico Nogueira em sua fazenda, à rua Síria, depois da Santa Casa de Misericórdia. Saida para São José do Rio Preto (lado esquerdo).

Um dos casos mais graves da sua trajetória, por outro lado, teria ocorrido por volta de 1911, quando, segundo alguns depoimentos, mandou surrar o pároco da época Pe. Luiz Maria Deseta, pois queria ser o fabriqueiro da Paróquia. O Padre também foi embora de Olímpia.

Para ilustrar melhor a figura do Cel. Nogueira, reproduzimos alguns depoimentos extraídos do jornal Folha da Região de 24/6/82, de pessoas que conviveram com o Cel. Chico Nogueira.

Plínio Garcez: - "Era uma homem de personalidade forte, que radiava simpatia e, acima de tudo, de bom coração. Mas na política o Cel. mandava a sua maneira; nas eleições prometia sapatos e roupas aos eleitores. Como o voto naquela época, não era secreto, o Coronel, ficava verificando quem cumpria a promessa. Caso contrário, exigia a devolução dos presentes, na melhor das hipóteses. Na pior alguém levava uma surra".

carentes, pobres, que iam buscar leite, comida e até dinheiro.

Uma de sua característica mais discutível, era a fama de "farrista". Era muito dado à festa e freqüentava cabarés em Barretos e São Paulo.

Finalizando, Garcez, afirmou que, apesar de sua militância e chefia política, nunca se candidatou a nenhum cargo eletivo. Chico Nogueira teve uma influência fundamental e positiva na história da cidade.

Francisco Bernardes Ferreira, mais conhecido por "Chico Bernardes", foi prefeito de nossa cidade por duas vezes. Chegou em nossa cidade por volta de 1920 e ingressou na política em meados de 1932.

Ele conheceu bastante o Cel. Francisco Nogueira, pois, quando chegou aqui, o mesmo ainda atuava como chefe político desde 1915, segundo Bernardes.

Naquela época, Olímpia possuía poucas casas, construídas ao redor da Praça da Matriz.

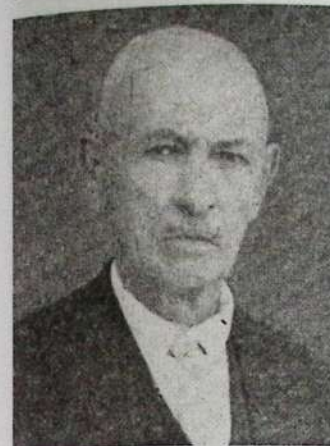
Quanto à personalidade de Chico Nogueira, Bernardes Ferreira asseverou que ele era muito alegre, muito brigador, mas, no fundo, um bom sujeito. Sua melhor função era captar votos do eleitorado e fazer as eleições. Chico Nogueira dirigia o PRP (Partido Republicano Paulista), assessorado por Mário Vieira Marcondes, que, por alguns anos foi o único na cidade.

O Coronel Francisco Nogueira, disse Chico Bernardes, era um tipo "caboclo", não tinha formação e era muito corajoso. Gostava muito de festas, e gostava de freqüentar muito a zona de meretrício da cidade (onde hoje é a Cooperticus, próximo à Estação Rodoviária).

Nunca concorreu a nenhum cargo político. Ele queria mesmo é formar o partido na cidade. Mas os candidatos sempre eram outros, apoiados por ele. E para ajudá-los havia correligionários como José Clemêncio, José Soares de Medeiros, Nicolau Stangere e outros. Eles iam de casa em casa, a cavalo, nos sítios, captando votos. Disse o historiador Dr. Bianor da Silva Medeiros, que o grande mérito de Chico Nogueira foi abrir a estrada Olímpia a Barretos.

Para finalizar, temos a acrescentar que Chico Nogueira teve uma vida agitada, um caráter que confundia dois tipos de procedimento. O de homem bom, humano, caridoso, mas inflexível nas questões políticas, e fundamental no desenvolvimento e progresso de Olímpia.

NARCISO BERTOLINO



Capitão Narciso Bertolino

Nasceu em 23 de maio de 1871 em Triento (Áustria). Chegou ao Brasil, em 3 de março de 1876, com 5 anos de idade. Filho de Antônio Bertolini e Emília Bertoldi, teve por engano de registro seu sobrenome mudado para Bertolino.

Aprendeu a ler as primeiras palavras com umas sobrinhas e depois prosseguiu estudando sozinho.

Viveu seus primeiros anos em Blumenau (SC), até 1888, depois se transferiu para Piracicaba (SP), onde contraiu matrimônio com D^a Tereza Lacerda, em 12 de abril de 1893.

Quando aqui chegou, com um companheiro de nome Egídio Zacari, no dia 26 de julho de 1904, com 33 anos, havia apenas algumas casinhas ao redor da Capela, existindo dois cruzeiros: um na praça, futura Praça da Matriz, e outro, o primeiro, às margens do Córrego Olhos D'Água. Ali ficou com sua família acampado, até que pudesse construir um rancho.

Se é verdade, como afirma o velho prolóquio, que "quem dá aos pobres empresta a Deus", Narciso

Bertolino deve estar hoje do outro lado da vida em lugar de luz e paz.

Trabalhou de carpinteiro, mas estudando, fez-se prático de farmácia, fundando, em 1906, a primeira farmácia em Olímpia, na esquina da rua São João com a Rua 9 de Julho, chamando-a de Farmácia Popular. Em 1910, transferiu-a para prédio próprio na Praça Nossa Senhora da Aparecida.

Pica-Pau, de Silvestre de Lima, ocupou diversos cargos de importância como delegado e sub-prefeito. Recebeu o título de capitão em 1910 pelo Presidente da República Marechal Hermes da Fonseca, por seus relevantes serviços como suplente de delegado.

A filantropia foi traço tão vivo de sua personalidade que ficou conhecido em toda a região como



Farmácia Popular na Praça Nossa Senhora da Aparecida.

Acompanhou passo a passo a vida e o desenvolvimento de Olímpia até que ela se fez a "Terra moça", como a cognominou o advogado Nino do Amaral em uma de suas eloquentes conferências públicas sobre a nossa terra. Mais tarde esse nome seria popularizado pela Rádio Difusora como "Cidade Menina Moça".

Em 1910, criou a primeira escola de Olímpia, mandando buscar sua sobrinha D^a Lourdes Ferrari Guimarães em Jaboticabal para aqui exercer o magistério.

Agregado ao Partido Político

"O Pai da Pobreza". E, evidentemente, não houve quem o conhecesse que não exaltasse as virtudes que lhe exornaram o coração. Figura de mérito, pela sua capacidade de trabalho e pela compreensão que possuía da honra e dignidade, ganhou a estima e consideração de toda uma população.

De seu matrimônio nasceram: Alice (falecida), José, Eudóxia, Cesar, Ernesta, Maria, Elias, Rui, Eurides, Jacy e Ninces.

ANTÔNIO OLÍMPIO



Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira

Nasceu Dr. Antônio Olímpio em Barbalho, Ceará, em 1875. Casou-se com D^a Risoleta Carneiro Arantes. Formado em Direito pela Faculdade de São Paulo, logo depois foi nomeado Promotor Público na cidade de Passos (MG), transferindo-se logo após para Barretos, onde residiu pelo espaço de 45 anos. Sempre com brilhantismo dado o fulgor da sua inteligência, além da advocacia exerceu o cargo de Promotor Público em Barretos de 1897 a 1905. De 1905 a 1907, foi vereador e prefeito municipal de Barretos, além de exercer como deputado estadual várias legislaturas.

Quando deputado dobrou sua atividade junto ao governo daquela época obtendo a criação da Comarca de Rio Preto e a de Olímpia, em 1920, bem como ainda Distritos de Paz e escolas. Se outros serviços não tivesse executado, a criação da Comarca de Olímpia em 1920 bastaria para torná-lo digno da mais alta estima e lúdima veneração e gratidão de todos os olimpienses pela grandeza e extensão deste ato.

Deve-se a Dr. Antônio Olímpio grande parte de criação do prolongamento da Estrada de Ferro São Paulo Goiás, de Bebedouro a Colômbia.

Pertenceu à Comissão de Obras Públicas e viação, tendo sido nomeado em 1927 Oficial de Registro Geral e Hipotecas e Anexos da Comarca de Monte Aprazível. Foi Presidente Honorário da Associação Comercial de Barretos.

O seu falecimento se deu aos 70 anos na cidade de Barretos, onde foi sepultado, no dia 30 de novembro de 1942.

Culto, de uma atividade dinâmica, produto de uma inteligência vivaz e fecunda o seu espírito se desdobrava num anseio de trabalho a bem da coletividade.

Compadre do Dr. John Robert Reid, fundador de Olímpia, teve o nome de sua filha (Maria Olímpia) emprestado a nossa terra, por solicitação do Dr. Reid. Apesar de sempre morar em Barretos, Dr. Antônio Olímpio nunca escondeu seu imenso amor a Olímpia, que até lhe deu prejuízos políticos quando da emancipação política de nossa terra, pois Olímpia ficou com uma extensão territorial muitas vezes maiores que a de sua antiga sede, o que valeu ao Dr. Antônio Olímpio, através do jornal de Barretos "O Sertanejo", por muito tempo em suas primeiras páginas, severas críticas pela perda de tão grande parte de seu território. Essa atitude custou ao Dr. Antônio Olímpio a derrota nas eleições para o Dr. Silvestre de Lima. Por volta dos primeiros anos do século fundou o partido "Pica-pau" que dominou a política regional até 1917, quando então pelos motivos acima citados perdeu pela, primeira vez, sua

cadeira na Assembléia Legislativa.

Olímpia tem o nome do Dr. Antônio Olímpio em uma de suas mais tradicionais ruas, que foi uma homenagem singela de nossa terra a esse homem de relevada importância nos destinos da cidade.

LEONARDO POSELLA II



Capitão Leonardo Posella II

Dentre os homens que acompanharam a vida de Olímpia desde os seus primeiros dias, prestando decidido apoio ao seu progresso e incontestável auxílio ao seu desenvolvimento, destaca-se, sem dúvida, o vulto de Leonardo Posella II.

Em 1906, com a idade de 24 anos, ainda solteiro, chegava ele ao então Patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água, trazendo consigo seus velhos pais e dois irmãos menores aos quais servia de arrimo.

Por essa época apenas um núcleo de casas desalinhadas pontilhava a gleba, nele se esboçando a cidade soberba que seria no futuro a sede do rico e pujante município. À beira do córrego Olhos D'Água já um grande cruzeiro simples, plantado

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

pelos desbravadores do povoado, erguia os braços para o infinito como a demonstrar sua fé e esperança na cidade que nascia.

E muito não tardou para que Olímpia se fizesse distrito policial e de paz, município e comarca. Em todos os combates que aqui se feriram, para que Olímpia marchasse rumo ao seu grande destino, Leonardo Posella II sempre esteve alistado nas fileiras dos que pelejaram com denodo, sem tibiesas nem esmorecimento.

Agrimensor, exerceu a sua profissão nesta e nas cidades circunvizinhas com aptidão e honradez. De temperamento irrequieto e sempre insatisfeito com as suas próprias realizações, a sua atividade exerceu em diversos outros setores, tais como indústria, agricultura e comércio, especialmente o do café, além de muitos outros.

Espírito leal, sempre demonstrou, de maneira inequívoca, o seu entusiasmo por Olímpia. Foi dos primeiros subprefeitos do então Distrito de Paz e Juiz de Paz eleito por diversas vezes.

Apesar de trabalhar para o Dr. Antônio Olímpio em seu escritório, sempre foi fiel politicamente ao partido "Arara", de Silvestre de Lima, e, por esse fato, sempre gozou de prestígio para reivindicar junto ao deputado barretense, melhorias para Olímpia, sem que por isso desmerecesse a amizade e respeito que gozava por parte do Dr. Antônio Olímpio.

Era tão respeitado que quando subprefeito, voltava de suas viagens a Barretos, a Banda Musical local ia esperá-lo. Foi agente dos Correios em 1908.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Em 1912, por sua iniciativa, mudou a iluminação de Olímpia, que era a vapor, por iluminação a petróleo.

Ainda nesse ano, como subprefeito construiu a primeira ponte sobre o rio Cachoeirinha e o Matadouro Municipal.

Em 1914, construiu o novo cemitério (São José), com fiscal contratado pela prefeitura de Barretos. E teve muita influência na vinda da via férrea para Olímpia. Em 1915, construiu duas pontes sobre o córrego Olhos D'Água: a da Rua 9 de julho e a da Rua Jorge Tibiriçá.

Douu grande parte de seu patrimônio urbano para a construção da Paróquia de São João Batista, onde foi construída a Casa Paroquial e o Cine Teatro Nossa Senhora da Assunção.

Muito se deve a Leonardo Posella II. Pouco se fez para honrar a sua memória. Mas os seus feitos ficarão para sempre registrados nos anais da história de Olímpia.

DETALHES DA HISTÓRIA

Em 1907, entrava em Olímpia a primeira carroça trazida por Paschoal De Lolo.

O primeiro Juiz de Paz foi Egydio Damasceno que presidiu a primeira audiência em 16 de janeiro de 1908, sendo escrivão o Sr. Eliazar de Menezes. A primeira escritura entre partes, foi efetuada por João Vieira do Valle e João Joaquim de Sant'ana em 11 de janeiro de 1908.

As grandes roçadas, derrubadas e queimadas de mato em Olímpia foram feitas entre 1912 a 1915. A cidade se desenvolveu muito de 1918 a 1920.

Os dois primeiros médicos que vieram para Olímpia foram os Drs. Antônio Augusto de Assis e Gabriel Bueno Couto, em 1909. A primeira farmácia foi instalada em Olímpia em 1906, com o nome de Farmácia popular, pelo Capitão Narciso Bertolino.

A primeira casa de tijolo usada como residência, foi a de Miguel Felisberto dos Santos, na praça da Matriz, onde estava a padaria, e a primeira de comércio foi a de Salim Aidar, onde estava uma relojoaria, em 1906, e a terceira foi o prédio onde funcionou a Farmácia Santa Terezinha, de Bonifácio Luiz de Carvalho, em 1908.

A primeira loja de Olímpia foi a de Jorge Aidar; a primeira ferraria de Olímpia, na fazenda, foi a de Joaquim Francisco Braz, na Capituva, na cidade foi a de Julião Plaza; o primeiro açougue foi o de Antônio Bispo; a primeira máquina de benefício de arroz foi instalada em Olímpia, em 1910, pelo Capitão Narciso Bertolino, a primeira serraria foi a de João Batista Casteli, em 1911.

Foi o protestante Eduardo Lopes, vindo de Barretos, que deu nome ao bairro da Galiléia em 1912, por motivos bíblicos.

O primeiro grupo escolar de Olímpia foi inaugurado em 19 de novembro de 1919 e o Grupo Escolar Anita Costa foi inaugurado em primeiro de abril de 1940.

**PORQUE OLÍMPIA
COMEMORA O
ANIVERSÁRIO EM 24 DE
JUNHO E NÃO NO DIA DA
FUNDAÇÃO, 2 DE MARÇO**



A cruz de 3/5/1902

Em 1953, quando Olímpia comemorou 53 anos, a Câmara Municipal criou projeto para oficializar o dia 2 de março de 1903 como data oficial de fundação, para assim realizar a festa do cinquentenário. O vereador Celso Mazitelli não concordou, afirmando que a data deveria ser 03 de maio de 1903, dia em que a cruz (estampada na página, ao lado o eng.º Reid) foi fincada.

Somente no dia 14 de março, por votação, a nossa Câmara oficializou o dia 02 de março de 1903 (data da escritura de doação) como data de fundação de Olímpia. Como já havia passado vários dias dessa data, resolveram, a Câmara e o prefeito Dr. Waldemar Lopes Ferraz, realizar os festejos do cinquentenário em 24 de julho, dia do padroeiro de Olímpia, São João Batista.

E assim aconteceu nos anos seguintes até a presente data.

Quanto ao cruceiro da foto,

fomos pesquisar e finalmente constatamos, através de documentários em revistas antigas, que o mesmo foi erigido no dia 3 de maio de 1903, para a festa religiosa de Santa Cruz, nada tendo a ver em relação a fundação de nossa cidade.

Por muitos anos, até a presente data, tinha-se esta foto representando o marco do dia da fundação.

Nossa pesquisa, acusa o seguinte: houve três cruzeiros, a do desbravador Antônio Joaquim dos Santos em 1857; a da fundação em 2 de março de 1903 e a da foto em questão em 3 de maio de 1903. Em 2 de março de 1953 esteve em Olímpia a imagem de Nossa Senhora de Fátima, vinda diretamente de Portugal, num evento religioso que polarizou a atenção de toda a região que aqui compareceu para visitar a imagem exposta em altar construído em frente a Igreja Matriz, outra razão para que neste dia não houvesse outro tipo de festividades.

Observação: o tópico, detalhes da história, foi criado para que pequenas notas ou registros que aconteceram e chamaram nossa atenção fossem inseridos.

Não circulava dinheiro em Olímpia até 1910. A base das transações era a troca. Trocavam serviços por utilidades e utilidade por utilidade. Quem vinha de fora, de novo, trazia alguma economia, quase sempre insignificante. Um homem muito trabalhador e seguro levava tempo para juntar alguns cruzeiros. Ninguém tinha dinheiro naquele tempo, nem o proprietário de terras, nem o comerciante em sua tapera. Ninguém tinha renda. A terra era livre e qualquer um podia desfrutá-la. Todos queriam descortinar o solo, abrir e formar fazendas em pasto, café e cana, por isso não se arrendava o solo. O brasileiro fazia roças, formava pastos, plantava cana, montava monjolo, engenho e fazia rapadura e pinga. Pescava, caçava, nadava, tocava viola, cantava modas tristes. O português era madeireiro, serrador. O espanhol plantava roças, formava café, arrelhando de vez em quando. O sírio era comerciante, hospitaleiro, mascate. O italiano roçava, derrubava mato, plantava café, fazia roça, trabalhava de dia e de noite. Sua mulher fazia a comida, levava-a

na roça, com as crianças, e se ombreava com o marido, durante o dia. À noite, acendia a candeia, alumiaava o terreiro, e o marido trabalhava tarde enquanto tinha forças para se mover. Depois, caíam na cama, para madrugar, de novo, no dia seguinte. Havia muito gênero alimentício, mas esse nada valia. Foi assim que derrubaram as matas, formaram pastos e as grandes e pequenas fazendas de café. O café valorizou-se cada vez mais e fez o lastro econômico de Olímpia; tornou-se o fundamento da economia estadual e nacional. Foi assim que o brasileiro, de Olímpia, aprendeu: a trabalhar e a fazer fortuna com o italiano; hospitalidade e a manutenção com o sírio; a serrar madeira e a beneficência hospitalar com o português e a defender-se com o espanhol. Do guarani herdamos a indolência e a desconfiança.

PATENTES

Outro fato comum naqueles tempos era Guarda Nacional, de D. Pedro II. O eleitorado era muito diminuto e, nas eleições, quem era eleitor recebia sua recompensa: ser membro da guarda nacional. Vinham da corte e da capital da província os diplomas de tenente, capitão, coronel, etc. O oficial gozava de certas regalias. Não poderia ser preso senão por oficial mais graduado. Mesmo durante a República, esse procedimento era comum. Nas eleições para presidente da República, (Hermes da Fonseca) foram distribuídas muitas patentes em Olímpia.

O ENSINO EM OLÍMPIA

Agora colocamos espaço para OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Crianças formando um grupo para serem alfabetizadas. Quando Olímpia ainda estava em seus primeiros anos, as crianças eram alfabetizadas pelos pais.

falar do ensino em Olímpia. Na edição posterior, vamos discutir sobre a importância do ensino e sua contribuição não apenas na parte educacional, como também em outros setores: no comércio, no esporte e na sociedade.

O Colégio Olímpia, trouxe, com a chegada do Dr. Antônio Augusto Reis Neves, um crescimento vertiginoso no setor do ensino. Olímpia, passava a ser uma das mais famosas localidades em matéria de ensino, atraindo estudantes em regime de internato e semi-internato de vários pontos da região, do estado ou do país.

Com a criação da Praça de Esportes e a aquisição da Quadra da Fundação Olímpica, formando um complexo esportivo, que abrangia modalidades esportivas como o futebol, vôlei, basquete, natação, ginástica e competição atlética, o Colégio Olímpia, chegou a possuir mais de 600 estudantes como internos.

Com o pioneiro, o sertanista, veio o mestre-escola, o professor leigo, sempre uma boa letra como



Grupo de alunas do grupo escolar em área livre de lazer. Década de 1930.

se dizia. O mestre-escola alfabetizava os filhos dos fazendeiros, ensinando-os a ler, escrever e contar. Fazia o curso em um, dois ou até três anos e depois se mudava para outra fazenda, alfabetizando sempre. Geralmente cuidavam de roça e lecionavam. Vamos registrar alguns dos mais conhecidos: Manoel Soares de Medeiros, foi professor em Santa Cruz e Capituva; Teotônio Cândido de Matos foi mestre escola dos São Domingos; assim como Carlos de Lima Negrão, Benedito Reducino, Luiz Ferrari, Joaquim Cândido Junqueira Filho, Aparecido Braz, Lino Vieira, Mário Caminada, Ghilherme Tonieri, Henrique Braga, Severino Froener, Maria da Glória



Na foto o Cine São João, criado em 1907 por Miguel Haidar e Guilherme Costa. O prédio era na Rua 9 de Julho, onde posteriormente funcionou o Banco Mercantil.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Formatura da primeira turma do primeiro grupo escolar de Olímpia em 1919. Podemos notar a figura do primeiro professor oficial, Sr. Lino Vieira, que por muito tempo lecionou em nossa terra.

Brasilina Braz Neves, Sara Aidar, Clotilde de Matos, (poetisa e declamadora).

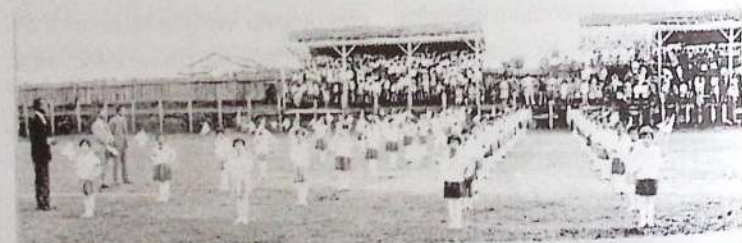
Muitos deles lecionaram na roça e na Vila, correndo fazendas, alfabetizando milhares de pessoas de ambos os sexos. Este regime foi dominante até 1910, quando foi criada a primeira escola municipal de Olímpia, ultrapassando esta data estendeu-se até 1919, quando foi criado o primeiro Grupo Escolar de Olímpia. Com a criação do município, em 1918, foram criadas algumas escolas reunidas e isoladas. Verificando o livro de ponto do Grupo Escolar de Olímpia, pudemos constatar o seguinte quadro:

Diretoria: 1º Rodrigo Rodrigues Rosa, de 19/11/1919 a 12/11/1921; 2º Ludjero Prestes, de 16/11/1921 a 30/11/1931; 3º Suetônio Bitencourt Junior- de 19/3/1932 a 30 de maio de 1938; 4º Otto Fenerich de 9/8/1.938 a 9/6/1945; 5º João Larizatti, de 122/9/1945 a 15/12/1947; 6º- Lincoln de Camargo Neves até 19/0/1948. O professorado de carreira foi o seguinte: 1º período, de 1919 a

6/1920; Dulce de Almeida em 11/3/1920; Rosa Stávale em 4/3/1920; Maria Luiza Alves Lobo de 15/3/1920;

Beatriz Livramento de 1/6/1920. Alice da Costa Seixas, de 02/06/1920; Maria do Carmo Monteiro dos Santos de 28/5/1920; Emília Crêm de 25/2/1921 a 2/6/1933; isto de 19/11/1919 a 9/7/1921, constante no primeiro livro de ponto. Não consta o nome do inspetor porque essa atividade era exercida também pelo diretor.

O segundo livro de ponto se estende de 11/06/1.921 a 07/04/1923; Elmira Goulart de 09/09/1922; José do Patrocínio Bretas de 02/02/1.923; o terceiro livro de ponto vai de 09/04/1.923 a 29/10/1.924. O quarto livro de ponto vai de 4/11/1.924 a 12/04/1.926; José Honorato Sobrinho de 03/02/1.925; Bruno Alves Cruz, de 23/03/1.925; Sylvia de Campos de 28/03/1925; Anônio C. Cabral de 26/05/1.925; Manoel Afonso da Rocha Filho, de



Alunos do grupo escolar em 1919, em demonstração de Educação Física no campo de Olímpia Futebol Clube, onde mais tarde seria construído o G. E. Anita Costa.



Primeiro Jardim de infância de Olímpia - ano de 1929.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Professores e alunos do primeiro grupo escolar.

7/7/1926; Maria Francisca Montemor de 1/2/1927.

Florianio de Menezes, de 1/2/1927; Jenny da Silva Rosa, de 16/3/1927; João Umbelino de Castro, de 23/3/1927, esses constando do 5º Livro de Ponto.

O sexto livro de ponto de 02/08 a 30/11/1927, não registra nenhuma alteração do professorado. O sétimo livro de ponto vai de 1/2/1928 a 4/5/1929, e registra somente a entrada da professora Leonor de Castro Aguiar, em 1/3/1929. O oitavo livro de ponto vai de 4/3/1929 a 22/8/1930, trazendo Odila Monteiro Rebello em 29/7/1929; Oscarlina de Toledo Bonilha de 23/9/1929; Haydee Machado Marques de 15/7/1930; Joaquim Goulart de 5/3/1930; Maria Travassos, de 2/7/1930.

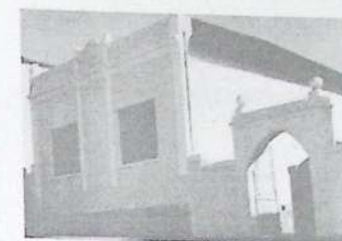
O nono livro de ponto vai de 23/8/1930 a 12/11/1931; Beatriz



Na foto o antigo pátio do ginásio de Olímpia fundado por Bianor Medeiros, Sinésio Medeiros, Francisco Zanin e Deodato A. Pereira, em 1929. Depois foi reformado, quando adquirido pelo Cap. Augusto Reis Neves, em 1940.



Uma das primeiras turmas de alunos do primeiro grupo escolar em 1919.



Primeiro ginásio, em 1929, hoje abriga o colégio Objetivo.

Cunha de 11/4/1931; Noêmia Monteiro dos Santos de 10/4/1931; Silvandira Ortman de Almeida de 6/7/1931. O décimo livro de ponto vai de 23/11/1931 a 27/7/1933; Etelvina Clemêncio da Silva, de 5/4/1932; Aparecida Clemêncio da Silva de 6/4/1932; Dileta Ceneviva de 5/4/1932; Lenira Sampaio Camargo, de 5/4/1932; Martimiana Isaura Rocha de 10/10/1932 a 1/2/1934;

O livro de ponto número onze vai de 28/6/1933 a 6 de julho de 1934:



Professores e alunos do grupo escolar nos anos 1930.
OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Deodato Antônio Pereira de 20/4/1934; Jacira Albano de 10/7/1933; Ana Emília de Arruda de 1/2/1932 Lair Laraia 22/7/1933; Julieta de Rosis Bathaus, de 5/2/1934; Dulcita Campos de 3/3/1934; Etelvina de Quadros, de 22/2/1934; Maria Pereira de 3/2/1934; Orieta Gali (Maria Jita Joana Gali) de 2/4/1934; Venina Maria Braga, de 6/4/1934; Maria Aparecida Nogueira Marcondes, de 28/3/1934; Maria Aparecida Marcondes, de 21/2/1934; Hermila Ricciardi, de 1/3/1934. O livro décimo segundo de ponto vai de 7/7/1934 a 16/3/1935: Antônia de Andrade Rocha, de 5/7/1934; Nair de Castanho Raggio, de 2/7/1.934; Yolanda Garcia, de 28/8/1934; Iracema Pileggi de 8/2/1935. Como se verifica, desde o início até 1934, apenas 63 professores honraram o grupo Escolar de Olímpia.

Em seu início, o Grupo Escolar Anita Dª Costa possuía 32 classes, lotação de 1280 alunos, sendo considerado um dos maiores

e mais modernos do Estado de São Paulo, o cartão de visitas da cidade.

O ginásio de Olímpia, quando foi adquirido pelo Dr. Neves possuía 403 alunos. Foi comprado em junho de 1940, junto com a Escola de Comércio, que possuía 187 alunos. Em 1944 foi criada a Escola Normal Livre Nossa da Senhora da Conceição com 111 alunos matriculados em seu início. Nessa época era diretor do Ginásio

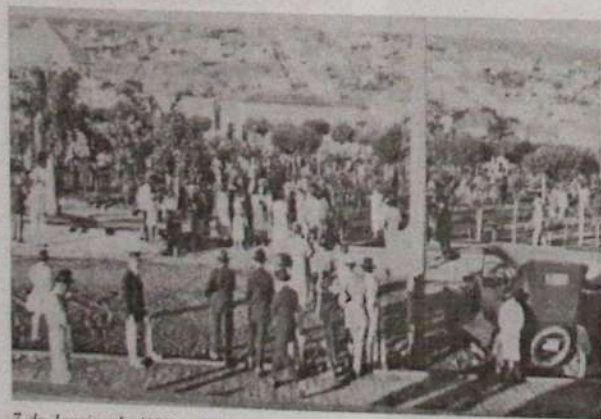
Olímpia e Escola Técnica de Comércio o Dr. Neves e da Escola Normal o Dr. Jayme Leal Costa Neves. O vice-diretor de todos os estabelecimentos de ensino o Dr. João Carlos Soares de Oliveira.

Em 1949 foi criado o curso científico, anexo ao ginásio municipal de Olímpia. Em 1948 foi criado o Ginásio Estadual de Olímpia. Em capítulos posteriores falaremos sobre o Colégio Olímpia, sob a direção do

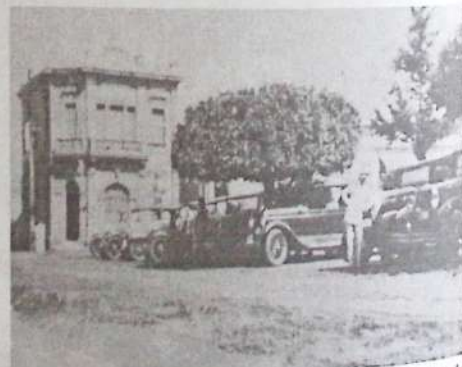
proprietário desse Colégio que criou em Olímpia um dos estabelecimentos escolares mais importantes do Estado de São Paulo, com sistema de semi internato com mais de 500 alunos nesse regime e sua importância no progresso e desenvolvimento de Olímpia. Estudantes de muitas regiões, inclusive de outros Estados, afluíam a Olímpia para desfrutar do ensino aqui ministrado.



Na foto registramos a cidade de Olímpia em 1923, demonstrando crescente progresso. Em primeiro plano, a praça Nossa Senhora da Aparecida, que foi o primeiro cemitério de Olímpia, criado por Antônio Joaquim dos Santos "O Desbravador". Ali posteriormente seria construída a igreja de Nossa Senhora da Aparecida, inaugurada em 1948. No centro da foto, vemos o prédio da Farmácia Popular, de propriedade do Capitão Narciso Bertolino.

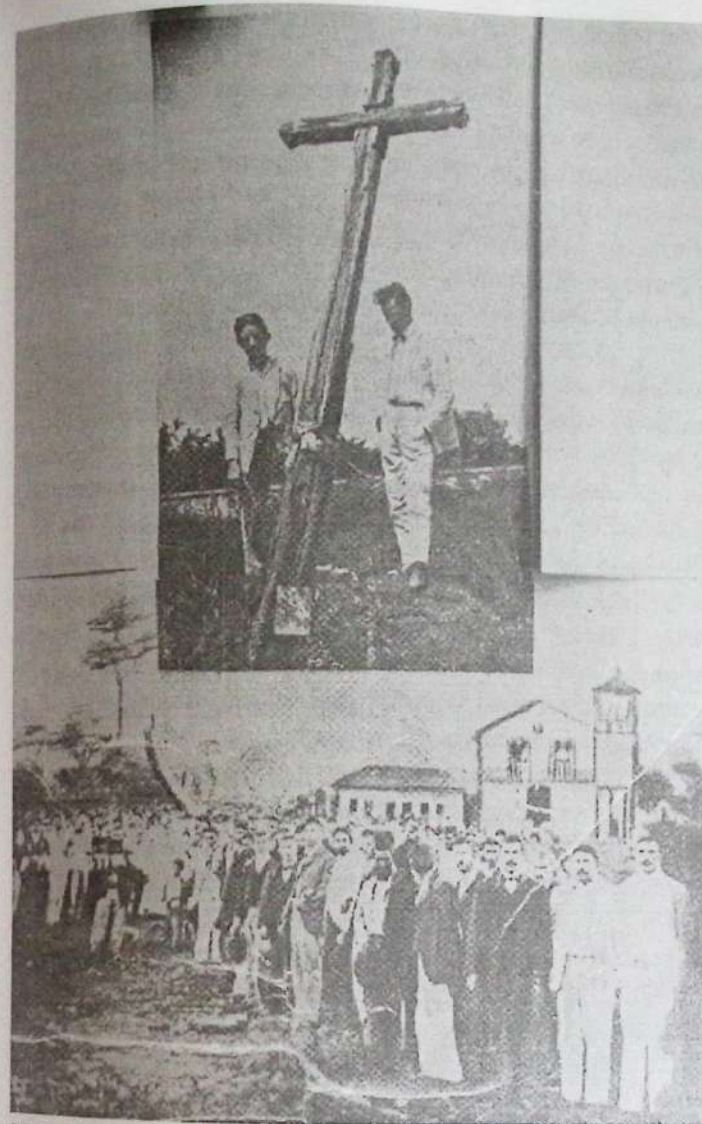


7 de Janeiro de 1922 - A foto registra a inauguração do coreto na Praça Rui Barbosa e a primeira apresentação da Banda Marcial do Maestro Vicente Delamarche, chamado especialmente para o ato e também para permanecer em Olímpia, como professor de música, criando posteriormente uma orquestra que por muitos anos abrigou eventos e bailes em Olímpia.



Ponto de táxi localizado na Rua São João entre a Praça da Matriz e a Praça Rui Barbosa. Um ponto tradicional que durou até o ano de 1965 quando foi construída nova igreja Matriz de São João Batista e realizada a reforma da praça pelo prefeito Dr. Alfonso Lopes Ferraz. Esse trecho deixou muitas saudades àqueles que o usaram para passeio ou conversa fiada.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Primeira foto histórica de Olímpia - O cruzeiro erguido em 3 de maio de 1902 e a primeira festa religiosa. Note-se que as casas e a capela foram feitas a lápis no negativo.

O primeiro ato de Antônio Joaquim dos Santos, o desbravador, ao chegar por estas bandas, foi erguer um tosco cruzeiro de madeira à margem esquerda do Ribeirão Olhos d'água, em meados de 1857. Esse cruzeiro encontra-se até hoje conservado no mesmo lugar em que foi colocado, após quase cento e cinquenta anos, desafiando as intempéries, o vento, a chuva e o tempo.

Por ato nobre da família Ittavo, o prédio, ali construído,

conservou em seus porões, no mesmo local, a relíquia histórica, primeiro marco cristão em nossa terra.

A 3 de maio de 1903, novo cruzeiro seria colocado por Gabriel Barbosa da Silveira na pracinha, futuro local onde seria construída a primeira capela, 500 metros acima de onde foi erigida a primeira. O cruzeiro foi construído na fazenda de José Bento de Miranda, conduzido por carro de boi. Ao iniciar-se a construção da capela, foi retirado e

levado para a fazenda Boa Vista, do Cel. Chico Nogueira, onde acabou desaparecendo.

Após a doação dos 100 alqueires para a formação do povoado, grande entusiasmo e euforismo tomou conta dos condôminos, que logo decidiram construir a primeira capela com o nome de São João Batista, padroeiro do novo núcleo.

Para tanto, foi constituída uma comissão para a construção da capela, cujo documento teve o seguinte teor: "os membros da comissão, abaixo assinados, encarregados da construção da Igreja de São João Batista, neste lugar, vêm, por meio desta lista de petição, impetrar de todos os fiéis, devotos do mesmo padroeiro, as suas assinaturas a benefício da mesma igreja que já no presente em adiantado estado de construção. Esperamos a sua inauguração ainda no fim de outubro, em cujo tempo teremos de entrar com o derradeiro pagamento, por pedirmos a proteção de todos os devotos desse padroeiro.

Olhos D'Água, 6 de outubro de 1904. O juiz presidente: Miguel Antônio dos Reis; tesoureiro: Joaquim Miguel dos Santos; procurador: Joaquim Antônio de Assis".

Desta forma, ainda em 1904, Manoel Soares de Medeiros, Miguel Antônio dos Reis, Joaquim Miguel dos Santos, Joaquim Antônio de Assis, o Coronel Francisco de Mello Nogueira e muitos outros contrataram por empreita o Sr. João Vieira do Valle que seria o construtor da primeira capela, de pau-a-pique e barro, pelo valor de Cr\$ 4.200,00. As telhas para cobertura vieram da

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

cidade de Guaraci. Trabalharam também na construção: José Pena, Pedro José dos Santos, João Arruda, Sebastião José Gonçalves e José Pedreiro.

A capela ficou pronta no mesmo ano, mas foi somente solenemente inaugurada em 29 de junho de 1905, com a presença da Banda Musical de Barretos. A missa foi celebrada pelo padre Ernesto Urbani, também de Barretos.

Em 1906, com a mudança do nome para Vila Olímpia, a capela sofreu vários reparos, melhoramento e ampliação.

Aos 15 dias do mês de março do mesmo ano, os párocos assumiam um compromisso com D. José Homem Marcondes de Melo, Bispo de São Carlos do Pinhal, para a construção de uma nova e maior igreja Matriz, conforme um decreto cujo teor reproduzimos a seguir: Paróquia de São João Batista dos

Olhos D'água, aos 15/2/1910. Por Decreto do Bispo de São Carlos D. José Marcondes Homem de Melo, a Paróquia de Vila Olímpia fica desmembrada da Paróquia de Monte Azul. Aos 15 de março de 1910 era nomeado um vigário para a Paróquia de Olímpia, cujo documento transcrevemos:

"D. José Marcondes Homem de Melo, por mercê de dons e da Santa Fé Apostólica, Arcebispo de São Carlos do Pinhal, estabelece: aos que sob nossa portaria vivem, saudações e bênçãos do Senhor!

Estando o cargo de vigário da Paróquia de São João Batista de Vila Olímpia, deste bispado, havemos por bem pela presente portaria nomear para vigário encomendado da referida paróquia o padre Luiz Maria Desseta".

Desde a inauguração da Paróquia, em 1905, que o padre deste prestava serviços em Olímpia.

A partir de sua nomeação oficial, aos 2 de abril de 1910, deixava documentado e registrado os objetos e pertences da capela através de inventário aqui reproduzido:

"2 de abril de 1910. Inventário dos objetos que existem nesta capela de São João Batista de Vila Olímpia, procedido no dia de posse do primeiro vigário desta paróquia na pessoa do padre Luiz Maria Deste, que constatou a presença dos seguintes objetos: 1 imagem cartão Pierri da altura de 1 metro com a invocação de São João; 1 cálice de metal prateado, sendo o copo dourado por dentro, em bom estado; 1 missal envareado com folhas douradas; 1 banqueteia de metal prateado, constando de 6 castiçais e uma cruz com imagem de metal prateado; 1 pedra D'ara; 1 casula de damasco de seda com as cores branco e vermelho; 1 campanha de missa de linho alva, em mau estado; 2 toalhas brancas de algodão, em mau estado; 1 mesa grande em mau estado; 1 estante missal de madeira lisa; 1 imagem pequena de Nossa Senhora Aparecida".

A praça da Matriz, foi desmatada e queimada ainda em 1905 por ordem do Cel. Francisco de Melo Nogueira, Fidelcino Pinheiro, Manoel Soares de Medeiros e outros.

CERTIDÃO DE TRANSMISSÃO DO PATRIMÔNIO DE SÃO JOÃO BATISTA

"Elizeu Ferreira de Menezes, Oficial do Registro Geral de Hipotecas e Anexos desta Comarca de Olímpia, Estado de São Paulo, etc, certifico e dou fé a pedido verbal de pessoa interessada, que revendo em meu Cartório o livro de transcrição à página 53 do número 33, o registro de uma transmissão do teor seguinte: "nº de ordem 2702; data: 9 de julho de 1903, Freguesia do Imóvel: Olhos D'Água.

Características do imóvel: 100 alqueires de terras na fazenda Olhos D'água, desta comarca e freguesia para se constituir o Patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água.

Nome e domicílio do adquirente: Patrimônio de São João Batista dos Olhos d'água, desta comarca. Nome e domicílio dos transmitentes: Francisco dos Reis e sua mulher, D^a Ignácia Eva de Jesus, Miguel Antônio dos Reis e sua mulher, D^a Carolina Luiza de Jesus, D^a Mariana Luiza do Carmo, D^a Mariana Ignácia de Jesus, Francisco Miguel dos Santos, Antônio Miguel dos Santos, João Antônio de Campos, João Ignácio dos Santos e sua mulher, D^a Francisca Joaquina de Jesus, João Bonifácio da Freiria, Jerônimo Bonifácio dos Santos, Davi Osório dos Santos, Gabriel Garcia dos Santos, Jerônimo Antônio dos Santos e sua mulher, Izabel Maria de Jesus, Miguel Veríssimo dos Santos, Marcolino Francisco da Freiria, Antônio Felisberto dos Santos, Joaquim Miguel dos Santos e sua mulher, Querubina Maria de Jesus, Ignez Rita de Jesus e D^a Maria Generosa de Jesus, residentes nesta

comarca. Título: Doação; forma do Título e Tabelião que o fez. Escritura pública de 2 de março de 1903. Tabelião Silvares. Valor do contrato: um conto de réis; condições de contrato: não há! O suboficial Franklin de Lima, Oficial Elyzeu Ferreira de Menezes. Nada mais continha no dito livro relativamente à transcrição supra, do que dou fé. Barretos, 23 de outubro de 1909. Eu, Elizeu Ferreira de Menezes, oficial, subscrevi, conferi e assino."

ESCRITURA DE COMPRA E VENDA DO TERRENO PARA A CASA PAROQUIAL

Escritura de compra e venda que faz Leonardo Posella II: "Saibam quantos este instrumento público instrumento de escritura de compra e venda virem, que no ano de Nosso Senhor Jesus Cristo, aos 22/3/1910 do dito ano, em Cartório, nesta Vila, compareceram perante mim, partes entre si justas e contratadas, de um lado, como outorgante vendedor, o Capitão Leonardo Posella Segundo, maior, solteiro, residente nesta Vila, de outro lado como ortorgante compradora a Paróquia de Olímpia, representada pelo sr. José Rodrigues de Melo. Na qualidade de Fabriqueiro, também maior, solteiro, comerciante, também residente nesta cidade, ambos meus conhecidos pelo próprio de que se trata, bem como das testemunhas adiante nomeadas e no fim assinadas o que dou fé, perante as quais, pelo vendedor foi dito que a legítimo título, livre e desembaraçado de quaisquer ônus é possuidor de uma casa construída de tijolos, coberta de telhas, com duas janelas de frente, três cômodos internos assoalhados e uma cozinha

ladrilhada de tijolos e o competente fogão, quintal cercados de achas de peroba, uma portãozinho e uma cisterna, tudo havido da própria construção, mais um terreno foreiro composto de uma data com 100 palmos de frente por 200 de fundo, divisando por um lado com terrenos do Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, de Domingos de Tal, pelos terrenos de fundo, dele vendedor, e frente com a rua Capitão Nogueira, no patrimônio desta Vila, havido este terreno, metade por concessão e metade por permuta com a referida Josepha de Tal e que vende, como de fato vendido tem, por esta e melhor forma de direito, o prédio, terreno, e todas as benfeitorias acima descritas e com todas as certidões ativas e passivas à Paróquia desta Vila, pela quantia de um conto, trezentos e cinquenta mil réis, que o Fabriqueiro, dito José Rodrigues de Melo, já recebeu em moeda corrente do país, quantia essa que foi obtida com o auxílio popular, por cujo motivo dá à mesma, plena e geral quitação de pago e satisfeito, transferindo a ela todo o direito posse, domínio, ação e senhoria que exercia no referido imóvel, protestando por si e em nome de seus herdeiros, a todo o tempo, responder pela avicção de direito. Pelo Fabriqueiro José Rodrigues de Melo, perante as mesmas testemunhas, foi dito que em nome da Paróquia de São João Batista de Vila Olímpia, aceitava esta escritura em todos os seus termos e me apresentou também à custa do povo, o selo proporcional que abaixo vai aderido e o talão seguinte: nº 008 do Livro Caixa e fica debitado o atual coletor Vicente M. de Lima pela quantia de oitenta e

Na foto abaixo temos a primeira igreja construída na Praça da Matriz, após o incêndio que destruiu a primeira capela, ocorrido no dia 4 de agosto de 1910. Posteriormente, em 1917, foi lançada a pedra fundamental para a construção de uma nova e mais ampla Igreja Matriz de São João Batista.



nove mil réis recebida do Fabriqueiro de Olímpia José Rodrigues de Melo e adicional de um conto, trezentos e cinquenta mil réis, por quanto comprou Leonardo Posella II, com auxílio popular, uma casa e terreno foreiro e mais benfeitorias na rua Cel. Francisco Nogueira (atual Dr. Antônio Olímpio), na Vila Olímpia, desta comarca para o serviço da Paróquia, conforme Guia do escrivão de Paz daquela Vila Sr. Eliazar de Menezes. Coletoria de de Paz daquela Vila Sr. Eliazar de Menezes. Coletoria de Rendas do Estado de São Paulo em Barretos, aos 15 de março de 1910 Escrivão Luiz E. de S. Nogueira.

Depois de escrita esta, por me ser pedido a li, e por estarem eles, outorgantes que me pediram, aceitaram, outorgaram e assinam com as testemunhas: Romeiro Homem dos Santos e Manoel Ribeiro de As. Nada mais. Selada com três estampilhas federais no valor de dois mil e duzentos réis, igualmente inutilizadas. Eu, Eliazar de Menezes Escrivão de Paz, a subscrevo, dou fé e assino em público e raso. Em testemhuo, E.M. da verdade assino o presente."

Nomeação do Fabriqueiro: "por portaria de 23 de dezembro de 1909 do Exmo e Revmo. D. José Homem de Melo, digo Arcebispo-Bispo desta Diocese, nomeado Fabriqueiro desta paróquia o senhor José Rodrigues de Melo, que responderá pelo patrimônio lembrando que o primeiro Fabriqueiro foi o Padre Luiz Maria Desettá."

A PARÓQUIA DE OLÍMPIA

Em 13 de maio de 1910 foi criada, em Olímpia a Paróquia de



Casa Paroquial

São João Batista, pertencente ao Bispado de São Carlos. O primeiro vigário nomeado foi o Padre Luiz Maria Desettá. Em 1931, a Paróquia passou a pertencer ao Bispado de Jaboticabal.



Dr. Bianor da Silva Medeiros, advogado, historiador, foi quem registrou os dados da história de Olímpia desde 1857.

Desde o início de sua fundação Olímpia contou com sua vida religiosa devidamente registrada em dois livros de tombo que foram franqueados ao advogado e historiador D. Bianor da Silva Medeiros com as devidas reservas para que pudesse dar a notícia real e verdadeira sobre a criação da Paróquia de Olímpia.

CASA PAROQUIAL

Do primeiro livro de tombo consta o seguinte termo de abertura: "este livro é destinado para o tombo da Paróquia de Vila Olímpia, deste bispado, suas folhas numeradas vão por mim rubricadas com a rubrica - Souza Martins- de que uso e contém no fim o termo do encerramento. São Carlos, 28 de março de 1910 assinado Cônego Porfírio de Souza Martins, secretário do Bispado."

Em seguida vem o seguinte decreto: "D. José Marcondes de Melo, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica Arcebispo - Bispo de São Carlos do Pinhal. Aos que este nosso decreto virem, saudações e Bênçãos do Senhor, fazemos saber que tendo-nos em consideração ao acréscimo de população, a extensão territorial da Paróquia de Monte Azul e sobretudo o bem espiritual dos fiéis que sem grave incômodo não podem freqüentar a igreja da Matriz para receber os sacramentos e assistir aos ofícios divinos, havemos por bem pelo presente decreto, usando de nossa jurisdição ordinária e, se necessário for de que nos é delegada pelo Santo Concílio Tridentino da sessão XXI, Cap.4 de

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

"reformatione", separar, dividir e desmembrar da paróquia de Monte Azul, deste Bispado, o território do atual distrito de Paz de Vila Olímpia e, com ele erigirmos e canonicamente instituímos a Paróquia de São João Batista de Vila Olímpia, cujas divisas serão as seguintes: principiando na margem direcionada Rio Turvo, no ponto onde o perímetro da fazenda Olhos d' Água parte do dito rio, segue pelo perímetro desta fazenda até a fronteira a cabeceira do Córrego Baixão, e descendo em linha reta até a cabeceira pelo veio de água do dito córrego, até a barra do Ribeirão da Onça e sobe por este córrego até sua última cabeceira e daí rumo até espigão o que forma o "divortiun aquarum" entre o Ribeirão da Cachoeirinha e o Rio Turvo do lado esquerdo e o Rio Pardo e o Rio Grande do lado direito, segue por este espigão que divide as fazendas Crescuma e Santana e o rio Grande por este acima até o ponto onde tiveram começo as divisas. Assim, limitado o território que fica dentro dessas divisas, será o território da nova Paróquia de São João Batista de Vila Olímpia, a qual submetemos à jurisdição e ao cuidado espiritual do Pároco que para ela for nomeado e dos que canonicamente lhes sucederam no cargo, bem como todos os habitantes que neles residirem, aos quais, mandamos que tanto para o reverendíssimo pároco, como para a fábrica da nova paróquia para que contribuam religiosamente com os emolumentos, oblatas que lhe sejam devidos por estatuto, leis usos e costumes legítimos nesta nossa Diocese, tratando também como prometem, além da doação da casa paroquial, angariar logo aí que chegar o Pároco, donativos suficientes para constituir

o patrimônio da paróquia e construir a igreja Matriz, como é mister. Ordenamos que enquanto não edificar o templo que será destinado para a igreja Matriz, funcione provisoriamente o novo pároco, na Capela de São João Batista de Olímpia existente no povoado, que por isto gozará de todos os privilégios e insígnias que com direito lhe couberem. Pelo que concedemos a dita capela enquanto servir de Matriz da Paróquia de São João Batista de Vila Olímpia, agora erigida em Matriz, pleno direito e faculdade para ter Sacrário em que se conserva o Augusto Sacramento da Eucaristia com necessário ornato e decência com a lâmpada constantemente acesa, de dia e de noite, bem como faculdade para ali se estabelecer Batistério e Pia Batismal, arquivo paroquial e ter os livros de Tombo, de Batismo, de Casamentos, de Óbitos e todos os mais direitos. Damos, portanto, por canonicamente erigida e constituída a Paróquia de São João Batista de Vila Olímpia com sede na povoação do mesmo nome. Este decreto será enviado aos respectivos vigários de Monte Azul e de São João Batista de Vila Olímpia e mandamos que lhe seja lido no primeiro dia santificado após a recepção do mesmo à Estação da Missa Paroquial de que passarão ao pé deste e registrarão integralmente com a Certidão, no livro de Tombo de suas Paróquias, para todo tempo Constar. Depois do que seja este Decreto devolvido á nossa Câmara Episcopal para ser registrado no livro competente. Dado e passado na Câmara Episcopal de São Carlos. Nomeação de Fabriqueiro - Por Portaria no dia 23 de Dezembro de 1909 do Ex.mo. Rev.mo. D. José Marcondes Homem de Melo Arcebispo - Bispo desta Diocese, foi

nomeado fabriqueiro deste Patrimônio de São João Batista, o Senhor José Rodrigues de Melo. Carlos do Pinhal, sob o nosso sinal e selo de Nossas Armas, aos quinze dias do mês de fevereiro do ano de 1910. Eu, o Cônego Porfírio de Souza Martins, secretário do Bispado, o escrevi e subscrevi. J. Marcondes, Arcebispo - Bispo de São Carlos".

"Certifico que no dia 13 de março de 1910, à Estação da Missa Paroquial, publiquei este decreto e em seguida o translatei como esta Paróquia, segundo ordena o mesmo decreto". "Lta In fide parochi". Matriz de Monte Azul, 13 de março de 1910. O vigário Padre Antônio Ferreira Colaço Dias. Está registrado no livro de tombo, às fls. 15 e 16". "Certifico que no dia 3 do corrente mês, nesta Matriz a Estação da Missa Paroquial, li e em seguida registrei o presente decreto como está para o livro de Tombo desta paróquia. São João Batista de Vila Olímpia, 03 de Abril de 1910. O Vigário P. Luiz Maria Desettá".

"D. José Marcondes Homem de Melo, por Mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo - Bispo de São Carlos do Pinhal".

"Aos que esta nossa portaria vierem, saudações e bênção o Senhor fazemos saber que estando vago o cargo de vigário encomendado da paróquia de São João Batista da Vila Olímpia, deste Bispado, havemos por bem, pela presente nossa portaria, nomear vigário encomendado da referida paróquia o reverendo Padre Luiz Desettá, que deverá no prazo de um mês, tomar posse e solicitar a competente profissão; e lhe concedemos as faculdades do estilo para administrar os Sacramentos aos fiéis da dita paróquia. Esta nossa portaria será lida à estação da missa

paroquial de um dia festivo, a fim de que chegue ao conhecimento de todos; e, desta sorte, haverá o emolumento inscrito que legitimamente de direito lhe pertencerem. Dada a passada na Câmara Episcopal de São Carlos do Pinhal sob o nosso Sinal e Selo de Nossas Armas aos 15 de março de 1910 Eu, Cônego Porfirio de Souza Martins, secretário do Bispado a subscrevi. José Marcondes, Arcebispo - Bispo de São Carlos".

"Certifico que no dia 3 do corrente mês, à estação da Missa Paroquial, li a presente portaria e tomei posse desta Paróquia de São João Batista de Vila Olímpia, 3 de Abril de 1910. O Vigário Padre Luiz M. Desettá".

"Paróquia de São João Batista dos Olhos d' Água aos 15/2/1910. Decreto de D. José Marcondes Homem de Melo, Bispo de São Carlos do Pinhal: "Desmembra de divisão da Paróquia de Olímpia a Paróquia de Monte Azul, e compromissa com alguns párocos para a construção de uma nova Igreja Matriz".

"Em abril de 1910 nesta Matriz, foram instaladas as aulas de Catecismo que estão abertas as quintas - feiras e domingos, das quatro as cinco e meia da tarde, tendo uma freqüência de 81 crianças de ambos sexos. Assinado: Padre Luiz Maria Desettá".

"Aos 15 de julho de 1910, com prévia autorização do Exmº e Revmº. Ordinário Diocesano foi lançada a pedra fundamental da nova matriz e dado início a obra da mesma. Vigário; Desettá".

"Pagamento de número cem,

adjudicado ao Patrimônio de São João Batista desta Vila, no processo divisório da Fazenda Olhos d' Água:

Certifico e dou fé a pedido verbal de parte interessada que, revendo em meu cartório o existente nele, encontrei os atos da ação de medição da fazenda Olhos d' Água desta comarca e freguesia: e de tais autos consta das fls. 309/310 o pagamento de teor seguinte: pagamento de número 100 adjudicando ao Patrimônio de Vila Olímpia de São João Batista dos Olhos d' Água. Acharam o Juiz, Agrimensor e arbitradores que o Patrimônio de Vila Olímpia de São João dos Olhos d' Água, acima nomeado, possui no prédio dividendo Fazenda Olhos d' Água, desta comarca de Barretos, o valor de (dois contos de reis) \$ 2.000.00, conforme se verifica dos títulos de "In Re" acima conferido e constatado do orçamento de divisão, que atende-se a natureza dos terrenos de que é formado o referido quinhão, esse valor corresponde a uma área total de cento e sessenta hectares de terras, de segunda e terceira classes, que ao referido Patrimônio adjudicam para seu pagamento em uma só gleba compreendida dentro das divisas já registradas e estabelecidas".

"Aos 10 de abril de 1910 foram instaladas as aulas de catecismo que estão abertas às quintas-feiras e domingos, da quatro a cinco e meia da tarde tendo uma freqüência de 81 crianças de ambos sexos".

"Aos 10 de abril de 1910, foi instituída, nesta Matriz a devota prática da receita do Santíssimo Rosário que se realiza-se todas os domingos e dias Santificados, às 6

horas da tarde, após a qual dá-se a bênção do Santíssimo Sacramento e encerra-se com cânticos em louvor a Maria Santíssima". "Certifico que no dia 14 de Abril de 1910, nesta Matriz em minha presença e presença da testemunha Eleazar de Menezes, tomou posse e prestou juramento do cargo de Fabriqueiro o Senhor José Rodrigues de Melo, Paróquia de São João Batista, aos 15 de abril de 1910. assinado: Vig. Luiz Maria Desettá". "Aos 15 de abril de 1910, com prévia autorização do Ex.mo. E Rev.mo. Foi lançada a primeira pedra da nova matriz e dado início às obras da mesma. Por iniciativa do mesmo vigário, como o óbolo angariado por piedosas senhoras desta paróquia. Foi adquirida uma bela imagem de Nossa Senhora da Conceição de Lourdes, cordão Pierri com um metro de altura e por doação de Paulino Miranda de Carvalho foi adquirido uma belíssima pia batismal de mármore e uma pia de água benta, também de mármore. O major José Soares de Medeiros, a pedido do Vigário, doou um sino grande para a matriz".

O Bispo D. Marcondes de Mello visitou Olímpia pela primeira vez em 12 de julho de 1911, permanecendo até o dia 17 do referido mês, ficando muito bem impressionado com o progresso e desenvolvimento de Vila Olímpia, elogiando de forma satisfatória os trabalhos realizados.

Por alvará de 6 de dezembro de 1911, o Bispo D. José Marcondes Homem de Melo, digno Arcebispo - Bispo de São Carlos, concedia poderes especiais ao vig. Luiz Maria Desettá, Fabriqueiro da Paróquia de São João Batista de Vila Olímpia, daquela Diocese, para que

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



pudesse vender os terrenos dos Patrimônios da referida Paróquia, pelos melhores preços que pudessem alcançar, dividido em datas, sendo o preço mínimo para as datas de colocação inferior de cem mil réis, sendo que a metade dos produtos das vendas ficasse empregado nas obras da construção da nova Matriz.

DETALHES DA HISTÓRIA

A nova Casa Paroquial ficou pronta e foi inaugurada em 1913. Francisco de Melo Nogueira foi nomeado com mandato de um ano, Fabriqueiro da Paróquia, em 25 de abril de 1914.

Em 13 de dezembro de 1913 foi removido de Tabapuã para Olímpia, com previsão para terminar em 7 de janeiro de 1915, o novo Vigário da Paróquia Padre Gasparino Dantas, que toma posse em 25 de janeiro de 1914.

O Bispo D. José Marcondes Homem de Melo visitou Olímpia pela segunda vez de 15 a 19 de junho de 1914, ficando encantado como nosso povo e autorizando o novo Padre Gasparino Dantas a assinar e regularizar os lançamentos feitos pelo Padre Luiz Maria Desettá, afastado

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

por motivo de moléstia.

No dia 10 de janeiro de 1915 às 10 h da manhã, tomou posse o novo vigário da Freguesia de Vila Olímpia, o Padre José Antônio Monteiro Felipe, na ausência do Padre Gasparino Dantas, a serviço pelas capelas da paróquia.

Em 1914 inaugurava-se o novo cemitério denominado São José (atual), cuja data não se pode precisar. Foi projetado e construído pelo Cap. Leonardo Posella Segundo.

Em 1915, em toda a paróquia de Olímpia, tanto na Matriz como nas capelas, foram batizadas 942 pessoas. Foram celebrados 158 casamentos e 57 recomendações. Durante o ano de 1916 a paróquia apresentou 1048 batizados, 129 casamentos e 84 recomendações. Pela terceira vez, o Bispo D. José Marcondes Homem de Mello procedeu uma vistoria pastoral onde permaneceu de 13 a 14 de março de 1917, sendo crismadas 903 pessoas. Durante o primeiro dia do mês de maio de 1910, por iniciativa do reverendo desta paróquia foi instituída a pia salutar, devoção do mês de Maria Santíssima, que foi aceita por este povo com maior entusiasmo. V.g. Destettá.

Iniciou-se a construção da nova Matriz em 1917.

Em 1918 houve em toda a paróquia 1148 batizados, 144 casamentos e 79 recomendações.

Em 1919 houve em toda a Paróquia de Olímpia 1186 batizados, 119 casamentos e 113 recomendações. Neste ano no dia

24 de março, começaram a ser assentados os primeiros tijolos da construção da nova Matriz. Em 9 de março de 1918 foi entregue a jurisdição paroquial ao Revmoº José Soares de Noronha. Em 1919 assumiu o padre Português Antônio Joaquim Gonçalves da Torre.

Em 1920 aconteceram 1397 batizados, 139 casamentos e 90 recomendações.

De 26 e 30 de agosto de 1921, D. José Marcondes Homem de Melo visitou Olímpia pela quarta vez, benzendo solenemente a nova Matriz e fazendo votos para que a mesma fosse concluída brevemente. No ano em questão, aconteceram 1240 batizados, 189 casamentos e 109 óbitos. Em 24 de novembro de 1922 às 16 horas, Olímpia recebia a honrosa visita de D. José Maurício da Rocha, bispo de Corumbá, que permaneceu em nossa cidade ate o dia 29.

Portaria de 12 de abril de 1924: foi nomeado o Padre José Lopes Bianchi. Tomou posse em 4 de maio de 1924.

Em 20 de janeiro de 1925 foi inaugurado o relógio da torre da Matriz, oferecido pelo Prefeito Municipal Senhor Mário Vieira Marcondes.





O fazendeiro Eugênio Storio doa o sino menor pesando 2500 quilos e custando a quantia de CS 2.700,00.

Em 1918 começa a ampliação em projeto arquitetônico com autoria de Fernando Lobo de (pseudônimo Marcelo Tupinambá), que aqui viveu por alguns anos e se tornou posteriormente um dos maiores compositores musicais do País. Em 28 de março de 1925 foram benzidos e inaugurados os novos sinos da torre da Matriz pelo Padre Luis Bianchi.

Em 28 de dezembro de 1927, tomou posse o vigário Antônio Bezerra. O jornal "Cidade de Olímpia" dava as seguintes manchetes: "As paredes já se acham concluídas. Está tendo início o madeiramento e vai se proceder à cobertura. O nome do Monsenhor Bezerra de Menezes ficará indelevelmente ligado ao belo templo que é a nossa igreja".

Comprovamos o fato pela notas inseridas no jornal "Cidade de Olímpia" de 1926: "Marcelo Tupinambá esteve nesta cidade, tendo realizado um belíssimo festival artístico no Clube de Olímpia. O festejado compositor e poeta



1928 - Na foto a Igreja Matriz de São João Batista, já em fase final de construção.

Marcelo Tupinambá é muito conhecido nesta cidade, onde viveu alguns anos".

Em 11 de dezembro de 1932, Monsenhor Bezerra de Menezes pediu transferência para Colômbia, sendo substituído por Padre Vicente Cirauqui no período que vai de 6/1/28 à 14/2/32.



Cel. Geremio Lunardelli que doa o sino grande para a nova matriz pesando 3500 quilos e custando CS 3.700,00. Ambos os sinos foram fundidos em São Paulo por Ângelo de Angelis.

Em 14 de dezembro, tomou posse em Olímpia o primeiro vigário Carlos Simão da Rocha nomeado por portaria em 7 de dezembro de 1932. Em 1933, no dia 10 de setembro, tomou posse da Paróquia o Padre Vicente Cirauqui, nomeado por portaria de 8 de setembro de 1933.

Nota compilada do jornal "Cidade de Olímpia", edição de 23 de junho de 1929: "Sem alarde e sem ostentação vai o nosso amado vigário monsenhor Bezerra de Menezes levando a cabo a construção da nossa igreja Matriz na grande parte que ainda faltava".

Em 30 de julho de 1940, tomou posse o vigário Padre Alfredo Pereda, que ficou muitos anos e ganhou o respeito e a amizade do povo de Olímpia.

Em 1º de maio de 1946 assumiu o Padre Nicolau Guardia. A 11 de maio de 1947 tomaram posse o Frei Roque Piscine e Frei Justino. Posteriormente, em 1950, o Frei Clemente Grassi.

A nova igreja da Matriz foi completada apenas na parte da frente, entrada principal, duas portas laterais, um altar e acomodações para 200 pessoas mais ou menos. Mas os párocos não deixaram de trabalhar para completar a parte posterior.

O grande desenvolvimento de Olímpia, principalmente com a produção agrícola e a chegada em grande número de imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, em sua grande maioria todos vindos

de países onde o catolicismo era predominante, fez com que a aptidão pelo cristianismo tivesse seu quinhão, levados pela fé construída em suas raízes.

Desta forma, a contribuição dos habitantes de Olímpia, através de donativos generosos e organização de promoções, fez com que se acelerasse a construção do templo representativo de suas crenças.

Vejamos, num rápido retrospecto, que a primeira capelinha construída em 1903, sofreu consecutivas reformas, sendo ampliada em 1910. Destruída por um incêndio, em 24 de agosto deste ano, foi reconstruída e ampliada. Em 1917, foram elaborados planos para a construção de um grande templo, compatível com o crescimento e riqueza incomuns da cidade. Na verdade, após a colocação dos primeiros tijolos, no fim da década de 1910, ainda se passaram 10 anos para que a mesma fosse totalmente construída. Primeiramente a parte da entrada e da grande torre, posteriormente a parte dos fundos, onde se instalou a sacristia e o novo altar.

A participação da população foi fundamental para que o grande sonho dos olimpienses fosse realizado.

Foi inclusive contratado um artista plástico de Jaboticabal, que embelezou o interior da Igreja, pintando todo o teto, inspirado em passagens bíblicas do novo testamento, copiando o estilo de pintura da Capela Sistina.

As obras da nova Igreja Matriz começaram no dia 24/07/OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Flagrante de barracas de quermesse realizada na praça pelo povo, principalmente pelas sociedades de imigrantes, para a construção da nova Igreja Matriz.

1927. A sua inauguração oficial se deu em 1º de novembro de 1929, para alegria do povo olimpiense.

Ao longo dos anos ela ganhou novos melhoramentos, vitrais desenhados e coloridos com motivos bíblicos.

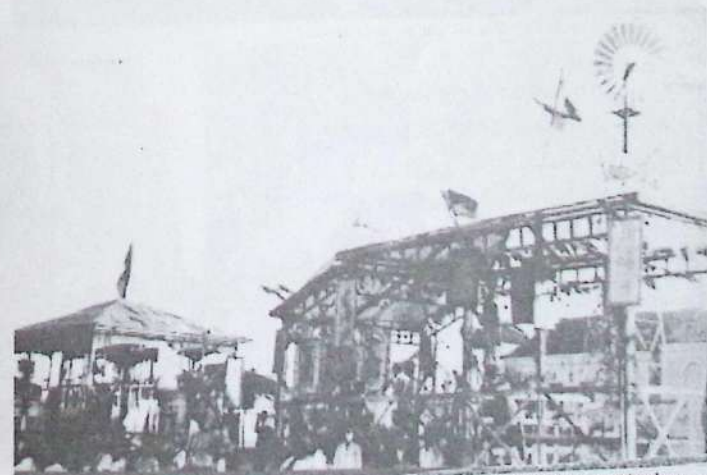
Era um verdadeiro monumento artístico. Milhares de pessoas no transcurso dos anos seguintes foram batizadas e crismadas naquele palco de grandes solenidades religiosas.

Em 13 de maio de 1949, os comerciantes José Rodrigues

Ferreira e José Simões fariam a doação de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, mandada buscar em Portugal, no mesmo local da aparição da virgem.

Antes de entrar no assunto de sua demolição, vamos ilustrar com fotos sua imagem para que realmente possamos avaliar sua beleza, sua grandeza e sua significação para a cidade de Olímpia.

No dia 30/15/1951, o Frei Clemente Grassi, através dos jornais, comunica à população o estado



Barracas de quermesse realizada pela Colônia Portuguesa. Ao lado podemos vislumbrar as paredes da Igreja já com vitrais coloridos.



1º de novembro de 1929 - Inauguração da nova Matriz.

perigoso da estrutura da igreja e apela ao povo que faça doações para a reforma da mesma.

A igreja é interditada ao público, com as missas sendo realizadas na sacristia, (que não oferecia riscos de desabamento), na Igreja de Nossa Senhora Aparecida e na Capela da Santa Casa de Misericórdia de Olímpia.

Em dezembro de 1951 a campanha já havia rendido a soma de C\$ 85.505,80. Em abril de 1952 o Frei

Clemente Grassi e Tarcísio Santoro iniciam campanha para que todas as classes da população doassem um dia de seu salário para campanha da reforma da igreja. A repercussão foi favorável. Comerciantes, professores, pedreiros, industriais, fazendeiros e até estudantes, enfim todas as classes colaboraram com o valor de um dia de trabalho. O total arrecadado foi mais ou menos de C\$.1.000.000,00, que cobriram as despesas de reforma.

Em julho de 1952, procedente de Avella, província de Avelino (Itália), chegava a nossa cidade como coadjutor o Frei Jerônimo Novello.

Aos 12/10/52 na Capela da Santa Casa, tomava posse da paróquia o novo vigário Frei Tarcísio Santoro.

Morre em 1953 Marcelo Tupinambá maestro e poeta diplomado pela Escola Politécnica de São Paulo, tido como o projetista e arquiteto.

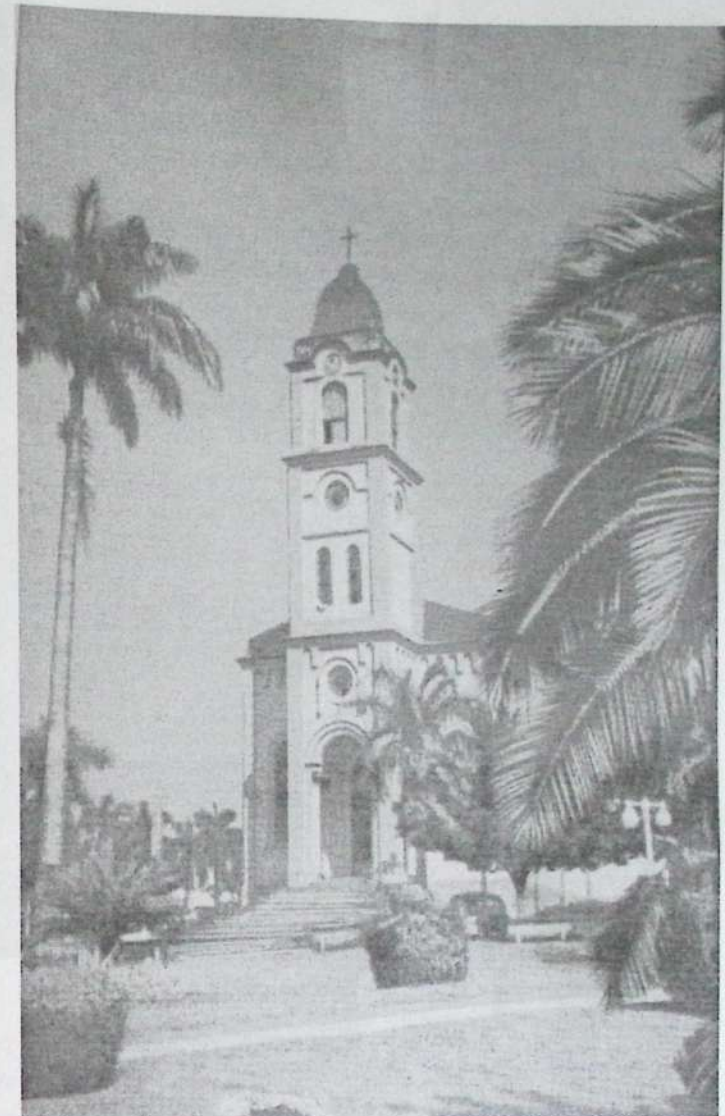
O catolicismo sempre foi a religião que teve o maior número de adeptos e fiéis em Olímpia. Seus seguidores, na grande maioria provindos da Europa, principalmente italianos, sempre reverenciaram o

catolicismo e transmitiram aos descendentes e gerações futuras a crença cujas raízes trouxeram de seus países de origem. A igreja exercia poder quase absoluto nos costumes religiosos, nos ensinamentos bíblicos e na conduta moral.

O Frei Clemente Grassi faz o melhor dos esforços para conservar as pinturas do forro da Igreja Matriz. No dia 29 de fevereiro de 1952, enormes andaimes já estavam instalados ao redor da nave procedendo à reforma, sendo retirada a cobertura de feita de telhas, os madeiramentos e demolidas as paredes laterais.

REABERTURA DA IGREJA

Finalmente, em 14 de dezembro de 1952, é reaberta a Igreja Matriz de São João Batista, com inúmeras solenidades e festividades. Às 6 horas da manhã, é procedida a alvorada com salva de 21 tiros pelo Tiro de Guerra local; às 7 horas e 30 minutos realiza-se Missa com comunhão das irmandades, da cidade e do povo; às 8 horas e 30 minutos: Missa com



Igreja Matriz na década de 1940



Velha Igreja Matriz focalizada por dentro.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Carro transportando a imagem de Nossa Senhora Aparecida quando de sua vinda em Olímpia.



Milhares de fiéis acompanham a procissão com a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



A Igreja Matriz após a reforma, em dezembro de 1952.

comunhão das crianças; às 10 horas é celebrada Missa Solene, cantada, pelo Frei Geraldo Mariano Alves da Consolação, filho da terra que era natural de Olímpia e novo sacerdote; à tarde é realizada uma sessão solene nos salões da Casa Paroquial com a presença de autoridades eclesiásticas e da cidade; finalmente, às 19 horas e 30 minutos é realizada imponente procissão em louvor ao padroeiro São João Batista.

A igreja, verdadeiro cartão de visitas da cidade destacava-se pela imponência e beleza, sendo o ponto de referência da cidade.



Congregação Mariana na década de 1950 em frente a Matriz.



A velha Matriz vista por outro ângulo. Em detalhes as árvores, ponto de encontro de namorados.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

OS IMIGRANTES



Estampa de jovem vestida em traje típico espanhol.

Nos registros do ilustre advogado e historiador olimpiense, Dr. Bianor da Silva Medeiros, os primeiros imigrantes espanhóis que já estavam fixados em Olímpia, em 1908, era os seguintes:

Braz Vicente Caliente, Miguel Guimarães, Donato Lourenço, Andrez Vicente, Ricardo Cunchada, Francisco Blanco, João Ocanha Ramom Ayres, Pedro Vasques, Miguel Vegas, João Ferreira Plaza; José Medina, José Manuel Plaza, Agustin Vicente, Angelo Vicente, Manuel Sanchez, Bibiano Gonçalves, Domingos Ramirez, Gabriel Malto Bordoi e Tomaz Gonçalves.

A COLÔNIA PORTUGUESA

Os imigrantes portugueses que aqui aportaram também foram de importância fundamental para o progresso de nossa terra. Dedicavam-se, na maior parte, ao comércio e foram, em sociedade, os primeiros a criar um hospital, o da Beneficência Portuguesa de Olímpia. Citemos os nomes de Antônio Augusto dos Santos, João Rodrigues Batata, Antônio Eduardo Pereira, Manoel Rainho, David de Oliveira, Antônio Serrano, José Ferreira,



Manoel Soares de Medeiros e muitos outros que serão apresentados adiante, na formação da sociedade.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

028970

A COLÔNIA JAPONESA

(por Bianor da Silva Medeiros)



A colônia japonesa de Olímpia é uma das melhores do município, sob todos os aspectos. Gente ordeira, trabalhadora, pacífica, organizada e financista, simples e de bons costumes, se distinguem do comum dos brasileiros não somente pelos hábitos de trabalho intenso como ainda por rígida economia. São comerciantes e agricultores, dando o melhor dos seus esforços à cultura do algodão e do arroz no município, produzindo, em todos os anos, milhares de sacos de arroz em casca e milhares de arrobas de algodão em caroço. Falando uma língua inteiramente diversa da nossa e encontrando uma séria dificuldade em compreender e falar o português, são, por isso, meio retraídos e, todas as vezes que precisam compreender bem alguma coisa, levam consigo um japonês que conhece melhor a nossa língua e que sirva de intérprete. São sérios, excelentes chefes de família, amigos e cultivadores do atletismo, a que se dedicam com esmero. Suas festas esportivas trazem grande massa popular as praças de esportes e elementos da colônia japonesa de toda a vizinhança e até mesmo de praças distantes. Distribuem taças, medalhas e recordações próprias de tais festividades. Deitam cedo e se levantam pela manhã e trabalham todos os dias sem exceção alguma. Gostam de educar as crianças, instruindo-as em nossas escolas públicas. Não apreciam muito os desocupados, viciados e desambiciosos, por isso não se

cruzam muito com os brasileiros de baixo meio social. São muito delicados e hospitaleiros e sérios em seus negócios. Tanto os homens como as mulheres trabalham em todos os serviços e, em matéria de agricultura, são muito melhores do que a maioria dos brasileiros. São excelentes agricultores, horticultores e comerciantes que dão o melhor dos seus esforços. São muito respeitadores dos lares alheios e obsequiam sempre com presentes quando fazem visitas. A colônia japonesa costuma festejar o dia primeiro de janeiro, como o maior dia do ano e 11 de fevereiro, quando comemoram a fundação do império japonês, e 29 de abril, quando festejam o aniversário do Imperador Hiroito. Estas são as três festas maiores de todos os japoneses. Além disso, todo o casamento e nascimento é comemorado com festividades. A religião tradicional é Sintonista, isto é, o santo japonês, é a Budista, com muita convenção para o Catolicismo, sem padres em Olímpia de sua religião tradicional). Acreditam na existência da alma e na sua imortalidade. É tradição da raça, quando morre alguém da família, colocarem nos túmulos, objetos como incenso, doces, iguarias, etc, para descanso da alma pranteada, como nós colocamos flores, velas, etc, como prova de afeição e de não esquecimento. A era japonesa é diferente da cristã, baseada na fundação do império, há 2.668 anos, no ano em curso, sendo que, com a entrada de cada Imperador, mudam as datas, e tempo de Showa 22 (depois da posse do Imperador Hiroito). A língua oficial japonesa contém 48 letras, com três repetidas, formando o alfabeto com

51 letras, para o curso primário, até o segundo ano, com o nome de Kata Kana. Depois vem o Shiragana, que vai do 3º ano em diante, no curso primário. Depois vem Kanji (milhares de combinações). Katakana, Shiragana e Kanji são combinações de letras e de sílabas, sendo a primeira para a infância e as demais para os adultos. No Japão, o curso primário obrigatório é de seis anos e mais dois anos de aperfeiçoamento e gratuito. O curso ginásial é de cinco anos, o curso superior é de 7 anos, para medicina, direito e engenharia.

José Akira Massuda natural de Sertãozinho, agricultor e comerciante em Altair, tem seu pai Inhia Massuda, natural de Hinshimaken. Veio para o Brasil, em 1921, com sua mulher Ioshima Massuda, falecida em Colina, em 1939. Ele reside em Altair com seus filhos, Jorge Massuda e outros, em Atair.

Daijiro Takahashi, casado com Tisato Takahashi, ambos naturais de Nagano-Ken, Japão, vieram para o Brasil em 24 de junho de 1927, chegando a Olímpia em 13 de outubro de 1939. Adquiriu a Chácara de Kasawara. Tem os seguintes filhos: Chovi, Essas, Kazué, Daikiti, Takaé, Mitié Takahashi, Takakishi Takahashi casado com Toyozo Takahashi, com os seguintes filhos: Marié, Takanori, Takajiro, Mário, Brasiá Takahashi, casado, residente em Olímpia estudante de engenharia em São Paulo. Ele possuía 14 prédios em Olímpia e 2 em Altair. Foi ainda, grande comerciante e proprietário do Armazém Takahashi de Olímpia e sócio do armazém T. Takahashi & Companhia.

Hanzi Abe, casado com Kiy Abe, naturais de Fukushima-ken,

Japão, vieram para o Brasil em 1913, chegando em Olímpia em primeiro de outubro de 1936. Começou a sua vida em Olímpia com Bar e Fotografia (foto Bar Tokio) filhos: Akira Abe, casado com Kimiyo Abe, filhos: Akio, Takeo, Terúo, Heitor Yoshio Abe. É proprietário do Foto Abe. Kikuyo Abe, casada com Kiyti Kokubum, comerciantes, filhos: Roberto, Kazuo Kokubum residentes em Jaboticabal. Ângelo Abe, solteiro, fotógrafo, Olímpia. Madalena Abe, solteira, Olímpia. Kikue Abe, solteira, Olímpia. Mário Abe, casado, Olímpia.

Seichi Kadoo, casado com Kikuyo Kadoo, naturais de Hiroshima – Ken, vieram para o Brasil em 1909 e chegaram a Olímpia em 19 de julho de 1938, começaram a vida como agricultores. Em 5 de maio de 1948, compraram o bar e restaurante Paulicéa, onde residem, na praça Rui Barbosa. Filhos: Kazuno Kado casado com Hasthuko; Histoshi Kadoo, solteiro, Masaru Kadoo, solteiro, Tomiko Kadoo, solteiro, todos residentes em Olímpia.

Sotekiti Kimura, viúvo de Tolá Kimura, naturais de Fukushima-ken, vieram para Brasil em 1914, chegando a Olímpia em 1936, em 15 de outubro. Começaram à vida como comerciantes, proprietários da Casa Kimura, na rua São João, durante três anos. Filhos: Massami Kimura casado com Natsu Kimura, filhos: Massao Kimura, solteiro, comerciante, Olímpia. Canome Kimura, primo de Massami Kimura, casado com Yoshie Nakai, sócio da Loja Brasileira, com os seguintes filhos: Toshiharu, Akico, Nobuco

Kimura.

Bianor pesquisou todas as famílias de origem nipônica de Olímpia.

OS PRIMEIROS SÍRIOS A CHEGAR A OLÍMPIA

Jorge Aidar, João Aidar, Miguel Aidar. Miguel Salin Aidar, Felipe e Alexandre Aidar em 1903 – A RUA SÍRIA LEVOU ESTE NOME EM HOMENAGEM A ESTA FAMÍLIA - Jorge Aidar fez a primeira casa comercial, de armarinhos onde foi a loja do povo (praça da Matriz).

Posteriormente, nas décadas de 10 e 20, chegaram Nassif Thomé, Attala Thomé, a família Rimaik, a família Abdalla, Aziz, Haidar e outras que serão citadas no decorrer da apresentação das famílias.

A COLÔNIA RUSSA

A colônia russa de Olímpia era constituída de gente boa, sem antecedentes criminais, ordeira e trabalhadora, excelentes chefes de família, comerciantes ou industriais. É constituída de oito famílias:

Jaime Gun, casado com Dora Gun, naturais de Bessarabia, Rússia, foram comerciantes e industriais com casa e indústria de móveis. Chegaram em Olímpia em 1922 e em 1925 mudaram-se para São Paulo onde ele faleceu em 1926. Está família é judia.

Marques Gorodeski, casado com Sofia Gorodeski, naturais da Bessarabia, Rússia, chegaram em Olímpia em 1924, naturalizando-se brasileiros. Viveram sempre entre nós, com pequenos intervalos em São Paulo, como comerciantes de

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

armarinhos e proprietários urbanos. O distinto casal teve os seguintes filhos: Lea Nulman, casada com Samuel Nulman, comerciante em São Paulo, com uma filha, Frida; David Gorodeski, contador, solteiro, São Paulo; Raquel Gorodeski, estudante em São Paulo. Esta família é judia.

Israel Zilber casado com Ester Zilber, naturais de Rumania, na Rússia chegaram em Olímpia em 1925 onde viveram até 1932, quando se mudaram para São Paulo. Tinham sorveteria e casa de Moveis. O distinto casal teve os seguintes filhos: Leon Zilber, engenheiro em São Paulo; Samuel Zilber, contador em São Paulo; Rosa Zilber formada em Filosofia Ciências e Letras em São Paulo; Dora Zilber, estudante em São Paulo. Esta família é judia.

Salomão Lanis, casado com Riva Lanis, naturais da Rússia, Berdihir, vieram para Olímpia em 1927. Comerciante, industrial, com casa de móveis em Olímpia e proprietário urbano. O distinto casal tem os seguintes filhos: Elias Lanis, Lea Warchavki, casada com Israel Warchavki, comerciante em São Paulo, com um filho Natan; Shalon Jehusua Lanis, estudante. Esta família é judia.

Moris Boer casado com Sara Boer, naturais de Polônia, vieram para Olímpia em 1927 e mudaram-se para Bebedouro em 1934. Foi comerciante e industrial de moveis em Olímpia. Tiveram os seguintes filhos: Raquel, Sofia, José, Ida Boer. Esta família é judia.

Daniel Zikel casado com

Riva Zikel, naturais de Bessarabia, Rússia na época Rumania, vieram para Olímpia em 1930. Proprietário urbano, comerciante, capitalista. O distinto casal tem os seguintes filhos: Moisés, Salomão, Rosa, Lea. Esta família é judia.

Chia Boer, casado com Berta Boer, naturais de Polônia. É comerciante e industrial de moveis. O distinto casal tem os seguintes filhos: Hélio, Anita e Jesuel Boer. Esta família é judia.

Oscar Kloss, natural de Odessa, Rússia, veio para o Brasil moço e solteiro em 1929, vindo diretamente para trabalhar no serviço de Água e Esgoto de Olímpia, como empregado municipal. Ocupou esse cargo até 1940, tornando-se verdadeiro técnico neste assunto. Inteligente, sóbrio, sério e bom, fez o excelente curso primário de piloto civil na escola de Aviação Bandeirante, de Juvenal Paixão, em Olímpia, em 1939. Em 1942 fez o curso superior da Escola de Monitores do Aero Clube do Brasil, no Rio de Janeiro, tirando o seu diploma de aviador instrutor com distinção e louvor. O Cel. Dias Costa, comandante da FAB, dirigindo o Aéreo Clube do Brasil, fez a seguinte apreciação no livro de notas de Oscar Kloss: "Oscar Kloss conquistou a minha estima pelas suas qualidades de homem correto e ponderado e a minha admiração por ser um piloto excepcional". Rio, Dez. 42 (a) Cel. Av. Dias Costa. E o Instrutor de Oscar Kloss, Adriano Chiarini, afirmou o seguinte: "O curso de monitores foi agraciado com mais uma jóia, que lapidada, hoje, enriquece o nosso numero de

instrutores conscienciosos". "Oscar kloss, que é brasileiro naturalizado reservista, passou a dirigir, como instrutor, o Aero Clube de Olímpia sem desmerecer os elevados conceitos expendidos por seus superiores hierárquicos. Possui seu avião particular Stinson. Casou – se em Bebedouro em 1929 com Adelina Janota Kloss, de cujo consórcio tem os seguintes filhos: João, Sérgio e Efigmia Kloss, menores e estudantes na época.

A COLÔNIA NEGRA

Chegaram em grande número em Olímpia, até 1888 como escravos e posteriormente como trabalhadores braçais.

Em matéria social somente se organizaram através do Sr. José Cristino da Silva que fundou um Clube denominado "Nosso Clube", onde se reuniam membros da sociedade. Posteriormente foi fundada a Associação Barão do Rio Branco", por Mauro Miranda, mas também se extinguiu. Além de José Cristino, Olímpia teve a presença das famílias tradicionais como Joaquim dos Santos, o grande jornalista Sérgio Pereira Pita, figura de cultura e inteligência, os Almeida, os Silva, os Araujo, os Rosa e muitos outros.

Observação importante:

Essas biografias e registros foram escritos pelo historiador Dr. Bianor da Silva Medeiros em seu trabalho. Interrompido nos anos 50. A maior parte dessas famílias já não residem mais em Olímpia e não possuem sequer descendência aqui em nossa cidade. Achemos por bem registrar sua passagem por aqui, por serem de alguma forma, parte da história.

51 letras, para o curso primário, até o segundo ano, com o nome de Kata Kana. Depois vem o Shiragana, que vai do 3º ano em diante, no curso primário. Depois vem Kanji (milhares de combinações). Katakana, Shiragana e Kanji são combinações de letras e de sílabas, sendo a primeira para a infância e as demais para os adultos. No Japão, o curso primário obrigatório é de seis anos e mais dois anos de aperfeiçoamento e gratuito. O curso ginásial é de cinco anos, o curso superior é de 7 anos, para medicina, direito e engenharia.

José Akira Massuda natural de Sertãozinho, agricultor e comerciante em Altair, tem seu pai Inha Massuda, natural de Hinshima-ken. Veio para o Brasil, em 1921, com sua mulher Ioshima Massuda, falecida em Colina, em 1939. Ele reside em Altair com seus filhos, Jorge Massuda e outros, em Atair.

Daijiro Takahashi, casado com Tisato Takahashi, ambos naturais de Nagano-Ken, Japão, vieram para o Brasil em 24 de junho de 1927, chegando a Olímpia em 13 de outubro de 1939. Adquiriu a Chácara de Kasawara. Tem os seguintes filhos: Chovi, Essas, Kazué, Daikiti, Takaé, Mitié Takahashi, Takakishi Takahashi casado com Toyozo Takahashi, com os seguintes filhos: Marié, Takanori, Takajiro, Mário, Brasiá Takahashi, casado, residente em Olímpia estudante de engenharia em São Paulo. Ele possuía 14 prédios em Olímpia e 2 em Altair. Foi ainda, grande comerciante e proprietário do Armazém Takahashi de Olímpia e sócio do armazém T. Takahashi & Companhia.

Hanzi Abe, casado com Kiy Abe, naturais de Fukushima -ken,

Japão, vieram para o Brasil em 1913, chegando em Olímpia em primeiro de outubro de 1936. Começou a sua vida em Olímpia com Bar e Fotografia (foto Bar Tokio) filhos: Akira Abe, casado com Kimiyo Abe, filhos: Akio, Takeo, Terúo, Heitor Yoshio Abe. É proprietário do Foto Abe. Kikuyo Abe, casada com Kiyti Kokubum, comerciantes, filhos: Roberto, Kazuo Kokubum residentes em Jaboticabal. Ângelo Abe, solteiro, fotógrafo, Olímpia. Madalena Abe, solteira, Olímpia. Kikue Abe, solteira, Olímpia. Mário Abe, casado, Olímpia.

Seichi Kadoo, casado com Kikuyo Kadoo, naturais de Hiroshima - Ken, vieram para o Brasil em 1909 e chegaram a Olímpia em 19 de julho de 1938, começaram a vida como agricultores. Em 5 de maio de 1948, compraram o bar e restaurante Paulicéa, onde residem, na praça Rui Barbosa. Filhos: Kazuno Kado casado com Hasthuko; Histoshi Kadoo, solteiro, Masaru Kadoo, solteiro, Tomiko Kadoo, solteiro, todos residentes em Olímpia.

Sotekiti Kimura, viúvo de Tolá Kimura, naturais de Fukushima-ken, vieram para Brasil em 1914, chegando a Olímpia em 1936, em 15 de outubro. Começaram à vida como comerciantes, proprietários da Casa Kimura, na rua São João, durante três anos. Filhos: Massami Kimura casado com Natsu Kimura, filhos: Massao Kimura, solteiro, comerciante, Olímpia. Canome Kimura, primo de Massami Kimura, casado com Yoshie Nakai, sócio da Loja Brasileira, com os seguintes filhos: Toshiharu, Akico, Nobuco

Kimura.

Bianor pesquisou todas as famílias de origem nipônica de Olímpia.

OS PRIMEIROS SÍRIOS A CHEGAR A OLÍMPIA

Jorge Aidar, João Aidar, Miguel Aidar. Miguel Salin Aidar, Felipe e Alexandre Aidar em 1903 - A RUA SÍRIA LEVOU ESTE NOME EM HOMENAGEM A ESTA FAMÍLIA - Jorge Aidar fez a primeira casa comercial, de armazinhos onde foi a loja do povo (praça da Matriz).

Posteriormente, nas décadas de 10 e 20, chegaram Nassif Thomé, Attala Thomé, a família Rimaik, a família Abdalla, Aziz, Haidar e outras que serão citadas no decorrer da apresentação das famílias.

A COLÔNIA RUSSA

A colônia russa de Olímpia era constituída de gente boa, sem antecedentes criminais, ordeira e trabalhadora, excelentes chefes de família, comerciantes ou industriais. É constituída de oito famílias:

Jaime Gun, casado com Dora Gun, naturais de Bessarabia, Rússia, foram comerciantes e industriais com casa e indústria de móveis. Chegaram em Olímpia em 1922 e em 1925 mudaram-se para São Paulo onde ele faleceu em 1926. Está família é judia.

Marques Gorodeski, casado com Sofia Gorodeski, naturais da Bessarabia, Rússia, chegaram em Olímpia em 1924, naturalizando-se brasileiros. Viveram sempre entre nós, com pequenos intervalos em São Paulo, como comerciantes de

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

am... e Bessarabia, Rússia na época Rumania, vieram para Olímpia em 1930. Proprietário urbano, comerciante, capitalista. O distinto casal tem os seguintes filhos: Moisés, Salomão, Rosa, Lea. Esta família é judia.

Israel Zilber casado com Ester Zilber, naturais de Rumania, na Rússia chegaram em Olímpia em 1925 onde viveram até 1932, quando se mudaram para São Paulo. Tinham sorveteria e casa de Moveis. O distinto casal teve os seguintes filhos: Leon Zilber, engenheiro em São Paulo; Samuel Zilber, contador em São Paulo; Rosa Zilber formada em Filosofia Ciências e Letras em São Paulo; Dora Zilber, estudante em São Paulo. Esta família é judia.

Salomão Lanis, casado com Riva Lanis, naturais da Rússia, Berdihir, vieram para Olímpia em 1927. Comerciante, industrial, com casa de móveis em Olímpia e proprietário urbano. O distinto casal tem os seguintes filhos: Elias Lanis, Lea Warchavki, casada com Israel Warchavki, comerciante em São Paulo, com um filho Natan; Shalon Jehusua Lanis, estudante. Esta família é judia.

Moris Boer casado com Sara Boer, naturais de Polônia, vieram para Olímpia em 1927 e mudaram-se para Bebedouro em 1934. Foi comerciante e industrial de moveis em Olímpia. Tiveram os seguintes filhos: Raquel, Sofia, José, Ida Boer. Esta família é judia.

Daniel Zikel casado com

Chia Boer, casado com Berta Boer, naturais de Polônia. É comerciante e industrial de moveis. O distinto casal tem os seguintes filhos: Hélio, Anita e Jesuel Boer. Esta família é judia.

Oscar Kloss, natural de Odessa, Rússia, veio para o Brasil moço e solteiro em 1929, vindo diretamente para trabalhar no serviço de Água e Esgoto de Olímpia, como empregado municipal. Ocupou esse cargo até 1940, tornando-se verdadeiro técnico neste assunto. Inteligente, sóbrio, sério e bom, fez o excelente curso primário de piloto civil na escola de Aviação Bandeirante, de Juvenal Paixão, em Olímpia, em 1939. Em 1942 fez o curso superior da Escola de Monitores do Aero Clube do Brasil, no Rio de Janeiro, tirando o seu diploma de aviador instrutor com distinção e louvor. O Cel. Dias Costa, comandante da FAB, dirigindo o Aéreo Clube do Brasil, fez a seguinte apreciação no livro de notas de Oscar Kloss: "Oscar Kloss conquistou a minha estima pelas suas qualidades de homem correto e ponderado e a minha admiração por ser um piloto excepcional". Rio, Dez. 42 (a) Cel. Av. Dias Costa. E o Instrutor de Oscar Kloss, Adriano Chiarini, afirmou o seguinte: "O curso de monitores foi agraciado com mais uma jóia, que lapidada, hoje, enriquece o nosso numero de

instrutores conscienciosos". "Oscar Kloss, que é brasileiro naturalizado reservista, passou a dirigir, como instrutor, o Aero Clube de Olímpia sem desmerecer os elevados conceitos expendidos por seus superiores hierárquicos. Possui seu avião particular Stinson. Casou-se em Bebedouro em 1929 com Adelina Janota Kloss, de cujo consórcio tem os seguintes filhos: João, Sérgio e Efigmia Kloss, menores e estudantes na época.

A COLÔNIA NEGRA

Chegaram em grande número em Olímpia, até 1888 como escravos e posteriormente como trabalhadores braçais.

Em matéria social somente se organizaram através do Sr. José Cristino da Silva que fundou um Clube denominado "Nosso Clube", onde se reuniam membros da sociedade. Posteriormente foi fundada a Associação Barão do Rio Branco", por Mauro Miranda, mas também se extinguiu. Além de José Cristino, Olímpia teve a presença das famílias tradicionais como Joaquim dos Santos, o grande jornalista Sérgio Pereira Pita, figura de cultura e inteligência, os Almeida, os Silva, os Araujo, os Rosa e muitos outros.

Observação importante:

Essas biografias e registros foram escritos pelo historiador Dr. Bianor da Silva Medeiros em seu trabalho. Interrompido nos anos 50. A maior parte dessas famílias já não residem mais em Olímpia e não possuem sequer descendência aqui em nossa cidade. Acharmos por bem registrar sua passagem por aqui, por serem de alguma forma, parte da história.

51 letras, para o curso primário, até o segundo ano, com o nome de Kata Kana. Depois vem o Shiragana, que vai do 3º ano em diante, no curso primário. Depois vem Kanji (milhares de combinações). Katakana, Shiragana e Kanji são combinações de letras e de sílabas, sendo a primeira para a infância e as demais para os adultos. No Japão, o curso primário obrigatório é de seis anos e mais dois anos de aperfeiçoamento e gratuito. O curso ginásial é de cinco anos, o curso superior é de 7 anos, para medicina, direito e engenharia.

José Akira Massuda natural de Sertãozinho, agricultor e comerciante em Altair, tem seu pai Inhia Massuda, natural de Hinshimaken. Veio para o Brasil, em 1921, com sua mulher Ioshima Massuda, falecida em Colina, em 1939. Ele reside em Altair com seus filhos, Jorge Massuda e outros, em Atair.

Daijiro Takahashi, casado com Tisato Takahashi, ambos naturais de Nagano-Ken, Japão, vieram para o Brasil em 24 de junho de 1927, chegando a Olímpia em 13 de outubro de 1939. Adquiriu a Chácara de Kasawara. Tem os seguintes filhos: Chovi, Essas, Kazué, Daikiti, Takaé, Mitié Takahashi, Takakishi Takahashi casado com Toyozo Takahashi, com os seguintes filhos: Marié, Takanori, Takajiro, Mário, Brasiá Takahashi, casado, residente em Olímpia estudante de engenharia em São Paulo. Ele possuía 14 prédios em Olímpia e 2 em Altair. Foi ainda, grande comerciante e proprietário do Armazém Takahashi de Olímpia e sócio do armazém T. Takahashi & Companhia.

Hanzi Abe, casado com Kiy Abe, naturais de Fukushima-ken,

Japão, vieram para o Brasil em 1913, chegando em Olímpia em primeiro de outubro de 1936. Começou a sua vida em Olímpia com Bar e Fotografia (foto Bar Tokio) filhos: Akira Abe, casado com Kimiyo Abe, filhos: Akio, Takeo, Terúo, Heitor Yoshio Abe. É proprietário do Foto Abe. Kikuyo Abe, casada com Kiyti Kokubum, comerciantes, filhos: Roberto, Kazuo Kokubum residentes em Jaboticabal. Ângelo Abe, solteiro, fotógrafo, Olímpia. Madalena Abe, solteira, Olímpia. Kikue Abe, solteira, Olímpia. Mário Abe, casado, Olímpia.

Seichi Kadoo, casado com Kikuyo Kadoo, naturais de Hiroshima – Ken, vieram para o Brasil em 1909 e chegaram a Olímpia em 19 de julho de 1938, começaram a vida como agricultores. Em 5 de maio de 1948, compraram o bar e restaurante Paulicéa, onde residem, na praça Rui Barbosa. Filhos: Kazuno Kado casado com Hasthuko; Histoshi Kadoo, solteiro, Masaru Kadoo, solteiro, Tomiko Kadoo, solteiro, todos residentes em Olímpia.

Sotekiti Kimura, viúvo de Tolá Kimura, naturais de Fukushima-ken, vieram para Brasil em 1914, chegando a Olímpia em 1936, em 15 de outubro. Começaram à vida como comerciantes, proprietários da Casa Kimura, na rua São João, durante três anos. Filhos: Massami Kimura casado com Natsu Kimura, filhos: Massao Kimura, solteiro, comerciante, Olímpia. Canome Kimura, primo de Massami Kimura, casado com Yoshie Nakai, sócio da Loja Brasileira, com os seguintes filhos: Toshiharu, Akico, Nobuco

Kimura.

Bianor pesquisou todas as famílias de origem nipônica de Olímpia.

OS PRIMEIROS SÍRIOS A CHEGAR A OLÍMPIA

Jorge Aidar, João Aidar, Miguel Aidar. Miguel Salin Aidar, Felipe e Alexandre Aidar em 1903 – A RUA SÍRIA LEVOU ESTE NOME EM HOMENAGEM A ESTA FAMÍLIA - Jorge Aidar fez a primeira casa comercial, de armarinhos onde foi a loja do povo (praça da Matriz).

Posteriormente, nas décadas de 10 e 20, chegaram Nassif Thomé, Attala Thomé, a família Rimaik, a família Abdalla, Aziz, Haidare e outras que serão citadas no decorrer da apresentação das famílias.

A COLÔNIA RUSSA

A colônia russa de Olímpia era constituída de gente boa, sem antecedentes criminais, ordeira e trabalhadora, excelentes chefes de família, comerciantes ou industriais. É constituída de oito famílias:

Jaime Gun, casado com Dora Gun, naturais de Bessarabia. Rússia, foram comerciantes e industriais com casa e indústria de móveis. Chegaram em Olímpia em 1922 e em 1925 mudaram-se para São Paulo onde ele faleceu em 1926. Está família é judia.

Marques Gorodeski, casado com Sofia Gorodeski, naturais da Bessarabia, Rússia, chegaram em Olímpia em 1924, naturalizando-se brasileiros. Viveram sempre entre nós, com pequenos intervalos em São Paulo, como comerciantes de

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

armarinhos e proprietários urbanos. O distinto casal teve os seguintes filhos: Lea Nulman, casada com Samuel Nulmam, comerciante em São Paulo, com uma filha, Frida; David Gorodeski, contador, solteiro, São Paulo; Raquel Gorodeski, estudante em São Paulo. Esta família é judia.

Israel Zilber casado com Ester Zilber, naturais de Rumania, na Rússia chegaram em Olímpia em 1925 onde viveram até 1932, quando se mudaram para São Paulo. Tinham sorveteria e casa de Moveis. O distinto casal teve os seguintes filhos: Leon Zilber, engenheiro em São Paulo; Samuel Zilber, contador em São Paulo; Rosa Zilber formada em Filosofia Ciências e Letras em São Paulo; Dora Zilber, estudante em São Paulo. Esta família é judia.

Salomão Lanis, casado com Riva Lanis, naturais da Rússia, Berdibir, vieram para Olímpia em 1927. Comerciante, industrial, com casa de móveis em Olímpia e proprietário urbano. O distinto casal tem os seguintes filhos: Elias Lanis, Lea Warchavki, casada com Israel Warchavki, comerciante em São Paulo, com um filho Natan; Shalon Jehusua Lanis, estudante. Esta família é judia.

Moris Boer casado com Sara Boer, naturais de Polônia, vieram para Olímpia em 1927 e mudaram-se para Bebedouro em 1934. Foi comerciante e industrial de moveis em Olímpia. Tiveram os seguintes filhos: Raquel, Sofia, José, Ida Boer. Esta família é judia.

Daniel Zikel casado com

Riva Zikel, naturais de Bessarabia, Russia na época Rumania, vieram para Olímpia em 1930. Proprietário urbano, comerciante, capitalista. O distinto casal tem os seguintes filhos: Moisés, Salomão, Rosa, Lea. Esta família é judia.

Chia Boer, casado com Berta Boer, naturais de Polônia. É comerciante e industrial de moveis. O distinto casal tem os seguintes filhos: Hélio, Anita e Jesuel Boer. Esta família é judia.

Oscar Kloss, natural de Odessa, Rússia, veio para o Brasil moço e solteiro em 1929, vindo diretamente para trabalhar no serviço de Água e Esgoto de Olímpia, como empregado municipal. Ocupou esse cargo até 1940, tornando-se verdadeiro técnico neste assunto. Inteligente, sóbrio, sério e bom, fez o excelente curso primário de piloto civil na escola de Aviação Bandeirante, de Juvenal Paixão, em Olímpia, em 1939. Em 1942 fez o curso superior da Escola de Monitores do Aero Clube do Brasil, no Rio de Janeiro, tirando o seu diploma de aviador instrutor com distinção e louvor. O Cel. Dias Costa, comandante da FAB, dirigindo o Aéreo Clube do Brasil, fez a seguinte apreciação no livro de notas de Oscar Kloss: "Oscar Kloss conquistou a minha estima pelas suas qualidades de homem correto e ponderado e a minha admiração por ser um piloto excepcional". Rio, Dez. 42 (a) Cel. Av. Dias Costa. E o Instrutor de Oscar Kloss, Adriano Chiarini, afirmou o seguinte: "O curso de monitores foi agraciado com mais uma jóia, que lapidada, hoje, enriquece o nosso numero de

instrutores conscienciosos". "Oscar Kloss, que é brasileiro naturalizado reservista, passou a dirigir, como instrutor, o Aero Clube de Olímpia sem desmerecer os elevados conceitos expendidos por seus superiores hierárquicos. Possui seu avião particular Stinson. Casou-se em Bebedouro em 1929 com Adelina Janota Kloss, de cujo consórcio tem os seguintes filhos: João, Sérgio e Efigmia Kloss, menores e estudantes na época.

A COLÔNIA NEGRA

Chegaram em grande número em Olímpia, até 1888 como escravos e posteriormente como trabalhadores braçais.

Em matéria social somente se organizaram através do Sr. José Cristino da Silva que fundou um Clube denominado "Nosso Clube", onde se reuniam membros da sociedade. Posteriormente foi fundada a Associação Barão do Rio Branco", por Mauro Miranda, mas também se extinguiu. Além de José Cristino, Olímpia teve a presença das famílias tradicionais como Joaquim dos Santos, o grande jornalista Sérgio Pereira Pita, figura de cultura e inteligência, os Almeida, os Silva, os Araujo, os Rosa e muitos outros.

Observação importante:

Essas biografias e registros foram escritos pelo historiador Dr. Bianor da Silva Medeiros em seu trabalho. Interrompido nos anos 50. A maior parte dessas famílias já não residem mais em Olímpia e não possuem sequer descendência aqui em nossa cidade. Achemos por bem registrar sua passagem por aqui, por serem de alguma forma, parte da história.



Estampa de jovem símbolo da raça Italiana, a maior colônia a habitar Olímpia.

Após a construção da capela em 1904, o núcleo passou a ser chamado de "Patrimônio de São João Batista dos Olhos D'Água". Levados pelo entusiasmo dessa nova perspectiva de vida, os proprietários das fazendas começaram a construir casas em volta do largo das praças da Matriz e Rui Barbosa. O desenvolvimento se fazia sentir pelo grande fluxo de forasteiros atraídos pela oportunidade de possuir uma casa comercial ou uma propriedade rural.

Através do Dr. Antônio Olímpio e do seu prestígio político em São Paulo, mais o desempenho do engenheiro Reid, do Capitão Narciso Bertolino e outros, novos horizontes começavam a se descortinar para o pequeno núcleo.

Para descrever com mais exatidão e detalhes a colonização de Olímpia, temos que voltar ao ano de 1870. Na cidade de Sertãozinho, os maiores fazendeiros daquela cidade e proprietários das maiores fazendas rurais, respectivamente o Dr. Henrique Dumont, então "Conde de Parnaíba", juntamente com o Dr. Martinho Prado e o Dr. Rodrigo Pereira Barreto, já tinham alforriado todos os seus escravos, anos antes

da promulgação da Lei Áurea, pela Princesa Izabel, em 13 de maio de 1888.

A preferência era pelos imigrantes italianos, os quais, na opinião dos fazendeiros, tinham melhor produção e disposição para o trabalho. Tanto que o Dr. Elpidio Gomes viajou para a Itália duas vezes em busca de trabalhadores italianos.

O Dr. Martinho Prado chegou a fundar uma Associação chamada "Sociedade Promotora de Imigração", que introduziu milhares de imigrantes. Publicou anúncios em jornais estrangeiros e locais, convidando os imigrantes para trabalhar nas fazendas daquela região. Para os estrangeiros inclusive, fornecia passagens para o Brasil, a eles e suas famílias.

Afluíram milhares de cartas e listas nominais. Neste movimento, o Dr. Martinho Prado foi duas vezes à Itália; a primeira em 3 de janeiro de 1887, pelo vapor Valparaíso, e a segunda em 1890.

Por sua vez, o Dr. Henrique Dumont, (pai de Santos Dumont, o pai da aviação), que era um dos maiores produtores de café, com fazenda em Sertãozinho, percorria a cavalo as fazendas do interior para convencer, pessoalmente, os proprietários rurais das vantagens do colono italiano. Trazia levas e mais levas de imigrantes peninsulares.

Os colonos, na sua maioria italianos, ganhando o primeiro

dinheiro trabalhando nas fazendas, já estendiam seus olhos para as terras férteis, que se mostravam muito convidativas, principalmente as situadas mais ao norte do Estado de São Paulo, onde a notícia da fundação de novos núcleos e a facilidade de aquisição de terras e de trabalho já haviam chegado entre eles. Os imigrantes com suas economias amealhadas com muito suor, iam adquirindo pequena propriedades rurais, principalmente por estes lados. Despertava-lhes o interesse por terras novas. A partir de 1905, foi muito intensa e produtiva a vinda desses imigrantes para nossa região à procura de terras ou de algum tipo de comércio.

(Do livro "Documento Histórico de Sertãozinho" editado pelo Dr. Antônio Furlan Junior em 1956.) Podemos registrar na década de 1910/1920 os nomes de famílias que se transferiram para Olímpia: Ricciardi, Righetti, Thomazini, Mazer, Bombonati, Ragazzi, Sponchiado, Sarti, Barbieri, Tonelli, Giroto, Moscateli, Magro, Toazza, Pavan, Benfatti, Meneghini, Cassiolato, Mori, Bonini, Ferrari, Coli, Rugero, Perroni, Valdrighi, Marchini, Paschoal, Sichieri, Furlaneto, Thomazelli, Bachega e muitos outros que futuramente viriam nos anos seguintes.

Em 1910, com a liberação do plantio do café que até então estava proibido pelo governo, a terra

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

olimpiense, propícia para o cultivo da rubiácia, e a grande aceitação do café brasileiro em outros países fariam o agricultor brasileiro mergulhar com tudo na formação de grandes culturas de café, apesar de nossa região também ser uma grande produtora de algodão, arroz, milho e cana de açúcar, além de possuir uma pecuária significativa com milhares de cabeças de gado bovino, criação de suínos, etc. A terra era propícia a todas essas atividades.

PROSTITUIÇÃO

A prostituição assentou praça em Olímpia somente quando o patrimônio se desenvolveu, com a organização política local entre 1914 e 1928. Nessa ocasião, tivemos em Olímpia mais de 70 casas de tolerância, com mais de trezentas prostitutas. Nessa época, o jogo também dominou o nosso arraial: o buso, a roleta, o baralho, a raia, o dado. Champanha era bebida comum. A política, a riqueza, as prostitutas e o jogo trouxeram os contratados da morte, o crime, o tiroteio, a mortandade. A nossa cadeia primitiva foi uma peroba seca, grossa, forte, localizada na rua São João, defronte a Matriz. Nela amarravam os desordeiros. Muitas vezes, as vítimas se reuniam e davam caça aos criminosos que fugiam para outros sítios ou pagavam com a própria vida os crimes que praticavam. A justiça, a instrução pública e a religião corrigiram tais desvios, amparados pela crise de 1929, com a reforma do júri e a

extinção da política dos coronéis e de capangas, reinantes até 1930.

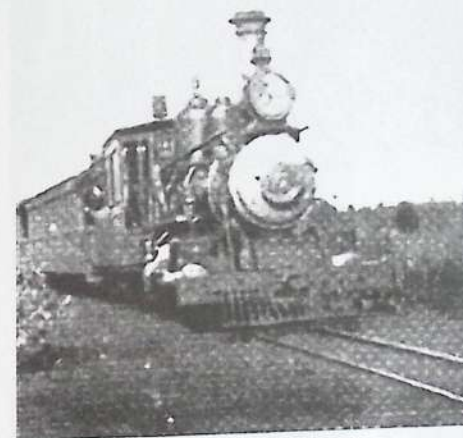
ESTRADA DE FERRO

Por iniciativa do Capitão Leonardo Posella II, veio a convite, a Olímpia o Dr. Francisco Homem de Mello, Presidente da Companhia de Estradas de Ferro São Paulo Goiás, que, em 1911, havia chegado à cidade de Bebedouro.

Homenageando-o com muita deferência, banquetes e discursos, fez-se pressão junto ao empresário

sobre a necessidade de escoamento das grandes produções agrícolas e também de uma linha que pudesse chegar até a capital.

Os influentes argumentos convenceram plenamente o visitante. Assim, em março de 1911, a estrada de ferro chegava a Monte Azul; em março de 1913, a Marcondésia e, finalmente, a Severnina e Olímpia em fevereiro de 1914. Posteriormente, a linha continuou até chegar a Ribeirão dos Santos e Altair em junho de 1931, e depois a Nova Granada.



Primeira locomotiva que chegou a Olímpia em fevereiro de 1914 trazendo significativos progressos à região, com o sistema de integração regional e comercial.



Fevereiro de 1914 - Trabalhadores da estrada de ferro comemoram a chegada das linhas até Olímpia.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

PRIMEIRA BANDA MUSICAL



A primeira banda musical de Olímpia foi organizada em 1909. Era maestro o mulato Galdino Sales: primeiro pistão- baixo – José Bertolino; bombardino - Galdino Sales; 1º pistão- Antônio Campos; 2º pistão - Miguel Guimarães - 2º bombardino - Emílio Chiesa. O subprefeito de Olímpia era Leonardo Posella e todas as vezes que ele ia a Barretos, quando voltava, a banda ia esperá-lo na entrada da cidade e havia recepção condigna. A banda se apresentava no largo da Matriz e em todas as festas.

A partir do ano de 1906, com a chegada dos imigrantes, famílias, aventureiros e todo tipo de gente vinha do Sul de Minas, Ribeirão Preto, Sertãozinho, Monte Azul e outras localidades, entusiasmada com a fama da nova terra promissora, então Vila Olímpia, apelidada como

“A Noiva Sertaneja”. O desenvolvimento foi assombroso: aqui e ali erguiam-se residências, casas comerciais, etc.



Hotel Rebelatto em 1909 totalmente remodelado.

Nesse ano Antônio Rebelatto construiria o antigamente famoso Hotel Rebelatto, à Praça da Matriz, reformando-o, em 1909.

A estrutura do hotel conservou-se inalterada até alguns anos atrás, quando foi totalmente modificada, perdendo, assim, Olímpia mais um patrimônio histórico.

FATOS E CONQUISTAS

Para melhorar o sistema de integração municipal, em 1910 o Cel. Francisco de Mello Nogueira construiria a ponte de São Benedito do Turvo.

Em 4 de agosto de 1910, a pequena Igreja Matriz de São João Batista, às 5 horas da tarde, seria destruída por um incêndio. Logo a população, sob, a chefia do Pároco Luiz Maria Desettá, organizou planos para a construção de uma nova e maior, que seria concluída mais de um ano depois, com maior espaço para os serviços religiosos.

Na política, a supremacia absoluta ainda pertencia ao partido do Dr. Antônio Olímpio, os Pica-paus, chefiados, em nossa cidade, por Francisco de Mello Nogueira que tinha a força de seus colaboradores, na maior parte figuras tradicionais da terra, como Fidelcino Pinheiro, Soares de Medeiros, Gabriel Barbosa da Silveira, a família de Antônio Joaquim dos Santos e outros.

Em 1911 era inaugurada a iluminação a vapor pela Cia. Orion, de Barretos, de Vitor de Melo. Em 1914 a iluminação passaria a ser feita à base de petróleo.

Em fevereiro de 1912, por mérito especial do Cel. Silvestre de Lima, deputado estadual por Barretos, era criado o serviço telefônico em Olímpia. Nesse ano também era construída a ponte sobre o rio Cachoeirinha, tendo, como mestre de obras João de Campos e a direção de Leonardo Posella II, agrimensor, ligando Olímpia a Barretos e melhorando consideravelmente o sistema de comunicação e transporte entre as duas cidades, facilitando o intercâmbio comercial.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Cel. Geremia Lunardelli

Ao deixar a Itália, a família Lunardelli, de Treviso, embarcou em Gênova, com destino ao Brasil, trazendo Geremia com apenas um ano de idade.

Chegando a Santos, a família Lunardelli dirigiu-se a Corumbataí, no município de Rio Claro, passando a trabalhar na Fazenda Boa Vista. De Rio Claro, mudou-se para Jundiá, São Bernardo e, finalmente para as fazendas Dumont, em Sertãozinho. Após uma pequena passagem pelo Rio Grande do Sul, aos 18 anos, Geremia de volta a Sertãozinho. Aí, onde sempre desempenhara a função de colono e carroceiro, era muito benquisto. Conseguiu instruir-se, aprendendo a ler e escrever durante a noite.

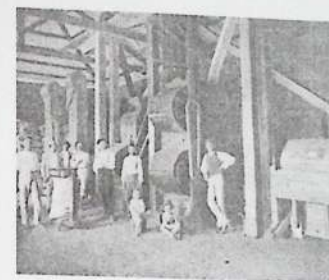


Casa de colono onde morou Geremia em Sertãozinho.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Graças a seu tino para a atividade, aos 30 anos era um forte comerciante de café e um dos agricultores mais acatados da região, lançando-se à agricultura cafeeira.

Entre os anos de 1915 e 1916 vende a sua máquina de beneficiar café. Queria conhecer a zona oeste, da qual tanto se falava e muda-se para Olímpia adquirindo a fazenda Pau D'Alho, realizando seu grande sonho de ser proprietário.



Máquina de Benefício de café de Geremia Lunardelli.

Em Olímpia teve de enfrentar duros contratemplos. A estiagem prolongada prejudicou-lhe a colheita do café no seu segundo ano de residência em Olímpia.

Apesar disso adquiriu depois a fazenda Recreio, do inglês Guilherme Leabarrow, por 340 contos de réis. Como não tinha todo o dinheiro, o coletor de Olímpia emprestou-lhe 40 contos.

Posteriormente comprou as fazendas Boa Vista, Aguapeí, Gema, Saltinho e outras mais. Isto lhe valeu em 1927 o título de “Rei do Café”, com um patrimônio de 15 milhões de pés de café, 4.800 alqueires de terras para algodão, 10.150 alqueires de inverno com 30.000 cabeças de gado.

Atuando em um meio vasto

e propício, a sua atividade fez-se sentir da maneira mais benéfica possível, devendo-lhe Olímpia uma boa parte de sua prosperidade. Foi Prefeito de Olímpia no período de 12/3/1920 a 15/10/1922, exercendo, também, o cargo de Presidente da Câmara Municipal. Fazia parte do Partido Republicano.

Foi um grande benfeitor. Construiu de seu próprio bolso o prédio da Prefeitura Municipal (vendido depois para a Sociedade Beneficência Portuguesa de Olímpia, que se tornou um hospital), colaborou de maneira generosa para a construção da Santa Casa de Olímpia e sempre ajudou os mais carentes.



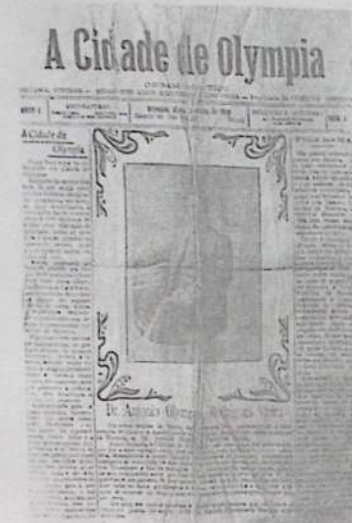
Geremia Lunardelli e sua esposa Dª Albina Furlanetto Lunardelli.

Cumprir, registrar que, infelizmente, Olímpia nunca fez justiça a esse homem, que foi completamente esquecido, não fosse o ato nobre do ex-prefeito municipal, Comendador Francisco Bernardes Ferreira, que determinou à Câmara para que se fizesse um projeto: dar o nome de Geremia Lunardelli à Praça da Estação Ferroviária, corrigindo, assim, uma injustiça. Quando Geremia partiu de mudança para São Paulo, suas últimas palavras

foram: "Juro que nunca mais pisarei nesta terra maldita".

O que foi feito a esse homem para criar esse ódio? Infelizmente pouca gente sabia disso, mas agora resta silenciar.

IMPRENSA, O REGISTRO DA HISTÓRIA



Em 1º de janeiro de 1918 era fundado o jornal "A Cidade de Olímpia", tendo como proprietário o Sr. Fidelcino Pinheiro e como editor Mário Vieira Marcondes. O jornal era o porta voz do Partido Pica-Pau (PRP), tendo como chefe político o Dr. Antônio Olímpio.

"A Cidade de Olímpia" foi um dos mais representativos jornais de Olímpia. Tempos depois foi adquirido por Francisco Laraia, tendo como redator o advogado Dr. Luiz Mori Laraia e por muitos anos circulou em Olímpia, fechando suas portas na década de 1960.

Graças aos arquivos desse conceituado jornal é que conseguimos resgatar grande parte da nossa história.

Na foto acima vemos o tradicional prédio onde sempre



funcionaram livreria e papelaria e as oficinas e redação do jornal "A Cidade de Olímpia". Vemos à porta, seu proprietário Francisco Laraia, personagem importante em nossa história.

FUTEBOL

Na década de 1920, a cidade possuía muitos espaços para a prática de futebol em terrenos vazios. Traves de bambu, meias recheadas com serragem para a bola, pés descalços. Os que se destacavam eram chamados para o time principal.

OLÍMPIA FUTEBOL CLUBE



Olímpia F. C. 1926 - Campo de G.E. Anita Costa - Em pé: Emílio Galmacci, Dede, Bigode, Prandini, Aquilino Branco e Minéia; Agachados: João Francese (apelidado de Viatti), Buzetti e Domingos; Sentados: Adelino Viatti e Marechal; Deitado: o goleiro Augusto - camisa listrada Azul e Branca.

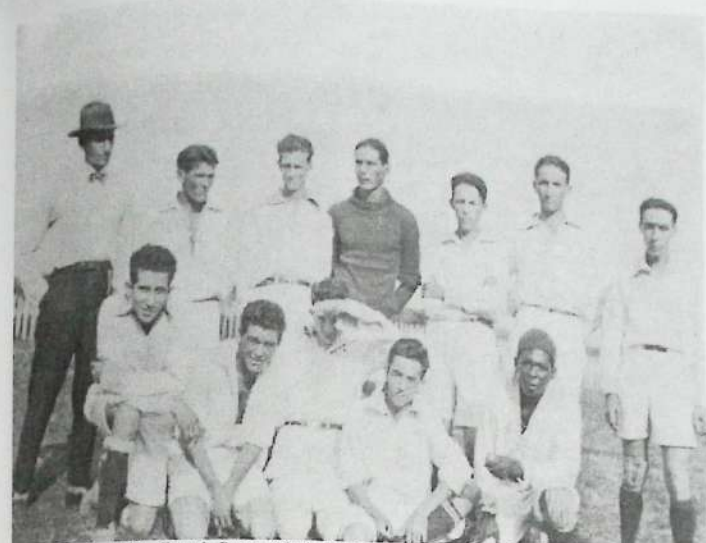
Em 19/9/1919, surgia o Olímpia Futebol Clube, com as cores azul e branco.

A primeira diretoria do clube teve por presidente João Aidar e por integrantes: João Borges de Siqueira, Mário Vieira Marcondes, Mário Garcez Novaes, Miguel Salin, Francisco Medeiros, José Clemêncio e outros.

Compondo a sua primeira equipe oficial temos os seguintes jogadores: Alfredão, Scalozzi, Zéca Garcez, Paixotão, Alcides Brunelli, José Cristino, Rômulo, Quarenta, Ernani, Marechal, Henrique Delamanha, Aquilino Branco, Virgílinho, Dide, Jogadinho, Buzetti e Fausto Marcondes.

PRIMEIRO CAMPO OFICIAL

Foi construído no antigo cemitério indígena em terreno pertencente a Prefeitura (onde hoje é o Anita Costa), todo cercado de tábuas de pinho com armações de madeira e ferro, da própria indústria Degásperi. Arquibancada de madeira, com 10 degraus, dividida em dois lances de 20 metros,



Olímpia F. C. 1927 - Em pé: Bretas (técnico), Marechal, Delamanha, Carrara, Bigode, Pindorama e João Hostílio; Agachados: Patindini, Campos, Luiz dos Santos, Aquilino Branco e Virgílinho.

coberta de telhas comuns.

Neste campo, que durou até 1946, desfilaram equipes como o Penharol do Uruguai, o Paulistano (mais tarde São Paulo F.C.). Não havia profissionalismo, mas sim certames regionais, denominados "torneios amistosos", que contavam com equipes, como Monte Azul, Catanduva, Cajobi, Bebedouro, Jaboticabal, Severinia, e Monte Azul Paulista, na época seu maior rival.

ALGUMAS ESCALAÇÕES DO OFC

10 de setembro de 1929: Manoel Besouro, Eurides e Marechal; Lori, Lapa e Viatti (João Francese); Dede, Popó, Aquilino, De Juli e Minéia.

9 de março de 1927: Alberto, Adelino, Viatti, e Marechal, Domingos, Buzetti e Viatti; Bertolino, Cruz, Aquilino, Belini e Giacóia.



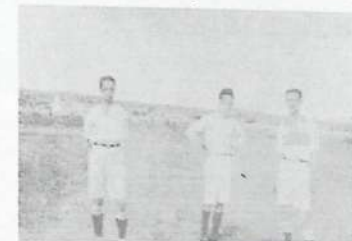
12/08/1928 - No campo de G.E. Anita Costa o Olímpia F.C. joga contra o Penharol do Uruguai. A foto acima registra o elenco; Em pé: Emílio Galmacci (presidente), Nenê, Viatti, Adelino Viatti, Buzetti Neto, Marechal, Domingos, Dede e o árbitro Alcides Brunelli; Agachados: Dede Paulista, Zé Cruz, Bertolino, Aquilino Branco e Belini. Bertolino fez o gol olímpense, placar final foi de 1x1

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

15 de agosto de 1928: Florindo, Eurides e Marechal; Lori, Lapa e Viatti; Alfredo, Popó, Zinza, Jorge e Minéia.

Em 1929, após a gestão de Emílio Galmacci, assumiu a presidência do OFC Andréa Degásperi, industrial que construiu com seus próprios recursos as arquibancadas do Estádio. Foi um dos grandes presidentes do OFC e sua diretoria era assim constituída: presidente - Andréa Degásperi; vice - Alfredo Lopes; 1º secretário - José Gonçalves de Souza; 2º secretário - José Lapa; 1º tesoureiro - Geraldo de Oliveira; 2º tesoureiro - Adhemar Gonçalves; Diretor de Esportes - Alcides Brunelli e João Rocco; Conselho Fiscal - Primo Volpe, Jamil Rimaik, Arthur Campos e Mário Rodrigues.

No ano de 1932 seria novamente reeleito o Sr. Andréa Degásperi; 1934 foi um ano de mudanças. Nesse ano, Andréa passaria o bastão da presidência do clube para um jovem médico



1920/30 - Viatti, Aquilino e Delamanha, craques do O.F.C.



A. A. Olímpia - 1940 - Já na praça de esportes do colégio Olímpia (Brejinho); Em pé, reconhecidos: Alcides Brunelli, Viatti, Nicano Braga, Florindo, Dan Cervo, Floriano Forti, Carlos, Bianco, Braz, Durval e Oswaldo Fonseca, Valdemar (2 jogadores não reconhecidos), Lamartine, Joãozinho e Pedrosa.

olimpiense, Dr. José Lopes Ferraz. De espírito inovador, o Dr. Ferraz, efetuariam mudanças radicais.

O Clube deixaria de chamar-se Olímpia Futebol Clube, passando a chamar-se Associação Atlética Olímpia. Renovação do elenco, nova organização e novos jogadores: Nicanor Floindo Amadeu, Tiana Calhado, Sebastião Pedroso, Campineiro, Lamartine Possella, Oswaldo Cintra, Hildebrando Buck, somados aos melhores jogadores remanescentes do extinto OFC.

Mais tarde ainda, na década de 30, apareceriam jogadores como, Boin, Dorinho, Gibi, Vietinho, Sgarbi e Edmundo.



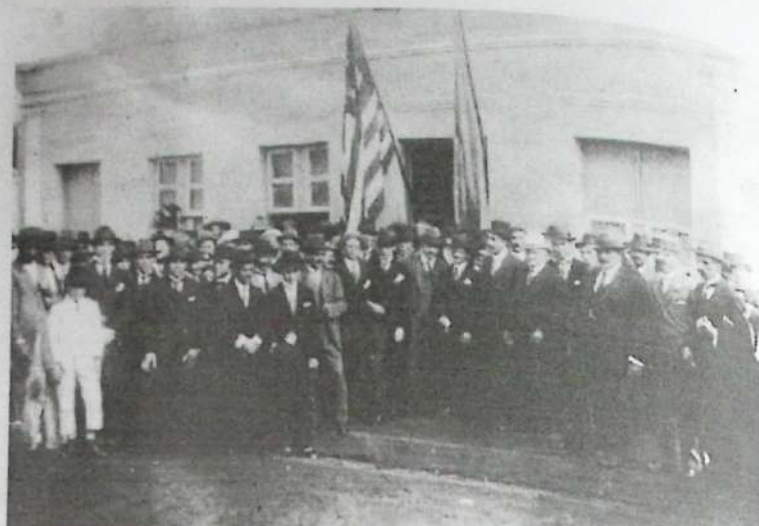
São João E. C. Campeão Amador Otaicillo, Arlindo, Luiz Carlos, Volpe, Zaccarelli, Bimbo, Omar Dóia, Ivo, Cansado, Zeca Baiano, Xinha, Dorival e Ariolado.

NOVOS TEMPOS



Veículo do Sr. Vicente Gil na recém construída estação ferroviária, descarregando mercadorias. Na foto o motorista Sr. Cordolino Bento de Oliveira.

A partir de 1920, após a instalação da Comarca e a chegada da Estrada de Ferro, a cidade começou a contar com todas as melhorias, no setor de comunicação, comércio e principalmente na lavoura, onde o café, principal produto da região, era a causa



10 de fevereiro de 1920 - Na foto acima as solenidades de instalação da comarca em prédio de Fidelcino Pinheiro.

principal da riqueza.

O coronelismo, que havia imperado desde a sua fundação, começava a ter seus dias contados. A riqueza, a fortuna, progresso e desenvolvimento da região também apresentou seu lado negativo. A chegada de aventureiros, foras da lei e malfetores transformou Olímpia em uma cidade muito violenta, onde os crimes de morte, principalmente os crimes encomendados, eram manchetes de jornais todas as semanas.

Felizmente, apesar desses fatos, chegavam a nossa cidade muitos homens cultos, advogados, médicos e pessoas de boa índole, que, na década seguinte, exercendo sua influência política ou pessoal, fariam mudar completamente o panorama da cidade. Homens como Nestor Cunha, Sylviano Pinto, Benedito Nino do Amaral, Francisco Bernardes Ferreira, Luiz Victório Cruz Martins e tantos outros.

A Lei estadual de 19 de dezembro de 1919 criou a comarca de Olímpia, instalada em 10 de fevereiro de 1920. O Dr. Jaime Soares do Nascimento foi o primeiro



Banco Antônio de Queiróz

Juiz de Direito; o Dr. Antônio Carlos de Abreu Sodré foi o primeiro Promotor Público e curador geral. Alcebiades Arantes foi o primeiro tabelião e escrivão do primeiro Tabelionato e Cartório; Augusto Junqueira de Andrade foi o primeiro escrivão do 2º Tabelionato e Cartório do 2º Offcio. Mário Vieira Marcondes foi o primeiro Oficial de Registro de Imóveis e Anexos e Cartório do Júri e Francisco dos Santos Ruivo, o primeiro Distribuidor, Contador e Avaliador Judicial de Olímpia.

Em 1911, vindos de Bebedouro, chegaram a Olímpia os italianos José Forti e sua mulher Trindade Padilha Forti, acompanhando a expansão da OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Estrada de Ferro São Paulo-Goiás. Forti atuou na construção das estações de Monte Azul e Olímpia, bem como de caixas d'água, esgotos, armazéns, etc, como empreiteiro e pedreiro. Construiu o Hotel Forti, inaugurado em 1912, em frente à Estação Ferroviária de Olímpia, o terceiro hotel de Olímpia. Foi comerciante em Monte Verde. Faleceu em Olímpia em 24 de outubro de 1924, onde foi sepultado.

No dia 3 de março de 1919 era instalada, em Olímpia, por trabalho do deputado barretense Silvestre de Lima, a Agência da Caixa Econômica Estadual.

Ainda, no ano de 1920 caberia ao Dr. Júlio Borges de Queiróz criar o primeiro estabelecimento bancário de Olímpia, o Banco Antônio de Queiroz, funcionando na Praça da Matriz, nº 238, tendo como gerente o Sr. Hermes Bueno de Oliveira; contador: Antônio Rodrigues Guerra Junior; sub contador: Olintho Zambom; pró-contador: Josimar de Moraes Rocha; primeiro escriturário: Gemiliano Bombonatti; segundo: Raphael de Oliveira Santos; terceiro: Estela de Araújo Branco; contínuos: João Machado.



Hotel Forti construído em frente a estação ferroviária. Depois Hotel Internacional. OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Em 19 de novembro de 1919 foi criado o primeiro Grupo Escolar de Olímpia.

No período de 1920 a 1930, o mandato de prefeito não obedecia à duração determinada, variando entre um e dois anos. Segundo informações, o prefeito era escolhido pelos vereadores da época.

Em 1930, ocorreu uma revolução chefiada por Getúlio Vargas, em virtude e não terem as forças políticas e alguns militares concordado com o resultado da eleição realizada para a Presidência da República, com a deposição do então Presidente Washington Luiz e impedimento da posse de seu substituto escolhido pelo voto, Dr. Júlio Prestes.

Essa situação teve reflexos nos sistemas de administração municipal, agravados com a Revolução Constitucionalista de 1932, quando São Paulo se levantou em oposição ao governo federal, provocando, então, o processo de nomeação dos prefeitos. Olímpia teve como ponto último dessa forma o Sr. Mário Vieira Marcondes, em 1933. Voltou o processo de escolha do prefeito pelos vereadores, assumindo o cargo o Sr. Francisco Bernardes Ferreira, de 1933 a 1936, que deixou o cargo para o então

contador da Prefeitura, Sr. Alfredo Augusto da Rocha, candidatando-se a vereador e daí exercendo novo mandato de prefeito até 1938.

A partir desse ano, com o advento, em 1937, de uma mudança na Constituição Brasileira, instalou-se no País, imposto por Getúlio Vargas, o movimento denominado "Estado Novo", passando os prefeitos a serem nomeados pelo interventor designado para o Estado de São Paulo. Assim, tivemos além de Francisco Bernardes Ferreira, os prefeitos nomeados: Dr. José Lopes Ferraz, Dr. Paulo Furquim, e Dorismundo de Almeida Camargo.

Em 1945 restabeleceu-se o sistema de escolha pelo voto, ocorrendo à substituição do Sr. Dorismundo de Almeida Camargo pelo Dr. Acácio Rebouças, Juiz de Direito da Comarca, durante o período eleitoral. Findo esse período, retornou ao cargo o Sr. Dorismundo de Almeida Camargo até março de 1947.

Com a posse do novo governador do Estado de São Paulo, Dr. Adhemar Pereira de Barros, houve alteração no cargo de exercício de prefeito, assumido temporariamente pelo Secretário da Prefeitura, Sr. Lourenço Cavariani, até a posse do Sr. Sudário Braz de Miranda, nomeado pelo governo estadual, para exercer o cargo de prefeito até as eleições municipais, marcadas para novembro do ano de 1947, com a posse e mandato de prefeito eleito então já estabelecidos legalmente. Posse em 1º de janeiro de 1948, por um período de 4 anos.

MÁRIO VIEIRA MARCONDES, O PRIMEIRO PREFEITO

Nasceu o Sr. Mário Vieira Marcondes em Lorena (SP), aos 16 de dezembro de 1893, sendo filho do farmacêutico Manoel Marcondes de Andrade e D^a Ana Vieira Marcondes. Casou-se com D^a Maria Olímpia Vieira Marcondes. Desse consórcio teve 3 filhos: Ana Olímpia (falecida), D^a Maria Olímpia Marcondes Bulle, casada com o sr. Arnold Bulle Junior e Mário Marcondes Filho. Tendo estudado em São Paulo, onde trabalhou na imprensa como revisor, residente em Olímpia a partir de 1913.



Mário Vieira Marcondes

Ingressou na política em 1915 com 22 anos. Fundou em 1917 o jornal "O Momento", de pouca duração. Em 1918 fundou a "Cidade de Olímpia", da qual era o principal redator, tendo como secretário Lino Vieira. Militou na imprensa local com rara felicidade, granjeando enorme simpatia e prestígio. Criado o município foi seu primeiro prefeito, posição esta que

ocupou por 4 vezes. Foi também presidente da Câmara Municipal de Olímpia. Criada a Comarca, foi nomeado oficial do Registro de Imóveis e Anexos de Olímpia de 1912 a 1924. Em 1925 teve início em Olímpia a campanha popular contra Mário V. Marcondes, que foi na época o homem mais amado e também mais combatido em Olímpia. Era apontado por seus adversários como mau administrador.

Em abril de 1925, Sylviano Pinto, José Carlos Pereira, Salustiano Custódio da Silveira, Augusto Martinho de Almeida e outros fundaram o Partido Popular em Olímpia. Combatiam a política de Mário violentamente, mas Mário tinha grande prestígio popular em Olímpia e muita proteção em São Paulo, sendo cognominado inclusive o "Príncipe de Olímpia". Mário Marcondes, passo a passo, foi perdendo terreno até ser vencido. Finalmente, em 1927, mudou-se para Barretos vencido mas não convencido.

Em 1930 voltou a pedido do povo para Olímpia, quando a Aliança Nacional fez a revolução no Brasil e depôs Washington Luiz. Mas a situação não era a mesma em Olímpia. Francisco Bernardes

Ferreira já despontava com muito prestígio político. Em 1931 foi nomeado prefeito pelo general Manoel Rabelo. Foi muito criticado em Olímpia e sofreu muito com a oposição, mas prestou bons serviços à cidade. Montou a máquina administrativa local, consertou ruas, estradas e pontes, drenou o leito maleitoso do rio Olhos D'Água. Com espírito de iniciativa idealizou na época a sua maior obra: a construção da Ponte Mendonça Lima, ligando o Estado de São Paulo a Minas Gerais.



Outro flagrante da praça com seu primeiro Jardim, vendo-se os prédios do Hotel Rebelato e Farmácia Monteiro (ambos extintos).

Como prefeito, criou Itambé e o 1º Grupo Escolar, em 1919. Em 1931, na interventoria do Exmo. Sr. Gal. Manoel Rabello, foi nomeado novamente Prefeito de Olímpia, cargo que exerceu até fins de 1933.

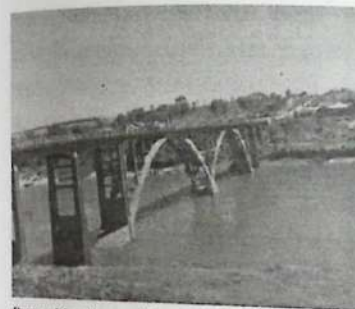
Na sua gestão pela prefeitura local, nas diversas vezes que por ela passou, prestou, entre outros serviços ao município, os seguintes:



Primeiro ajardinamento da praça da Matriz, feita pelo prefeito Mário Vieira Marcondes. A seta indica sua residência, depois adquirida e reformada pela Sr. Pedro Ricciardi. Ao lado esquerdo, a extinta Pensão Santa Cruz e, ao centro, a residência do Dr. Barbosa Ferreira, posteriormente vendida a Salvador Carnevali.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

criação do Grupo Escolar de Olímpia, sarjeteamento da cidade, drenagem do córrego Olhos D'Água, construção das estradas de automóveis que ligam a cidade de Olímpia a Catanduva, Rio Preto, Bebedouro e Guaraci, primeiro ajardinamento das Praças Matriz e Rui Barbosa, dando o maior de seu empenho para a construção da ponte sobre o Rio Grande, ligando o Estado de São Paulo a Minas Gerais, abrindo caminho para a marcha para o Oeste. A ponte foi inaugurada naquele ano com o nome do General Mendonça Lima, em homenagem ao ilustre militar.



Ponte Mendonça Lima

Foi eleito Prefeito Municipal de Barretos, mas não chegou a terminar seu mandato. Enfermo, faleceu em Monte Verde Paulista, na fazenda, às 16 horas e trinta minutos do dia 27 de maio de 1952, sendo sepultado em Olímpia.

Mário Vieira Marcondes, deixou tradicional família, que até hoje possui grande ramificação em Olímpia. Foi um dos pioneiros da vida política em Olímpia.

VICENTE DELLAMANHA

Vicente Dellamanha, natural de Jaboatão, já veio casado com Amélia Fernandes Dellamanha, de Bebedouro, em 1921, a chamado de Fideleino Pinheiro. Sempre foi professor de música. Organizou a

banda de Olímpia em 1921 a convite da política local, com o nome de "Banda Lyra Municipal Olimpiense", que ficou organizada de maio de 1921 a 1944. A sua estréia foi solene, em sete de janeiro de 1922, com grande concerto no jardim público, quando foi inaugurado o coreto. Havia retreta no jardim todos os domingos.

A Orquestra do Maestro Dellamanha firmou tradição em Olímpia, principalmente no período carnavalesco quando brilhava o carnaval. Também criou uma orquestra para bailes.

Foi professor de música para incontáveis músicos. Faleceu em nossa cidade e aqui foi sepultado com honras merecidas.

SYLVIANO PINTO

Dr. Sylviano Pinto nasceu no município de Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro, em 18 de dezembro de 1885, filho de Francisco Pinto e Luiza Pinto, falecidos quando ele, o mais novo dos onze filhos do casal, contava apenas treze anos de idade. Órfão, pobre e só, depois de trabalhar no comércio, na zona rural do seu Estado natal, partiu, com



Dr. Sylviano Pinto

quinze anos de idade, para São Paulo, a Canã, a terra da promessa e da esperança de todos os brasileiros. Trabalhando na imprensa e lecionando, conseguiu fazer o curso secundário, matricular-se na Faculdade de Direito de São Paulo e formar-se nela, tendo colado grau em 17 de dezembro de 1908. Inteligente, estudioso, idealista, poeta e literato de nascença, de alma cândida, simples, sublime, brilhou sempre, fazendo-se por si mesmo, como um apaixonado das belas letras e das belas artes. Tocava flauta e violão no tempo de moço e estudante na paulicéia da garoa, quando, com seus colegas e amigos, fazia as clássicas serenatas estudantis tão em evidência nos tempos antigos. Até



Orquestra Dellamanha - Em pé da esquerda para a direita: Maestro Dellamanha, Valdez Dellamanha, Wallace Dellamanha, Bico, Waltercides e Walter Dellamanha; Sentados: João Floriano, Fico, Vitor Vicente, e China Dellamanha. Crianças: Vandrey Dellamanha e Dora Sgarbi.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

falecer se dedicou ao piano, prova evidente de sua tendência pela divina arte. Podemos afirmar, que Sylviano Pinto tem alma e sentimento de artista. Toda a sua vida está cheia de harmonia e beleza, de brandura e suavidade, de poesia e encantamento. O seu lar foi um sonho, um ninho de afeto, a mansão da paz e da felicidade conjugal, doméstica, superior e quase inacessível à compreensão da gente. Pode ser apontado como modelo, como exemplo para toda gente.

Uma vez formado, seguiu para Ibitinga, onde começou a sua carreira profissional, antes mesmo da estrada de ferro douradense chegar à cidade. Lá conheceu a mulher dos seus sonhos, Henriqueta Gomes de Oliveira, professora, com quem contraiu casamento em 1911. Criada a comarca de Pitangueiras, para lá transferiu a sua residência e escritório, onde viveu até 1.918 e sendo vereador e prefeito.

Criada a comarca de Olímpia, mudou-se para cá em 1919. Aqui sempre advogou, com primor e elegância, e sempre foi proprietário urbano e fazendeiro. Em março de 1925 fundou o Partido Popular, que tinha como presidente José Garces Novaes e como membros do Diretório Lázaro Vaz de Lima, Augusto Martinho de Almeida, Salustiano Custódio da Silveira e José Carlos Pereira. Esse Partido existiu de 1925 a 1928 e combateu fortemente o "Marcondismo" em Olímpia. Em 2 de abril de 1925 Sylviano Pinto e José Carlos Pereira fundaram a Voz do Povo. Foram eles os redatores desse jornal. Era seu secretário Mário Rodrigues. Adauto do Amaral e Diamantino Carvalheira que

tomaram parte saliente nesse fato histórico. Foi nessa época que se verificou uma grande remodelação municipal. Com Jerônimo de Almeida como prefeito municipal de Olímpia recebeu inúmeros melhoramentos como água e esgoto, matadouro, pontes, prédios escolares, rodovias, etc.

Em 1932, na Revolução Constitucionalista, grande epopéia de São Paulo, tanto Sylviano Pinto como Henriqueta Gomes de Oliveira prestaram assinalados serviços à causa de São Paulo, com enorme dispêndio de energias. Ela foi a presidente da Comissão de Assistência às Famílias dos Voluntários. Foi nessa época que ela fez o curso de enfermagem sob a direção do Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho e Dr. Edison de Melo, recebendo o seu diploma.

Em 1935, Sylviano foi um dos formadores do Partido Constitucionalista, chefiado em São Paulo, pelo saudoso e inesquecível Armando de Sales Oliveira. Nessa época foi eleito vereador e presidente da Câmara Municipal, cargo que exerceu até 10 de novembro de 1937, quando Getúlio Vargas implantou a ditadura no país. Foi nesse período que o Governador de São Paulo, Armando Sales de Oliveira, nos deu o Grupo Escolar Anita Costa, a Ponte da Cachoeirinha, a Ponte do Turvo, em São Benedito, e a ponte do Turvo, entre Altair e Nova Granada, consolidando as dívidas flutuantes do município de Cr\$1.700.000,00 – sob a administração de Francisco Bernardes Ferreira que foi o ás da campanha, permitindo, assim, que os prefeitos posteriores pudessem fazer alguma coisa.



Henriqueta Gomes de Oliveira Pinto
Rua Lacerda, São Paulo, 28-2-1906
Ólímpia, 12-11-1962

D^a Henriqueta Gomes de Oliveira Pinto

Com Monteiro Lobato, seu velho amigo e colega de escola, toma parte na organização das Companhias "Petróleos do Brasil" e "Matogrossense" em franca atividade e na execução de seus planos grandiosos e patrióticos quando o ditador fez prender Monteiro Lobato, asfixiando a sua obra. Ainda em 1932 consegue de Gastão Vidigal, seu colega e amigo, a criação da agência de Olímpia do Banco Mercantil de São Paulo, instalando-se em prédio próprio, na Rua 9 de julho, sendo, então, o seu gerente, cargo que exerceu com proficiência.

Em 1932 fundou o Centro Rural de Olímpia, entidade de classe, cuja presidência sempre exerceu com raro brilho e prestígio entre seus pares.

Em concurso de prosa aberta em 1917, pela Academia Brasileira de Letras, tirou o primeiro lugar, sendo premiado o seu romance "Redimidos", publicado em 1918. Continuou escrevendo ainda com elegância e brilho invulgar. Com a morte de sua esposa em Olímpia, no dia 17 de novembro de 1943, escreveu e publicou "Uma Luz Que Não Se Apagou", em 1947, que é um poema de amor em prosa e um verdadeiro evangelho sobre a vida

doméstica e produziu obras como: "Infância e Juventude", "João da Mata", etc, ainda inéditos. Jornalista, poeta, romancista e novelista tem inúmeros trabalhos que brilham pelo fundo e pela forma e que bem revelam o seu grande valor intelectual, moral e literário, e que bem merecem larga divulgação e publicidade.

Em seu pleno vigor e atividade muito pôde produzir ainda essa alma de escol e sensível de artista da nossa terra. Mas Sylviano Pinto não foi somente advogado, jornalista, poeta, literato, músico, político. Foi também financista laborioso. Conseguiu, do nada, ficar milionário. Exemplar chefe de família e marido. Foi também fazendeiro, agricultor, cafeicultor, pecuarista. Não sei como conseguiu harmonizar em sua personalidade tantas tendências opostas e brilhar em todas elas. D^a Henriqueta Gomes de Oliveira foi excelente esposa, mulher, professora, cidadã, cristã, com enorme soma de serviços apresentados ao ensino e à pobreza de nossa terra. Ela foi ainda a inspiração de Syllviano Pinto, o seu incentivo, a sua alma mater. Colaborou e cooperou com ele em suas múltiplas atividades. Em suas obras literárias, e percebe-se a suavidade dos sentimentos femininos que ela lhe incutiu indiretamente. Embora não tivessem filhos, criaram diversos filhos alheios, que educaram e colocaram na vida prática.

Este foi tronco da família menos numerosa de Olímpia, mas, certamente, a mais brilhante e tradicional da nossa terra.

NINO DO AMARAL

José Benedito Nino do Amaral
OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



José Benedito Nino do Amaral

Amaral nasceu em três de junho de 1885 em Caçapava, Estado de São Paulo, sendo filho de Francisco Romão do Amaral e Francisca Marcondes do Amaral. Viveu em Caçapava até os seis anos, quando sua família e mudou-se para São Bento do Sapucaí. Em São Bento do Sapucaí Nino Amaral foi secretário da Câmara Municipal e escrivão da Coletoria Federal. Ainda lá, começou a trabalhar no Foro, como Promotor Público interino da comarca, nomeado em quatro de agosto de 1908 pelo Desembargador Afonso de Carvalho. Em 1914 mudou-se para Sertãozinho onde tirou a sua provisão de advogado, tendo militado naquele Foro durante sete anos. Em 1920 veio para Olímpia onde sempre tem militado nos auditórios da nossa comarca, desde a sua instalação até a sua partida. Em 17 de agosto de 1921 foi nomeado ajudante de Procurador da República pelo Presidente Epitácio Pessoa. Foi nomeado membro do Conselho Municipal de Olímpia em 7 de abril de 1932 pelo saudoso Pedro de Toledo. Sempre foi jornalista em nossa terra. Foi

escolhido na prévia do Partido Socialista Brasileiro, em São Paulo, para candidato a Deputado Federal por São Paulo e foi eleito suplente de Deputado Federal à Assembléia Constituinte de 1934. Foi um dos fundadores do Partido Social Democrático de Olímpia e um dos membros do seu diretório local. Foi eleito vereador à Câmara Municipal de Olímpia nas últimas eleições, sendo líder da bancada do Partido Social Democrático (P. S. D.).

Desde criança, Nino do Amaral revelou-se inteligente, com grande vocação para a vida intelectual. Sem ter cursado escola secundária ou superior, revelou-se um autêntico autodidata. Estudioso, dedicou-se às letras com raro brilho, sendo em por cento intelectual e advogado, militando em Olímpia, Barretos, Bebedouro, Catanduva, Rio Preto, Nova Granada, etc, com vasto círculo profissional. Tem, sem dúvida, a melhor biblioteca de Olímpia e desta zona. Grande orador e tribuno, tem tomado parte ativa em inúmeros pleitos eleitorais locais e nas melhores causas civis e criminais da comarca, tanto defendendo como acusando.

Casou-se em São Bento do Sapucaí com Suzana César do Amaral, em 19 de março de 1907.

Foi "Nino do Amaral", como era conhecido popularmente que, em discurso inflamado, pela primeira vez chamou Olímpia de "terra Moça", depois popularizado com o nome de "Olímpia, Cidade Menina-Moça".

O PREFEITO LUNARDELLI

Em paginas abteriores já apresentamos Geremia Lunardelli como fazendeiro, industrial e comerciante. Vamos abordar agora



Geremia Lunardelli - Prefeito Municipal
Período: 12/3/1920 a 15/10/1922

sua atuação como prefeito municipal e cidadão.

Seu governo foi acentuado com gestos e atitudes que sempre moldaram sua personalidade de Homem de coração generoso e de princípios cristãos elevados, sempre na prática da caridade.

Homem despreendido e humano, infelizmente não teve ainda por parte de Olímpia o reconhecimento que merece. Completamente esquecido seu nome apenas consta de uma pequena placa inserida na entrada do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, que ajudou a construir. É o nome de uma pracinha que não existe mais.

Melhorou o jardim das praças Rui e Matriz, colaborou, generosamente para a construção do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Olímpia e outras obras sociais.

Construiu, com seu próprio recurso, o prédio da Prefeitura e Câmara Municipal doando ao Município. (Posteriormente foi vendido pelo Prefeito José Clemêncio da Silva para pagamento de dívidas municipais à Colônia Portuguesa de Olímpia).



Prédio construído para residência do prefeito Cel. Geremia Lunardelli em 1922. Situado na largo da estação, à Rua Soares de Medeiros, a construção preserva ainda muito de sua originalidade. Foi cedido por três anos para o Banco do Comércio e Indústria de São Paulo para sua agência local.

Construiu sua residência no Largo da Estação.

Geremia Lunardelli e sua esposa D^a Albina Furlanetto mudaram-se de Olímpia para São Paulo no final da década de 1920, onde fixou sua residência definitiva e a centralização de seu imenso patrimônio. No curso da história fica aqui resgatada a sua participação na vida e progresso e desenvolvimento de Olímpia.



Prédio construído pelo Cel. e Prefeito Lunardelli com seu próprio dinheiro para ser a Prefeitura e Câmara Municipal.



Dia 21 de novembro de 1921 era inaugurado oficialmente o prédio que o prefeito Lunardelli construiu para ser a prefeitura e a Câmara Municipal. Na foto a seta aponta para a figura do prefeito. Posteriormente o prédio foi transformado em hospital da Sociedade Beneficente Portuguesa de Olímpia.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

NATAL BREDÁ



Natal Breda

Natal Breda, filho de Agostinho Breda e Domênica Brassaglia, Breda, nasceu em 9 de janeiro de 1.875 em Fontanele, Província de Oderso, Itália. Veio para o Brasil sozinho em 1891, tendo os seus pais ficado na Itália. Chegou ao Brasil com 16 anos de idade com Cr\$0,50 no bolso, como imigrante, pobre, tendo viajado num porão de um navio de imigração. Começou sua vida como colono na fazenda Santa Tereza de Chiquinha do Vale, em Ribeirão Preto, onde trabalhou durante três anos. Depois foi trabalhar de empreiteiro de café, na Estação de Ande, Guariba, onde trabalhou durante 5 anos. Em 1900 mudou-se para Taiuva, Jaboticabal, onde 13 anos foi estudante, foi sitiante e comerciante de secos e molhados, até 1913. Casou-se, em Jaboticabal, com Tereza Breda em 1º de novembro de 1895. Em 1913 veio para Severínia onde comprou a fazenda Imbé, com 100 alqueires de terras, onde formou 115.000 pés de café. Em seguida comprou a fazenda São João em Severínia com 83

alqueires e 93.000 pés de café, em 1919, de Luiz Antônio Rosa, por Cr\$ 60.000,00. Em 1922 comprou de Manoel da Cruz a Fazenda Santa Tereza com 546 alqueires de mato em Valparaíso, Alto Pimenta, onde formou 450.000 cafeeiros. Essa propriedade custou Cr\$ 109.200,00. Em Valparaíso montou uma serraria e beneficiadora de café. Em 1924 comprou do Cel. Francisco de Melo Nogueira, em Olímpia, a Fazenda Boa Vista com 205 alqueires por Cr\$ 700.000,00. Em 1.936 comprou a Capituva, com 800 alqueires e 110.000 cafeeiros do Dr. Oscar de Oliveira Lisboa. Em 1939 adquiriu a Fazenda São Domingos, de Nelson de Macedo Tiberi com 1.000, alqueires por Cr\$ 750.000,00. Em 1937 comprou a fazenda Floresta, de Jerônimo Damasceno, com 1.000 alqueires de pasto, com 2.000 cabeças de gado zebu. Em 1940 comprou a fazenda Santana de Luiz Galli com 83 alqueires e 100.000 pés de café. Posteriormente comprou a Fazenda Córrego da Mula, em Valparaíso, com 300 alqueires e 60.000, pés de café, de Henrique Storto. Comprou, também de Henrique Storto, área com 120 alqueires e 60.000 cafeeiros. Depois, em Valparaíso, adquiriu a Fazenda Sergipe, em 1927, com 1400 alqueires em mato e pasto, onde colocou 2.000 cabeças de gado. Comprou a Fazenda Estância, em Ibirá, com 85 alqueires. Adquiriu a Chácara de Olímpio Lopes Cançado, em Olímpia, com 25 alqueires de terra. Nesta época possuía 6.847 alqueires de terra 4.000 cabeças de gado e inúmeras propriedades urbanas, beneficiadoras de café, armazéns, um milhão e duzentos mil pés de café

produzindo e 526.000 em formação. Ao ser deflagrada a 2ª Guerra Mundial, colocou a disposição do governo federal toda sua fortuna. Foi provedor da Santa Casa de Olímpia, onde contribuiu sempre de maneira significativa para seu crescimento e manutenção. Sempre viveu em Olímpia e, em 1940, naturalizou-se brasileiro. Nessa época, sua fortuna era avaliada em 55 milhões e 641 mil cruzeiros sem contar prédios, dinheiro em bancos, veículos, máquinas de benefício, armazéns, etc.

Tereza Breda faleceu em 7 de outubro de 1946 e o seu nome ficou imortalizado no grande Estádio do Olímpia Futebol Clube, na época de sua construção o terceiro do interior do Estado de São Paulo.

Deixou o casal os seguintes filhos e genros: Agostinho Breda, casado com D^a Castorina Breda; Artur Breda, casado com D^a Dalila França Breda; Pedro Breda, casado com a Prof^a Oscarlina de Toledo Breda; Diógenes Breda, casado com D^a Julinda Lanzoni Breda; Valdemar Breda, casado com D^a Dirce; Alfredo Breda; Pedro Ferreira, casado com D^a Leonor Breda Ferreira; Bernardino Ferreira de Carvalho, casado com D^a Narcisa Breda de Carvalho, Nicolau Botino, casado com D^a Maria Breda Botino; Aparecido da Silva Bello, casado com D^a Jandira Breda Bello; Álvaro Brito, casado com D^a Zenaide Breda Brito e Heráclito de Almeida Camargo, casado com D^a Alair Breda Camargo.

No transcorrer de nossa história veremos a importância que tiveram para Olímpia muitos desses nomes cujas atividades no setor da beneficência, em muito fizeram para

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

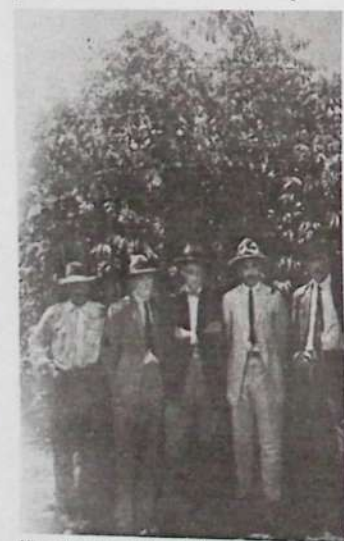
o progresso de Olímpia.

No começo da década de 1920, a agricultura pontificou como principal fonte de riqueza do município. Formaram-se as grandes e pequenas fazendas. A produção agrícola era extensa e fértil além do café, que havia se tornado a cultura principal.

Os lavradores de café existentes, segundo estatísticas da época, subiam a 519. 56,7% dos cafeeiros existentes pertenciam a estrangeiros: 203 italianos, com cinco milhões cento e noventa e três mil pés; portugueses, com seiscentos e quarenta e sete mil; 60 espanhóis, com um milhão, quatrocentos e oito mil e quatro pés outras nacionalidades, com duzentos e cinquenta mil pés, com uma média de produção de 45.530 arrobas. Em 1925, a última estatística ofereceu os seguintes números:

Cafeeiros produção		
1919/1920	3.921.300	60.000
1920/1921	3.922.000	275.000
1921/1922	12.586.000	580.000

O café novo, ainda a produzir era de um milhão de pés.



Vista de um pé de café da época. No centro Gualtiero Mori e o último, à direita, o Sr. Natal Breda.



Vista da colônia da Faz. Santa Rosa, de João Lopez Ramirez.



Vista da colônia da fazenda Santa Eulália, de Manuel Fernandes Velloso.

Para se ter uma base do povoamento das propriedades agrícolas, as estatísticas demonstravam nessa época 7.000 habitantes na cidade e 45.000 na zona rural.

Possuíam sedes com moradias confortáveis, que às vezes suplantavam em conforto e beleza as próprias residências urbanas.



Vista da sede da Fazenda Nova, residência do Cel. José Gil.

A sede da Fazenda Nova, construída por José Gil na década de 20, é exemplo de casarão majestoso e confortável, de padrão raramente encontrado na cidade. Nessa casa, onde criou sua prole de 12 filhos, o Cel. José Gil contava inclusive com telefone para seus contatos de exportador de café. Desafiando as crises econômicas e o tempo, a vivenda permaneceu em posse da família e passou por recente restauração, que lhe devolveu a

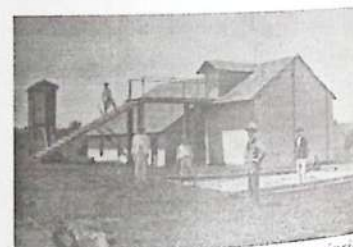
notoriedade de ser uma das sedes de fazenda mais belas do Estado. Numa atitude exemplar em favor da memória sócio-econômica da região, seu atual proprietário, Francisco Paulo Cote Gil, restaurou ainda o prédio da antiga máquina de beneficiar café, o terreiro, a capela e o coreto da fazenda.

Nesta época, o município estava dividido em distritos; respectivamente: Cajobi, Guaraci, Severínia, Icem e Patos (posteriormente Paulo de Faria).

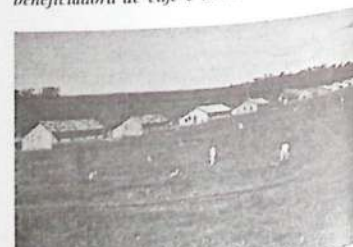
A sua área total era de 9.650 quilômetros quadrados, portanto classificada com a segunda em extensão no Estado de São Paulo. O seu grau de progresso se devia além da agricultura, também a pecuária onde tinham em Patos e Guaraci as maiores invernadas do município.



Vista da sede da fazenda Barro Preto do Sr. Cesário Galli.



Muitas fazendas possuíam a sua própria beneficiadora de café e arroz.



Mais uma vista das grandes colônias que chegaram a abrigar mais de 70 famílias, que chegavam a somar mais de 300 pessoas. OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Essas casas de colônia ofereciam relativo conforto e fartura, com a produção particular das necessidades mais prementes.

Geralmente, as casas sedes onde moravam os proprietários ofereciam muito mais conforto, com grandes varandas, quartos, ampla cozinha, jardins bem cuidados, cercadas de pequenos pomares com as mais variadas qualidades de frutas.

Geralmente, se dirigiam à cidade somente para compra de mantimentos, ferramentas ou trocas de mercadorias.

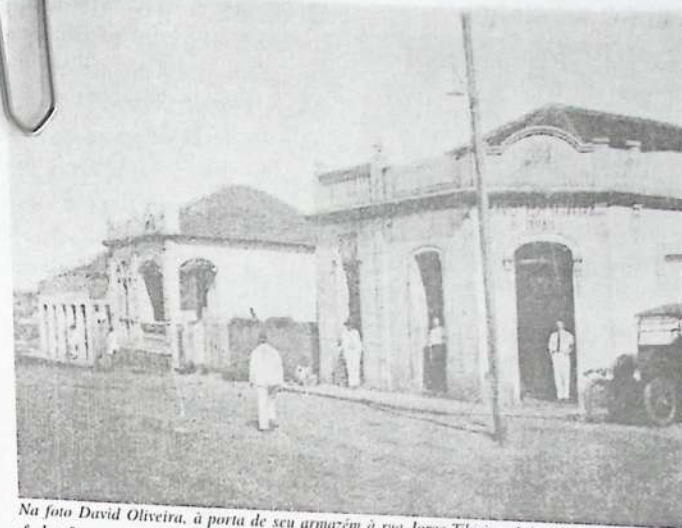
DAVID DE OLIVEIRA



David de Oliveira

Natural de Tocha, Portugal, veio para o Brasil em 1914, chegando em outubro desse mesmo ano, com 14 anos de idade. Começou a trabalhar como simples empregado da firma Oliveira, Jesus e Abreu, de Colina, com filial em Olímpia, onde ficou por 5 anos. Em 1919 se estabeleceu por conta própria com seu irmão Joaquim de Oliveira, na rua Jorge Tibiriçá 89 e depois no atual prédio da mesma rua, de nº 104. Foi um dos mais antigos e sólidos comerciantes de Olímpia, proprietário urbano com bela vivenda, na saída de Barretos, do Posto Internacional, na mesma rua, co-proprietário da fazenda Fortaleza, da Fazenda Santa Fé e proprietário

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Na foto David Oliveira, à porta de seu armazém à rua Jorge Tibiriçá. Acima lê-se David Oliveira & Irmão.

de diversos prédios da cidade. Casou-se em 1923 com Luiza Seno.

Durante toda sua vida, David de Oliveira demonstrou uma visão incomum. Foi, por muitos anos, concessionário da Massey Ferguson e implementos agrícolas. Tinha uma clientela que abrangia toda a região. Também ganhou a concessão da Volkswagen para comercializar, e manter oficinas de auto-peças, com filial em Barretos. Tinha sociedade com Antônio Gomes de Andrade, inicialmente.

Foi um homem desprendido e boníssimo. Seus funcionários capazes e leais acabavam se tornando sócios de suas firmas. Possuiu grandes armazéns, com máquinas de benefício de café e arroz, onde também comercializava o produto. Seu cofre pessoal sempre esteve aberto para os necessitados e para as causas benemerentes. Doou inúmeros terrenos para entidades assistenciais, ajudava o Abrigo, Igreja e hospitais. Diga-se, de passagem, que todos os seus funcionários obtiveram sucesso na vida particular e uma velhice confortável.

David de Oliveira também fundou a "Fido", uma grande indústria no fabrico de caixas d'água para poços artesianos, implementos agrícolas e outros. Por sua atuação como homem, olimpense, comerciante e principalmente pela sua personalidade benemerita, teve o seu nome levado a uma das principais ruas da cidade.



A foto registra um momento histórico - David Oliveira entrega ao então Prefeito Municipal Alvaro Brito um cheque como donativo para uma entidade assistencial. Ao fundo seu genro Dr. Alino Robazzi, diretor do G.E. Cap. Narciso Bertolino de Olímpia e figura de destaque em Olímpia.

No registro da história de personagens de nossa história, David de Oliveira ganha um destaque especial, pois homens de suas qualidades, infelizmente já não existem mais.

PEDRO RICCIARDI



Pedro Ricciardi e América de Melo Ricciardi.

Nasceu na Itália em 21 de agosto de 1890, em Arezo. Seus pais foram José e Josefa Landi. Com 11 anos, separou-se da família e foi se fazer sozinho. Empregou-se em Sertãozinho na Casa Ragazzi, de João Ragazzi. Nessa firma, trabalhou 16 anos, tendo chegado a gerente da mesma. Casou-se em Sertãozinho com América de Melo Ricciardi. Em 1915 veio para Olímpia com mulher e os dois filhos mais velhos. Comprou em Olímpia o armazém de secos e molhados de Marcolino Desidério, denominado Armazém Brasil, na saída de Barretos, comprou terreno e construiu sua primeira casa, onde era o armazém de Nelson Marcondes na Rua Jorge Tibiricá, posteriormente destruído por um incêndio. Ali trabalhou de 1915 a 1924, quando vendeu seu estabelecimento para Basílio Prandini. De 1924 em diante, começou a comprar e vender café, adquirindo armazéns e máquinas de benefício na Rua Elis, na rua R de julho e na Rua Américo Brasiliense. Tornou-se o maior comprador de café de seu tempo. Grande capitalista, e uma das maiores fortunas de Olímpia, adquiriu a casa onde morou Mário Vieira Marcondes na Praça da Matriz e ali construiu um palacete, o mais amplo e belo de Olímpia, atualmente extinto. Foi grande comprador e vendedor de terras. Possuiu fazenda em Pirajui com 400 alqueires de terras, adquirida de Manoel Lourenço, possuindo 1.000 alqueires de terras

em Aguapeí, Araçatuba e 265 alqueires em Pereira Barreto. Possuiu também uma fazenda, em General Salgado, com 385 alqueires e em Barretos outra, com 468 alqueires de terras. Em Araçatuba uma gleba com 750 alqueires. Foi acionista das Cias. Bandeirantes de Armazéns Gerais e Bandeirantes Comerciais S/A. Contribuiu muito com a igreja, Abrigo e Santa Casa, etc.

Deixou os seguintes filhos: Dr. Plínio Ricciardi, Amaldo Ricciardi, Alcides,

João, Sérgio, Pedro e Hernani; Da Hermíla Ricciardi Campos, casada com o Sr. Omar Campos e as professoras Neusa Ricciardi, Vanda e Nícia.

Posteriormente seus filhos Pedro e Hernani fundaram uma fábrica de extração de óleo de mamona, que foi extinta.

A família Ricciardi teve atuação destacada no progresso e desenvolvimento de Olímpia, merecendo o respeito e a admiração de todos os olimpienses.



Palacete da família Ricciardi, após a reforma do prédio comprado de Mário Vieira Marcondes - 1922



Palacete Ricciardi, anos 50, na Praça da Matriz. Foi demolido para dar lugar ao Edifício América, na década de 80.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

IMAGENS E FATOS DA HISTÓRIA



O primeiro jardim de Olímpia, formado após os anos 20, nas gestões dos prefeitos Mário Vieira Marcondes, Geremia Lunardelli e José Soares de Medeiros.

O progresso de Olímpia e região era surpreendente. Dia a dia, casas eram construídas, estabelecimentos comerciais abundavam, algumas indústrias começavam aqui aportar, vislumbrando o grande futuro que se apresentava. Uma terra rica, fértil, um povo bom e trabalhador, e que as circunstâncias de seu imenso crescimento oferecia a todo forasteiro a oportunidade de aqui ter a sua fonte de trabalho, seja através da agricultura, do comércio e outros tipos de atividades. Tudo dava bons resultados.

Até a presença de malfetores atraídos, pela fama de riqueza da região, começava a desaparecer gradativamente.

Isto devido ao fato de que pessoas de alto poder aquisitivo, de extensa cultura, de visão política, formadas em advocacia, medicina e outros cursos superiores, aliados à organização das sociedades, já não permitiam a presença de elementos nocivos, que por si só já se notavam relegados pela sociedade, convictos de que o sistema, comandado pelos "coronéis", que impunham a lei à sua maneira já estava com os seus dias contados. A lei estava chegando em Olímpia.

Após sua derrota eleitoral, Mário Vieira Marcondes retirou-se com a família para Barretos, onde chegaria um dia a ser prefeito. Mas voltaria, trazido pelos fiéis

companheiros políticos, para, mais uma vez, ser eleito prefeito municipal para o período de 23/12/31 a 14/7/32, com apenas sete meses de gestão. Vejamos pela ilustração através das fotos históricas o desenvolvimento de Olímpia.



Vista da praça vendo-se ao lado esquerdo o coreto.



Praça Rui Barbosa antes do coreto ser construído.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Praça da Matriz ainda sem jardim, 1919.



Primeiro jardim, iniciado em 1920.



Praça Rui Barbosa já com a 2ª remodelação.



Praça Rui Barbosa.

Estampamos nesta página as praças da Matriz e Rui Barbosa no decorrer dos anos. Elas sofreram 3 remodelações entre os anos de 1919 a 1927.

Iniciou com a Praça da Matriz, quando, pela primeira vez foi eleito o Sr. Mário Vieira Marcondes, tendo Geremia Lunardelli feito alguns melhoramentos, principalmente o coreto e o chafariz, que foram retirados posteriormente.

O calçamento das praças foi executado, na gestão do advogado Dr. Jerônimo de Almeida, que foi um dos melhores prefeito de Olímpia.

Em 1938, o prefeito e médico, Dr. José Lopes Ferraz procederia uma completa remodelação das praças, com decorações artísticas e postes de iluminação com blocos de cimento, ornado com a figura de Éfeso iluminado à gás neon.

Foi o jardim que mais perdurou, até 1966, possuindo características peculiares como "A Roda do Meio", a "Roda de Fora", e que até hoje cria polêmicas quanto ao fato da necessidade de sua extinção, dando lugar a uma praça mais moderna.



O mesmo panorama da foto acima - 1922.



Hotel Municipal - 1920 - construído pelo Cel. Antônio Gordinho.

Também em 1920, João Rodrigues Batata montaria um grande armazém ao lado do terreno que seria a Santa Casa, na Rua Sírnia nº 206, chamado Armazém dos Lavradores.



Armazém dos Lavradores e em primeiro plano João Rodrigues Batata - 1920.



Primeira Agência Ford, de Valentim Ferranti.

Em 1921 Valentim Ferranti montava uma grande oficina mecânica e passaria a ser o concessionário dos veículos Ford.

Posteriormente, com seu falecimento, a chefia da firma passaria para o comando de seu filho Luiz Ferranti, que criou tradicional família e foi ponto de referência comercial no setor de veículos e auto-peças durante mais de três décadas.

Em 22 de março de 1922 foi inaugurado o Banco Comercial do Estado de São Paulo, tendo como gerente o Sr. Júlio Borges de Queiroz; contador: Joaquim Arnaldo da Silva, que foi o segundo gerente. Carlos da Silva Ayrosa o terceiro e o quarto Afro Sarti. O banco do

Comércio e Indústria de São Paulo inaugurou sua agência em Olímpia em 10 de junho de 1923. Foi seu primeiro gerente Nestor Cunha; contador: José de Moraes Ferraz, que foi o 2º gerente. Américo Bolzan foi seu contador em 1924, em 1929 assumiu a gerência.



Banco do Comércio e Indústria de São Paulo.

É criado o jornal "O Trabuco", tendo como redator chefe Lindolfo Galvão. O proprietário-gerente era André Ferreira Fraga. A farmácia popular contava com os serviços do médico e parteiro Dr. Alberto Medeiros, cujo consultório era na farmácia e a morada na pensão Rosário.

Mário Vieira Marcondes seria novamente eleito prefeito para o período de 15/1/124 a 30/4/26.

Em 1924 o partido popular, representando a oposição se fortalecia e engrossava as fileiras com nomes relevantes como: João Garcez Novais, Cap. Martinho Augusto de Almeida, Cap. Narciso Bertolino, Dr. José Carlos Pereira de Souza, Dr. Sylviano Pinto, Cap. Lázaro Vaz de Lima, Cel. Salustiano Custódio da Silveira, José Carvalho Novaes e outros. A Ausência de Chico Nogueira, que em 1922 venderia sua fazenda para Natal Breda e fixaria residência definitiva em São Paulo, faria Mário Vieira Marcondes perder uma peça

fundamental na sua máquina política que não poderia mais contar com Chico. Seria uma ausência significativa e fundamental para o partido político de Mário Vieira Marcondes, que não teria mais a força da imposição eleitoral autoritária de Chico Nogueira.

Em 1925 Mário Vieira Marcondes foi muito combatido. Tinha muito prestígio, tanto aqui, como em São Paulo, onde era chamado "O Príncipe de Olímpia", mas era tido como "um boi que não conhece a própria força". Dessa forma, foi perdendo gradativamente a preferência popular, até ser vencido, não antes de revidar fortemente com a ajuda de Nino do Amaral e outros. Nesse ano houve eleição com voto forçado à carabina, fazendo com que parte dos eleitores fosse votar em Severínia, (que era distrito). Em consequência, acabou sendo eleito prefeito em 1926 o Sr. José Clemêncio da Silva, vereador da Câmara Municipal. Antes de entrarmos no assunto sobre e administração do prefeito municipal Sr. José Clemêncio da Silva, vamos demonstrar, nas próximas páginas através de ilustrações o grande desenvolvimento de Olímpia no setor urbano, nas remodelações das praças e na construção dos grandes palacetes e sobrados que foram aparecendo gradativamente quando os proprietários mais abastados do comércio ou da lavoura deixavam a moradia na zona rural e mudavam-se para o maior conforto da cidade.

Para não escapar ao registro, Olímpia em 1913 possuía uma fábrica de cerveja com alta aceitação. Foi criada por Aladino Fabri e vendida posteriormente ao Sr. Ulisses Giannechini. Tinha o nome

de Cerveja Luchesi. Funcionou até 1932, quando o Sr. Giannechini fechou a fábrica, trabalhando como revendedor de outras cervejas, especialmente a Niger (cerveja preta) e refrigerantes.

Júlio Ferranti em 1917 montava o seu grande pastificio na rua 9 de julho. Anteriormente, em 1913, possuía um pequeno negócio de massas localizado onde posteriormente foram as máquinas do Cel. Antônio Gordinho. Falecendo, o negócio passou para seus filhos Valentino e Ricciotti Ferranti que montaram uma grande indústria de massas, fábrica de macarrão, importando dos Estados Unidos moderno maquinário. Durante muito tempo o "Pastificio Julio Ferranti" levou a sua famosa "Massas Primavera" para todas as regiões circunvizinhas com uma aceitação superior aos produtos similares vindos de outros centros maiores.



Fachada da firma Irmãos Ferranti. Na foto os irmãos Valentino e Ricciotti Ferranti.

Andréa Degásperi em 1918 construiria uma das maiores indústrias de metalurgia e similares em Olímpia, na rua São João.

Levado pelo grande sucesso da agricultura, iniciou a fabricação de máquinas para beneficiamento de café, arroz e outros produtos. Ali nada era impossível de ser feito.

Peças, artefatos, implementos, arados e uma infinidade de artigos. Sem dúvida a empresa foi um fator de projeção de nosso comércio, atraindo para nossa cidade usuários de toda a região, inclusive intermunicipais.



Vista da firma Indústrias Reunidas Andréa Degásperi. No medalhão o proprietário.

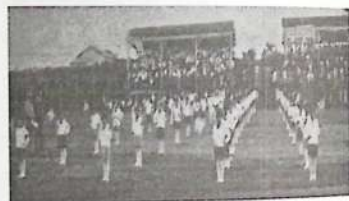


Amadeu Galmacci

Em 1918 veio para Olímpia a família Galmacci. Registramos como destaque especial a atuação de Amadeu Galmacci. Foi guarda livros, vereador, candidato a vice-prefeito, presidente da Comissão de Esportes em 1948. Casou-se com Anela Forti, que faleceu. Contraiu matrimônio pela segunda vez com Ada Ferranti.

Homem simples e dinâmico participou da vida e do progresso de Olímpia em quase todos os setores. Foi presidente da Sociedade Italiana, formou e participou de equipes

esportivas e de comissões beneficentes. Foi Juiz de Paz e Comissário de Menores com trabalho e dedicação impar. Em 1918 montou uma fábrica de artefatos de cimento, fabricando, mosaicos, vasos, obras artísticas e grande variedade de artigos. Fechou sua firma na década de 1940. Faleceu em Olímpia, onde foi sepultado, levando consigo o respeito e a admiração de todos que o conheceram e com ele conviveram. Em 1920 é oficialmente inaugurado o campo do Olímpia Futebol Clube que é chamado de "O Glorioso Alvi Celeste", cuja diretoria era a seguinte: presidente: - Augusto Junqueira de Andrade; vice: - João Borges de Siqueira; tes. Manoel de Oliveira - diretores técnicos Teotônio Garcia e Mário Garcez.



Campo do Olímpia Futebol Clube em 1920. Hoje abriga a escola Anita Costa.

Também nesse ano, o português José Ferreira montaria na rua Dr. Antônio Olímpio com a rua 9 de julho, um armazém que por muitas décadas serviu a população rural e urbana. Construiria, no ano de 1925, como veremos adiante, um dos mais opulentos e majestosos sobrados. Esta casa até hoje resiste com quase a totalidade de sua estrutura.

Em 7 de janeiro de 1922 seriam inaugurados o Coreto da Praça Rui Barbosa e as melhorias dos jardins das Praças Matriz e Rui, com a presença da população de OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Olímpia e região. O evento foi abrilhantado pela estréia da Orquestra do Maestro Vicente Delamanha.



Coreto da praça Rui Barbosa, construído na gestão de Geremias Lunardelli, em 1922.



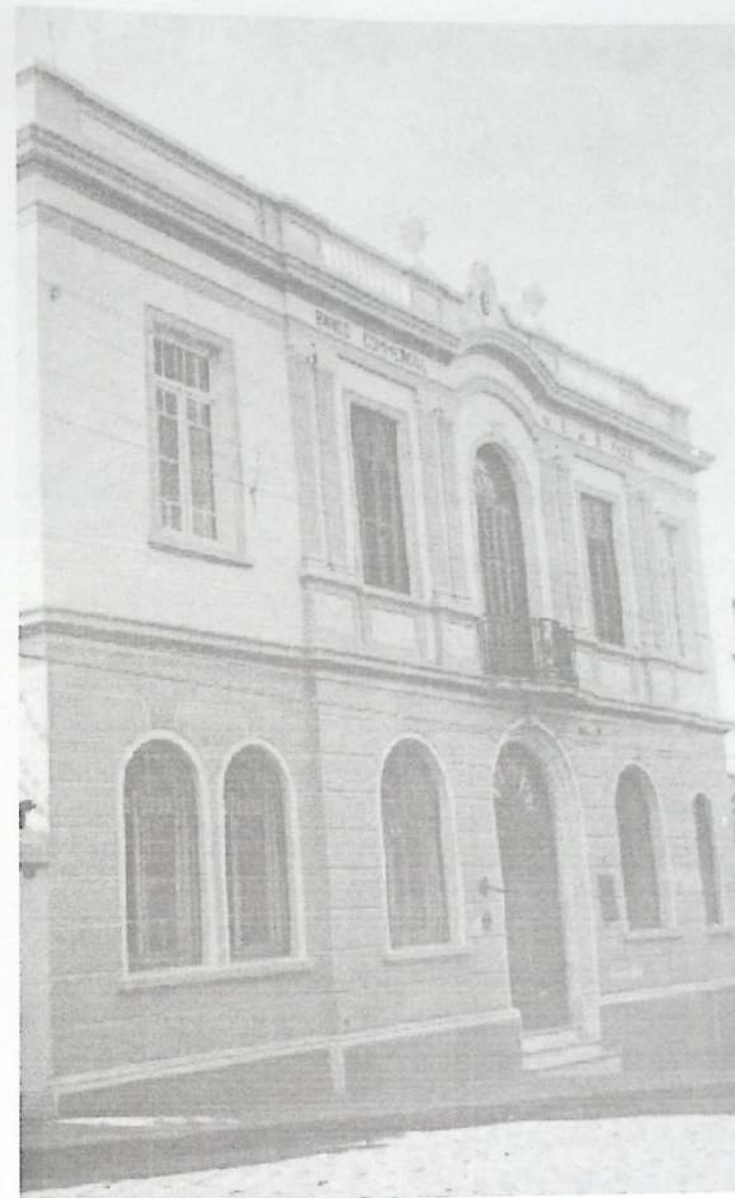
Chafariz da Praça Rui Barbosa. Ao fundo, o Banco Induscômio, hoje Banco Real.

Eleito pela Câmara de Vereadores, assume como Prefeito Municipal de Olímpia, para o período de 15/1/22 a 15/1/23, o Cel. José Soares de Medeiros, que, pelo pouco tempo que permaneceu como Prefeito, apenas administrou, não realizando obras de importância.

MANOEL INOCÊNCIO MARCONDES DE ANDRADE

Viúvo de Ana Vieira Marcondes, chegou em Olímpia em 1913 com a família, vindo de Lorena. Logo que aqui chegou, fundou a Farmácia Marcondes, em sociedade com José Clemêncio da Silva. Farmacêutico, político, homem de bem, teve destacada atuação na formação de nossa terra. Foi prefeito municipal de Olímpia no período de 15/01/23 a 15/1/24.

Vivia em companhia de sua filha Henriqueta Marcondes, casada com o médico Dr. Themistócles Barbosa Ferreira, em OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Em 22/03/1922 inaugurava-se o Banco Comercial do Estado de São Paulo na Praça Rui Barbosa.

casa deste, a mesma onde viveu Salvador Carnevali, na praça da Matriz. Faleceu em 1929. Era o pai de Mário Vieira Marcondes, que foi prefeito de Olímpia por 4 vezes, e marido de Maria Olímpia Rodrigues Vieira.

Foi na década de 1920, que Olímpia desenvolveu-se de maneira incomum em todos os setores. A riqueza proporcionada pela agricultura, principalmente pelo cultivo do café, trouxe prosperidade

e a chegada de homens mais cultos e preparados começava a mudar o panorama social da cidade.

Deu-se nessa época o aparecimento dos belos casarões e palacetes construídos em Olímpia, e que hoje, apesar do descaso e da omissão alguns, sobreviveram como espelho do fruto de uma época de opulência. As opiniões aqui inseridas sobre as qualidades arquitetônicas dos prédios foram compiladas de



Residência Chafick Aidar

reportagem do jornal Folha da Região, com pareceres técnicos do engenheiro Miguel Luiz Ramos, num excelente trabalho de análise das edificações aqui construídas e que aqui reproduzimos.

Embora possa passar despercebido para grande parte da população olimpiense, há um fato importante que muito sensibiliza os arquitetos, engenheiros, artistas plásticos e estudantes de engenharia em relação à nossa cidade. A arquitetura de alguns antigos e belos edifícios nas décadas de 1910/1930, quando o município vivia o esplendor de uma grande riqueza, principalmente devido a cultura do café, na época uma das fontes comerciais de exportação mais exploradas do país.

Foram prédios assobradados para fins comerciais ou residenciais imponentes e belos que resistiram ao tempo, embora alguns fossem demolidos sem qualquer critério de conservação histórica, mas que deixaram na memória da cidade, uma passagem áurea.

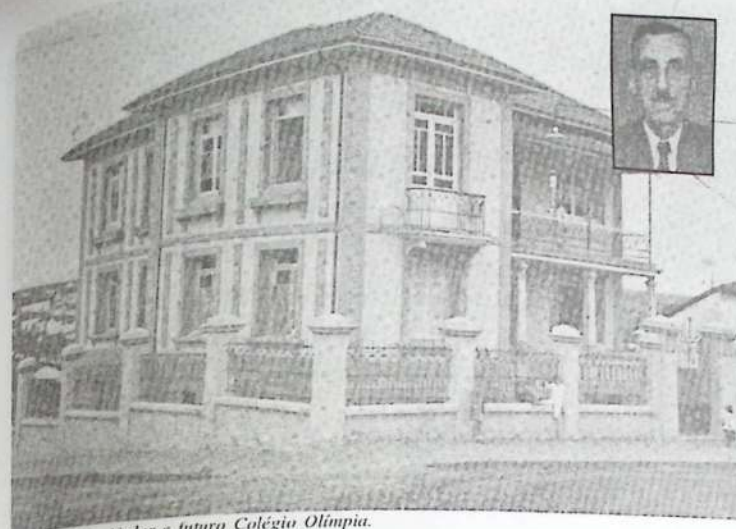


Casa Pedro Ricciardi

estilos, desde o neo-clássico, passando pelos estilos ecléticos coloniais, português e brasileiro e nuances de algum modernismo, onde encontramos até o estilo neo-inglês. O neo-clássico reflete a arte de uma tendência (escola), criada no fim do século XIX e representa uma simbologia clássica de inspiração grego-romano, com frontais triangulares, a exemplo da antiga Atenas.

A escola eclética veio a ser um período de transição entre esse classismo e o neófito modernismo, que optava por formas mais arrojadas e sem muita geometria, refletindo uma mistura do estilo colonial com os adornos clássicos. O estilo colonial se divide em duas influências: a brasileira e a portuguesa.

O estilo português apresenta linhas rígidas de janelas sobre janelas, portas assentadas simetricamente, usos de azulejos portugueses, uma preciosidade que hoje encontramos em muitas edificações, culminando



Casa de João Aidar e futuro Colégio Olímpia.

por refletir uma certa inspiração religiosa, não mística, com frontões que imitam as igrejas.

O colonial brasileiro, procurou introduzir os alpendres e as varandas dentro do estilo português.

Essa evolução, seria resultado da passagem dos portugueses pela Índia, após o que passaram a defender o tipo de edificação de casas mais frescas, com dependências mais arejadas, compatível com o clima tropical brasileiro, de mais calor, em contraste com o clima mais ameno de Portugal.

Surgiu assim o colonial português. Em Olímpia, segundo se observa, comentou ainda Ramos, notou-se ainda uma outra adaptação com as construção de alpendres de vidro, resultando o fechamento desse espaço.

Os primeiros palacetes em Olímpia começaram a serem construídos na década de 1910.

Sendo o nosso município essencialmente agrícola, quando os donos das fazendas construíam suas

casas na cidade e as edificavam na lotação total do lote, ou seja: casas já nas calçadas. Isso porque não queriam nenhuma lembrança do campo, mas sim urbanidade. Outra tendência também era a construção de vastos porões que dava um certo "status", já que nos mesmos, eram guardados além de carruagens, objetos de despensa, símbolo de opulência e riqueza naqueles tempos.

Outro grande palacete que marcou época na década de 1910/1920 foi construído por Chafick

Aidar, à rua Conselheiro Antônio Prado com a Marechal Deodoro. Depois foi vendida a Alfredo Cintra. Hoje encontra-se desabitada. Essa residência trouxe como novidade a janela "Bay window" que apresentava duas partes frontais. Esse tipo de construção salientava a janela como se fosse um apêndice da Estrutura. Hoje em dia esse estilo passou a ser novamente muito usado. Tem um tipo colonial em que imita em muito a linha de construção de igrejas. Esse casarão também serviu de cadeia pública na década de 1940/50. Verifica-se que esse palacete não perdeu muito de sua estrutura primitiva, ainda conservando o mirante, que é o volume, já citado, onde se localiza a janela "Bay-window", um classicismo inglês.

Podemos observar, que a residência construída pelo Cel. José Soares de Medeiros, apresenta um estilo eclético com alpendres de vidro e locação na rua, além do porão elevado, sinal de opulência. Possui



Palacete de João Aidar, hoje Museu de História.



Casa do Cel. Soares de Medeiros.

também um jardim na lateral, cuja finalidade era mostrar bom gosto. Haja visto que esta tipo de residência representou o rompimento com o ruralismo, quando o homem do campo morava em região urbana, sem estilo campista. Daí o pouco espaço para jardins nessas edificações.

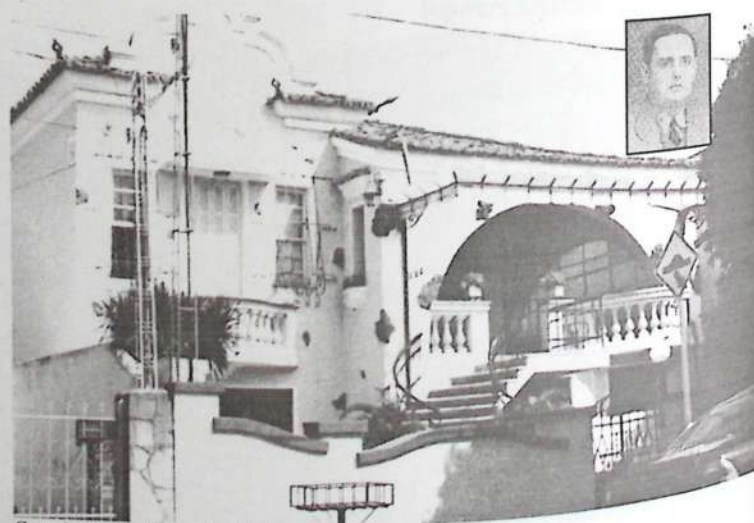
Na residência do Sr. Hermes Bueno, temos como estilo uma mistura de colonial português com neoclássico, levando-se em conta a grande varanda com cobertura de vidro que não lhe tirou a originalidade. Esse palacete também marcou época, sendo que ainda conserva até hoje sua estrutura perfeitamente conservada.

Na antiga rua Carlos Gomes, hoje praça Nossa Senhora Aparecida, esquina com a rua Jorge Tibiriçá, que mudou o nome para rua David de Oliveira, existe talvez a maior relíquia histórica representativa daquela época. Em 1918, na época do início dos grandes casarões, o fazendeiro Giosué Tonnani mandou construir ali um palacete que, por sua

imponência, mostrava toda a pujança da época em que vivia a cidade. Rica e próspera.

Em estilo neoclássico, com nuances de colonial brasileiro, destaca-se uma varanda, símbolo das residências brasileiras daquela época, uma vez que difere da portuguesa justamente nos detalhes de alpendre e varanda.

Quem observa esse casarão pode notar também o estilo italiano, uma vez que o neoclassicismo tem muito a ver com o estilo romano. Isto



Casa de Hermes Bueno de Oliveira.

devido ao grande número de famílias italianas predominantes no local, na época que possivelmente tenham influenciado esse classicismo em suas residências. Um grande lance de escadas no logo da entrada, separando, talvez, a parte de baixo que funcionaria como possível porão, apesar de suas grandes e extensas dimensões.

Essa casa, representa até hoje, o símbolo de nossa cultura. Hoje abriga o Museu de História e Folclore Maria Olímpia, aberto diariamente à visitação pública.

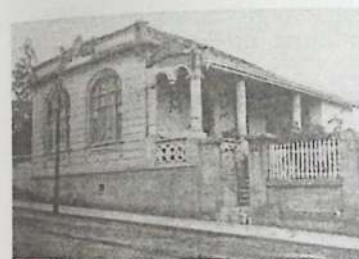
Muitos desses prédios não sobreviveram. Um dos mais bonitos e imponentes era o palacete construído pelo Sr. João Aidar em 1925. Situava-se à Praça Rui Barbosa. Foi um patrimônio histórico, pois ali também foi a sede do Colégio Olímpia e residência do Dr. Antônio Augusto Reis Neves e o abrigo e alojamento de mais de 100 moças de outras cidade, que ali moravam em regime de internato.



Casa do Sr. Emílio Gothardi.



Emílio Gothardi, proprietário de grandes lavouras de café.



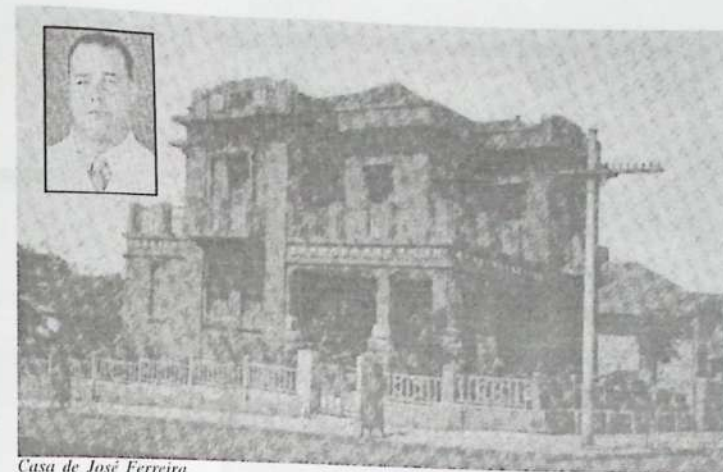
Casa do Sr. Henrique Storto.



Henrique Storto, também proprietário de grandes lavouras de café.

A residência do primeiro prefeito de Olímpia Mário Vieira Marcondes, adquirida pelo grande comerciante de café e fazendeiro Sr. Pedro Ricciardi, foi reformada e transformada no mais belo palacete de Olímpia.

Construído com matérias prima de primeira, tinha em seus alicerces de dentro das paredes, reforço de trilhos de ferro. Extensas



Casa de José Ferreira.

sacadas, amplo jardins com chafariz iluminado. Soleiras e escadarias de mármore branco de origem italiana (Carrara) e mogno, lustres de finos cristais, não sobreviveu ao progresso. Acabou por ser demolida dando lugar a mais um edifício moderno

Para complementar, temos a destacar que Olímpia possui ainda muitos acervos históricos. Por exemplo o cemitério São José onde são encontrados jazigos edificadas com verdadeira arte estrutural. Possuem quase todos os estilos e variedades arquitetônicos. Um estudo elaborado por um historiador e pesquisador barretense Gabriel de Oliveira (Bié), que estudou e fotografou essas relíquias, classificou o nosso Campo Santo como o segundo mais rico do Estado em importância e beleza histórica.

Infelizmente, algumas famílias estão demolindo essas edificações, construindo em seu lugar jazigos mais simples, de mármore ou azulejos, que proporcionam facilidades.

Uma lei de 12 de janeiro de 1982, assinada pelo então prefeito

professor Erciley Parolin, determinava que todas as edificações construídas até o ano de 1940 seriam consideradas tombadas, fazendo parte do acervo histórico de Olímpia, não podendo, sem a autorização de uma comissão previamente formada, demolir, reformar ou alterar qualquer estrutura dessas edificações.

Infelizmente, essa lei nunca foi cumprida. Isso acarretou para o patrimônio histórico da cidade perdas irreparáveis. O palacete Ricciardi, o casarão do Colégio Olímpia, o Banco Antônio de Queiróz, o Hotel Rebelatto, a residência de Geremia Lunardelli, se não foram demolidos tiveram suas estruturas alteradas. Pouco restou de nossa cultura e de nossa história para as gerações futuras, que não conheceram essa imensa riqueza da história e da cultura de nosso povo, que desde a sua fundação deixaram suas marcas.

CASA VOLPE Grande variedade de artigos: Fios, de molas, Canteiros, Chapas e Garrafas, Arroz, de Seta e Malhada, Lencos, Tênis e Tênis, Cigarros, Chales, Fuma de corda e outros de diversas marcas.

Uma agremiação de...
ANGLO-AMERICAN PETROLEUM CO. LTD.
Agência de Petróleo de São Paulo

Remessa Anual de 100.000.000 de litros de gasolina SEM RIVAL.

TERO DENTRO DA LOJA O QUE QUISER, SEM PRECISAR DE NENHUMA OUTRA LOJA.

PREÇOS MODICOS



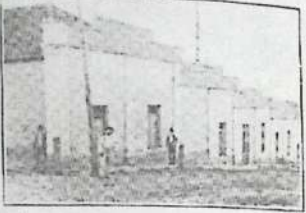
AGOSTINHO VOLPE

Serraria Internacional
de
Giosué Tonnani & Gil

Machina de Beneficiar Café

Machina de Beneficiar Arroz e outros cereaes

Moinho de Fubá



Vista de dentro das machinas

CASA ZAPATERRA
DE VICTORIO ZAPATERRA



Vista interna da Casa Zapatterra

BAZAR MODELO

Bico e variado sortimento de tecidos finos de lã, seda e algodão, brins e casacas nacionais e estrangeiras.

Preços Modicos

MA NIMA SERILDADE



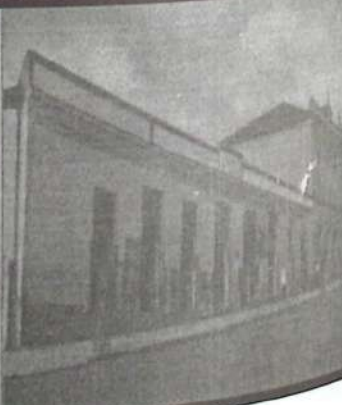
VISTA INTERNA

ASA ZANIN
Fundada em 1913

A CASA QUE TEM O MAIOR ESTOQUE DE TÊXTEIS, COM E TODAS NA PRAGA.

Desde de Seta a Malhada - 100.000.000 de litros de gasolina SEM RIVAL.

Francisco Zanin
e José Vitorino, 1913
Rua 200 - Olímpia



OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

FARTURA E BELEZA
Nessa época, 1925/1926, Olímpia era muito nova, pois sua emancipação datava de 1918 e num surto espantoso havia sido levada à comarca em 1920.

Possuidora de uma área vastíssima, quase toda coberta por extensos cafezais, principal fonte de riqueza que encantavam a todos quantos a visitavam, daí as palavras de Armando de Salles Oliveira "um dos lugares mais bonitos do mundo".

Olímpia também contava com um poderoso setor de pecuária, bem superior a de outros municípios.

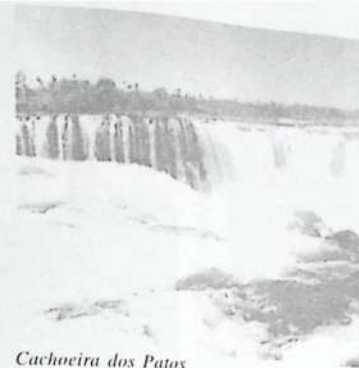
Em harmonia com esse surto gigantesco de progresso, a indústria e o comércio também evoluíam vertiginosamente. A cidade, que apresentava no início um aspecto desgracioso e inestético, já apresentava mudanças radicais com muitos prédios artísticos e elegantes.

O jardim público, as praças Rui Barbosa e Matriz eram o ponto de encontro da população, após a luta diária nos diversos ramos de atividades profissional. Contava já o município com 293 automóveis matriculados na prefeitura, o que era, na época, prova eloqüente do movimento do comércio e da indústria.

De todos os pontos, convergiam para esta zona, homens de negócio, educadores, aventureiros, atraídos pela fama de riqueza que Olímpia gozava lá fora.

A produção de cereais chegava a provocar assombro em toda a região.

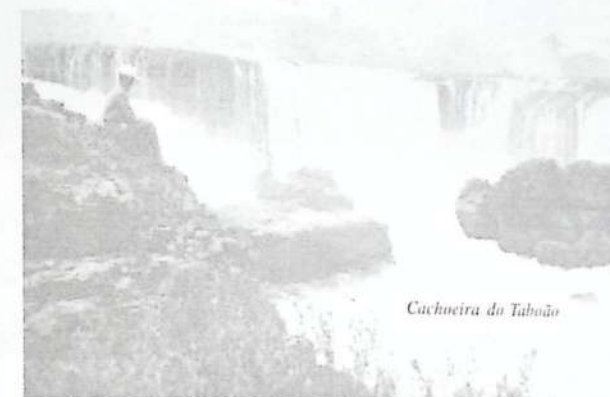
As belezas naturais que a região possuía eram raras e atraíam gente de pontos bem distantes, para visitar as Cachoeiras do Maribondo, com uma força hidráulica calculada



Cachoeira dos Patos



Cachoeira das Andorinhas



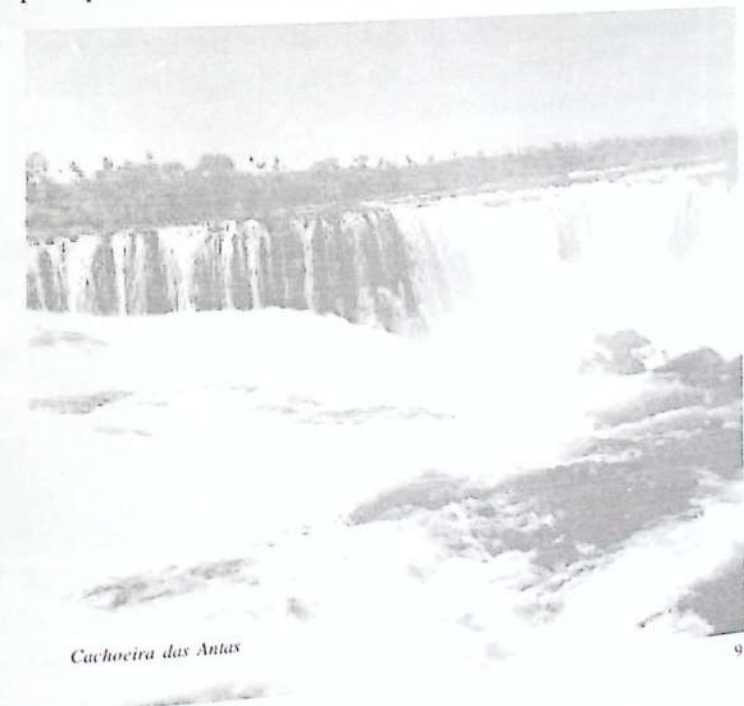
Cachoeira do Taboão

em 900.000 cavalos-vapor, com capacidade para eletrificar todas as estradas de ferro do estado de São Paulo.

Infelizmente, o complexo Maribondo que tinha como atração principal seis cachoeiras foi extinta,

inundada para dar lugar a uma poderosa usina elétrica.

Mas podemos resgatar através de imagens as belas quedas d'água que eram as segundas do Brasil e as sextas do mundo naquela época:



Cachoeira das Antas



Vista do Ferrador



Outro ângulo do Ferrador e do Bondinho



Cachoeira Chiqueiro



Outra vista de cachoeira dos Patos



Cachoeira das Andorinhas



Outra vista de cachoeira das Andorinhas

AS SOCIEDADES

Ao fim da década de 10, as colônias constituídas de imigrantes se comporiam em sociedade. Italianos, portugueses e espanhóis e seus descendentes representavam quase noventa por cento da população de Olímpia.

Os dez por cento restantes eram compostos por russos, japoneses, negros e uns poucos remanescentes da tribo de índios guarani que aqui habitou.

Os imigrantes que aqui chegaram trouxeram a sua cultura plantando raízes profundas, por suas participações. Época em que o progresso chegava a impressionar, mesmo com a violência e o abuso nas divergências políticas reinantes, os participantes das colônias imigrantes, muito pouco, ou quase nada, se ocupavam nas disputas políticas. Era uma forma também de auto-proteção contra o banditismo que os políticos usavam como objetivo eleitoral. Desta maneira, as colônias resolveram se unir, adaptando a sua cultura de raiz mais apurada no seio da sociedade olimpiense.

A COLÔNIA ITALIANA

Nos anos 20, a colônia italiana já possuía sua sociedade constituída, agregando seus componentes de forma associativa. Construiria sua sede à rua Américo Brasiliense, onde seus membros se reuniam, tanto para lazer e encontros artísticos como para as reuniões de maior importância. Ali se fixaria a sua sede social para as deliberações que se fizessem necessárias.

Em 1925, já funcionando em sua própria sede (depois de sua extinção o prédio serviu ao Aero



Inauguração de sede da Sociedade Italiana de Olímpia, à Rua Américo Brasiliense. Na foto membros da Sociedade com suas famílias.

Clube de Olímpia) até meados de 1960, quando ali se instalou a UECIO, (União dos Empregados do Comércio e Indústria de Olímpia) e finalmente a sede da Associação dos Funcionários Públicos Municipais de Olímpia.

Este prédio, ainda se encontra atualmente com as mesmas linhas arquitetônicas com que foi construído. Em 1925, estavam à frente da entidade os seguintes nomes: Valentino Ferranti, Henrique Storto, Dr. Epaminondas Coli, Dr. Paulo Rugna, Paulo Rugna e mais os conselheiros Natal Breda, Antônio Zambon, Bernardo Denadai, Andréa Degásperi, Eugênio Storto, Giosué Tonnani, Ardaino Baccherini, Alessandro Cassali e Joaquim Marangoni.

No dia 7 de fevereiro de 1926, foi eleita a nova diretoria que ficou assim constituída; presidente - Valentino Ferranti; vice presidente - Natal Breda; 1º secretário - Amadeo Galmacci; 2º secretário - Emílio Mariotti; esator - Florestano Colinetti; porta bandeira - Paulo Salotti.

Essa nova diretoria teria como empenho e objetivo principal algo que a sociedade almejava há muito tempo: a construção de um grande Cine Teatro, para se constituir num lugar de lazer e encontro para os membros da sociedade, pois a sede já estava pequena para abrigar todos os associados.

Finalmente, no dia 28 de fevereiro, constituíram uma assembléia especial para tratar desse

assunto, a construção do Cine Teatro, com previsão de inauguração para o mês de maio. Apesar dos trabalhos acelerados, o prédio só seria concluído no mês de junho. Assim, no dia 14 de junho de 1926, era inaugurado o local com a denominação de "Cine Teatro Sociedade Italiana di Mútuo Soccorso IV de Novembre".

A escolha dessa data não foi aleatória, coincide com o dia em que foi assinado o armistício, na guerra

Olímpia.

Voltemos, portanto, a falar da inauguração do Cine Teatro: construído na confluência das ruas Francisco Nogueira e 9 de julho (onde depois funcionou o Cine Olímpia). O prédio se apresentava portentoso, com suas linhas arquitetônicas clássicas italianas, um grande palco para solenidades tela para cinema e quinhentas poltronas móveis (que poderiam ser retiradas em dias de bailes e festas) e 22

líricos famosos e uma peça teatral vinda da capital. Para a orquestra, que seria permanente, foram mandados buscar músicos em São Paulo.

Um grandioso baile fechou com chave de ouro esse importante fato de nossa história. Infelizmente, nos anos 40, devido a grande pressão e preconceito sofrido pelos italianos por causa da segunda guerra mundial, a sociedade foi desfeita e seus bens foram vendidos ou doados à Santa Casa de Misericórdia local.



14 de Junho de 1926 - Inauguração do Cine Teatro

em que a Itália esteve envolvida. Outro fato curioso é que, em comemoração a data, foi elaborada uma placa de granito em homenagem ao herói italiano Pietro Garibaldi. Nos anos 40, quando o Brasil entrou em guerra contra os países do Eixo, do qual participava a Itália, com receio de depredações essa placa foi enterrada nos fundos da sede social. Baseados em informações diversas de vários italianos que freqüentaram o clube naquela época e melhores informações, fomos ao local e a placa lá se encontrava. Hoje está fixada nas paredes do Museu Maria

camarotes laterais especiais, ricamente adornados e feericamente iluminados.

O custo da obra somou a importância de 150 contos de réis, facilmente arrecadado pela rica colônia italiana.

A solenidade de inauguração foi oficialmente iniciada às 16 horas, com presença da Banda Musical de Pietro Mascagni, que depois se apresentaria no coreto da Praça Rui Barbosa. O dia iniciou com alvorada, salva de 21 tiros e participação de quase toda a população. Apresentaram-se vários cantores



Palco do Cine Teatro com a diretoria inauguração.



Vista interna do Cine Teatro em dia de espetáculo. Note-se a orquestra e os camarotes.



"Dopolavoro" - Time de basquete da Sociedade Italiana.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1944



Cine Teatro da Colônia Italiana



11/12/1920 - Fundação da Colônia Portuguesa

A Colônia Portuguesa de Olímpia constituiu-se de maneira oficial no dia 1º de dezembro de 1920, num prédio à rua São João (ao lado esquerdo da Relojoaria Trondi), com a participação de toda a comunidade luso-brasileira.

No dia 13 de junho de 1926, às 17 horas, na residência do Sr. Antônio Monteiro Alves, houve uma

grande reunião dos membros da colônia, cuja finalidade era fundar uma sociedade com fins humanitários de socorro aos associados e à comunidade. Presidiu a reunião o comerciante José Rodrigues Ferreira, que explicou o objetivo da formação dessa sociedade. Foi então escolhida uma comissão provisória pelo Sr. Alfredo Mota,

com a seguinte constituição:

Presidente - José Rodrigues Ferreira; vice-presidente - Luiz de Oliveira Carvalho; 1º secretário - João Rodrigues Batata; 2º secretário - Antônio Monteiro Alves; 1º tesoureiro - Antônio Augusto dos Santos; 2º tesoureiro - Casimiro Pereira.

Aprovada a comissão provisória, foi indicado pelo Sr. Antônio Monteiro Alves um nome para a entidade, que foi aceito por unanimidade: Sociedade Beneficente Portuguesa.

Os estatutos foram aprovados em 4 de julho, ainda no ano de 1926, às 16 horas, e a sua primeira diretoria ficou assim constituída: presidente - Antônio Monteiro Alves; vice-presidente - José Rodrigues Ferreira; 1º secretário - João Rodrigues Batata; 2º secretário - Aurélio Mota; 1º tesoureiro - Antônio Augusto dos Santos; 2º tesoureiro - Casimiro Pereira.

Comissão de Contas: Manoel Francisco Azenha, Manoel de Brito, Antônio Augusto de Souza e Manoel da Cruz.

Conselheiros: José Simões, Júlio Luiz de Carvalho, Antônio Dionísio e Leandro José de Medeiros; benéficos: Fructuoso de Castro e Luiz de Oliveira Carvalho.

O prédio à Praça Altino Arantes, onde funcionou a Sociedade Beneficente, era o próprio da

contando com os médicos: Cococi, Andrade, Fortuna, Ferreira e Avelino Correia. O Hospital da Beneficência Portuguesa já em 1929, tinha como médicos o Dr. Mário Brasil e o Dr. José Lopes Ferraz, que ficaram até o ano de 1931. Deste ano até o final das suas atividades, foi diretor clínico o Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho, médico cirurgião que alcançou por sua capacidade um prestígio que ultrapassou até as fronteiras inter estaduais, tornando o hospital um dos

Bonifácio Luiz de Carvalho; 1º benéfico - Manoel Antônio Serrano; 2º benéfico - Joaquim Rainho.



3/12/1928 - Diretoria e membros frente do prédio inaugurado.



3/12/1928 - Inauguração - Coreto da Praça Altino Arantes feito pela sociedade.



1940/50 - Hospital Beneficência Portuguesa de Olímpia e Praça Altino Arantes, no auge de suas atividades.



3/12/1928 - Festa da inauguração da Sociedade Beneficente Portuguesa de Olímpia - Antigo prédio da prefeitura.

Prefeitura Municipal de Olímpia, prédio construído e doado ao município pelo ex-Prefeito Geremia Lunardelli. Em 1927, para pagar dívidas da prefeitura, o prefeito Sr. José Clemêncio da Silva, foi obrigado a vender o prédio pela quantia de setenta contos de réis. Desta forma, a rica colônia portuguesa finalmente adquiriu uma sede suntuosa e um prédio que em 1928, ainda, deveria sofrer grandes transformações, ficando adaptado também para hospital. Em novembro de 1928, já tinha um departamento de atendimento médico chamado Casa de Saúde Santa Cecília,

mais requisitados e importantes da região. Desativado, após o fim da sociedade, ficou muito tempo abandonado. Hoje o prédio abriga o Hospital Materno, mantido pela Prefeitura Municipal. O Hospital da Sociedade Beneficente Portuguesa de Olímpia marcou época em Olímpia.

Na década de 40/50, no auge de suas atividades teve como diretores: presidente: Antônio Augusto Gonçalves; vice-presidente - Antônio Azevedo; 1º secretário - João Rodrigues Batata; 2º secretário - Hermes Tognieri; 1º tesoureiro - Francisco Corrêa; 2º tesoureiro -



OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

No dia 1º de janeiro de 1919 nascia a Sociedade Espanhola de Olímpia, no prédio à rua Cel. Francisco Nogueira, onde funcionou por muitos anos a Rádio Difusora de Olímpia. Nesse mesmo dia, era inaugurada sua nova sede própria à rua Altino Arantes, (hoje 9 de julho, onde está instalado o atual Banessa).

Sua primeira diretoria teve a seguinte composição: Zoilo Leão Pardo como presidente; vice-presidente - Luiz Ribeiro; 1º secretário - Eloy Rodrigues; 2º secretário - João Lopes Fernandes; tesoureiro - Felipe Rúbio; revisor de contas - João Rodrigues Lopes; vogais - Manoel Morales, Vicente Gomes, Ângelo Veiga e Antônio Murilo; porta-bandeiras - Olegário Gil e João Lopes Fernandes.

A finalidade da sociedade era similar a da Sociedade Italiana: promover recreação, esportes e também filantropia.

Os estatutos da sociedade eram muito rígidos. Só eram aceitos como sócios, pessoas de origem espanhola.

Um novo prédio foi nomeado "Cine Teatro Cervantes", em homenagem ao ilustre escritor espanhol. A programação era muito variada: cinema todos os dias, bailes, espetáculos artísticos e reuniões.

E assim, a Sociedade Espanhola a exemplo da italiana e portuguesa, marcou época em Olímpia. Com a eclosão da 2ª guerra mundial, aconteceu um fato que atingiu diretamente a sociedade, uma vez que o então presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas, baixava um decreto no qual impunha uma norma que proibia o funcionamento de todas as sociedades estrangeiras e inclusive o poder de cargos em quaisquer sociedades não brasileiras.

Com este golpe, restou à sociedade espanhola mudar o nome para Sociedade de Socorros Mútuos e Recreativo de Olímpia, que em abril de 1942, tinha a sua primeira diretoria presidida pelo Dr. Gerônimo de Almeida e como secretário o Sr. Celso Mazitelli.

Em 1946, Eloy Rodrigues

Blanco assumiu o cargo de Secretário dos Socorros Mútuos e posteriormente em 1962, foi eleito presidente, ficando até 1990, ou seja, 50 anos trabalhando à frente da sociedade. Em 1963, os "espanhóis" como era chamada a Sociedade adquiriram a Casa de Saúde Lopes Ferraz, que depois de reformada, foi reinaugurada em 1964 com nome Hospital da Sociedade de Socorros Mútuos de Olímpia, entidade associativa, mas com finalidades filantrópicas.

COMO COMEÇOU O HOSPITAL

No dia 30 de novembro de 1930, era inaugurada a Casa de Saúde Lopes Ferraz, que teve como fundador o médico Dr. José Lopes Ferraz. Era um prédio residencial adaptado para atendimento médico à rua Dr. Antônio Olímpio, mesmo local onde hoje é Os Socorros Mútuos.

O primeiro administrador do novo hospital foi João Ebner e as dependências benzidas pelo Monsenhor Bezerra de Menezes.

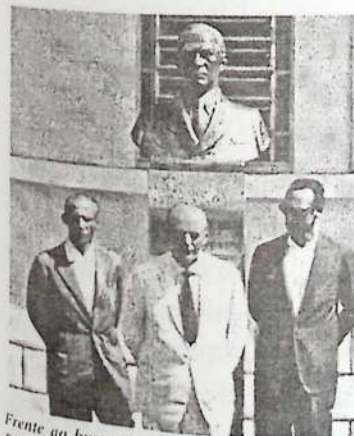
Desta data até 1958, a família Lopes Ferraz assumiu o hospital bem equipado onde trabalharam além do Dr. José Lopes Ferraz, seus irmãos: Dr. Waldemar Lopes Ferraz, Otávio, Eloy e Alfonso, até que foi vendido para o biomédico João Spegiorin, por quatro milhões e quinhentos mil cruzeiros.



Dr. José Lopes Ferraz



Dr. Octávio Lopes Ferraz



Frente ao busto do Dr. José Lopes Ferraz: Dr. Bráulio L. Ferraz, Dr. Waldemar L. Ferraz e Dr. Alfonso Lopes Ferraz.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

A partir da década de 60, a Sociedade de Socorros Mútuos de Olímpia esteve praticamente sempre nas mãos da antiga Sociedade Espanhola. Eloy Rodrigues Blanco foi o que mais se dedicou a esse hospital, de finalidade nitidamente filantrópica e aberto a todos os médicos da cidade.



Eloy Rodrigues Blanco, mais de 50 anos a serviço da Sociedade e Hospital.

A primeira diretoria que tomou posse em 1964, no dia da inauguração, era formada por Antônio Martins, Luiz Raia Filho, Benito Rodrigues Gil, Dr. Moacyr Castro, Honório Belo Martine e Eloy Rodrigues Blanco.



A diretoria: Antônio Martins, Eloy Rodrigues Blanco, Dr. Moacyr Castro e Honório Belo Martine. Sentados: Luiz Raia Filho e Benito Rodrigues Gil.



Dr. Eloy Lopes Ferraz

Posteriormente, o médico cardiologista Dr. Euder Quintino de Oliveira assumiu a direção do hospital, reformando-o. Com as instalações ampliadas e modernizadas, o hospital encontra-se hoje muito bem aparelhado e conta com uma equipe de médicos jovens. No comando do corpo clínico permanece o Dr. Euder, que recebe da população os mais calorosos aplausos, pela qualidade profissional dos serviços prestados e pelo caráter humano que sua personalidade demonstrou todos esses anos.



Primeira Diretoria da Sociedade Espanhola de Olímpia.



1919 - Solenidade no prédio da Sociedade Espanhola (Cine Teatro Cervantes). Atual Banespa.



Casa de Saúde Lopes Ferraz - Inaugurada no dia 30 de novembro de 1930.

UM ITALIANO TRABALHANDO COM OS ESPANHÓIS



Sua história teve início na Itália. No dia 6 de junho de 1902, vinha ao mundo Ângelo Ittavo, filho do casal Bartholomeu Ittavo e Victória Galesio. Vindo para o Brasil em 15 de junho de 1936 foi naturalizado brasileiro. Morava em uma casa nos fundos da Casa de Saúde Lopes Ferraz, onde começou a trabalhar operando o aparelho de Raio-X do hospital. Quando a Sociedade de Socorros Mútuos adquiriu o hospital, continuou trabalhando como radiologista até o fim de sua vida, em 1982.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

POLÍTICA



Manoel Inocêncio Marcondes de Andrade - Prefeito de Olímpia - período de 15/01/1923 a 15/01/1924.

Viuvo da senhora Ana Vieira Marcondes, logo que chegou a Olímpia, fundou a Farmácia Marcondes, em sociedade com José Clemêncio da Silva. Farmacêutico, político, homem de bem, teve destacada participação na formação de nossa terra. Foi Prefeito Municipal de Olímpia por um ano e não registra qualquer ato senão o de bem administrar. Vivia em companhia de sua filha Henriqueta Marcondes, casada com o médico Dr. Themistócles Barbosa Ferreira, que construiu a casa à Praça da Matriz, que pertenceu a Salvador Carnevali, hoje tombada historicamente. Faleceu em 1929. Pai de Mário Vieira Marcondes, esposo de Maria Olímpia que foi Prefeito de Olímpia por quatro legislaturas. Em 1925, em contraste ao grande desenvolvimento que Olímpia apresentava, as forças políticas oposicionistas, através do seu órgão informativo, não regateavam as mais severas críticas as administrações do Sr. Mário Vieira Marcondes como prefeito municipal.

Membros do Partido

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Democrático, vereadores à Câmara, reivindicavam de maneira constante a publicação de balancetes e relatórios das finanças do executivo municipal que estavam em alto patamar beirando os mil contos de réis. De São Paulo chegava o novo juiz de direito Paulo de Castilho; de Olímpia para Patos, partiam os senhores José Garcez Novaes, Cap. Augusto de Almeida (representando o distrito de Severínia), Dr. José Carlos Pereira, advogado e jornalista e o advogado Dr. Adauto Amaral, membros do Partido Popular, a fim de tomar decisões políticas.



Dr. José Carlos Pereira - Advogado e jornalista.

O objetivo principal era o de procurar uma maneira de evitar as constantes fraudes políticas nas eleições futuras do dia 25 de abril, onde seriam eleitos os deputados estaduais e senadores.

O jornal Voz do Povo, da oposição, cobrava novamente do Prefeito a publicação dos balancetes. Suas principais alegações seriam que o ex-prefeito Geremia Lunardelli, que precedeu o prefeito Fidelcino Pinheiro, havia deixado contas a pagar somente no valor de 160 contos de réis. Queriam explicações sobre o alto montante de dívidas da

então administração Marcondista.

O Diretório do Partido Popular era composto pelos seguintes elementos: presidente - Cap. Augusto Martinho de Almeida; vice-presidente - Dr. José Carlos Pereira de Souza; secretário - Capitão Narciso Bertolino; Lázaro Vaz de Lima; membros - Salustiano Custódio da Silveira e José Carvalho Novaes. Apoiavam o Cel. Silvestre de Lima, também deputado estadual por Barretos.

Como era esperado em épocas de política, Olímpia recebia a visita do Cel. Francisco de Mello Nogueira, que ainda obtinha bastante prestígio e impunha respeito autoritário junto aos eleitores. As eleições para escolher os vereadores deveriam acontecer no dia 29 de novembro. Na chapa da situação destacava-se os seguintes nomes: Cap. Augusto de Almeida, Dr. Adhemaro Godoy (Cajobi), Caetano Gothardi, João Marcondes Filho, José Gil, Luiz de Oliveira Carvalho e Paulo Consíglgio.

No resultado das eleições, Mário Vieira Marcondes vence novamente para Prefeito Municipal, apesar dos protestos da oposição, reclamando de fraude, de contratação de capangas para aliciamento, donativos diversos, etc. Esteve tão ferrenho o pleito, que foi necessária a vinda do 2º delegado de polícia de São Paulo, Dr. Durval de Vilalva, acompanhado de um forte corpo de agentes e comissários.

Houve incidentes por toda parte. Chico Nogueira, presidente do PRP, recusava-se a ser revistado ao adentrar o recinto das votações. Franqueadas as seções aos eleitores que eram chamados, começou a votação. Dentro da própria seção, a situação, do PRP, distribuía cédulas,

impingindo-as aos eleitores com tal insistência, que foi necessário chamar o presidente da mesa. Caso insólito: o eleitor que tinha em cada uma das mãos uma cédula de cada partido e tremia de medo ao escolher a que ia colocar na urna. Foi necessário o presidente da mesa Cel. Garcez perguntar em quem, afinal, ele queria votar.

Dia 15 de janeiro foi eleita a mesa da Câmara, tendo como presidente o Cel. José Soares de Medeiros; vice: Dr. Jerônimo de Almeida; Dr. José Carlos Pereira; para prefeito Mário V. Marcondes e para vice Epaminondas Coli.



Dr. Epaminondas Coli, o vice-prefeito municipal.

Mas as águas corriam contrárias aos objetivos de Mário Vieira Marcondes. Fatos aconteceram que acabaram, junto com a pressão da imprensa, a determinar uma mudança de posição.

Em 29 de janeiro desse ano seria assassinado, em emboscada, o líder político representante de Patos, Cel. Salustiano Custódio da Silveira,

a mando de Zéquinha Correa, de Guaraci.

Também o atentado à vida do Dr. Benjamim de Oliveira Lima, na praça Rui Barbosa, quando foram disparados vários tiros contra sua pessoa, repercutiria negativamente para a situação.

Em outubro, Marcondes perdia o um dos principais sustentáculos de sua política. Renunciava ao cargo de presidente do diretório do PRP o Cel. Geremia Lunardelli, e o deixava também o Cel. Francisco de Mello Nogueira.

Em 30 de abril de 1926, sofrendo a pressão dos próprios pares, Mário Vieira Marcondes se via obrigado a renunciar ao cargo de Prefeito Municipal. Nesse mesmo dia assumiria o comando do executivo o Presidente da Câmara, Sr. José Clemêncio da Silva. A presidência do legislativo passaria para o Vice Dr. Epaminondas Coli.

Em janeiro de 1927, assumiria o cargo de Juiz de Direito o Dr. Pedro Rodovalho Marcondes Chaves e, como Promotor, o Dr. Antonino de Paula Lima. Homens de tempera forte e pulso firme fariam com que o capangismo tivesse os seus dias contados em Olímpia. Nova era da história política e social estava para ser iniciada.

Dia 14 de janeiro de 1927 foi eleita a nova mesa da Câmara Municipal com a seguinte constituição: presidente - Cel. José Soares de Medeiros; vice-presidente - Dr. Jerônimo de Almeida; Comissão de Justiça da Câmara - Dr. José Carlos Pereira; prefeito municipal - Sr. José Clemêncio da Silva; vice-prefeito - Dr. Epaminondas Coli.

Lançava, então, o grupo Marcondista o jornal "O Democrático", para fazer frente às



José Clemêncio da Silva, prefeito municipal.

severas críticas da oposição que exigia prestação de contas da administração anterior. O jornal teve vida curta. Mário Vieira Marcondes mudou-se para a cidade de Barretos. As dificuldades do novo prefeito Sr. José Clemêncio da Silva foram muitas. Passou toda a sua gestão pagando dívidas, tendo inclusive de vender o prédio da prefeitura por setenta contos de réis para pagar contas. Nada pode realizar senão administrar, sofrendo a pressão da oposição e da imprensa, que exigia a prestação de contas da administração anterior onde se acumularam as dívidas.



Dr. Jerônimo de Almeida, eleito prefeito municipal em 1928.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Dr. Jerônimo de Almeida, nasceu em 12 de outubro de 1899, em Severínia, na fazenda São João, sendo filho de Alípio Marcelino de Almeida e Helena Rosa de Castro. Fez seu curso primário em Barretos, e o secundário em São Paulo, com os professores Siridião e Alfredo Paulino, prestando os seus exames no Ginásio do Estado da Capital.

Matriculou-se, depois, na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, em 1920. Em 1921, fez a sua transferência para a gloriosa Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, onde fez curso brilhante, formando-se com cinco distinções, tendo colado grau em 24 de dezembro de 1924. Começou a sua vida profissional na comarca de Olímpia, em janeiro de 1925, onde teve o seu escritório e residência à rua São João nº 88.

Casou-se com Alice de Almeida, sua prima, no distrito de Consolação, em São Paulo, no dia 27 de janeiro de 1927.

Ingressou na política em Olímpia, nas fileiras do Partido Republicano Paulista em 1925, sendo eleito vereador à Câmara Municipal e reeleito no ano seguinte. Eleito prefeito municipal em 15 de janeiro de 1928, último ano da legislatura em curso, e nesse mesmo ano eleito à Câmara para a legislatura de 1929 a 1931, quando foi reeleito

vereador e prefeito em 1º de janeiro de 1929 e 15 de janeiro de 1930.

Temos que salientar que, nesta época, o cidadão era eleito vereador e os vereadores pela Câmara elegiam o prefeito para um mandato anual, renovado de ano em ano.

O Dr. Jerônimo, foi sempre político e grande cabo eleitoral em Olímpia, com ação decisiva nos destinos políticos de nossa terra. Como prefeito, foi um dos melhores administradores do município de Olímpia, tendo implantado o serviço de água e esgoto da cidade, construído também o Matadouro Municipal, sargateando as ruas, construindo pontes em vários pontos importantes, e, ainda, mecanizado o serviço nas estradas, adquirindo plaina e trator para o município.

Fez o sargateamento de Severínia construiu o Grupo Escolar de Paulo de Faria, o Jardim Público de Severínia, renovou nossas estradas, deixando-as em excelente estado para o tráfego de nossa produção agrícola. Elevou a arrecadação municipal de Cr\$ 280.000,00 para Cr\$800.000,00.

Moralizou a administração, consolidou as dívidas flutuantes e manteve em dia todos os pagamentos, consertando, assim, as finanças municipais que há muito tempo estavam deficitárias.

Dava ele publicidade ampla de todos os negócios públicos, fazendo publicar balancetes mensais acompanhados com a relação de todos os pagamentos que efetuava, parcela por parcela.

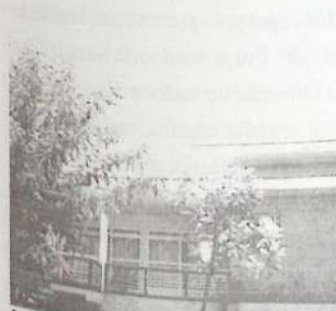
Nunca negociou com o dinheiro público e teve uma atuação limpa e honrosa.

Caiu de surpresa, em 24 de outubro de 1930, com o golpe de Estado que depôs a máquina administrativa da nação, que tinha por Presidente o saudoso Washington Luiz Pereira de Souza. O governo revolucionário mandou proceder uma sindicância na administração municipal que foi concluída com elogiosas referências a capacidade administrativa e ao caráter de Jerônimo de Almeida.

Como advogado teve ele, estilo profissional digno de menção e um critério que enobreceu e dignificou a classe.

Culto, muita inteligência, experimentado, grande financista, e progressista, filho de tradicional família de Olímpia, amealhou um respeitável patrimônio, na época de 1947, de aproximadamente dois milhões.

Possuía a fazenda Santa Helena, no distrito da sede, com 340 alqueires de terra, com 40.000 cafeeiros bem cuidados, e um excelente gado de criar, com 400



Residência à Rua São João onde o Dr. Jerônimo viveu seus últimos dias.

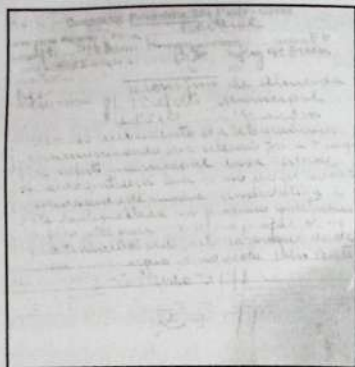
OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



1928 - Na foto a inauguração da caixa d'água em Olímpia trazendo água corrente e serviços de esgoto - obra do prefeito Dr. Jerônimo de Almeida.



1921 - Dr. Jerônimo de Almeida, o primeiro à esquerda, em São Paulo, quando cursava a universidade de direito.



Telegrama enviado por Júlio Prestes a Dr. Jerônimo de Almeida.

renome nacional como podemos verificar pela reprodução dos telegramas abaixo.

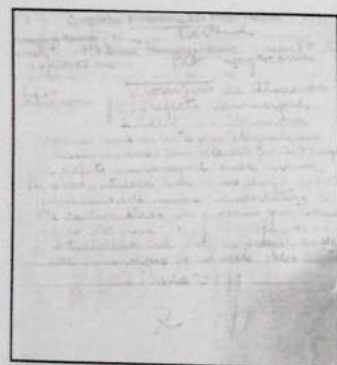
Sem dúvida, Dr. Jerônimo de Almeida foi um dos mais ativos prefeitos que Olímpia já teve. Repetimos essas palavras para que possam servir de exemplo aos nossos políticos, à geração que vem por aí.

Posteriormente, teríamos novamente como Prefeito Municipal o Sr. Mário Vieira Marcondes, no período de 23/12/31 a 14/07/32 e depois a nomeação do Tenente Antônio L. da Cunha, que permaneceu no cargo no período de 14/07/1932 a 28/08/32. Foram apenas 40 dias de gestão, sendo que nenhum registro de obras nas atuações desses personagens podemos registrar.

cabeças de gado vacum, além do cavalar e suíno. É considerado até hoje um dos melhores prefeitos que Olímpia já teve.

Entretanto, seus serviços a bem da coletividade não foram até hoje reconhecidos, o que sempre foi a marca de nossa cidade.

Foi o Dr. Jerônimo um símbolo de honestidade profissional e política. Tanto, que conquistou amizade e simpatia com vultos de



Telegrama enviado pelo Presidente da República, Dr. Washington Luiz a Dr. Jerônimo de Almeida.



Francisco Zanin - Prefeito Municipal de 29/08/1932 a 08/10/32.

Francisco Zanin era casado com Maria Bertolino Zanin, com os seguintes filhos: Elza Lopes Ferraz, casada com o Dr. Waldemar Lopes Ferraz, Carlos, Armando e Orlando. Francisco Zanin teve um belo passado em Olímpia, onde foi proprietário urbano, comerciante fazendeiro, capitalista e político de notório merecimento. Contador, calígrafo, com espírito de iniciativa e ação prestou relevantes serviços a Olímpia. Em 1927 fundou a Escola Superior de Caligrafia em Olímpia, filial da Escola de Franco, de São Paulo, que manteve até 1933. Em 1929, com Bianor Medeiros, Deodato Pereira e Sinésio Medeiros fundou o Ginásio de Olímpia e a Escola de Comércio de Olímpia, estabelecimentos de ensino que contavam com mais de trezentos alunos matriculados em seus diversos cursos.

Estes estabelecimentos foram mantidos até 1933, quando foram vendidos aos antecessores do Dr. Antônio Augusto R Neves. Na revolução Constituinte Francisco Zanin prestou relevantes serviços à causa, merecendo, por isso, honrarias excepcionais. Em 2 de outubro de 1932, foi aclamado prefeito municipal de Olímpia pelo povo e pela elite social, em brilhante comício popular. Em 7 de abril de 1932, foi nomeado Conselheiro Municipal pelo governador Pedro de Toledo. Foi provedor da Santa Casa de Olímpia, vereador e Secretário da Câmara Municipal. Com tesoureiro da Legião Brasileira de Assistência do Centro Municipal de Olímpia, juntamente com as inesquecíveis damas de nossa terra, Maria Ubaldina de Barros Furquim e Yolanda Gottardi, no período da 2ª

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

guerra mundial, distribuiu a soma respeitável (na época) de Cr\$400.000,00 aos necessitados do município em colaboração com as legionárias do nosso mundo olimpiense. Podemos afirmar que Francisco Zanin foi um grande homem que se fez por si mesmo, trabalhando e estudando. A Casa Zanin, armazém de secos e molhados foi um dos mais famosos estabelecimentos comerciais da época no setor de secos e molhados.



Mário Garcez Novaes - Prefeito Municipal - período de 08/10/1932 a 07/01/1933

Mário Garcez Novaes, de profissão dentista, casado com D^a Irene Garcez, foi um dos homens que teve atuação de muita importância para Olímpia. Militou na política sendo membro de vários diretórios, sempre com destaque. Assumiu a presidência da Câmara Municipal, em 1940, e também foi presidente do Olímpia Futebol Clube durante os anos 40/50, sendo um dos idealizadores da criação do Estádio Tereza Breda, na época um dos maiores, o terceiro do Estado de São Paulo. Presidente do Partido Trabalhista Brasileiro, foi nomeado Prefeito Municipal, em 8

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

de outubro de 1932, ficando somente alguns meses à frente do governo municipal, não tendo tempo para demonstrar a sua intensa capacidade administrativa.

Faleceu e foi sepultado em Olímpia. Sempre foi merecedor do respeito e da admiração de todos aqueles que com ele conviveram. Teve atuação significativa em todos os empreendimentos aqui realizados.

Como já registramos em páginas anteriores, no período de 1920/1930 o mandato de prefeito não obedecia a duração determinada, variando entre um a dois anos. Na época o prefeito era escolhido pelos vereadores.

Esta situação teve reflexos no sistema de administração municipal, agravados com a Revolução Constitucionalista de 1932, quando São Paulo se levantou em oposição ao governo federal, provocando então o processo de nomeação dos prefeitos, tendo como último dessa forma o Sr. Mário Vieira Marcondes, em 1933. Voltou o processo de escolha do prefeito pelos vereadores, assumindo o cargo o Sr. Francisco Bernardes Ferreira de 1933 a 1936.

Deixou o cargo para o então contador da Prefeitura, Sr. Alfredo Augusto da Rocha, candidatando-se a vereador para exercer, por escolha, novo mandato de Prefeito até 1938.

Juiz de Direito, nomeado na época da revolução, esteve apenas seis meses no cargo de Prefeito Municipal. Somente administrou, mas deixou marcada a sua gestão quando mandou retirar o nome das ruas Dr. Antônio Olímpio e Cel. Chico Nogueira por questões políticas. Essa injustiça foi corrigida



Dr. João Alcides Avelar - período de 10/10/1930 a 21/03/1931

posteriormente na gestão do Sr. Francisco Bernardes Ferreira, que mandou retornar o nome dos dois personagens ilustres de nossa história às referidas ruas.



Cap. Luiz Teixeira Leite - Prefeito Municipal - período de 24/01/1931 a 18/08/1931

Oficial do Cartório de Registro Civil, esteve a frente da Prefeitura por apenas sete meses. Foi figura proeminente da sociedade olimpiense com participação constante em vários movimentos de significação em nossa cidade. Viveu aqui até o seu falecimento.

Deixou como principais das suas características a educação, o espírito humanitário, sendo

considerado por todos pela simplicidade, humildade e coração boníssimo.



Dr. Bianor da Silva Medeiros - Prefeito Municipal - período de 19/08/1931 a 23/12/1931

Advogado, amante da imprensa e orador de grandes recursos intelectuais, de espírito fino, cavalheirismo e distinção de maneiras, o Dr. Bianor foi um dos personagens mais estimados da terra que lhe foi berço. Pertencente à quinta família aqui radicada. Desprendido e caridoso mesmo em prejuízo de si próprio, sempre pensando no bem-estar alheio, foi presidente do Centro Espírita Fora a Caridade Não Há Salvação, doutrina que abraçou com amor e dedicação. Foi o primeiro historiador de Olímpia e deixou para a posteridade dados e detalhes, sem os quais seria impossível resgatar a nossa história.

Rápida foi sua gestão, período em que procurou fazer o que estava em suas forças a bem e do progresso de Olímpia.

Faleceu pobre em Olímpia, mas levou em seu espírito riquezas inestimáveis, que sem dúvida serão

creditadas em sua conta no plano espiritual.



Na foto o comendador Francisco Bernardes, que foi prefeito municipal de Olímpia nos períodos de 27/09/1933 a 21/05/1936 e de 22/05/1936 a 08/07/1938

Francisco Bernardes Ferreira nasceu em Barretos, em 19 de janeiro de 1898, filho de Lino Bernardes Ferreira e Jerônima Alves Ferreira. Passou a sua infância e a primeira mocidade em Barretos. Em 1912, ainda de calça curta, ingressou para o Cartório do Primeiro Ofício e Tabelionato de Barretos, fazendo-se escrevente com juramento em 1918, com a idade de 20 anos. Mudou-se para Olímpia em 30 de Julho de 1920, como escrevente do Cartório do Segundo Ofício, cujo escrivão era Augusto Junqueira de Andrade. Casou-se, em Barretos em 19 de setembro de 1921 com Amélia Bernardes Ferreira, filha de Belmiro Alexandre Ferreira e Carolina Cândida das Dores. Continuou como escrevente e escrivão interino do Cartório do Segundo Ofício de Olímpia até 1926, quando obteve, por concurso do Egrégio Tribunal de Apelação de São Paulo, a sua Carta de



Francisco Bernardes, jovem, participando de um jogo de futebol beneficente.

Solicitador. Iniciou a sua vida profissional nesse mesmo ano, como sócio de Nestor Cunha, seu secretário político nas fileiras do Partido Republicano Paulista. Permaneceu nesta função até a sua nomeação como prefeito municipal pelo inesquecível Armando Sales de Oliveira, em 27 de setembro de 1933, função esta que exerceu com brilho até 21 de maio de 1936. Foi nessa época que organizou em Olímpia o Partido Constitucionalista com Nelson Macedo Tiberi, Luiz Vitorio Cruz Martins, Silvyano Pinto, Josafat Marcondes, Bianor Medeiros, Theodomiro da Silva Melo, Francisco Zanin, Jeferson Pereira e outros. Foi ainda nessa época que Armando de Sales Oliveira, então Governador de São Paulo, nos deu o majestoso Grupo Escolar Anita Costa, a ponte da Cachoeirinha e as pontes sobre o Turvo, São Benedito e Altair, terminadas por Ademar de Barros, na gestão de José Lopes Ferraz. Foi ainda Francisco Bernardes Ferreira quem conseguiu a

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



1936 - Francisco Bernardes Ferreira, numa mostra de seu grande prestígio sendo carinhosamente recebido por uma verdadeira multidão, quando de seu regresso de uma viagem feita a São Paulo com Prefeito Municipal.

consolidação das dívidas flutuantes do município, aprovada por Armando de Sales Oliveira, sem advogado e sem corretagem, libertando os vereadores de 1930 do aval de Cr\$ 1.200.000,00 investidos no serviço de água e esgoto de Olímpia, uma velha e justa aspiração dos homens de nossa terra. Desafogados de compromissos permanentes, os prefeitos posteriores puderam fazer alguma coisa em Olímpia. Em 1936 foi Francisco Bernardes Ferreira eleito vereador à câmara municipal e com grande votação escolhido Prefeito Municipal de Olímpia pelos seus pares, pela Câmara.

Prefeito de Olímpia de 22 de novembro de 1936 a 8 de julho de 1938, quando assumiu José Lopes Ferraz nomeado por Adhemar de Barros. Com a organização da Ordem dos Advogados do Brasil em 1932, e por lei estadual posterior, Francisco Bernardes Ferreira foi classificado automaticamente por mérito como advogado provisionado. Em 1945, Luiz Vitorio Cruz Martins e outros organizaram, como membros do Diretório, a União Democrática Nacional,

apoiando a Candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República. Em 1932 foi soldado constitucionalista e ficou com São Paulo. Nas eleições de 2 de novembro de 1947, desistiu de sua candidatura à Prefeito Municipal de Olímpia apoiando e concorrendo decididamente a eleição do Dr. Paulo Furquim com um gesto elegante de desprendimento e renúncia. Nessa eleição, como vereador, recebeu a maior votação do município, assumindo a liderança na Câmara Municipal da majoritária coligação democrática. Foi ele, com sua larga experiência política, quem mais contribuiu para a reconstitucionalização do município. Foi ele, ainda, como Prefeito Municipal, quem concedeu a primeira verba de auxílio ao Ginásio de Olímpia sob a direção do Dr. Camilo Nogueira da Gama. Francisco Bernardes Ferreira, simples, modesto, despretensioso, serviu ao município de Olímpia em todos os seus setores. Sem ter cursado nem mesmo o Grupo Escolar, foi autêntico autodidata, leitor assíduo, orador fluente,

jornalista de mérito. Trabalhador, ficaria rico, se não fosse tanta miséria nos seus caminhos e tão grande a bondade do seu coração. Honesto, ninguém jamais lhe apontou um ato desabonador. Naqueles anos foi, incontestavelmente, o maior cabo eleitoral de Olímpia e o advogado que contou com a maior clientela da comarca. Filho boníssimo, irmão e amigo certo, assumiu, desde logo, a chefia de sua família, tantas vezes abatida pela adversidade, amparando, educando, colocando inúmeros familiares necessitados. Sua casa sempre foi um refúgio suave e alegre para todos os necessitados, e a sua mesa, com Amélia Bernardes Ferreira à frente, sempre teve lugar para mais um. Como político, foi largamente sacrificado, tocando-lhe os trabalhos mais áspers, mais custosos. Orador fluente, educado, convencia sem magoar, sem ofender. Amélia Bernardes Ferreira foi bem a "mulher de verdade" na vida de Francisco Bernardes Ferreira. Trabalhadora e leal enfrentou com seu marido todas as tempestades da vida, sobranceira e simplesmente, como quem desejava receber, com ele, a metade de suas glórias, partilhando voluntariamente de todas



Comendador Francisco Bernardes Ferreira quando participava de solenidades de formatura no extinto Cine-Teatro Olímpia.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Fernando de Barros Furquim
OLÍMPIA - SP

as tarefas. O impacto sofrido pelo amoroso par, com a perda de seu único filho Belmiro Bernardes conhecido como Mima, com apenas 12 anos de idade, em 12/10/34, de saudosa memória, que Deus, por seus desígnios, levou muito cedo para os espendores da eternidade, foi um choque que sempre acompanhou Chico Bernardes e D^a Amélia até o fim de suas vidas.

UM DESTAQUE NA MEDICINA



Dr. Adhemar de Andrade e Silva - Médico que hoje dá nome a uma de nossas avenidas.

O Dr. Ademar de Andrade e Silva nasceu em São Salvador, capital da Bahia, em 11 de abril de 1900. Filho de José Batista da Silva, contador, e Carlota de Andrade e Silva, fez o curso primário e secundário no clássico e tradicional Ginásio Carneiro Ribeiro, de São Salvador. Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1917, doutorando-se em 1922 com brilhante curso escolar. Em 1923 veio para o Estado de São Paulo, moço e solteiro, fixando-se em Sertãozinho, onde iniciou a sua carreira profissional e onde clinicou de 1923 a 1925.

Mudou-se para Olímpia em 1926,

onde fixou sua residência, seu domicílio, e montou o seu consultório. Casou-se em Olímpia em 1926 com Albina Rachanello, farmacêutica, filha de Hermenegildo Rachanello e Margarida Rachanello. Inteligente, culto e muito competente, com larga bagagem e extensa experiência em sua área profissional, foi considerado um dos melhores clínicos de Olímpia tanto em nossa terra como fora dela. Foi grande leitor, amigo da boa literatura e grande orador. Não se dedicou à política nem cuidou de negócios. Consagrou-se à medicina, viveu da medicina e para a medicina. Foi clínico cem por cento.

A biografia deste homem se resume em poucas palavras: tratar tuberculose, câncer, sífilis, morfea, amebíase, impaludismo, fígado, intestino, rins, etc. Durante 22 anos de clínica em Olímpia atendeu a milhares de pacientes, prestando, como médico, serviços à coletividade, em silêncio, no exercício de sua profissão.

De origem simples e modesta, fez-se por si mesmo, começando de início para o fim, de baixo para cima. Foi rico e independente, em sua atividade. Foi proprietário urbano na esquina da rua 9 de Julho com a rua Síria, onde teve o seu bem montado consultório e residiu com sua distinta família. Foi o primeiro diretor clínico da Santa Casa de Misericórdia e o principal fundador do "Clube de Olímpia", a primeira entidade social de nossa terra.

CONQUISTAS E FATOS DOS ANOS 20 E 30

IGREJA METODISTA DO BRASIL



Primeira Sede da Igreja Metodista do Brasil, situada à rua Joaquim Miguel dos Santos, nº440.

Data da fundação: 10 de maio de 1926. Seus fundadores foram: Salvador Carnevalli, Belmira Vieira, Antônia Vieira, Antônio Fadelli e José Custódio Vieira.

Na residência de Salvador Carnevalli foi realizada a primeira reunião. O primeiro ministro que presidiu a Assembléia de fundação foi Vicente Pacitti. A Igreja Metodista foi formada por elementos da Igreja Presbiteriana Independente. Esta igreja, resolveu, com alguns metodistas residente aqui em 1926, formar um só trabalho evangélico. Fazia parte do trabalho presbiteriano o Sr. Salvador Carnevalli, que filiou-se a Igreja Metodista. Foram arrolados os primeiros membros da Igreja Metodista do Brasil, em Olímpia, no dia 10 de maio de 1926, com a participação de 13 pessoas. Em 1947, contando com os professores e não professores o grupo já ultrapassava 200 integrantes. De 1926 até 1947 passaram por Olímpia os seguintes ministros: 1926 - Vicente Pacitti, até

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

1929; 1930 - João Cesário dos Santos, até 1932; 1933 - Saraiva França, até junho de 1937; Osório Mendes, até 1938; 1939 - Natal Quintanilha, até 1941; 1942 - Alberto Alchovandi Junior, até 1943; 1944 - Adilon Nocetti, até 1946-1947 - Argemiro Pereira Toledo.

O templo da Igreja Metodista, consagrado pelo Revmo. César Bacorso Filho, foi construído no pastorado do reverendo Saraiva França. A data de consagração do templo foi 30 de janeiro de 1936. O templo antigo estava situado à rua Cel. Francisco Nogueira, 440. Hoje ocupa belíssimo prédio na Avenida Waldemar Lopes Ferraz. Na época, contava com os seguintes departamentos: Sociedade Metodista de Senhoras, tendo como presidente D^a Geny Carnevalli; Sociedade Metodista de Homens, tendo como presidente o Sr. Albino Lopes de Araújo e a Sociedade Metodista de Jovens, tendo como presidente o Sr. Astério Moreira.

A SANTA CASA DE OLÍMPIA

Por iniciativa do Dr. Pedro Rodovalho Marcondes Chaves, Juiz de Direito, aconteceria uma reunião no salão nobre do Fórum local, no dia 24 de julho de 1927, com o objetivo de formar uma comissão para a construção de um hospital em Olímpia, o da Santa Casa de Misericórdia. O Dr. Nestor Cunha apresentou os estatutos, que foram aprovados, ficando constituída a primeira diretoria. Provedor: Dr. Pedro R. Marcondes Chaves; vice: Revmo. Padre José Luiz Bianchi; tesoureiro: José Clemêncio da Silva; Secretário: Nestor Cunha; diretor clínico: Dr. Oscar de Oliveira Lisboa.

O projeto foi um sucesso. Tanto, que em apenas três dias, foi

conseguida, por doações, a quantia de Cr\$124.700,00. O custo do hospital estava orçado em Cr\$700.000,00, incluindo a compra do mobiliário e material cirúrgico. A planta do prédio foi projetada pelo engenheiro Dr. Octávio Mendonça de Vasconcelos.

Em 12 de outubro de 1927, era lançada a pedra fundamental da Santa Casa, pelo Dr. Chaves, e a bênção ministrada pelo revmo. Padre José Luiz Bianchi.

NOVO DIRETÓRIO DO PRP

Pela política local, em 6 de setembro de 1927 reconhecia o novo diretório do Partido PRP, com seguintes nomes: presidente - Nestor Cunha; vice-presidente - Coronel José Soares de Medeiros; Secretários - Dr. Jerônimo de Almeida e Dr. Oscar de Oliveira Lisboa; membros - Dr. José Carlos Pereira, José Clemêncio da Silva e Mário Vieira Marcondes.

CANDIDATOS A VEREADOR 1928

Em 28/10/1928 se inscreviam como candidatos para vereadores para o próximo pleito para o PRP - Partido Republicano Olímpense os senhores: José Clemêncio da Silva, Dr. Jerônimo de Almeida, (Prefeito), Cândido de Souza Lima, João Borges de Siqueira, Caetano Gothardi, Dr. José Avelino Correa, Ignácio de Assis Pimenta e Nestor Cunha.

PRAÇA GEREMIA LUNARDELLI

No dia 25 de outubro, com muita justiça, era aprovada a indicação do vereador Dr. José Carlos Pereira, dando nome à Praça da Estação ao Coronel Geremia

Lunardelli, sancionado pelo prefeito municipal, Comendador Francisco Bernardes Ferreira.

USINA HIDROELÉTRICA

No setor enérgico, neste ano de 1927, aproveitando a carga de energia do Ferrador, com vinte metros de largura, trezentos e onze metros de profundidade e quinhentos e quarenta metros de comprimento, a usina alcançava uma potência de 10.000 cavalos força, com 2 turbinas com capacidade para 5.000 Wats cada uma e dois geradores com três mil KW, energia suficiente para abastecer as cidades de Olímpia, Rio Preto, Catanduva, Jaboticabal e outras localidades.



Usina de Força no Rio Grande.

O imponente Rio Grande, que separa o Estado de São Paulo do Estado de Minas Gerais, já viveu seus momentos de glória, quando possuía o complexo de enormes cachoeiras que eram chamadas de "Cachoeiras do Maribondo", nome este, que ganhou, devido ao barulho das quedas d'água que eram ouvidos à dezena de quilômetros. Foi devido a sua capacidade energética, que Armando de Salles Oliveira, na década de 1930, instalou a primeira usina de força da região, que custou na época vinte mil contos de réis.

O PRIMEIRO APARELHO DE RÁDIO

O primeiro aparelho de rádio que chegou a Olímpia, foi adquirido

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

pelos proprietários da Agência Ford, João Borges de Siqueira e o Coronel Garcez em 1928.

A CIA TELEFONICA BRASILEIRA

Grande firma canadense, inaugurou o prédio e instalações em 19 de dezembro de 1939. A Cia Telefônica adquiriu em 1928 a rede da Empresa Orion, de Barretos, que era sucessora de Vitel.



Telefonistas de Olímpia no sistema antigo de ligações.



Prédio da Telesp à Rua Joaquim Miguel dos Santos.

CENTRO ESPÍRITA

O Centro Espírita de Olímpia "Fora da Caridade Não Há Salvação", de estudos da doutrina Kardecista, foi criado aos 2 de agosto de 1926 pelos senhores: José Gonçalves de Souza, Anastácio Lasso, Marciano Augusto dos Santos, Fabiano de Castro, Victório Pagliarini, Pedro Lasso, Alberto Celestino Matheus, e Dona Maria Valareto.

Firmado nos princípios básicos da caridade, a família espírita de Olímpia, que na época já possuía



Centro Espírita Fora da Caridade Não Há Salvação, em dia de confraternização.

grande número de adeptos pertencentes a todas as camadas sociais, prestou sempre os maiores benefícios, não somente aos associados que dele carecem, bem como a um grande número de famílias pobres e a instituições. Foi a seguinte a primeira diretoria: presidente - José Gonçalves de Souza; vice-presidente - Ângelo Retondini; 1º secretário - Anastácio Lasso; 2º secretário - Marciano Augusto dos Santos; tesoureiro - Fabiano de Castro; procurador - Nicolau Vicente; bibliotecária - Sª Maria Valareto.

Vários foram os presidentes que já passaram pelo Centro: Antônio Martins, Ibrahin Bruxelas, Sílvio Sachetini, Felício Marangoni, João Rocco e outros.

O Centro, em determinada época, esteve quase a ponto de se desativar, mas graças a esforços, dedicação e muito trabalho do Sr. Eduardo de Souza, à frente do centro realizando por mais de 20 anos uma atividade que merece os maiores louvores.

Em 1943, era composta a diretoria pelos seguintes elementos presidente - Antônio Martins; vice-presidente - Sílvio Sachetini; 1º e 2º secretários - João Cunha e Nelson Silveira Guimarães; 1º tesoureiro - Pedro Pimentel; 2º tesoureiro - Alberto Celestino Matheus; orador - João Rocco; bibliotecária - Etelvina Pimenta; procurador - Diamantino R. Cavaleiro; zeladora - Dª Militona Matheus. Conselho Fiscal: Sebastião Correa da Silva, Antônio Mouco e Capitão Narciso Bertolino.

Hoje possuímos vários Centros, mas é material para a outra edição. O Fora da Caridade não Há Salvação foi o primeiro marco da doutrina em Olímpia.

ABASTECIMENTO DE ÁGUA

O abastecimento de água de Olímpia em 1928 era feito pelos mananciais conhecidos por Zevato e Zé Vicente com capacidade de fornecimento de 864.000 litros de água em cada 24 horas, abastecendo a cidade num total de

775 residências. Possuía um reservatório com capacidade para 300.000 e a extensão de linhas distribuidoras somava 4.500 metros.

OFC TEM NOVA DIRETORIA

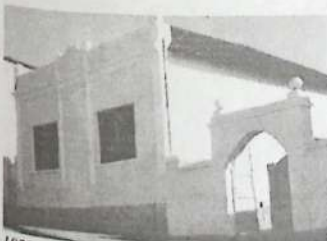
Em 13 de maio de 1928 voltaria a atuar o Olímpia Futebol Clube. Sua nova diretoria era formada pelos seguintes desportistas: presidente honorário: Nestor Cunha; presidente - João Borges de Siqueira; vice-presidente - Victorino Bianchi; 1º secretário - Joaquim Arnaldo e Silva; 2º secretário - Amador de Barros; 1º tesoureiro - Domingos Storto; 2º tesoureiro - José Viatti; diretores esportivos - Mário Garcez Novaes, Emílio Galmacci, Alcides Brunelli e Salvador Carnevalli.

DR. CHAVES DEIXA OLÍMPIA

Dia 16 de outubro, deixava o cargo de Juiz de Direito, transferido para Assis, o Dr. Pedro Rodovalho Marcondes Chaves, que aqui esteve prestando serviços altamente elogiáveis, tanto no setor profissional, como também nas esferas sociais e esportivas desde o dia 21 de dezembro de 1926.

GINÁSIO E A ESCOLA DE COMÉRCIO

Foram organizados em 1929 por Francisco Zanin, Bianor da Silva Medeiros, Deodato Antônio Pereira e Sinésio de Oliveira Medeiros. O prédio é o mesmo onde funcionou o



1929 - Primeiro Ginásio de Olímpia à Rua Bernardino de Campos.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Colégio Olímpia e hoje abriga o Colégio Objetivo de Olímpia.



Pátio do primeiro colégio instalado em 1929.

CLUBE DE OLÍMPIA

Em 7 de setembro de 1926 era fundado oficialmente o Clube de Olímpia com os seguintes membros: Dr. Ernesto Pedroso, Eurico Silva, Ubaldo Ducatti, Hostálio Campos, Pedro Thomaz Favery, Manoel Afonso da Rocha, Alcides Rocha, Carlos Seno, João Ferraz de Arruda, Alfredo Baiochi, Juvenal de Quadros, João Borges de Siqueira, Luiz Mori. Cristovam Camilo Santiago, José Rocha, Gadofredo Spínola, Alexandre Casali, José Fernando Nogueira, José Gomes Cruz, José Valério, Dr. Laudelino Oliveira Barbosa. Armando Rodrigues Rosa, Mário Storto, Mário Augusto dos Santos Dante Prandini e Emiliano Ramos. A sede da entidade à rua Cel. Francisco Nogueira nº 27 foi inaugurada em 5 de agosto de 1928.

TIRO DE GUERRA DE OLÍMPIA

No dia 10 de maio de 1928, nos salões do Cine Cervantes, vingava o trabalho realizado por Luiz dos Santos Ruivo, sendo realizada uma reunião para a formação de um Tiro de Guerra em Olímpia. A mesa provisória foi constituída dos seguintes elementos: Nestor Cunha, Olímpio Campos, Cap. Sebastião Marins Peixoto, Cap. Narciso Bertolino e Bento Barreto. Em nome dos atiradores falou o Sr. Luiz dos Santos Ruivo, idealizador do evento. Foi então formada a sua primeira

diretoria. Presidente: Prof. Ludgero Prestes; vice-presidente: Cap. Sebastião Marins; 1º secretário: Olímpio Campos; 2º secretário: Comendador Francisco Bernardes Ferreira; 1º tesoureiro: Bento Barreto; 2º tesoureiro: Álvaro Fortuna; Orador: Dr. Ary Filho.

Em 30 de maio de 1929 por escritura pública lavrada no 2º Tabelionato de Olímpia, Natal Breda e sua mulher Tereza Breda, doaram ao Ministério da Guerra, um alqueire de terras para a construção do Tiro de Guerra 615 de Olímpia, criado em nossa terra por iniciativa de Sebastião de Carvalho e Luiz dos Santos Ruivo. Foi seu primeiro instrutor o sargento Portela. Com a guerra mundial foram extintos todos os tiros de guerra, inclusive o de Olímpia, que foi recriado em 1947, sendo o seu presidente o Dr. Orlando Lopes, e tendo como instrutor o sargento Jorgias.

CORIOLOANO RAGAZZI, UM NOME A SER LEMBRADO

Coriolano Ragazzi, natural de Quintello, Itália, veio para o Brasil, em 1916, moço, solteiro e sozinho. Começou a sua vida em Ribeirão Preto, como industrial, onde viveu até 1920. Em 1921 mudou-se para Santos, como bancário e funcionário do Banco Francês e Italiano para a América do Sul. Casou-se em Ribeirão Preto em 28 de dezembro de 1921 com Assumpta Ricciardi Ragazzi, irmã de Pedro Ricciardi. Em

13 de Agosto de 1927 mudou-se para Olímpia onde passou a trabalhar como gerente da indústria e comércio de café de Pedro Riciardi, até o fim desse ano. Passou, então, a ser guarda-livros de Natal Breda e de Prandini, no Armazém Brasil. De 1936 em diante, ficou exclusivamente a serviço de Natal Breda como gerente comercial e financeiro da grande firma, funções estas que desempenhou a contento, até à aposentadoria. Foi proprietário urbano em Olímpia. Foi sócio da firma "Frigorífico Morandi" e presidente da Sociedade Italiana.

Durante a guerra de 40, trabalhou para a extinção da Sociedade e doação do patrimônio social à Santa Casa Olímpia, concretizando o seu elevado objetivo. Foi ainda, durante seis anos, representante de Natal Breda no Hospital Santa Casa Misericórdia, desempenhando, a contento geral, as espinhosas funções de provedor, guarda-livros, secretário e tesoureiro. Em 1947, mandou vir da Itália seu pai, José Ragazzi, já viúvo de Genoveva Ragazzi, falecida em terras italianas.

A REVOLUÇÃO DE 1932

Eclodindo a revolução constitucionalista em 18 de outubro

de 1930, partiam para São Paulo entre alistados e voluntários os seguintes olimpienses: Octávio Batista de Oliveira, Gabriel de Lima Prestes, Orlando Alves Nogueira, Odilon de Paula França, Celeste Aquino, Sebastião Ribeiro, Cipriano Branco, José Gonçalves, Braz Salício, Benedito da Costa, Máximo Ferreira dos Santos, Guilherme Gilberto Costa, Máximo Ferreira dos Santos, Dr. Argemiro Rodrigues de Souza Arnaldo Rodrigues Filho, Jucundino Almeida Penteado, João Canevarollo, Alfredo Mariano da Silva, Dr. Augusto Barbosa, João Andery, Dante Degásperi, Sinésio Medeiros, Mário Silva, José Medeiros, José R. Blanco, Deodato Antônio Pereira e Miguel Cardoso. Partiram no trem das 16:50 horas, com grande número de olimpienses aplaudindo os heróis. Usou da palavra o então Prefeito Dr. Jerônimo de Almeida.

POLÍTICA LOCAL

No setor político local as coisas iam tomando novos rumos. Em 28/10/1928 se inscreviam como candidatos para vereadores para o próximo pleito para o Partido Republicano Olimpiense os senhores: José Clemêncio da Silva, Dr. Jerônimo de Almeida, prefeito

Cândido de Souza Lima, João Borges de Siqueira, Caetano Gothardi, Dr. José Avelino Corrêa, Ignácio de Assis Pimenta e Nestor Cunha.

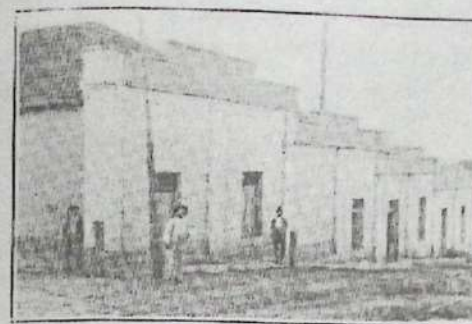
ECONOMIA

Por outro lado, em razão dos os incessantes boatos sobre a crise do café, um jornalista com a sigla BB, escrevia artigos nos jornais alertando os cafeicultores sobre uma possível crise. Afirmava que pela estatística do Dr. Clóvis Soares Carvalho, deveria o país, em junho estar com um estoque de 15.000.000 de sacas de café. Mas o Instituto do café afiançava que não haveria estoque nenhum. Não colocava o Instituto no saldo o estoques estrangeiros que chegavam a 7000.000 de sacas de café o que poderia acarretar dentro de algum tempo uma super produção do produto, com a conseqüente desvalorização do café brasileiro e, sem dúvidas, uma forte crise mundial. Reforçada pela queda violenta da bolsa de Nova York, a crise faria com que o principal produto de exportação do Brasil e riqueza de nossa região sofresse violento abalo. Foram anos difíceis para Olímpia, principalmente para os produtores de café. Inclusive violenta baixa de preços e o alto custo para a

Giosué Tonnani @ Gil

Machina
de
Beneficiar
Café

Moinho
de
Fubá



Vista do prédio das máquinas

Machina
de
Beneficiar
Arroz
e
outros
cereais

Vista de uma das grandes firmas para beneficio de café e cereais diversos na década 1920/1930.

manutenção das plantações e do grande número de empregados fizeram com que muitos agricultores abandonassem suas terras.

Como já foi exposto, o café, principal produto da região, sofreu uma forte crise, mas Olímpia conseguiu sobreviver. Se, a bem da verdade, a cultura da rubiácea era o ponto forte da nossa citricultura, não se poderia desprezar as outras culturas que foram, na época, o sustentáculo da economia local, como o algodão, com 5 000 alqueires plantados, e que foi a razão da implantação de duas grandes e importantes empresas estrangeiras de exploração de algodão: A Anderson Clayton Ltda, de origem canadense, e a Samba Ltda, outra potência no ramo.

Para termos um exemplo mais claro sobre a produção cafeeira em Olímpia, vamos retroagir um pouco no tempo e registrar dados o que dão uma idéia mais clara sobre o assunto.

Entre 1919 e 1920 Olímpia possuía 3.921.300 pés de café. Já no ano de 1922 a produção havia subido para 12.586.000 pés. Em 1923/1924 o crescimento foi

pequeno, com um montante de 13.255.000 pés. Estamos, logicamente falando de cafeeiros em produção, não colocando o montante de cafeeiros novos. Em 1925, os registros estatísticos já apontavam um crescimento para 14.868.711 cafeeiros em produção. Finalmente, em 1926, a nossa região já contava com mais de 20.000.000 pés de café com uma safra de 11.400.000 sacas por ano.

Calcula-se que nos anos que antecederam a crise, a partir do ano de 1929, o montante de cafeeiros beirasse os 30.000.000 de pés, entre novos e os produtivos.

A erradicação das lavouras cafeeiras nos fins dos anos 1950, principalmente no Estado de São Paulo, incentivadas pelo governo federal, que pagava três cruzeiros por pé erradicado, foi um terrível golpe para a nossa economia, trazendo conseqüências negativas de toda ordem.

Em virtude de crise, houve o desemprego, já não era necessária a presença de pessoas no campo para cuidar de lavoura cafeeira. Em conseqüência, as colônias, que chegavam a abrigar 300 pessoas,

foram abandonadas pelos trabalhadores que se mudaram para zona urbana.

Assim, houve uma falsa impressão de crescimento, mas se as cidades, as vilas e os bairros cresciam ininterruptamente, as fazendas e os campos se esvaziavam.

Baseados nas estatísticas publicadas na época, antes da erradicação do café, a população urbana era de aproximadamente 7000 habitantes e o da zona rural 44000. Nos dias de hoje, houve uma reversão quase que completa: Na cidade a população é de mais de 50 000 habitantes para menos de 3 000 na zona rural.

Os grandes armazéns de secos e molhados, que eram os fornecedores principais para o povo da zona rural foram aos poucos retraindo seu movimento e finalmente fechando as portas, caso da Casa Carneiro, Casa Ferreira, Casa Oliveira, Casa Zanin e outras de igual porte. Também as máquinas de beneficio de café que somavam no município mais de 60 pararam suas atividades. Sem o café, as atenções dos agricultores se voltaram para o cultivo da citricultura, principalmente da laranja, que não exigia muita mão de obra. Por alguns anos foi um negócio excelente por algum tempo, mas que agora está indo para o mesmo destino do café.



Soldados olimpienses na revolução de 1932.

VISTAS PANORÂMICAS DE OLÍMPIA NOS ANOS 20 E 30



Rua São João, vendo-se ao fundo o campo do Olímpia F.C. onde hoje é o Grupo Anita Costa.



Praça da Matriz, vendo-se a antiga Farmácia Monteiro, Hotel Rebelato e Loja do Povo.



Praça da Matriz, vendo-se a rua Bernardino de Campos.



A mesma vista 4 anos depois.



Parte da Praça da Matriz, vendo-se o Banco Comercial e o Hotel Municipal.



Praça Rui Barbosa - Colégio Olímpia e Hotel Municipal.



Vista da cidade de Olímpiã à noite.



Vista panorâmica de Olímpiã em dia de chuva.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

ANÍBAL VIEIRA DE ANDRADE, O LAMPIÃO PAULISTA

Um dos acontecimentos que levaram Olímpiã a ser projetada no cenário estadual e até nacional foi a passagem de Aníbal Vieira de Andrade, um dos mais famosos matadores daquela época. Filho de rico fazendeiro, de família tranqüila, começou sua vida de crimes, quando sua irmã foi violentada por quatro elementos, na antiga estrada de São José do Rio Preto, e levada e abandonada numa zona de meretrício. Aníbal conseguiu encontrá-la. A mesma apresentava um significativo distúrbio emocional.

Como a justiça daquela época não se importou com o caso, (inclusive, um dos violentadores era policial), Aníbal jurou vingança e resolveu fazer justiça com as próprias mãos. Com o irmão, fez rapaduras e outras coisas na fazenda, conseguindo dinheiro para comprar duas armas marca Schmidt, calibre 32. Ao praticar exercícios de tiro, mostrou qualidade inata. Rapidez e pontaria infalível. Dizem os

remanescentes que o conheceram, que o mesmo não tinha necessidade de mirar. Seus reflexos eram superiores aos homens de média comum.

Acompanhado de um amigo fiel, Aníbal apanhou o primeiro desafeto na Estação da Estrada de Ferro em São José do Rio Preto. Dois tiros apenas bastaram. Para encurtar a história, posteriormente Aníbal eliminou os três elementos restantes. Foi a júri e saiu absolvido. Sua fama cresceu, e também a vaidade e o orgulho. Uniu-se com amizade a elementos perigosos e iniciou sua vida de crimes.

Há muita polêmica à respeito de suas façanhas. Naquela época, qualquer homicídio que acontecia era atribuído a Aníbal Vieira, fosse ele o autor ou não. Isso trazia benefícios aos posseiros e fazendeiros que mandavam matar e atribuíam o crime a Aníbal.

Gente que o conheceu pessoalmente, como o falecido Miguel Ramos, dizia que Aníbal só matava bandidos. Outros já o recriminavam como matador a



Aníbal Vieira ao ser preso pela primeira vez.

mando de terceiros.

Aníbal esteve preso na Penitenciária do Estado. Quando chegou preso à Estação da Luz, tinha mais gente aguardando do que na visita do presidente, diz um jornal da época.

Aníbal alistou-se nas forças revolucionárias paulistas para tentar merecer o perdão para seus atos. Foi considerado e condecorado três vezes por ato de bravura em combate.

Ao regressar, tomou conhecimento que um de seus melhores amigos Sebastião Rodrigues, apelidado de "Nego", havia abusado de sua esposa, inclusive desviando-a para caminhos não recomendáveis.

Aníbal, conforme conversa da época, chegou a oferecer dinheiro para Nego ir embora, porque como tinham sido grandes amigos não queria matá-lo. Mas Nego, com fama de valente e bom atirador não deu ouvidos.

Era o dia 23 de julho de 1933. Sebastião Rodrigues, ao entardecer, dirigiu-se ao Bar de José Cristino, denominado "Casa Verde", onde hoje está instalada a Banca de jornais e revistas Camafeu.

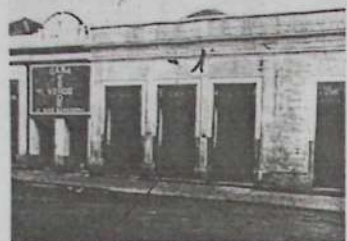


ANÍBAL VIEIRA DE ANDRADE

brasileiro, com 21 anos, casado, operário, filho de Antonio Vieira Andrade e de Maria José Vieira de Andrade. Corpo regular, cabelos e olhos castanhos escuros, com uma ligeira descoloração, tendo uma pequena cicatriz no lado direito.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Adentrou o ambiente e dirigiu-se à sala de jogo de cartas. Ali se encontravam à mesa: José Cristino, João Batista Ribas, Urbano Ferreira, João Baiochi, Sebastião Lopes dos Santos, Felfcio Carnevalli, Bruno Monzani e José Mariano Junior.



Bar Casa Verde de José Cristino à Rua São João.

Não percebeu que desde a Praça vinha sendo seguido por Anibal Vieira.

De repente, a porta do salão de jogo abriu-se e Anibal apareceu de arma em punho disparando dois tiros contra Nego. Um atingiu o pescoço e foi fatal; o outro alojou-se na parede. Anibal fugiu, com Nego sendo socorrido por José Cristino. Ainda teve forças para dizer "É a vida".

A fama de Anibal aumentou depois do ocorrido. Muita vez, esteve em tiroteios, sempre fugindo da polícia, sendo preso, fugindo das prisões.



Reconstituição do crime.



Anibal Vieira, ao centro, esconde a arma em reunião com os amigos escondidos no meio da mata.

Seu pai, que era um rico proprietário de terras, gastou todos os seus bens na defesa do filho.

Conta-nos o Dr. Paulo de Carvalho que o seu pai Dr. Custódio, famoso médico cirurgião da Beneficência Portuguesa de Olímpia, na época recebeu uma mulher com uma criança de colo muito doente e que afirmava ser a mulher e filho de Anibal Vieira, mas que não tinha dinheiro para tratá-la.

O Dr. Custódio logo diagnosticou apendicite aguda e operou a criança, que quase veio a falecer com parada cardíaca durante a operação. Com muito esforço, Dr. Custódio conseguiu salvá-la. Uma noite, véspera de ano novo, a altas horas, foi o ilustre médico acordado por batidas na janela. Com receio, perguntou: Quem está aí? De fora veio a resposta: É o Anibal. Preciso conversar com o senhor doutor. Vim aqui para pagar e agradecer a operação que o senhor fez no meu filho!

Ao que o Dr. Custódio respondeu: Não precisa pagar nada, pode ir tranquilo... E, olhe, o menino estava mal... Você teve muita sorte, Anibal!

Já se dirigindo à saída Anibal

virou-se, sorriu e disse ao Dr. Custódio: Você é que teve muita sorte, doutor. Se o meu filho morresse, a essa hora o senhor também estaria morto!

Anibal morreu em uma emboscada em 1938, em uma fazenda em Minas Gerais em luta contra o polícia.



A prisão de Anibal Vieira.

BASQUETE DE OLÍMPIA

A prática do basquetebol, (na época chamado "cestobol" ou "bola-ao-cesto") foi introduzida em Olímpia pelos senhores Cyro Alves, Amadeu Galmacci, e outros, em meados de 1931. Com a fundação do Clube dos Mosqueteiros em 12 de abril de 1931, esse esporte começou logo a tomar vulto, fundando também Cyro Alves uma associação chamada Unidos Seremos Felizes, que mais tarde ficou conhecida apenas pela sigla USF. No clube dos Mosqueteiros foi realizado um festival.

A fim de se conseguir recursos para a construção de uma quadra adquirir os materiais esportivos necessários.

Construiu-se, finalmente, graças a iniciativa de Omar Campos coadjuvado por demais companheiros, a primeira quadra, em terreno alugado, isto em fins de 1932, realizando-se ali o primeiro jogo oficial contra o "Nosso Clube", de Araraquara, perdendo o clube da casa pela contagem de 26 a 21.



Comercial Cestobol Clube, o terceiro clube de Olímpia. Em pé os atletas: Arlindo da Cunha Mattos, Mori e Urbano Ferreira; Abaixo: Cipriano Branco, Ayres Ribeiro de Souza e Roque Laraia.

Finalmente criou o Clube dos Mosqueteiros o seu Departamento Esportivo, ficando a cargo do cargo

de secretário Antônio Rocha. Datam daí os rumos desse esporte em Olímpia.

Ajudaram a dar impulso a esse esporte em Olímpia as seguintes pessoas: Amadeu Galmacci, Omar Campos, Odilon de Paula Vianna, Arlindo da Cunha Mattos, Genésio Bernardes, Armando Mori, Cyro Alves, Venício Delamanha, Waldemar Martinelli e muitos outros que foram seus iniciadores.

Através dos esforços do Sr. Antônio Rocha, conseguiu-se um terreno pertencente ao Sr. José Joaquim de Santana, construindo-se ali uma segunda quadra, que também foi a primeira quadra iluminada de Olímpia.



1931 - Mosqueteiros Cestobol Clube - Em pé: Antônio Rocha, Américo Cunha, 1932 - Matos, Venício Delamanha, Waldemar Martinelli, José Miknareto, 1933 - Arlindo Cunha Mattos, Urbanos Ferreira e Edmundo Carvalho, Agachados: Dorival Aquino, Odilon de Paula Vianna e Amadeu Galmacci.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Muitos jogos foram ali realizados, mas, novamente, outros problemas apareceram com a venda do terreno, deixando o basquete sem local para prática.

Mais uma vez, o Mosqueteiros, pela iniciativa do Sr. Antônio Rocha, conseguiu uma propriedade alugada a Sr^a Luciana Marques Batista, por quatro anos, construindo-se ali a nova quadra.

Era uma quadra toda murada, com muros de 2m de altura por 30m de comprimento e 17m de largura, com espaços suficientes para o público daquela época. Era segura e comportava no máximo 500 espectadores, sendo também iluminada.

Em 1931 existiam em Olímpia apenas dois times de basquete: Mosqueteiros Cestobol Clube e o Dopolavoro equipe representante da sociedade italiana.

Na ocasião, a Sociedade Espanhola presidida pelo Dr. José Lopes Ferraz, construiria uma magnífica quadra, em terreno da sociedade.

A primeira, que pertenceu ao Clube dos Mosqueteiros, localizava-se à rua Cel. Francisco Nogueira, em frente o prédio que serviu à Rádio Difusora; outra foi construída à Praça da Matriz, onde foi o Bar Pixote; outra, onde hoje é a firma Bernasco e finalmente a que durou mais tempo, construída a um quarteirão da Praça Rui Barbosa, na confluência das rua Cel. Francisco Nogueira com a Floriano Peixoto.

Em 1933 surgiram as equipes dos Bancários e do Comercial Cestobol Clube. Mosqueteiros: Harry, Venício, Vietti, Odilon e Saulo. Bancários: C. C. Martinelli, Aldaninho, Orlandinho, Arlindo Cunha e Nunes.

Nos próximos anos, nessa mesma década, além dos jogadores já citados, outros nomes viriam compor os quadros de basquete local: Oracílio Volpe chamado esquadinha, um dos grandes destaques da época, Américo Cunha, os irmãos Baltieri, Bibi Pereira, Hermes, Gildo, Tide e Roque Laraia.

Esses nossos personagens reinaram em nosso basquete até os anos 40, quando o elenco sofreria renovação quase total e apareceriam jovens valores que anos mais tarde, como veremos em edição futura, viriam trazer grandes conquistas esportivas e a tornar o nome de Olímpia, no setor, uma força respeitável em todo o Estado de São Paulo. O Colégio Olímpia destacou-se por incentivar a prática desse esporte.



Mosqueteiros C. C. - 1933 - Em pé: Martinelli, Arlindo Cunha Matos e Saulo. Agachados: Amadeu Gulmacci, Odilon de Paula Vianna e Omar Campos. A quadra na Cel. Francisco Nogueira. Com a rua Floriano vendo-se ao fundo a igreja matriz.



Década de 30 - Solenidade de Coroação da Rainha dos Mosqueteiros em Olímpia.



Olímpia Cestobol Clube - 1937 - Jogos abertos em Uberlândia - Américo Cunha, Arlindo Cunha Matos, Horacílio Volpe, Odilon de Paula Vianna, Bibi Pereira, Sebastião Trindade e Alcides Brunelli.

A SANTA CASA DE OLÍMPIA

No dia 3 de julho de 1927, em reportagem no jornal Voz do Povo nº 97, o Exmo. Juiz de Direito da Comarca Dr. Pedro Rodovalho Marcondes Chaves, fez uma declaração, a qual reproduzimos na íntegra: - "É verdade que pretendo iniciar um movimento para a construção de um hospital em Olímpia. Para isso espero contar com a colaboração da generosa população. Já tenho conversado com pessoas de destaque de nossa cidade e com a classe médica, encontrando verdadeiro entusiasmo. Posso adiantar que, a meu pedido, o distinto engenheiro dr. Octávio de Vasconcelos está organizando a planta do nosso futuro hospital".

No dia 24 de julho de 1927, às 16 horas, no salão nobre do Forum, foi realizada a grande reunião convocada pelo Dr. Chaves.

Aberta a sessão pelo ilustre magistrado, que expôs em rápidas palavras o nobre fim a que ela se destinava, foi lida pelo advogado Nestor Cunha a proposta dos estatutos da nova instituição, sendo em seguida unanimemente aprovada.



Juiz de Direito Dr. Pedro Rodovalho M. Chaves, fundador da Santa Casa.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Logo em seguida, procedeu-se a eleição da primeira diretoria assim - Provedor: Dr. Pedro Rodovalho Marcondes Chaves; vice-provedor: Revmo. Padre José Luiz Bianchi; tesoureiro: José Clemêncio da Silva; secretário: Nestor Cunha; diretor médico: Oscar de Oliveira Lisboa. Em três dias já tinham sido subscritos C\$ 124.700.00, o que faria prever, que dentro de pouco tempo, a Santa Casa teria os Cr\$700.000,00 necessários para a construção do prédio e para a compra do mobiliário e do material cirúrgico.

A planta do majestoso edifício foi projetada pelo engenheiro Dr. Octávio Mendonça de Vasconcelos.



A Santa Casa, em fase de início de construção.

O recebimento de donativos ficou a cargo do Dr. Pedro Chaves e do Dr. Nestor Cunha.

O Dr. Nestor Cunha foi um dos mais brilhantes advogados de Olímpia, em sua passagem por nossa terra, atuou em diversas causas beneméritas, sempre com desenvoltura. Procedente da cidade de Setãozinho, onde foi figura de grande destaque, tomou-se de amores pela nossa cidade e foi um dos maiores batalhadores para o progresso de Olímpia.

Foram importantes as generosas doações de Natal Breda,



Dr. Nestor Cunha, advogado, figura que trabalhou muito para a construção da Santa Casa de Olímpia.

Gabriel Said Aidar e Geremia Lunardelli.

O terreno em que deveria ser construído o Hospital foi adquirido do Sr. José Ferreira e localiza-se à rua Síria. O preço foi bem inferior ao valor real.

O LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL

Não eram ainda quinze horas do dia 12 de julho, já no local designado para a construção do edifício da Santa Casa, comprimia-se o que havia de mais seleta no meio social de Olímpia, para assistir a tocante cerimônia que havia de abrir a grande estrada que iria levar Olímpia ao benfazejo porto da caridade. A presença do Ginásio São Luiz, estabelecimento de ensino de Jaboticabal com o seu ilustre corpo docente, concorreu de forma eficaz para o brilhantismo do evento.

Às 16 horas, o vigário da Paróquia José Luiz Bianchi procedeu a bênção, enquanto era lançada pelo Dr. Chaves a pedra fundamental do projeto.

A seguir, fez uso da palavra

o Provedor Dr. Chaves iniciando assim o seu discurso: "Exmas senhoras; exmos senhores: Uma idéia embalada no coração de um povo é uma força em marcha para a vitória; ao pequenino regato, que serpenteia tranqüilamente pelos vergéis floridos de nossa terra, vão se juntando águas cristalinas de outros regatos e no curso de alguns quilômetros temos o rio majestoso e forte que rasga o seio manso da terra para se precipitar depois pela garganta das serras em catadupas magníficas. Que força humana poderá desviar a sua rota para os mares? Quem ousará detê-lo?"

Falaram ainda: João Lourenço Plaza, representando o corpo discente do Ginásio de Jaboticabal, o Dr. Ary Fialho, representando a imprensa de Olímpia, e, finalmente, para representar a classe médica de Olímpia, Dr. Lucídio de Avellar.

A fundação da Santa Casa deu-se no dia 24 de julho de 1927, mas, com a partida do Dr. Pedro Rodovalho Marcondes Chaves, principal artífice do projeto, os



Registro de uma reunião nos salões da Santa Casa; Na foto reconhecemos: Alberto Caldarelli, João Eduardo Pereira, Dr. Orlando Campos, Francisco Bernardes, Dr. Chaves, Oscarlina T. B. Breda, Amadeu Galmaucci, Dr. Paulo Furquim, Dr. Arruda e Dr. Isaias Miessa.

andamentos da obra foram, pelos poucos recursos, caminhando de maneira vagarosa e gradativa.

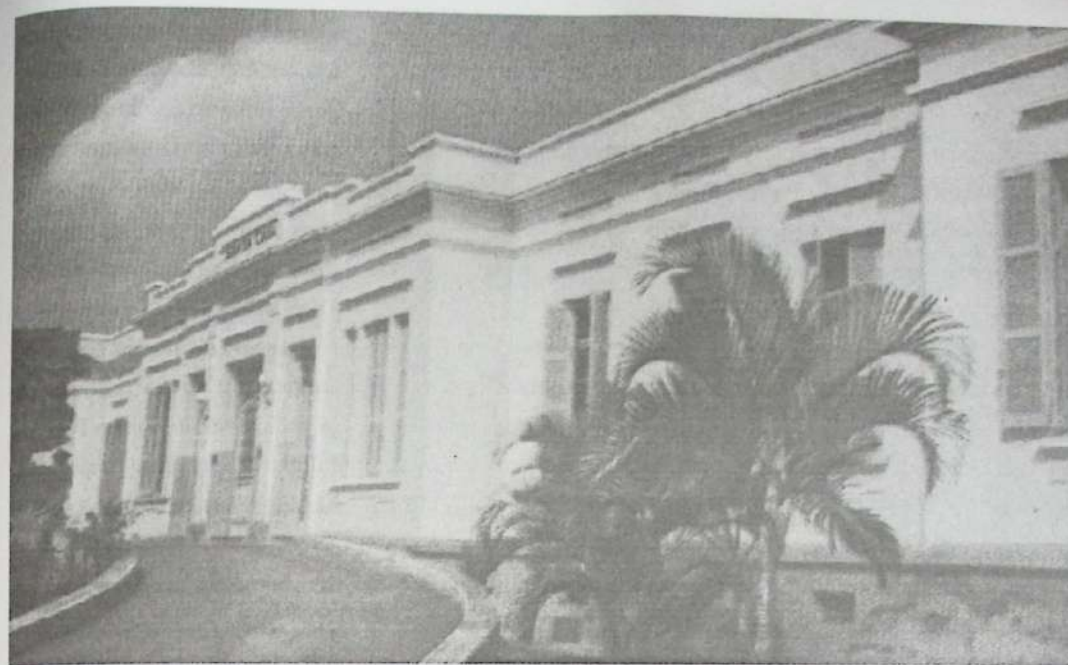
Seu primeiro provedor foi o Dr. Rodovalho Chaves, depois cedendo o posto para Sr. Coriolano Ragazzi, que ficou apenas alguns meses a frente do projeto passando o bastão para o sr. Natal Breda, que deu um impulso maior aos andamentos da construção. Desta forma, o prédio foi inaugurado somente no dia 4 de abril de 1937, dez anos depois.

Uma vez inaugurada foi eleita a diretoria - provedor: Dr. Nestor Cunha; vice-provedor; Francisco Zanin; secretário: padre Vicente Cirauque; tesoureiro: Joaquim Antônio Pereira e Diretor Clínico: Dr. Adhemar de Andrade e Silva.

A direção interna esteve a cargo de 5 irmãs da Congregação das Escolas Cristãs, com sede em Araraquara, que trabalharam na organização do Hospital com grande dedicação, especializada cultura, zelo e carinho com todos os doentes.



Prédio da Santa Casa, em fase de acabamento - 1936



Hopital da Santa Casa de Misericórdia de Olímpia já concluído, inaugurado em 04/04/1937.

Possuía a Santa Casa, na época de sua inauguração, 5 enfermarias para indigentes, sendo 2 para homens, 2 para mulheres e 1 para crianças, tendo ao todo 60 leitos. Os quartos particulares eram em número de 9, assim distribuídos: 2 de primeira classe, 5 de segunda e 2 de terceira, num total de 17 leitos.

Nos capítulos futuros, específicos sobre saúde, apresentaremos o nome e o período de todos os provedores que passaram pela Santa Casa desde a sua fundação.



Primeiro corpo clínico - Dr. Edson C., Dr. Alberto Caldarelli, Dr. Camilo Barbieri, Dr. João Galdino Duarte, Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho e Dr. Paulo Furquim.



Vista do pavilhão da maternidade contruído na década de 60, anexo ao hospital. Obra que se deve muito ao provedor Alberto Zaccarelli, que por mais de 20 anos serviu com desprendimento e dedicação.

A VIDA SEGUE

Apesar de todas as consequências que a Revolução Constitucional de 1932 trouxe, a cidade evoluiu normalmente. Conseguiu suplantar a crise do café e o seu progresso continuou em ascensão.

Em 20 de novembro de 1932 era formada a Federação dos Voluntários de Olímpia: em Assembléia geral foi constituída a seguinte diretoria: presidente - Francisco B. Ferreira; vice-presidente - Bianor da Silva Medeiros; 2º vice-presidente: Jefferson Pereira; 1º tesoureiro - Antônio Pereira; 2º tesoureiro - Emídio Veloso; 1º secretário - Valter Delamanha; 2º secretário - Olindo Menezes.

Conselho Consultivo: Dr. Alcides Corrêa de Arruda, Dr. Álvaro Fortuna; Dr. Epaminondas Irio Coli, Dr. Euclides de Campos, Dr. João Plaza. Dr. Luiz Cruz Martins, Elias Silveira Degásperi, Brazil Ferranti, José Gonçalves de Souza, José Valério, Sudário Miranda, João Alfredo Arruda, Antônio Lunardelli, José Lapa, Deodato Antônio Pereira, Manoel Pereira, Ranulfo Teixeira, Amador de Barros, Marcelo Baiochi, João Pabst, Manoel Marques Pires, Renato Aredes e Antônio Belmiro Ferreira.

A sede da Federação foi instalada no prédio 78 da rua Conselheiro Antônio Prado, onde foi montado o escritório para alistamento eleitoral,

que era o objetivo principal dessa entidade.

Por motivos especiais, os Jornais deixaram de circular no segundo semestre de 1932 até se estabelecer a calma e os acontecimentos da revolta paulista se acalmassem.

A vida social em Olímpia continuava seu ritmo normal, sempre crescente. As sociedades italiana e espanhola, muito bem organizadas e com reservas consideráveis, traziam para a cidade os mais requintados espetáculos cinematográficos e teatrais, numa competição amistosa e que proporcionava ao povo grandes espetáculos de diversão.

Foi então fundado o já referido Clube dos Mosqueteiros em 12/04/32, cuja finalidade era dotar a cidade socialmente de uma entidade de lazer e de esportes.

Dia 4 /12/32, na sede do Clube Literário e Recreativo foi efetuada uma assembléia geral, para



4 de dezembro de 1932 - Em Olímpia era fundado o clube dos mosqueteiros. A foto acima registra o fato com a palavra do presidente eleito, Dr. Epaminondas Coli.

a escolha da diretoria que regeria os destinos da entidade no ano de 1933. Por proposta do associado Alfredo Aidar, foi eleita por unanimidade a seguinte diretoria: Presidente Honorário - Dr. Luiz Victório Cruz Martins; presidente - Dr. Epaminondas Iris Coli e como vice-presidente - Luiz Teixeira de Aguiar; Secretário - Antônio Rocha; 2º secretário - João Batista Ferreira Filho; 1º tesoureiro - Aureliano Marins Peixoto; 2º tesoureiro - Dr. Jerônimo de Almeida.

Também a Sociedade. Espanhola elegeria sua nova diretoria no dia 4/12/33, ficando assim constituída a nova diretoria: presidente - Dr. José L. Ferraz; vice-presidente - Genaro Montez; 1º tesoureiro - José Gabriel; 2º tesoureiro - Dr. Juan Rodrigues Lopes; primeiro secretário - Dr. Ramiro Mor Morti; 2º secretário - Eloy Rodrigues Alvar.

No dia 7 de janeiro de 1933, Valter Delamanha inaugurava a

charutaria Sport, ao lado do Clube Literário e Recreativo, à Praça Rui Barbosa, firma que permaneceu até os anos 70, já com outro proprietário.

Em 1933 a Voz do Povo já era propriedade de Isaías Rosa tendo como redatores: Dr. João Plaza e Francisco Bernardes Ferreira.

Aos 21 de agosto de 1933 tomava posse como interventor do Estado de São Paulo o Sr. Armando de Salles Oliveira, deixando eufóricos os componentes da Federação dos Voluntários de Olímpia, que em reunião realizada em residência do Sr. José Gonçalves de Souza, apresentaram a candidatura do Sr. Francisco Bernardes Ferreira em substituição ao atual prefeito da época. Sr. Mário Vieira Marcondes. Uma grande passeata com grande parte da população foi realizada com início a partir da sede do Clube dos Mosqueteiros, onde falaram o Dr. João Lourenço Plaza, Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho, Getúlio Coelho, Padre Rocha, e o delegado Dr. Martins Lourenço. Depois a comitiva foi até a Santa Casa de Olímpia, onde estava internado enfermo o advogado Nestor Cunha que, amparado pelos amigos e companheiros, foi até a janela onde uma verdadeira multidão o aclamava. Interpretando os sentimentos gerais, discursou o Dr. Cruz Martins, saudando o velho político a quem Olímpia muito devia. O povo saía às ruas, dando vivas ao Sr. Armando de Salles Oliveira, interventor do governo paulista, a São Paulo e ao OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Registro de um baile na década de 30, realizado no Clube Grêmio Literário e Recreativo na Praça Rui Barbosa, onde hoje estão as Casas Pernambucanas.

Brasil. Na grande passeata discursaram ainda o Dr. Bianor da Silva Medeiros, Dr. José Lopes Ferraz, Dr. Jerônimo de Almeida, Olindo Menezes e João Eduardo Pereira. Em praça pública usaram da palavra: Dr. Epaminondas Iris Collis, Josafat Marcondes, prof. Manoel da Rocha Filho o Dr. Erício Gonzaga Promotor Público da Comarca) e o advogado e político Dr. Luiz Victório Cruz Martins popularmente chamado de "Lulu Martins".

Francisco Bernardes foi nomeado prefeito no dia 26 de setembro às 16 horas, substituindo o Sr. Mário Vieira Marcondes, tendo recebido o cargo por intermédio de José Clemêncio da Silva.

Aos 28 de setembro formava-se a Associação dos Empregados do Comércio de Olímpia tendo como presidente Erwin Seignnnemartin, como vice-presidente Genésio Bernardes; 1º secretário: Antônio B. Cardoso; 2ª secretária: Celina Mariotti, tesoureiro: João Aredes de

Carvalho; orador: Nicanor da Silva Batista; conselheiros: José da Silva Batista, Olindo Menezes, Aldafde Vianna, Heráclito de Almeida Camargo e Jamil Daud.

Um acontecimento triste ocorreu nesse ano: a morte do Coronel José Soares de Medeiros no dia 21 de outubro de 1933, às 9 horas da manhã, que deixou consternada a população. Ele era vulto de destaque, sendo um dos primeiros desbravadores de Olímpia. Foi presidente da Comissão que fundou a primeira igreja de pau-a-pique na Praça da Matriz em 1904. Participou do progresso da cidade tanto no setor político como no social, atuando em grandes projetos.

OS IRMÃOS FERRAZ



Dr. José Lopes Ferraz - Prefeito Municipal - período de 09/07/1938 a 30/09/1941

O Dr. José Lopes Ferraz nasceu a 21 de Janeiro de 1901, no município de São Manoel, Estado de São Paulo. Filho de Hipólito Lopes, natural de Vigor, Espanha, que veio para o Brasil em 1891 com muita esperança, moço e solteiro, e de Genebra Ferrarezi Lopes, natural de Rovigo, Itália, que veio para o Brasil em 1886. O casamento de Hipólito e Genebra se deu em São Manuel do Paraíso, Estado de São Paulo, em 1898, onde viveram como comerciantes e fazendeiros, bem como em Igarassú, distrito de São Manoel, onde foi sub delegado de polícia e vice-prefeito municipal e onde faleceu em 5 de dezembro de 1936. Genebra Ferrarezi Lopes transferiu posteriormente a sua residência para Olímpia onde viveu com sua família.

O Dr. José Lopes Ferraz matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro em 1919, onde se formou em 1924, com raro brilho. Esteve na França, na Itália e na Alemanha, onde se especializou em cirurgia. Casou-se, antes mesmo de se

formar, com Ricardina Rodrigues Lopes Ferraz filha de J. O. Rodrigues.

Foi presidente, idealizador, fundador e proprietário do Circulo Esotérico da Comunhão do Pensamento, de projeção nacional, com sede em São Paulo. Clinicou em São Paulo, algum tempo e transferiu sua residência para Olímpia em 1928, como diretor clínico e cirurgião da Sociedade da Beneficência Portuguesa, função esta que exerceu até 1930. Nessa época fundou a Casa de Saúde Lopes Ferraz, à rua Dr. Antonio Olímpio 552. Consagrou-se à medicina, clínica e cirurgia, em nossa terra, tendo prestado relevantes serviços à coletividade, como profissional. Como homem, foi lutador vencendo sempre as suas lutas. Com a morte de seu pai, assumiu a direção de sua família à qual prestou inestimáveis serviços, formando quase todos os seus irmãos. Foi prefeito municipal de Olímpia de 9 de Junho de 1938 a 20 de setembro de 1941 e nesse período como prefeito do nosso

município revolucionou o nosso meio, embelezando a cidade, calçando, elevando a sua renda de Cr\$ 850.000,00 para Cr\$ 1.800.000,00, rasgando as nossas estradas com maquinaria adquirida por ele, criando e montando o nosso Posto de Saúde idealizando e concretizando o nosso campo de aviação.

Incrementou a instrução publica, impondo reformas urbanas que deram excelentes frutos, como o Cine Olímpia. Dirigiu a Casa de Saúde até 1943 com seus irmãos e colegas Dr. Otávio, Waldemar e Eloy e com um parente próximo o Dr. Orlando, aos quais entregou a direção do estabelecimento hospitalar.

Com caráter sereno e forte em suas decisões, enfrentou grandes lutas em Olímpia, organizando o Partido Social Democrático de Olímpia, com a derrocada do Estado Novo, em 1945, junto com Dr. Jerônimo de Almeida e outros. Foi eleito deputado federal por São Paulo à Constituinte Nacional, nas



Centro de Saúde de Olímpia - Obra do Dr. José Lopez Ferraz.

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

eleições livres de 2 de dezembro de 1945. Faleceu em São Paulo a 2 de setembro de 1946, com a idade de 45 anos, 7 meses e 11 dias, tendo sido sepultado no cemitério da Consolação com enorme acompanhamento e expressões de simpatia. Mesmo falecendo na capital do Estado, o comércio de Olímpia fechou as suas portas em sinal de luto, profundo respeito e gratidão. A cidade se cobriu de luto e o povo chorou a morte do seu grande benfeitor. A sua obra gigantesca e primorosa continuará viva para sempre, como silenciosa homenagem à terra que ele tanto amou e que tão bem serviu e o povo perpetuará sua memória, com gratidão e alegria. O Dr. José Lopes Ferraz tinha adversários, mas era homem popular e sociável e deixou o seu nome escrito no coração de sua gente, tendo contribuído com enormes sacrifícios de energias e de recursos econômicos para o engrandecimento de Olímpia e para o bem do seu povo.

O distinto casal José Lopes Ferraz deixou os seguintes filhos: Deise, casada com Diaulas Readel, comerciante, São Paulo, com os seguintes filhos: José, Artur e Luiz Antônio. Dinah casada com o Dr. Júlio de Queiroz Filho, capitalista e advogado em São Paulo, com um filho, Otávio. Darli, casada com o Dr. João Ribeiro, engenheiro, Barretos.

O Dr. José Lopes Ferraz foi um dos homens mais ricos de Olímpia e proprietário da Casa de Saúde Lopes Ferraz e do prédio de sua residência na esquina da rua Dr. Antônio Olímpio com a rua Américo Brasiliense, que pertenceu a sua família. Contribuiu largamente para

as nossas instituições sociais e viveu entre nós durante 18 anos.



Dr. Otávio Lopes Ferraz.

Chegou em Olímpia em 25 de janeiro de 1934, para clinicar junto ao irmão Dr. Waldemar Lopes Ferraz, na clínica da família "Casa de Saúde Lopes Ferraz". Médico de excelentes recursos, assistente do Dr. Waldemar, infelizmente faleceu muito jovem ainda, aos 32 anos de idade, no dia 31 de dezembro de 1941. Foi sepultado aqui em Olímpia no cemitério São José.



Dr. Eloy Lopes Ferraz

O Dr. Eloy Lopes Ferraz, nasceu em Iguaraçu em 15 de agosto de 1912, formando-se em medicina pela Universidade do Rio de Janeiro em 1936. Nesse mesmo ano fixou-se em Olímpia como médico cooperador do Dr. José Lopes Ferraz, seu irmão na Casa de Saúde Lopes Ferraz, especializando-se em olhos, nariz e garganta. Casou-se com Julieta Gottardi, contadora, com quem teve quatro filhos: Carmenzita, José Otávio, José Roberto e

Carmem Sílvia. Possui propriedades agrícolas em Mirassol e aqui em Olímpia. Integrou-se na política local, sendo pessoa de destaque, inclusive elegendo-se deputado estadual em 1943. Foi presidente do Diretório do Partido Constitucionalista de Olímpia, substituindo seu irmão Dr. José Lopes Ferraz. Em artigos futuros, ainda temos muito a destacar de sua atuação em Olímpia.

ANITA COSTA

Iniciado na administração do Prefeito advogado Francisco Bernardes Ferreira e terminado na gestão do Dr. José Lopes Ferraz, o Grupo Escolar de Olímpia foi e ainda é um dos mais soberbos do interior do Estado de São Paulo, destacando-se pela posição e ponto em que se acha localizado, sendo visto de qualquer parte da cidade. Foi construído no antigo cemitério dos índios guaranis, posteriormente transformado no campo municipal oficial do Olímpia Futebol Clube.

Recebeu o nome de Grupo Escolar D^a Anita Costa em homenagem ao Interventor federal da época Dr. Fernando Costa. Data de 1º de abril de 1941 a inauguração do novo prédio, edificado em uma área de 11.616 metros quadrados e foi inicialmente dirigido pelo professor Otto Fenerich, tendo como Inspetor Escolar o professor Washington de Lacerda Ortiz.

O G.E. Anita Costa tem 30 classes com capacidade de 1.200 alunos em dois turnos, instalações de primeira linha, luz natural, ar em abundância e grande área para o recreio dos alunos. Todos os requisitos se conjugaram para dar ao



Grupo Escolar Dona Anita Costa.



Pátio do G. E. Anita Costa visto pela parte de trás, quando o termino de sua construção.

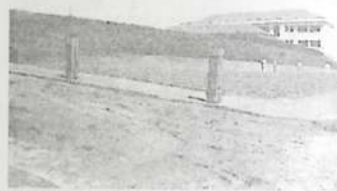


Grupo Escolar Dª Anita Costa, em fase de construção, iniciada na gestão do Prefeito Francisco Bernardes Ferreira.

estabelecimento o lugar de destaque que possuiu no seio do Ensino Paulista, tendo a seguinte organização: Gabinete da Diretoria; sala da auxiliar; sala da inspetoria; orfeon (na época dirigido pela profª Dines Delamanha e Sílvia Veras); gabinete dentário (a cargo da cirurgia dentista Drª Maria de Lourdes Veloso Siqueira), biblioteca.

Corre um boato de que este prédio era para ser construído na cidade de Santos e que por engano veio para nossa cidade.

Melhores detalhes sobre o mesmo serão divulgados no capítulo "Educação", na próxima edição.



Anita Costa em construção.

AERO CLUBE DE OLÍMPIA



Prédio da sede do Aero Clube de Olímpia antiga sede da Sociedade Italiana de Olímpia. Além desses foi sede da UECIO (União dos Empregados Comércio e Indústria e Olímpia) e sede da Associação dos Funcionários Públicos de Olímpia.

Data de 6 de dezembro de 1940, a fundação do Aero Clube de Olímpia, cujas finalidades foram as mais elevadas e eficientes em prol da cidade.

A primeira diretoria do clube foi constituída da seguinte forma: presidente - Dr. José Lopes Ferraz; vice-presidente - Dr. Raphael de Barros Monteiro; secretário - Afonso Miessa; tesoureiro - Afro Sarti; diretor técnico e instrutor - Juvenal Paixão. Conselho Fiscal: Dr. Luiz Victorio Cruz Martins, popularmente chamado de Lulu Martins, Francisco Zanin, Dr. Eloy Lopes Ferraz e Sudário Braz de Miranda.

O prédio localizava-se à rua Américo Brasiliense 1030. Possuía na época 2 aviões: um Piper Cub- Trainer, com motor Franklin de 65 HP, da Companhia Nacional de Aviação e um avião modelo Tailorcraft, com motor continental de

65 HH, doado pelo governo do Estado de São Paulo.

O Aero Clube de Olímpia que marcou época em Olímpia, sendo de 1930 até 1960 um dos clubes mais importantes e seletos de nossa cidade. Ali foram realizados grandes eventos, na extinta Sociedade Italiana. Foi em seus palcos que se apresentaram grandes orquestras como "Cassino de

Sevilha" e cantores como Nelson Gonçalves, Ângela Maria e muitos outros artistas famosos da época.

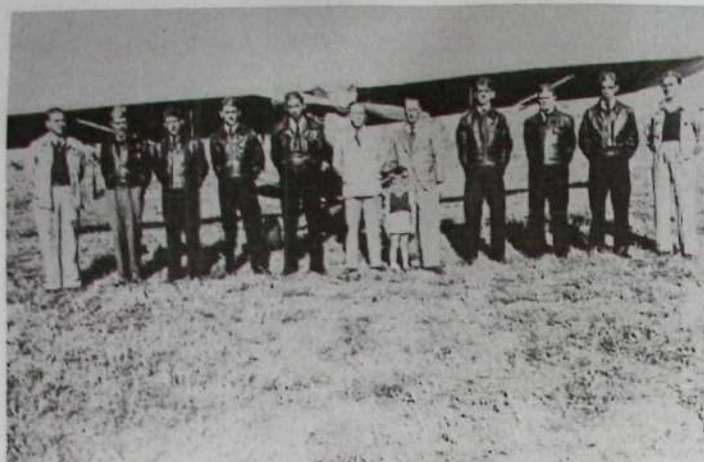
Várias foram suas diretorias, mas as que marcaram mais foram a sob a regência do Dr. José Lopes Ferraz e posteriormente a do Dr. Paulo Furquim constituída dos seguintes elementos: Presidente - Dr. Paulo Furquim; vice-presidente - Domingos Storto; secretário - Omar Campos; tesoureiro - Afro Sarti; Orador - Dr. Eduardo Chaves. Até 1943 a sociedade já tinha brevetado 23 pilotos, tendo mais 25 alunos em treinamento.

O campo de pouso distava 750 metros do centro da cidade, em direção sul com a dimensão de 900X200 metros e era todo gramado. Possuía um hangar com capacidade para abrigar três aviões. Teve como brilhante instrutor o Sr. Oscar Kloss.

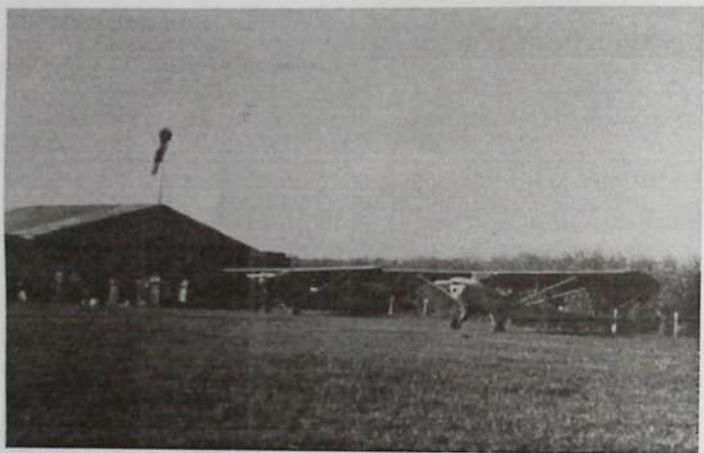
O campo de aviação foi construído por ordem do prefeito José Lopes Ferraz, durante sua gestão de 1938 a 1941.



Diretores e membros do Aero Clube de Olímpia. Atrás o avião PIPER para instrução.



Directores e pilotos no campo de pouso.



Hangar do campo de pouso do Aero Clube



Registro de um baile realizado no Aero Clube: Dr. José Maria Leal Costa Neves, casal Eloy e Julieta Lopes Ferraz, Paschoal Lamana e sua filha Maria Magali Lamana, casal Waldemar e Elza Lopes Ferraz.



Aero Clube em tempo de carnaval.



Uma foto histórica que registra o carnaval do Aero Clube na década de 30, quando era comum a formação de blocos.

Os moradores antigos se lembram com nostalgia do Aero Clube de Olímpia. Quantos casais ali se conheceram e iniciaram um romance... Quantas lembranças de grandes bailes e de grandes eventos artísticos e sociais... Era o local preferido para os bailes de formaturas e outras solenidades.

A construção de outros clubes de melhores condições e conforto acabaram por decretar o fim da sociedade. Primeiro foi a venda dos aviões e posteriormente a parte social e recreativa foram abandonadas.

Hoje, o prédio está em péssimas condições de conservação e ameaçado de desabamento, como tantas coisas tradicionais de Olímpia.

OLÍMPIA TÊNIS CLUBE

Sociedade esportiva e recreativa no sentido mais lato da significação da nossa língua, surgiu devido a um grupo de amantes desse esporte. O Olímpia Tênis Clube foi fundado em 24 de julho de 1937. Associação de caráter particular, com número limitado de sócios proprietários que possuíam cotas à parte do capital. Os estatutos foram devidamente registrados no Cartório de Registro de Títulos e Documentos da Comarca em setembro de 1932, depois de aprovados em assembléia geral no dia da sua fundação. Foram os seguintes os sócios fundadores: Dr. José Lopes Ferraz, Dr. Trasybulo Pinheiro de Albuquerque, José Junqueira, Charles Eduardo Meyer, Gustavo Adolfo F. Bueno, Luiz Teixeira Leite, Dr. Octávio Lopes Ferraz, Dr. Eloy Lopes Ferraz, Augusto Medeiros Bulle, Josaphat Marcondes, Rodolfo Bulle de Oliveira, Jefferson Pereira, Orestes Gotardi, Aldano de Almeida Camargo, Elderudes de Araujo Lopes e Aureliano Marins Peixoto. Pelo sistema de voto secreto, foram logo após aprovados os estatutos e

eleita a sua diretoria. Presidente: Dr. José Lopes Ferraz; vice-presidente: Gustavo Adolfo F. Bueno e diretor esportivo Charles Eduardo Meier.

Além do quadro dos sócios proprietários, o clube ainda contava com mais de uma dezena de sócios contribuintes e praticantes desse elegante esporte, constituído de cavalheiros, senhoras e senhoritas do meio social de Olímpia, mantendo inclusive um treinador de nível profissional.

Foi eleito sócio honorário o advogado licenciado Sr. Francisco Bernardes Ferreira, Prefeito Municipal naquela época e que ao mesmo prestou grande valia.

Com ótimo campo de tênis e instalações esportivas adequadas viveu grandes momentos o Olímpia Tênis Clube, até a desativação do complexo esportivo que se situava na confluência da Avenida Andrade e Silva com a rua Conselheiro Antônio Prado. Mas a parte social e recreativa ainda permaneceu por muitos anos brindando a sociedade olimpiense. Foi um dos mais tradicionais e melhores clubes de Olímpia.

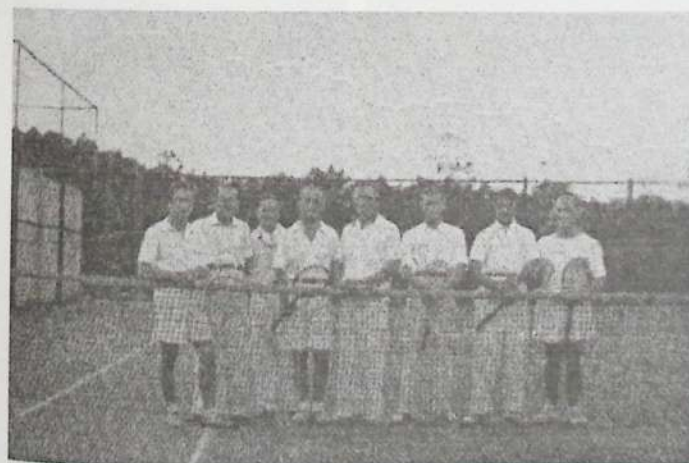


Dr. Luiz Victório Cruz Martins

Mais conhecido como Lulu Martins, foi personagem muito importante no desenvolvimento de Olímpia. Atuou em quase todas as iniciativas, tanto de cunho pessoal principalmente na política, sendo inclusive vereador à Câmara Municipal e deputado estadual junto a Assembléia Legislativa em São Paulo. Figura que teve como registro a sua esposa D^a Maria Antonieta, primeira vereadora em Olímpia. Maiores dados sobre esses dois personagens serão detalhados na próxima edição.

TEMPO DE PROGRESSO

Iniciava-se a partir dessa época, ou ainda melhor, com o término do coronelismo, uma nova era de progresso desde que Jerônimo de Almeida, Geremia Lunardelli, Francisco Bernardes Ferreira e o Dr. José Lopes Ferraz, que foram prefeitos municipais, imbutiram novos procedimentos administrativos. A cidade crescia, o comércio se tornava cada vez mais forte. Foram décadas de imenso desenvolvimento, principalmente com a chegada, cada vez mais, de



Quadra de tênis do Olímpia Tênis Clube, na foto vários associados do clube em dia de treino.

pessoas inteligentes, intelectuais e gente de visão mais ampla.

Não podemos deixar de registrar que a criação da Loja Maçônica Renovadora, em 4 de abril de 1934, contribuiu para o progresso de Olímpia. Entidade Filantrópica que congregava pessoas da mais alta expressão em todos os setores, fazendo-se presente e influente de maneira incógnita como é de seu feitio, com relevada importância para Olímpia.

O setor social, que era um segmento de envolvimento e desenvolvimento na vida de Olímpia, trazida pelo editor em edição especial, assim como, carnavais, religião, e outros temas que não encontrariam espaço nessa primeira edição que só vai até o ano de 1941, quando termina a gestão Lopes Ferraz.

A produção agrícola abundante, que teve expressão principalmente na grande produção da cultura do algodão e a existência da estrada de ferro para fins de facilidade de transporte, acabaram por determinar a instalação de uma grande firma americana em nossa cidade, inaugurada em 1º de setembro de 1938, a Anderson Clayton e Cia Ltda, que investiu, na época a importância de Cr\$2.000.000,00.

O engenheiro Edson Cabral foi o responsável pela parte estrutural e arquitetônica. Seu primeiro gerente foi o Sr. Manoel Dias, português, natural de Monsão, depois naturalizado brasileiro, que veio para o Brasil em 1911 e foi casado com Dª Rosina Maroti Dias.

Afirmam os esotéricos e sensitivos que Olímpia possuía uma vibração positiva muito grande. Todos os que aqui aportavam se tomavam de amor intenso pela terra e praticamente não mais sentiam desejo de partir.

Por uma questão de ordem de data,



Loja Maçônica Renovadora, instalada em 4 de abril de 1934, em dia de reunião.

vamos destacar os médicos que aqui fizeram o seu habitat eterno e que praticamente dedicaram toda a sua vida a sua profissão sem pensar em acumular fortuna. Aqui foram sepultados em sua maioria, sem riqueza material, assim como outros profissionais dessa época que em edição futura terão suas atuações detalhadas.



Dr. Humberto M. de Carvalho

Dr. Humberto Mendes de Carvalho que viveu toda a sua vida em nossa terra e faleceu como homem de recursos financeiros modestos.



Dr. Edson Cantalice de Melo



Dr. Orlando Campos

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941



Dr. Waldemar Lopes Ferraz

Dr. Waldemar Lopes Ferraz, médico de excepcional educação e capacidade, a quem reservamos um capítulo especial na próxima edição por ter tido também uma atuação política das mais brilhantes. A sua máxima sempre foi a honestidade que caracterizou a família Ferraz. Apesar do prestígio profissional e político sempre foi o Dr. Waldemar, pelas suas qualidades, um homem de recursos financeiros modestos.



Dr. Custódio R. de Carvalho

Foi Diretor Clínico da Santa Casa, Hospital da Beneficência

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

Portuguesa Olímpia e considerado um dos maiores cirurgiões do Brasil. Como exceção, foi um homem de bens consideráveis e fortuna vasta. Terá também um capítulo especial na próxima edição, quando daremos detalhes mais específicos sobre sua passagem por Olímpia.



Dr. Alberto Caldarelli

Dr. Alberto Caldarelli que fez o curso primário em Brodowski, o secundário no Ginásio do Estado em Ribeirão Preto e o superior, de Medicina, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde se matriculou em 1921 e se formou em 1926, com um curso brilhante. Iniciou a sua carreira profissional, como clínico, em 1927, em Brodowski, onde permaneceu até 1935. Em 1936 mudou-se para Olímpia, onde sempre atuou como clínico. Foi proprietário urbano à rua Conselheiro Antonio Prado, 440 local em que viveu com sua distinta família e onde teve o seu bem montado consultório. Casou-se em primeiras núpcias com Izaldina Ferreira, em Barretos, em 1.928, filha de Belmiro Alexandre Ferreira e Carolina Cândida das Dores, natural de Barretos, e falecidos em Olímpia em 27/09/1937, deixando os seguintes filhos: Amália Caldarelli, professora, Amélia Caldarelli,

professora, Domingos Caldarelli, que estudou na cidade paulista de Piracicaba formando-se em magistério.

Casou-se em segundas núpcias com Dª Cândida Nogueira, professora, que foi adjunta ao Grupo Escolar de Olímpia, com relevantes serviços prestados ao ensino. Deste consórcio teve os seguintes filhos: Albenira Garrido Caldarelli, formada em Odontologia, Cecília Garrido Caldarelli, professora de música (piano).

Médico clínico, cuja profissão foi dedicada toda a sua atividade. Prestou em sua vida relevantes serviços à coletividade, como médico, em silêncio. Foi Diretor clínico da Santa Casa com incontáveis serviços prestados à pobreza de Olímpia e região.

Dentro de todos os anos que Olímpia viveu, muitos médicos vieram para nossa cidade. Procuramos registrar somente o nome daqueles que marcaram a sua passagem por nossa terra por alguma iniciativa de fundo social ou de interesse coletivo.

Convém salientar também casos como o Dr. Camilo, que por muitos anos residiu em nossa cidade, fazendo parte de várias atividades sociais ou de cunho religioso, mas que infelizmente as pesquisas sobre a sua passagem por nossa cidade não registraram sua presença em notícias de jornais e fotos.

Mesmo na busca por meio de entrevistas com pessoas que viveram na época, seus conhecimentos e lembranças nada acrescentaram para pudéssemos destacar melhor a sua pessoa.

OS ANOS DOURADOS

Era o começo da chamada "Época de Ouro" de Olímpia, que duraria de 1941 até 1965.

Iniciada a nova transição na gestão do Dr. Jerônimo de Almeida, passando em fase posterior pela administração do comendador Francisco Bernardes Ferreira, o desenvolvimento de Olímpia prosseguia num crescente impressionante.

Indústrias novas e casas de comércio desabrochavam como a sair do nada, a agricultura em pleno vigor com fartura, a parte urbana sofrendo melhorias consideráveis, a instalação do Colégio Olímpia trazendo centenas de estudantes de outras regiões e Estados, tudo acontecia de maneira positiva. Era o início da melhor fase da cidade.

Dentre as associações criadas nessa época, destacou-se por sua elevada finalidade o Centro Rural de Olímpia.

Como tinha por território, extensão maior que São José do Rio Preto, Catanduva, Bebedouro, Barretos e Jaboticabal, seus confrontantes, o município de Olímpia que estendia seus limites até a fronteira com o Estado de Minas Gerais, separada pelo Rio Grande. Possuía mais de 2.500 proprietários agrícolas e pastoris. Ocupados em pastagens magníficas, cultura do café (que nesta época estava reduzido, depois dos cortes a 20 milhões de pés), algodão, cereais, amendoim e mamona. Sua arrecadação no fisco estadual e municipal atingia a cifra de cinco milhões anuais.

Olímpia possuía na sede do município cerca de 2000 prédios

(zona urbana e suburbana) água, esgotos, luz elétrica, trabalho de calçamento iniciado pelo Prefeito Ferraz, já com 80.000 metros executados.

Bem se compreendia em terra tão adiantada e de tão grandes possibilidades para a época, a existência de um Centro Rural formado de elementos mais destacados entre os seus lavradores e criadores para a defesa dos interesses comuns.

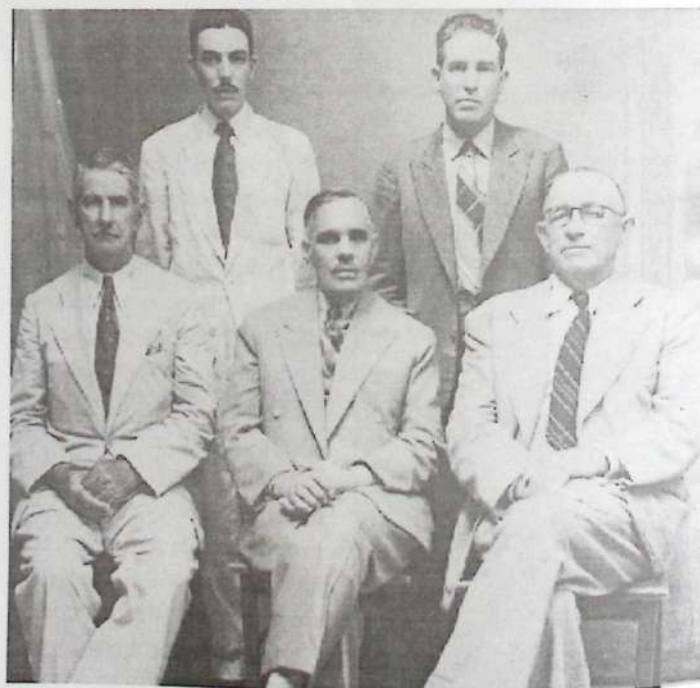
Sua primeira diretoria foi composta pelo eleito presidente Dr. Silviano Pinto, Natal Breda, Moacir Bueno de Moraes, Francisco Vicente Blanco e José Gil, todos lavradores e criadores.

Foi criado o Centro Rural não como uma entidade ao serviço de interesses ocasionais e passageiros, mas destinada a

desempenhar uma alta finalidade em favor da produção da terra e dos seus abnegados detentores.

Foi incontestavelmente uma grande força organizada, dirigida por homens de caráter ilibado e de tamanho prestígio e moral junto aos poderes públicos, que tinha força de gigante em concurso de suas reivindicações.

Homens de profunda visão e amor à terra, que foram os carros chefes, os guias na orientação firme e segura do setor agrícola e pastoril de Olímpia, que obteve um desenvolvimento sólido, amparado pela responsabilidade desses cidadãos. Eles deixaram registrada na história da nossa terra a sua passagem brilhante e se foram com a consciência tranqüila daqueles que cumpriram com o seu dever, na árdua missão assumida.



Sentados da esquerda para direita: José Gil, Dr. Sylviano Pinto e Natal Breda. Em pé, na mesma ordem: Moacir Bueno de Moraes e Vicente Blanco, fundadores e diretores do Centro Rural de Olímpia, no final da década de 1930.

IMAGENS DO PROGRESSO

Ainda na gestão que terminou em 1941, Olímpia teria o início de uma transição acelerada. As ruas sendo calçadas, o comércio se expandindo e agregando, além do movimento local, clientes de toda a região, inclusive de outros estados.



Rua 9 de junho sendo calçada.



Rua São João calçada até a rua Duque de Caxias. Ao fundo, lado direito o local onde seria a Delegacia de Polícia e a Casa de Cultura.



Avenida Andrade e Silva (antiga Av. Paulista) sendo construída.



Praça Altino Arantes sendo preparada para receber calçamento.



Rua Cel. Chico Nogueira. Ao fundo no lado esquerdo a antiga zona do meretrício, recebeu calçamento até o cruzamento com a Av. XV Novembro. Foi efetuada na gestão 50.000 metros quadrados de serviços de calçamento de ruas de Olímpia.

O COLÉGIO OLÍMPIA

Em junho de 1940, Olímpia receberia o novo proprietário do Ginásio e Instituto Comercial de Olímpia, Dr. Antônio Augusto Reis Neves. Quando veio para Olímpia era casado com D^a Georgina Alves Ferreira Neves, conhecida por D^a Nenzinha. A presença do Dr. Neves em Olímpia foi fundamental para o crescimento e desenvolvimento da educação. Sua vinda representa outros aspectos positivos que serão abordados futuramente, devido a extensa folha de serviços prestados por este homem que foi o responsável por uma verdadeira era de ouro para Olímpia.

O Colégio Olímpia, ficará indelével no coração e no espírito de



Dr. Antônio Augusto Reis Neves



Colégio Olímpia

Deixamos essas imagens para dar uma visão da grande transformação urbana iniciada na gestão Ferraz como um ornamento que deixava a Cidade Menina-Moça refulgente em toda a sua beleza e progresso.

Famosa por sua riqueza, sua cultura, suas condições favoráveis na saúde, no ensino, na sociedade, no esporte e todo o mais.

Aqueles que aqui viveram e tiveram o privilégio de aqui conviver,

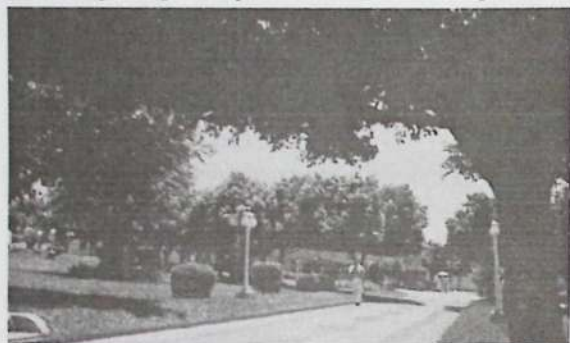
nessa época considerada de ouro, sempre comentam com nostalgia e saudade um tempo que se passou e que marcou pela intensa alegria de residir em Olímpia, cidade que prometia ser no futuro uma grande metrópole, centralizadora de toda a região.

Mas são fatos, questões e acontecimentos que deverão ser abordados pela sua peculiaridade e extensão em um volume futuro.

Esperamos que este trabalho

possa traduzir o porquê do orgulho que sentimos por este torrão querido e abençoado e, principalmente, possa deixar registrada para a posteridade não apenas uma história comum, mas uma lição para a geração futura.

Este trabalho também não deixa de trazer um exemplo, para nossa juventude, do povo que aqui habitou, do seu intenso amor pela terra e do espírito solidário de todos em benefício da coletividade.



Praça Rui Barbosa vista pelo lado interno.



Rua 9 de julho - A direita a Banca Lápis Azul.



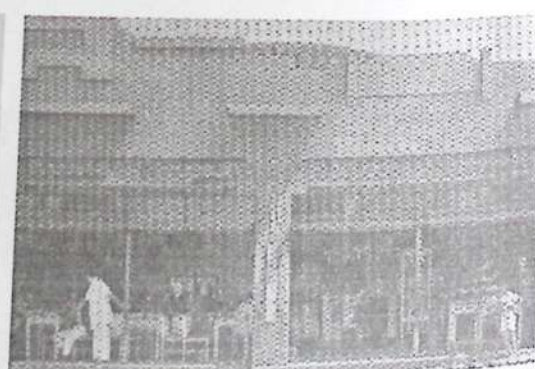
Vista parcial de Olímpia nos anos 40.



Vista aérea de Olímpia tirada nos anos 40.



Vista parcial da Praça Rui Barbosa após sua remodelação nos chamados "Anos de Ouro" no auge da cidade Menina-Moça.



Bar e Restaurante "A Seleta", na praça Rui Barbosa, que foi o ponto de encontro da elite da cidade (hoje Casas Pernambucanas).

OLÍMPIA - Cidade Menina-Moça - 1857-1941

981.612

28285

BIBLIOTECA PÚBLICA

97

028970

97

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
Fernando de Barros Furquim
Olimpia - SP

José Maria de Jesus Marangoni foi professor, jornalista, radialista e aposentou-se como funcionário da Nossa Caixa. Executou este trabalho quando desempenhava a função de Coordenador de Cultura do Município de Olímpia.

O registro da história de um povo é bom caminho para manter viva a sua memória. Nesse sentido, esta obra trazida por José Marangoni é fonte de dados de utilidade certa para trabalhos escolares, pesquisa e informação pessoal, pois constitui valiosa contribuição histórico-política e sociológica para compreendermos porque Olímpia e os olimpienses tornaram-se o que hoje são.

APOIO CULTURAL:



PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA

Capital Nacional do Folclore

Administração 2001/2004

Superação de desafios